



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

POLIANA MARQUES CORDEIRO COSTA

EVANGÉLICOS NA MÍDIA:
A ATUAÇÃO DOS NOVOS AGENTES EVANGÉLICOS MIDIÁTICOS NO
BRASIL

São Cristóvão/SE
2016

POLIANA MARQUES CORDEIRO COSTA

**EVANGÉLICOS NA MÍDIA:
A ATUAÇÃO DOS NOVOS AGENTES EVANGÉLICOS MUDIÁTICOS NO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Fernanda Rios Petrarca

São Cristóvão/SE
2016

Costa, Poliana Marques Cordeiro

C837e Evangélicos na mídia : A atuação dos novos agentes evangélicos
midiáticos no Brasil / Poliana Marques Cordeiro Costa ; orientadora
Fernanda Rios Petrarca. – São Cristóvão, 2016.

210 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Federal
de Sergipe, 2016.

1. Comunicação - Aspectos religiosos. 2. Mídia social. 3.
Evangelicalismo. 4. Religião e cultura. 5. Brasil. I. Petrarca, Fernanda
Rios, orient. II. Título.

CDU 316.774:2-766(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM
ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
COMUNICAÇÃO UFS

PPGCOM

Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Sergipe

Título do trabalho: “Evangélicos na Mídia: A atuação dos Novos Agentes Evangélicos Midiáticos no Brasil, análise do caso Pr. Silas Malafaia.”

Aluno: POLIANA MARQUES CORDEIRO COSTA

Data da defesa: 31/07/2015

Às 08:30 (oito horas e trinta minutos) do dia 31 (trinta e um) do mês de julho de 2015, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a Defesa da Dissertação da discente Poliana Marques Cordeiro Costa, denominada “Evangélicos na Mídia: A atuação dos Novos Agentes Evangélicos Midiáticos no Brasil, análise do caso Pr. Silas Malafaia”, conforme o que estabelece a Resolução 46/2011/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Fernanda Rios Petrarca - orientadora (PPGCOM-UFS), Sonia Aguiar Lopes - avaliadora Interna (PPGCOM-UFS) e Jose Rodorval Ramalho - avaliador Externo. A sessão solene de Defesa ocorreu na sala de reuniões do Departamento de Comunicação Social. Após a discente proceder à apresentação da dissertação, a banca fez os questionamentos e comentários referentes ao trabalho, os quais foram respondidos pela discente. Ao final, a banca reuniu-se reservadamente e considerou a discente Poliana Marques Cordeiro Costa aprovada no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS com o conceito B.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 31 de julho de 2015

Fernanda Rios Petrarca

Fernanda Rios Petrarca - orientadora (PPGCOM/UFS)

Sonia Aguiar Lopes

Sonia Aguiar Lopes - avaliadora Interna (PPGCOM-UFS)

José Rodorval Ramalho
José Rodorval Ramalho - avaliador Externo

Mestrado em Comunicação Social:

Centro de Vivência da UFS – Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Av. Marechal Rondon, S/N – CEP 49.100-000 – Rosa Elze – São Cristóvão – Sergipe – Brasil
Telefones: (79) 2105-6390 – E-mail: mestradocomunicação.ufs@gmail.com

Às pessoas amadas do meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo, por me fortalecer para finalizar esta etapa.

Aos meus amados pais, Mazé e Roberto, por suas palavras de amor, afeto e incentivo.

Aos meus amados irmãos, Paula e Beto, por seu carinho e companheirismo.

A Fernanda Petrarca, minha orientadora, por clarear minha mente, por me incentivar, por valorizar minha pesquisa e por não me deixar desistir.

Aos professores do PPGCOM, por seus ensinamentos, pela compreensão e respeito por minha pesquisa. Lilian França, Carlos Eduardo Franciscato e Sonia Aguiar. Ao Professor José Rodorval Carvalho pela gentileza e participação em minha banca. A Danilo Oliveira, por toda ajuda. Aos meus colegas de turma, pelos momentos de descontração, pelas caronas e conversas.

Aos meus amados irmãos em Cristo e aos Pastores da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, pelas palavras de ânimo, pelas orações e pelo carinho nos momentos difíceis. A todos os queridos amigos, pela ajuda ao longo do percurso.

“O amor e a verdade se abraçarão, a justiça e a paz se beijarão”
Salmos 85.10

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo entender como se tem dado a expansão da *Cultura Evangélica* nos meios de comunicação, suas principais características, e suas consequências, buscando, através da identificação e análise, entender os principais acontecimentos que envolvem os *Evangélicos* no Brasil, no que se relaciona a sua *projeção* e *conflitos* no meio midiático, recortando para esta análise principalmente o período do ano 1980 até 2015, permitindo-se assim compreender as novas configurações do espaço evangélico midiático. Analisaremos especificamente as estratégias e formas de atuação dos *Novos Agentes Evangélicos Midiáticos* que se situam no campo evangélico. Os *Novos Agentes* representam uma nova posição neste campo, ocupando um papel que rompe com os tradicionais modelos e formatos do sistema religioso. A característica principal destes *Novos Agentes* é sua relação intensa com o campo midiático, a partir do qual constroem sua posição neste universo religioso. Assim, a mídia, de forma geral, torna-se um dos principais recursos destes *Novos Agentes*. É importante analisá-los através de suas estratégias e atuação, e das suas contribuições para a formulação conceitual do que se entende por *evangélico* (hoje, no Brasil), procurando entender como tais *Novos Agentes* fazem uso e se apossam do termo *Evangélico* em várias formas de mídia. Dessa forma, entendendo o uso da mídia como uma das principais estratégias mobilizadas pelos *Novos Agentes* para se inserir no espaço religioso e disputar posições, ao final, através da aplicação conceitual apresentada na dissertação, foi-se enquadrando como exemplos alguns *Novos Agentes Evangélicos*, fazendo-se um pequeno levantamento de seus históricos relacionado-os com a mídia, e pesquisas em suas redes sociais, buscando assim apresentar porque estes agentes religiosos se enquadram na categoria de *Novo Agente Midiático Evangélico*.

Palavras-Chave: Evangélicos; Mídia Religiosa; Cultura Evangélica.

ABSTRACT

This thesis aims to understand how it has given the expansion of Evangelical culture in the media, its main features, and its consequences, searching through the identification and analysis to understand the main events involving Evangelicals in Brazil, as it relates its projection and conflicts among media, cutting for this analysis the period of 1980 through 2015, allowing thus understand the new configurations of evangelical media space today. Specifically analyzing the strategies and forms of action of *New Evangelicals Media Agents* that are in the evangelical field. These *New Agents* represent a new position in this field, taking a role that breaks with the traditional models and religious system formats. The main feature of these *New Agents* is their intense relationship with the media field, from which they build their position in the religious universe. Thus, the media in general, becomes one of the key features of these *New Agents*. It is important to analyze them through their strategies and actions, and their contributions to the conceptual formulation of what is meant by *Evangelical* in Brazil today, trying to understand how these *New Agents* make use and take possession of the *Evangelical* term various forms of media. Thus, understanding the use of the media as one of the main strategies mobilized by new agents to enter the religious space and compete for positions at the end, through the conceptual application presented in the dissertation was framed up as an example some new agents Evangelicals, doing- a small survey of its related them to the media center, and research on their social networks, thus seeking to show why these religious agents fall into the category of new media Agent Evangelical.

Keywords: Evangelicals; Religious media; Evangelical culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: PRIMEIRAS FORMULAÇÕES DO TERMO <i>EVANGÉLICO</i>16
FIGURA 02: AS NOVAS REFORMULAÇÕES DO TERMO <i>EVANGÉLICO</i>20
FIGURA 03: FORMULAÇÕES DE CAMARGO E MENDONÇA SOBRE EVANGÉLICOS29
FIGURA 04: FORMULAÇÕES DOS NEOPENTECOSTAIS EVANGÉLICOS36
FIGURA 05: REFORMULAÇÕES BASEADAS NA RELAÇÃO: EVANGÉLICOS E A COMUNICAÇÃO42
FIGURA 06: PAPA FRANCISCO VISITA EVANGÉLICOS NA ITÁLIA44
FIGURA 07: REFORMULAÇÕES DA IGREJA CATÓLICA SOBRE OS EVANGÉLICOS45
FIGURA 08: SITE DA REVISTA VEJA: EM PROFUNDIDADE EVANGÉLICOS52
FIGURA 09: CANTORA EVANGÉLICA ANA PAULA VALADÃO CAPA DA REVISTA VEJA53
FIGURA 10: EVANGÉLICOS E AS REFORMULAÇÕES DA MÍDIA56
FIGURA 11: AGENTES TRADICIONAIS66
FIGURA 12: BÍBLIAS EVANGÉLICAS67
FIGURA 13: 1864 – PRIMEIRO JORNAL EVANGÉLICO DO BRASIL IGREJA PRESBITERIANA68
FIGURA 14: 1887-2015 JORNAL EVANGÉLICO DO BRASIL – IGREJA LUTERANA69
FIGURA 15: 1871 PRIMEIRA REVISTA EVANGÉLICA A CIRCULAR NO BRASIL70
FIGURA 16: 1917-2015 PRIMEIRA REVISTA EVANGÉLICA BRASILEIRA71
FIGURA 17: 1901-2015 O JORNAL BATISTA72
FIGURA 18: 2014 - SITE DA ALIANÇA EVANGÉLICA73
FIGURA 19: PRONUNCIAMENTO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS HISTÓRICAS (2014)74
FIGURA 20: CAPA DA CARTILHA EVANGÉLICOS E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL75
FIGURA 21: AGENDA DE ORAÇÃO76
FIGURA 22: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS TRADICIONAIS77
FIGURA 23: MOVIMENTOS NEOREFORMADOS NO FACEBOOK80
FIGURA 24: IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS, ASSEMBLEIAS DE DEUS83
FIGURA 25: IG. EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS, CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL84
FIGURA 26: IGREJAS EVANGÉLICAS DEUTERO-PENTECOSTAIS86
FIGURA 27: IGREJA PENTECOSTAL RENOVADA88
FIGURA 28: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS90
FIGURA 29: ROBERT MCALISTER95
FIGURA 30: VALNICE MILHOMENS95
FIGURA 31: ROBSON RODOVALHO96
FIGURA 32: ESTEVAM E SÔNIA HERNANDES97
FIGURA 33: APÓSTOLA BABY DO BRASIL99
FIGURA 34: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS NEOPENTECOSTAIS100
FIGURA 35: CAPA REVISTA ÉPOCA102
FIGURA 36: RICARDO GONDIM103
FIGURA 37: IGREJA EVANGÉLICA VINTAGE 180107
FIGURA 38: SITE CAMINHO DA GRAÇA CAPELANIA109
FIGURA 39: COMUNIDADE DO FACEBOOK OS DESIGREJADOS111
FIGURA 40: CANAL DO YOUTUBE <i>VERDADE OCULTA</i> , IRMÃO RUBÉNS111
FIGURA 41: MINISTÉRIOS FLUTUANTES E SUA PROJEÇÃO NO FACEBOOK112
FIGURA 42: MINISTÉRIOS DE INFORMAÇÃO114
FIGURA 43 - DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS EVANGELICISTAS116
FIGURA 44: SÍMBOLOS DE ALGUMAS INSTITUIÇÕES EVANGÉLICAS117
FIGURA 45: ONGS EVANGÉLICAS INTERNACIONAIS NO BRASIL118
FIGURA 46: AGENTES EVANGÉLICOS120
FIGURA 47: MARCHA PARA JESUS, 2013, SÃO PAULO123
FIGURA 48: IGREJA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL127
FIGURA 49: BLOCOS MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS E SEUS AGENTES DENOMINACIONAIS130
FIGURA 50: TIPOS DE NOVOS AGENTES134
FIGURA 51: AS CARACTERÍSTICAS DOS ANTIGOS AGENTES E DOS NOVOS AGENTES136
FIGURA 52 ALINE BARROS, UM MARCO DO SURGIMENTO DOS NOVOS AGENTES138

FIGURA 53: ALINE BARROS LIDERA NO FACEBOOK139
FIGURA 54: ALINE BARROS COM FÁTIMA BERNADES NO PROGRMA ENCONTRO139
FIGURA 55: THALLES ROBERTO140
FIGURA 56: BÍBLIA IDE LANÇADA POR THALLES ROBERTO140
FIGURA 57: AS BASES PARA O SURGIMENTO DOS NOVOS AGENTES142
FIGURA 58: BILLBOARD BRASIL DESTACA A RELEVÂNCIA DO MERCADO GOSPEL145
FIGURA 59: EXEMPLOS DE FORMAS DE ATUAÇÃO DOS NOVOS AGENTES148
FIGURA 60: DILMA NA INAUGURAÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO.150
FIGURA 61: MARINA SILVA E PASTOR EVERALDO151
FIGURA 62: TWITTER DE MARCO FELICIANO153
FIGURA 63: TROFÉU PROMESSAS – 2013154
FIGURA 64: PROPAGANDA DA EXIBIÇÃO DO PROGRAMA ENCONTRO155
FIGURA 65: CAIO FÁBIO NO PROGRAMA THE NOITE – 23/06/2014 – CANAL SBT156
FIGURA 66: ANALISANDO O AGENTE PARSTOR SILAS MALAFAIA157
FIGURA 67: CONGRESSO INTERDENOMINACIONAL161
FIGURA 68: VÍDEOS NO YOUTUBE DAS PARTICIPAÇÕES DE SILAS MALAFAIA164
FIGURA 69: PASTOR JOSÉ WELLINGTON BEZERRA DA COSTA166
FIGURA 70: ENCONTRO DA CIMEB – 2013168
FIGURA 71: YOUTUBE CANAL DE JUSSARA OLIVEIRA170
FIGURA 72: FACEBOOK COMUNIDADE PASTOR SILAS MALAFAIA ME REPRESENTA170
FIGURA 73: SITE VERDADE GOSPEL171
FIGURA 74: SILAS MALAFAIA E AS REDES SOCIAIS NA INTERNET173
FIGURA 75: 2010 – SILAS MALAFAIA PRIMEIRO APOIO A MARINA, DEPOIS APOIO A SERRA176
FIGURA 76: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE MARINA SILVA177
FIGURA 77: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE ATIVISMO GAY178
FIGURA 78: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER <i>HASHTAG</i> PARA MARINA SILVA178
FIGURA 79: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE MARINA SILVA179
FIGURA 80: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA E BARRABÁS179
FIGURA 81: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA E FACHIN180
FIGURA 82: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA E TERRORISTAS.180
FIGURA 83: O NOVO AGENTE SILAS MALAFAIA183
FIGURA 84: CONCLUSÕES SOBRE SILAS MALAFAIA185

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: NOMENCLATURA DO IBGE PARA OS EVANGÉLICOS 1890-2010	.23
TABELA 02: NOMENCLATURA DE BITTENCOURT (1998)	.32
TABELA 03: REGIMES DE VALIDAÇÃO DO CRER	.39
TABELA 04: EXEMPLO DE NOTÍCIAS SOBRE OS EVANGÉLICOS	.46
TABELA 05: EVANGÉLICOS E ELEMENTOS FIGURATIVOS	.48
TABELA 06: DADOS DOS PERSONAGENS EVANGÉLICOS DA REDE GLOBO	.54
TABELA 07: OS GRUPOS EVANGÉLICOS	.60
TABELA 08: DINÂMICA DOS GRUPOS EVANGÉLICOS	.61
TABELA 09: DISPUTA POR ESPAÇO	.62
TABELA 10: CLASSIFICAÇÃO DO EVANGÉLICOS	.64
TABELA 11: ONDAS UNDERGROUND	.106
TABELA 12: CLASSIFICAÇÃO DOS EVANGÉLICOS	.119
TABELA 13: CLASSIFICAÇÃO AGENTES	.119
TABELA 14: QUEM SÃO OS NOVOS AGENTES?	.124
TABELA 15: PROGRAMAS EVANGÉLICOS	.132
TABELA 16: EVANGÉLICOS E MÍDIA	.135
TABELA 17: PROGRAMAÇÃO INTERNACIONAL DO PROGRAMA VICTORY IN CHRIST	.159
TABELA 18: PROGRESSÃO DO PASTOR SILAS MALAFAIA	.160
TABELA 19: PROGRAMAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA VITÓRIA EM CRISTO	.163

LISTA DE GRÁFICO

GRÁFICO 01: PROJEÇÃO FICTÍCIA DO CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL	.125
--	------

LISTA DE MAPA

MAPA 01: REPRESENTAÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL	.129
--	------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	. 01
1. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS: AS DISPUTAS PELO TERMO EVANGÉLICO.	. 11
1.1. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS	. 12
1.2. REPRESENTAÇÕES SOBRE OS EVANGÉLICOS EM DIFERENTES ESPAÇOS	. 17
1.2.1. Pesquisas sobre os Evangélicos: A Contribuição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na formulação dos Evangélicos	. 21
1.2.2. Pesquisas Acadêmicas.	. 24
1.2.3. Outros espaços de disputa pelo termo <i>Evangélicos: o Catolicismo e a Mídia</i>	. 44
1.3. COMPREENDENDO O TERMO <i>EVANGÉLICOS</i> .	. 57
2. OS EVANGÉLICOS NO BRASIL: CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO RELIGIOSO EVANGÉLICO	. 58
2.1. AS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL	. 58
2.1.1. Tradicionalismo: Os Evangélicos Tradicionais	. 65
2.1.1.1. Movimento Missionário e a Teologia Reformada	. 65
2.1.1.2. Igrejas Evangélicas de Missão	. 66
2.1.1.3. Movimento Nacionalista	. 73
2.1.1.4. Igrejas Evangélicas Históricas	. 73
2.1.1.5. Movimento Liberal, Neo-ortodoxia e a Teologia Liberal	. 78
2.1.1.6. Movimento Neoreformado e Igrejas Neoreformadas	. 79
2.1.2. Pentecostalismo	. 81
2.1.2.1. Movimento Pentecostal e a Teologia Pentecostal	. 81
2.1.2.2. Igrejas Evangélicas Pentecostais	. 82
2.1.2.3. Movimento Renovado	. 87
2.1.2.4. As Igrejas Evangélicas Renovadas	. 87
2.1.3. Neopentecostalismo	. 91
2.1.3.1. Movimento Neopentecostal e a Teologia da Prosperidade	. 92
2.1.3.2. Igrejas Evangélicas Neopentecostais	. 94
2.1.3.3. Movimento G12	. 97
2.1.3.4. Movimento da Reforma Apostólica	. 98
2.1.3.5. Igrejas Evangélicas Apostólicas	. 99
2.1.4. Evangelicismo	. 100
2.1.4.1. Movimento neo-evangélico (Novos Evangélicos) e as Novas Igrejas Evangélicas	. 102
2.1.4.2. O Movimento dos Desigrejados e os Grupos Virtuais Evangélicos Anti-institucionais	. 110
2.1.4.3. Ministérios Flutuantes	. 112

2.2.	AS INSTITUIÇÕES DAS IGREJAS EVANGÉLICAS 117
2.3.	OS AGENTES EVANGÉLICOS 119
2.4.	OS LEIGOS EVANGÉLICOS 122
2.5.	ONDE ESTÃO OS NOVOS AGENTES EVANGÉLICOS? 124
3.	EVANGÉLICOS E MÍDIA: O LUGAR DOS NOVOS AGENTES 125
3.1.	CAMPO EVANGÉLICO E SUA EXPANSÃO MIDIÁTICA 125
3.2.	TIPOS DE RELAÇÃO COM A MÍDIA: OS GUETOS <i>EVANGÉLICOS</i> ; <i>OS BLOCOS EVANGÉLICOS E OS NOVOS AGENTES</i> 126
3.3.	CAMPO EVANGÉLICO EM CONFLITO 141
3.4.	ATUAÇÃO DOS <i>NOVOS AGENTES MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS</i> 142
3.4.1.	O Poder do Termo Evangélico. 143
3.4.2.	O Tempo do Evangelicismo 146
3.4.3.	A Nova Configuração da Mídia Evangélica 147
3.5.	EVANGÉLICOS NA MÍDIA: AS FORMAS DE ATUAÇÃO DOS <i>NOVOS AGENTES MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS</i> 148
3.5.1.	Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a Política 149
3.5.2.	Novos Agentes Midiáticos Evangélicos na projeção da Ideologia Evangélica e os conflitos com movimentos sociais 153
3.5.3.	Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção da Música Evangélica na TV Secular 154
3.5.4.	Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção de Movimentos Interdenominacionais 155
3.5.5.	Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção de Movimentos anti-institucionais na Internet 156

3.6.	O NOVO AGENTE EVANGÉLICO PASTOR SILAS MALAFAIA	157
3.6.1	Qual o tipo do novo agente Pastor Silas Malafaia?	158
3.6.2	Como o Pastor Silas Malafaia se manifesta nas categorias dos novos agentes	162
3.6.2.1	<i>Silas Malafaia: Um Novo Agente Desterritorializado</i>	163
3.6.2.2	<i>Silas Malafaia: Um Novo Agente Não-legitimado</i>	166
3.6.2.3	<i>Silas Malafaia: Um Novo Agente Universal</i>	167
3.6.2.4	<i>Silas Malafaia: Um Novo Agente Homogeneizador</i>	169
3.6.2.5	<i>Silas Malafaia: Um Novo Agente que gera conflitos</i>	169
3.7	ATUAÇÕES DO PASTOR SILAS MALAFAIA	172
3.8	SILAS MALAFAIA NO TWITTER	174
3.8.1	Silas Malafaia no Twitter: Eleição Presidencial 2010, retirada de apoio a Marina Silva	175
3.8.2	Silas Malafaia no Twitter: Eleição Presidencial 2014, apoio a Marina Silva	177
3.8.3	Silas Malafaia no Twitter: Estratégias Linguísticas	181
3.9.	DISCUSSÃO	183
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
	REFERÊNCIAS	191
	ANEXOS	198

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema mais geral a análise da relação entre a religião evangélica e a mídia. O campo de pesquisa que envolve Religião e Mídia tem se desenvolvido nos últimos anos a partir de diversos focos, conceitos variados e muitas formas de análises que envolvem os produtos culturais religiosos e a mídia. Percebe-se também que há várias linhas teóricas que elaboram um sistema de saber acerca dos estudos que envolvem religião, cultura e comunicação. Estas linhas teóricas tratam de fatores como, por exemplo, o crescimento, o desenvolvimento, a consolidação e as mudanças das religiões, buscando compreender nesse processo a relação da religião com outras áreas.

Como exemplo específico do estudo da relação de outras áreas com a Religião, pode-se constatar que o valor de estudar as ligações entre a Religião Cristã Protestante e Economia já se fez presente no clássico *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber¹ (2001), que, desde então, já reconhecia a influência da cultura cristã nos processos econômicos:

Cada uma dessas tentativas [*tentativas de explicar a relação do racionalismo com a economia*], tendo em conta a importância fundamental da economia, deverá, antes de tudo, analisar as condições econômicas. Ao mesmo tempo, porém, não se deve omitir correlação inversa. Isto porque o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. Onde elas foram obstruídas por *obstáculos espirituais*, o desenvolvimento de uma conduta econômica também tem encontrado uma séria resistência interna. Ora, as forças mágicas e religiosas, e aos ideais éticos de dever dele decorrentes, sempre estiveram no passado entre os mais importantes elementos formativos da conduta. É com elas que se ocupam os estudos aqui reunidos e ordenados (2001, p. 20, grifo nosso).

Ressalta-se, assim, que a *conduta religiosa* não pode ser ignorada quando assuntos sociais são estudados, visto que esta influencia diretamente outras áreas. Enfim, percebe-se que este é um tema que abrange muitos campos, além da Economia, entra em áreas como Sociologia da Religião, Filosofia da Religião, Ciência da Religião, Antropologia da Religião, entre outros, a partir das quais diversas pesquisas foram realizadas para entender o processo cultural cristão na sociedade e suas implicações.

¹ Weber também analisa a cultura cristã protestante no livro *Sociologia da Religião* (1994).

Entretanto, apesar da diversidade analítica que envolve o estudo deste tema, esta dissertação se volta, mais especificamente, para o exame da dinâmica de funcionamento do espaço religioso, e do lugar que ocupam os evangélicos, assim como a sua interferência em outras esferas sociais, tais como a mídia.

Um dos autor que se tornou importante para este trabalho foi Pierre Bourdieu, sobretudo seu estudo sobre o campo religioso e a forma como tal autor procura reunir em seu estudo as proposições de Marx, Weber e Durkheim, para compreensão de um sistema coerente para compreensão do *campo religioso*. Segundo tal autor, uma das primeiras tradições estuda a religião como uma língua e instrumento de conhecimento, que pode ser estruturado, e procura fornecer o material teórico e metodológico para a sua análise, logo, baseada nessa tradição, a semiologia acaba por buscar as “formas de representação religiosas”, de modo que essas formas e sua aplicação como único princípio de divisão, com seu teor *estrutural-funcionalista*, visualiza o sistema religioso em classes antagônicas, representados pela inclusão e exclusão, considerando que as divisões efetuadas pela ideologia religiosa vêm recobrir as divisões sociais em grupos, repercutindo uma visão psicanalítica do mito como um reflexo da estrutura social.

Numa segunda tradição, Bourdieu explica que Weber busca uma relação do “discurso religioso” com os “interesses religiosos” daqueles que o produzem, difundem e recebem, configurando um sistema de crenças e práticas que utilizam estratégias para vencer a competição pelo monopólio da “gestão dos bens de salvação” e das classes interessadas neles. Ao pensar assim, Bourdieu declara que Weber entra em acordo com Marx, afirmando *que a religião cumpre uma função de conservação da ordem, contribuindo, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”* (BOURDIEU, 2005, p. 32). Weber analisaria e destacaria o “trabalho religioso” realizado pelos especialistas religiosos:

Weber enxerga na gênese histórica de um corpo de agentes especializados o fundamento da autonomia relativa que a tradição marxista confere à religião, sem daí extrair todas as consequências e, no mesmo lance, conduz ao núcleo do sistema de produção da ideologia religiosa, a saber, ao princípio mais específico (mas não último) da alquimia ideológica pela qual se opera a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas e, portanto, justificadas (BOURDIEU, p. 33, 2005).

Bourdieu busca chegar ao núcleo dessas duas tradições, entendendo que na correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, a religião contribui para a “*imposição dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo*”, ao

impor práticas, fundadas numa divisão política, que constituirá a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. Assim, o grupo “dos dominantes religiosos” (através da religião) lança as bases para a estruturação política e social de práticas e formas de entender o mundo, com enfoque religioso e consequências sociais profundas. Contudo, classes sociais formadas por dominados podem se reorganizar, construir e projetar seu capital religioso, entrando em disputa com os dominadores, estabelecendo uma relação de conflito.

Partindo dessa concepção, compreendemos que os agentes (aqui entendidos como os especialistas religiosos), *Evangélicos*, no seu processo de construção, podem desenvolver formas e estratégias para acumular *capital religioso* e conquistar espaço nesse campo tão competitivo. Entendemos que no sistema religioso brasileiro pode existir uma relação entre *dominantes e dominados*, tal como explica Bourdieu. Compreendemos que o grupo *de dominantes religiosos* exerce influência e procura atender os *leigos*, buscando satisfazê-los com os *bens de salvação*, garantindo sua permanência no poder religioso e a perpetuação de seu *capital religioso*. Contudo, *novas formas de configuração midiáticas*, como a Internet, têm aberto portas *amplas, modernas e diferenciadas* (no que diz respeito às estratégias tradicionais) para que *novos especialistas religiosos* possam conquistar seu espaço, aumentando a concorrência e disputa dentro desse espaço de poder.

Diante desse *novo tipo de relação*, será que podemos detectar se esses *movimentos* dentro do campo religioso brasileiro podem refletir mudanças na sua estrutura? Se sim, quais seriam essas mudanças? E quais as consequências dessas mudanças? Ainda podemos procurar entender que tipo de relação esses *novos especialistas religiosos*, que buscam projeção e expansão de seu *capital religioso*, estabelecem com a mídia? Quais suas características? Como compreender tal processo no Brasil, no que diz respeito aos *Evangélicos* e tentar explicá-lo? Especificamente, qual a dinâmica de organização do espaço religioso brasileiro e que lugar ocupam os *Evangélicos*? E em que medida o uso da mídia pelos *agentes religiosos* se torna uma importante ferramenta e estratégia de consagração da expansão religiosa?

Percebe-se que um grande *capital religioso evangélico* surgiu no Brasil, e de forma crescente vem ganhando espaço. Este crescimento tem surpreendido, quando comparado a grandes religiões, como a Igreja Católica, que detém grande poder midiático no Brasil, e até mesmo em relação a outras religiões, que assim como os evangélicos, inicialmente eram consideradas de minoria; atualmente, os *Evangélicos* “saltaram” dessa categoria de minoria. Dentro da perspectiva dos meios de comunicação esse *capital* pode ser entendido como uma *onda cultural evangélica midiática* que se levantou com diversos tipos de representações e

práticas religiosas disseminadas pela mídia, como material impresso, rádio, TV, páginas web, redes sociais.

Os discursos dessas representações têm ganhado projeção, mas, o que está por trás desse *volume cultural evangélico*? Para responder esta questão é preciso partir de uma abordagem interdisciplinar de pesquisa, sobre religião e mídia, e tentar entender como se tem dado a expansão dessa *cultura*, que denominaremos de *Cultura Midiática Evangélica*,² nos meios de comunicação. Evidente que sobre *cultura evangélica* muito material pode ser levantado, mas esta pesquisa buscará, através da identificação e análise, entender os principais acontecimentos que envolvem os *Evangélicos* no Brasil, no que se relaciona a sua *projeção* e *conflitos* no meio midiático, recortando o período da década 1980 até maio de 2015, permitindo-se assim compreender as novas configurações do espaço evangélico midiático atual, assim como será exposto o que há por trás dessa *onda cultural*, qual a infraestrutura sustentada por seus *agentes religiosos*.

Objeto de estudo e Organização da Dissertação

Diante do exposto e da extensão do tema *Evangélicos na Mídia*, esta dissertação tem como objetivo analisar especificamente as estratégias e formas de atuação dos *Novos Agentes Evangélicos Midiáticos*³ que se situam no campo evangélico. Esses *Novos Agentes*, como explicaremos ao longo do trabalho, representam uma nova posição nesse campo, ocupando um papel que rompe com os tradicionais modelos e formatos do sistema religioso. A característica principal destes *Novos Agentes* é sua relação intensa com o campo midiático, a partir do qual constroem sua posição nesse universo religioso.

Assim, a mídia, de forma geral, torna-se um dos principais recursos destes *Novos Agentes*. Sendo importante analisá-los através de suas estratégias e atuação, e das suas contribuições para a formulação conceitual do que se entende por *evangélico* hoje no Brasil, procura-se entender como os *Novos Agentes* fazem uso e se apossam do termo *Evangélico* em várias formas de mídia. Assim, entendendo o uso da mídia como a principal estratégia mobilizada pelos *Novos Agentes* para se inserir e disputar posições no espaço religioso, através da aplicação conceitual apresentada no trabalho, analisar-se-á brevemente, ao final da pesquisa, um caso, o do *Novo Agente Evangélico* Pr. Silas Malafaia, fazendo um

² Termo usado para identificar o conjunto de produtos culturais criados por evangélicos, como produtos artísticos (música, teatro, cinema), além do conjunto de suas práticas sociais, como usos e costumes, valores, etc.

³ Termo sugerido para exemplificar o tipo de relação estudado nesta pesquisa e que envolve os agentes religiosos e a mídia.

levantamento de seu histórico relacionado com a mídia, em seus programas evangélicos de TV, realizando uma observação de sua aparição em programas de TV secular, além de pesquisas em sites e redes sociais, apresentando porque este agente religioso se enquadra na categoria de *Novo Agente Midiático Evangélico*.

O desenvolvimento metodológico da pesquisa – nesse trabalho – consistiu no método de abordagem histórico-analítica, através de pesquisa bibliográfica e análise de material empírico. Na pesquisa bibliográfica, levou-se em consideração como o processo de expansão nos meios de comunicação de uma *Cultura Evangélica Midiática*⁴ tem levantado muitas questões, logo, para respondê-las, buscou-se uma perspectiva dentro de conceitos de comunicação social que interajam com outros conceitos de áreas diferentes, e que são direta e/ou indiretamente ligadas à conjuntura social do espaço religioso evangélico. Assim, para identificar os conceitos fundamentais, focalizamos o estudo da comunicação, na sua relação, na construção e manutenção de diversos interesses que envolvem o processo religioso, indo além de uma perspectiva somente de *identificação quantitativa*, para uma análise *qualitativa* das manifestações religiosas na mídia, focando uma análise cultural que incorpore valores e crenças que moldaram o perfil (ou os perfis) dessas representações culturais evangélicas na mídia, tendo também como base de análise o material empírico colhido durante a pesquisa. Dito de outra forma:

Ao produzirmos um discurso sobre o passado, lidamos com textos (documentos de toda espécie) e com práticas repletas de significados, como é o caso da mídia em geral, e da mídia evangélica em particular. E ao trabalharmos com representações presentes na mídia evangélica, estamos lidando com a afirmação de *identidades religiosas* (BELLOTTI⁵, 2004, http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm).

Assim, percebe-se que ao o material empírico busca compreender o perfil *Evangélico* e concorda-se com Bellotti quando cita que se identifica nessas representações midiáticas a *identidade religiosa* dos *Evangélicos*. Destaque-se ainda o fato de que os *Novos Agentes Evangélicos Midiáticos* são em grande parte responsáveis pela formatação dessa identidade.

Quando necessário, cada capítulo desta pesquisa recorrerá a material empírico para exemplificar seus principais conceitos, e como podem ser identificados através de imagens e textos distribuídos pela mídia no Brasil, principalmente com imagens e dados coletados da

⁴ Nesta pesquisa se entende por *Cultura Evangélica Midiática* o conjunto de ideias, comportamentos, artes, símbolos e práticas sociais expressas por evangélicos que utilizam a mídia como ferramenta de propagação.

⁵ Professora de História Contemporânea da Universidade Federal do Paraná, atuando principalmente nos seguintes temas: História Contemporânea, História das Religiões, História da Mídia, Identidades Culturais, Cultura Visual, Ensino Religioso, e Protestantismo/Pentecostalismo (mídia evangélica em geral, mídia presbiteriana, mídia evangélica infantil e mercado cultural evangélico no Brasil e nos Estados Unidos).

internet. Através desse material visual, e com os conceitos elaborados, traçar-se-á uma proposta do perfil da *identidade* dos *Evangélicos* em sua(s) relação(ões) midiática(s). O material empírico destacará os principais acontecimentos que trouxeram algum tipo de consequência e/ou alguma contribuição para a relação entre os evangélicos e a mídia. Este levantamento abrange várias temáticas, sejam artísticas, políticas, econômicas, etc. Foram questões representadas nos meios de comunicação e elas possuem algum tipo de repercussão em nível nacional. Ressalte-se que a coleta e demonstração desse material empírico não será uma exaustiva catalogação *quantitativa* de representações culturais evangélicas, mas a elaboração de sua definição com a análise de alguns exemplos de produtos culturais. Estes exemplos obedecem a critérios pré-estabelecidos pelo embasamento teórico, procurando então identificar a *projeção* da *cultura evangélica* através da análise de alguns produtos.

No primeiro capítulo, trataremos da origem do termo evangélicos e suas formas de representação, pois acreditamos que esse ponto de partida ajuda a compreender o problema geral desta dissertação, que é o entendimento do que são os *Novos Agentes Evangélicos Midiáticos*. O primeiro capítulo procurará demonstrar como se constituíram as diferentes apropriações do termo *Evangélico*, mais especificamente trataremos aqui de como o termo evangélico é um objeto de luta constante pela sua definição e apropriação, e como este termo tomou diferentes formas, conotações e usos. Desde a origem do termo, através da análise de quatro fases, destacaremos que a primeira disputa girava em torno de sua raiz bíblica; na segunda, o termo se tornou objeto de disputa de novos grupos, centrando-se na Reforma; na terceira, comenta-se como o termo inicialmente se constituiu no Brasil e na quarta fase, como se desenvolveu em novas reformulações. Dentro dessa quarta fase precisaremos abranger a pesquisa e tentar responder quais foram as reformulações que giraram em torno do termo *Evangélicos*, e quais são as atuais, assim como quais foram as representações sobre os evangélicos em diferentes espaços.

Paul Charles Freston⁶ (1993) cita que três instâncias sociais têm vinculado imagens dos evangélicos (no caso de sua pesquisa sobre os pentecostais): 1- Os meios de comunicação de massa; 2- A hierarquia católica; 3- Os meios acadêmicos. A esse conjunto, incluiremos mais duas instâncias sociais: 4- O Estado brasileiro, no que diz respeito as suas pesquisas e 5- os próprios Evangélicos, naquilo que estes produzem sobre si, academicamente (grupo de pesquisa de origem evangélica, de Seminários de Teologia, editoras etc.), institucionalmente

⁶ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos, e professor catedrático de sociologia no Calvin College, Michigan, EUA. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia da religião; religião e política; religião e globalização; protestantismo; pentecostalismo.

(Igrejas Evangélicas e suas representações), na produção autônoma de leigos, mas, principalmente, nas formas de atuação dos *Novos Agentes Evangélicos Midiáticos* e quais imagens têm construído dos *Evangélicos*. Assim, dividiremos a pesquisa dentro das quatro áreas: Estado, Acadêmicos, Meios de comunicação de massa, Igreja Católica.

Em relação às questões metodológicas que envolvem pesquisa em religião, Júlio de Santa Ana⁷ (1998) destaca cinco exigências que precisam ser levadas em consideração: a primeira consiste em compreender a realidade religiosa e suas transformações e como os fenômenos religiosos estão ligados ao seu contexto social, sendo necessária assim uma abordagem social que busque entender essa relação. A segunda considera a necessidade de responder em termos históricos como a religião se porta, para entender o que as comunidades religiosas chegam a ser e também porque deixam de ser, sendo necessário assim uma abordagem histórica. A terceira é o estudo da tradição fundamental que cada religião preserva para manter vivas suas raízes, ou seja, a *memória*, como Santa Ana cita: *a referência ao carisma de fundador e a tradição do mesmo é mantida através da memória* (p. 61), pois as principais características que cada religião preserva e repassa como tradição é importante para entender como se constitui a configuração de sua identidade ideológica. A quarta exigência é a compreensão que a análise do fenômeno religioso pode ter diversas *interpretações* ao longo do tempo:

Esta questão hermenêutica, inevitável, desde o seu momento inicial, é muito problemática, pois quando se necessita interpretar, é obrigatório fazê-lo com determinada “chave”. E não é a mesma coisa a hermenêutica de Marx, que a de Durkheim, que a de Weber. Esta abertura ao “conflito de interpretações” (Ricoeur) é o que dá aos estudos da religião seu caráter tão dinâmico... É o que, por exemplo, permitiu Marx falar da religião como “o suspiro da criatura oprimida”, “ópio do povo”. Ou, o que com outra “chave”, conduziu Durkheim a entender a religião como hipótese da sociedade, cuja identidade é inseparável do sagrado (sociológico diferente de “o santo”, aquele que *a priori* religioso, mistério da vida a que se referiu Rudolf Otto). É também o que abriu caminho para Weber entender o papel da sociedade como entre a ética de convicções (profética) e a ética de responsabilidade (sacerdotal). Ao chegar a esta exigência, conclui-se, claramente, que o pesquisador não é neutro, pois sua opção por uma ou outra chave de interpretação é eminentemente pessoal. Mas, *importa que seja o mais objetiva possível*. Ou seja, que não contradiga a maior quantidade de informações que se dispõe da realidade (SANTA ANA, 1998, p. 61).

Consciente disso, esta pesquisa encontra sua “chave” na interpretação trazida por Bourdieu sobre a relação de *dominantes e dominados religiosos*. Entende-se a relação como conflituosa, como citado no início (sem desconsiderar a importância e contribuições de outras

⁷ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade de Estrasburgo.

interpretações). Enfim, a quinta exigência só pode ser cumprida ao final das quatro anteriores e consiste em definir e classificar.

Assim, no Capítulo II, segundo essa metodologia para a construção do espaço religioso *Evangélico*, procuraremos utilizar esses fatores *social/histórico/tradição* dos evangélicos especificamente na sua relação com a mídia, construindo uma hierarquia, a partir da *interpretação* de Bourdieu entre os diferentes graus da relação *dominantes e dominados*, definindo e *classificando* a *hierarquia no espaço evangélico no Brasil* em quatro categorias: 1- Tradicionalismo, 2- Pentecostalismo, 3- Neopentecostalismo e 4- Evangelicismo, relacionando também as disputas pelas denominações. O destaque para essa parte da pesquisa está na inclusão de uma nova categoria, o *Evangelicismo*, que procura abranger os novos moldes de igreja evangélica que vêm surgindo no Brasil. Na terceira parte seguimos com a identificação das Instituições das Igrejas Evangélicas, e as entidades paraeclesiais, interdenominacionais. Partindo da compreensão do espaço evangélico no Brasil, podemos identificar seus agentes e suas denominações, e principalmente entender onde e como os *Novos Agentes Evangélicos* se encontram e atuam dentro desse espaço.

Na relação existente entre *Evangélicos e a Mídia*, esta pesquisa pretende analisar o campo de estudo que envolve *Os Evangélicos* e a *Mídia* no Brasil a partir de três tipos de abordagens ou formas de entender e aplicar o conceito *Mídia*. A primeira abordagem trata sobre a *Mídia Secular*⁸ e os *Evangélicos*: este tipo de abordagem está na relação da *mídia secular* com os *Evangélicos*, especificamente no que a *mídia secular* tem produzido sobre os *Evangélicos*. Refere-se ainda a como utilizam o termo e quais suas principais formas de apresentação, como tratam enquanto objeto de observação, como divulgam e projetam conhecimento sobre os *Evangélicos* no Brasil, ou seja, como é o discurso do Outro sobre os *Evangélicos*. Nesse caso, a *mídia secular* são revistas, jornais, canais de TV, rádios, internet, dentre outros tipos de meios de comunicação que não são ligados diretamente aos *Evangélicos*. Este tipo de abordagem será analisado no primeiro capítulo da pesquisa, no item 1.2.3 *Outros espaços de disputa pelo termo Evangélicos: o Catolicismo e a Mídia*.

O segundo tipo de abordagem que é sobre *Evangélicos e a Mídia*, este termo significa a relação dos *Evangélicos* com a *Mídia* em seu desenvolvimento através dos anos, numa vertente de análise histórica, progressão tecnológica da utilização dos meios de comunicação, como também sua distribuição espacial. Este processo resultou na construção de uma *Mídia Evangélica*, ou seja, uma série de produtos midiáticos de construção ideológica evangélica,

⁸ Diz respeito a toda produção da mídia que não tem caráter religioso, não é ligada a nenhuma igreja ou denominação, não representa nenhuma instituição religiosa. Este termo é bastante usado no meio evangélico. Secular vem de uma oposição ao termo sagrado.

compreendendo assim que, se existe uma *Mídia Evangélica*, também existe uma *Mídia Espírita*, *Mídia Católica* e uma *Mídia Secular* (todo tipo de mídia não religiosa), entendendo que *Mídia Evangélica* seria apenas mais uma forma de representação, que procura campo, e nesse processo há conflitos com outros tipos de mídias religiosas e com o meio secular.

Já no Capítulo III, *Evangélicos e Mídia*, traremos uma análise do campo evangélico e sua relação com a mídia, procurando entender quais são os usos da mídia no espaço evangélico. Há uma proposta de configuração do *Espaço Evangélico*, com uma descrição de sua expansão midiática dividida em três modos: primeiro modo: *Os Guetos*⁹ *Evangélicos*; segundo modo: *Os Blocos Midiáticos Evangélicos* e terceiro modo: *Os Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*.

Ainda no Capítulo III, no item 3.5, trataremos da *Terceira Abordagem: Evangélicos na Mídia*. Partindo do desenvolvimento do terceiro modo, os *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*, é que explicaremos nosso terceiro tipo de abordagem. A relação *Evangélicos na Mídia* (nesse caso *Mídia Secular*) tentará compreender como os *Evangélicos* têm se projetado na mídia e quais suas estratégias. Esse terceiro tipo também pode ser entendido com o termo *Evangélicos da Mídia*, que diz respeito às figuras públicas que buscam representar *Evangélicos* e que procuram sistematicamente visibilidade¹⁰ na *Mídia Secular*. Esse terceiro tipo é a *aproximação dos evangélicos na mídia secular e sua visibilidade*, não apenas como uma palavra, mas um rosto, ou um grupo que é convidado a se pronunciar num ambiente, e em meios de comunicação que não são seus.

Unindo o resultado do material teórico dos capítulos anteriores, com uma elaboração do que se entende sobre a *Mídia Evangélica*, buscaremos traçar um perfil de identidade que os *Novos Agentes* procuram projetar, ou seja, uma identidade baseada na imagem que *Evangélicos na Mídia* repassam, procurando entender qual a seria a relação dessa imagem com o conceito de *Cultura Evangélica* e *Mercado Evangélico*. Partindo, assim, da aplicação desses conceitos para uma análise das cinco formas de atuação dos *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*: *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* e a Política, *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* na projeção da *Ideologia Evangélica* e os conflitos com movimentos sociais, *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* e a projeção da *Musica Evangélica* na TV Secular, *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* e a projeção de *Movimentos Interdenominacionais* na Internet, *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* e os *Movimentos anti-institucionais* na

⁹ Nesta pesquisa este termo será utilizado como um espaço delimitado por regiões pequenas, dentro de cidades, como ruas e bairros.

¹⁰ Palavra usada nesta pesquisa segundo o conceito de Habermas (2010), que entende que a mídia é um espaço de visibilidade e debate.

Internet. Finalizaremos o Capítulo III através da aplicação dos conceitos levantados ao longo da pesquisa, quando trataremos sobre a Disputa dos Novos Agentes Midiáticos Evangélicos, partindo de uma pequena análise de um Novo Agente específico, o Pastor Silas Malafaia. A disputa diz respeito à ação do Novo Agente em conquistar espaço midiático, quais suas estratégias e formas de atuação, como é sua atuação na internet, em redes sociais, e especificamente no Twitter.

Esta pesquisa busca entender o sistema da projeção midiática dos evangélicos na forma de seus agentes na mídia, criando uma forma de compreensão que evidentemente não poderá responder todas as perguntas sobre todos os acontecimentos midiáticos evangélicos, assim, prevenindo aqueles que querem uma pesquisa voltada para igrejas neopentecostais sabemos que outros trabalhos procuram elucidar as questões pertinentes com estudos mais aprofundados e especificamente sobre uma denominação em particular.

Enfim, para tranquilidade do leitor deixamos claro de antemão que esta pesquisa não se trata apenas de uma denominação evangélica, mas de várias, com intuito de esclarecer que o meio evangélico é amplo, diversificado e não pode nem deve ser visto sobre apenas um enfoque denominacional ainda que este tenha características temáticas dominantes no senso comum, na mídia, ou no meio acadêmico.

Prevenimos que após ler esta pesquisa o leitor terá uma compreensão melhor do cenário evangélico, e poderá discernir a influencia que os novos agentes evangélicos midiáticos exercem, e como é interessante para estes que sua projeção seja crescente.

I QUEM SÃO OS *EVANGÉLICOS*: AS DISPUTAS PELO TERMO *EVANGÉLICO*

Este capítulo tem como objetivo central a análise das disputas históricas em torno do termo “evangélico”. Dito de outro modo, como afirmado acima, procuramos demonstrar que não há uma definição exclusiva de quem são os evangélicos, porque esse termo é objeto de confronto constante. Assim, essas disputas se modificam de acordo com os contextos históricos e o termo ganha novos sentidos e novos lugares de representação.

Usando uma linguagem artística como exemplo, pode-se dizer que a imagem que representa religião, mais especificamente a religião cristã, é um mosaico, obra de arte composta de pequenas partes que juntas formam uma figura; estas pequenas partes separadas possuem suas características próprias, mas juntas trazem uma mensagem, uma imagem que revela na união justaposta das partes, certo tipo de princípio unitário.

Contudo, esta mera aparência de unidade pode facilmente se dissolver, basta separar as partes e cada uma ganha sua forma e peculiaridade, que, de tão diferenciadas, pode-se chegar a imaginar que nunca foi uma peça única.

O desafio de estudar o Cristianismo no Brasil parte do princípio de que este mosaico complexo existe, e não pode ser ignorado, ainda que não seja possível pesquisar minuciosamente todas suas partes e todas as suas características.

O fato de identificar essa complexidade é a porta para uma pesquisa consciente de suas limitações e desafios. Identificar quem são os *Evangélicos* dentro desse mosaico religioso brasileiro é iniciar-se por uma demonstração de como este termo foi construído, através de um breve panorama do processo histórico de seu surgimen

to e definições.

1.1. QUEM SÃO OS *EVANGÉLICOS*

A palavra *Evangélicos* deriva de *Evangelho* no grego *Ευαγγέλιον* (evangelion) “boas novas”, que é derivado de *angelos* (“mensageiros”) ou aqueles que trazem boas notícias, notícias alegres.

No Antigo Testamento, estes mensageiros de *boas novas* eram chamados de *m^ebasser*, na tradução para o grego é adotado o termo *angelos*.

No Novo Testamento, o termo *Evangelion* vem caracterizar Cristo, e foi o termo utilizado pela igreja primitiva. Brown¹¹ comenta que

A pergunta decisiva não é se o próprio Jesus empregava a palavra *evangelion*, mas se esta palavra é apropriada a substância da Sua mensagem. Não há dúvidas de que Jesus encarava Sua mensagem do Reino de Deus vindouro, que já está presente em suas palavras e ações, como sendo boas novas. Esta mensagem de alegria já não se deve separar do mensageiro que a traz, e este mensageiro é próprio Jesus. Além disso ele aparece não somente como o mensageiro e autor da mensagem, como também ao mesmo tempo, o assunto dela, Aquele de Quem a mensagem conta. É, portanto, perfeitamente consistente quando a igreja cristã primitiva retoma o termo *evangelion* para descrever a mensagem da salvação que se liga a vida de Cristo. (2000, p.761, grifo do autor).

Brown (2000) afirma ainda que, em concordância com a utilização desse termo nos escritos do apóstolo Paulo, *evangelion não significa apenas o comentário daquilo que é pregado, como também o ato, o processo e a execução da proclamação, o conteúdo da pregação e seu processo são a mesma coisa* (2000, p. 762). Conclui-se que na base do Cristianismo, *O Evangelho* é uma prática de vida, inclui conhecer, viver e proclamar Cristo, e logo compreende-se que esta definição de *evangelho* está diretamente ligada à definição de *Evangélicos*, aqueles que proclamam e vivem o *Evangelho* de Jesus Cristo.

Além da exposição da raiz da palavra na Bíblia para compreender melhor as formas como este termo foi usado, encontramos quatros fases:

- A primeira é sua criação, definição e uso pelos reformadores;
- A segunda é como este termo influenciou o Movimento chamado de *Evangelicalismo*;
- A terceira é como este termo foi usado no Brasil pós-reforma;
- A quarta envolve as novas reformulações que ganharam diferentes aspectos no Brasil, e a disputa pelo termo, disputa pela definição e adoção do termo, em contrapartida à tentativa de resgate do conceito (*Evangélicos*) pelos reformadores brasileiros.

¹¹ Dr. Colin Brown, professor de teologia no Fuller Theological Seminary - EUA, ensina cristologia contemporânea.

Na primeira fase, quando a palavra *Evangélicos* foi adotada, houve o intuito de definir os cristãos como um grupo religioso distinto.

Esta fase surgiu com a Reforma Protestante.

Assim como o Apóstolo Paulo, Lutero¹² entendia que o Evangelho era um estilo de vida: *O evangelho... Não é, na verdade, aquilo que está escrito em livros e registrado em cartas, é, pelo contrário, uma mensagem falada e uma palavra viva, e uma voz que soa pelo mundo afora, e se proclama publicamente, de tal modo que possa ser escutada em todos os lugares* (Lutero Weimarer Ausgabe, XII, 259 *apud* Brown).

Este desejo por proclamação procurava criar uma *identidade evangélica* que pudesse se diferenciar do cristianismo católico, devido aos ares da guerra religiosa entre Católicos e Protestantes.

O termo surgiu para delimitar e definir os novos cristãos reformadores, com isso, é carregado de uma posição teológica reformada, na qual ser *evangélico* era se posicionar diretamente contra o sistema religioso católico, buscando uma perspectiva de resgate de valores bíblicos.

A formulação do termo *Evangélicos* estava baseada nas cinco *Solas*, a primeira significa "*Sola Scriptura*" (Somente as Escrituras). Para os reformadores, a Bíblia era a única regra para fé e prática, sem Papas, sem novas revelações ou poder da tradição. Cada cristão seria livre para ler e interpretar as Escrituras.

O segundo era "*Solo Christus*" (Somente Cristo). Cristo, "Deus-Homem" é o único Mediador e revelador da Trindade. "*Sola Gracia*" (Somente a Graça), segundo os reformadores, a graça faz-nos justos por causa da santidade de Cristo. "*Sola Fide*" (somente a fé), considerando que somos salvos somente pela graça, assim a fé em si mesma é um dom da graça de Deus para o homem.

Finalizando, a última *Sola* coloca Deus como único digno de Glória "*Soli Deo Gloria*" (Somente a Deus seja a Glória). Horton¹³ (2008, p. 1) comenta que, segundo o conceito reformado, *um evangélico, portanto, era centrado em Deus; alguém que estava convencido de que Deus havia feito tudo e que não restava nada que o homem considerasse seu a não ser seu próprio pecado*, ressaltando que esta forma de pensar o cristianismo e vivê-lo não apenas transformou radicalmente a vida devocional dos cristãos reformados, mas toda a estrutura social.

¹² Teólogo alemão, e precursor da Reforma Protestante, idealizador das cinco *Solas*.

¹³ Professor de Teologia e Apologética no Seminário de Westminster Califórnia desde 1998, Editor Chefe da revista *Reforma Moderna*, presidente e apresentador do programa de rádio nacional, *The White Horse Inn*.

Na segunda fase do desdobramento do termo, encontra-se o *evangelicalismo*. Segundo Cairns (2000), foi um movimento que teve origem na Inglaterra, surgiu na Igreja Anglicana em 1730, e sua característica principal foi o desenvolvimento de uma forte consciência social e política, sustentada por uma vida de prática religiosa baseada em quatro princípios (conversão, evangelização, leitura bíblica e centralidade da cruz).

O *evangelicalismo* atuava em várias áreas sociais: John Philip defendia colonos da exploração de colonizadores brancos; William Wilberforce desde sua conversão dedicou a abolição da escravidão no Império Britânico; através do grupo missionário *Exeter Hall* lutaram por reformas sociais a favor dos pobres de 1787 a 1850.

No século XX o *evangelicalismo* ressurgiu nos Estados Unidos, subdividindo-se em duas categorias:

- A primeira ligada à escola de teologia de Princeton de ramificação calvinista.
- A segunda foi chamada de *fundamentalistas*¹⁴ de ramificação pré-milenista e dispensacionalista.

Cairns (2000) explica que atualmente os *evangelicais* se subdividem em cinco vertentes:

- 1- A *fundamentalista*, considerada de direita e de forte oposição contra a teologia liberal;
- 2- Os *evangelicais institucionais*, com marcante caráter social (grupo do qual o pregador Billy Graham faz parte);
- 3- Os *neo-evangelicais*, de tendência mais ecumênica e com algumas linhas que apoiam um tipo evolução teísta;
- 4- A quarta formada por grupo com ênfase no feminismo e desenvolvimento da teologia feminista, e fortemente influenciada pela teologia da libertação;
- 5- A quinta envolve as organizações evangelicais paraeclesiais.

¹⁴ Cairns explica que a primeira vez que essa expressão foi usada data de 1 de julho de 1920, no Baptist Watchman Examiner, pelo editor C.C. Laws para designar aqueles que criam nos fundamentos da fé histórica. Somente depois a palavra foi usada como termo pejorativo. (p. 425)

Na terceira fase, ao chegar ao Brasil, o termo carrega duas cargas simbólicas: a do movimento reformado e a do *Evangelicalismo*. Em solo brasileiro, as palavras *Evangélicos* e *protestantes* foram inicialmente atribuídas apenas a cristãos reformados.

A primeira Igreja a se denominar *Evangélica* foi a Igreja Evangélica Fluminense, em 1858, de origem Congregacional. A primeira vez que o termo *Evangélicos* foi utilizado no Brasil como referente a uma unidade foi em 1868, quando o Reverendo Hermann Borchard¹⁵, que havia chegado em 1864, junto com outros pastores, fundou o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul, formado por igrejas protestantes e extinto em 1875.

De 1864 a 1892 surgiu o primeiro jornal evangélico, chamado *Imprensa Evangélica*, fundado por Ashbel G. Simonton, missionário dos Estados Unidos, proveniente da Pensilvânia, de origem Presbiteriana. Em 1886 é fundada a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Em 1879 é fundada, por Miguel Vieira Ferreira¹⁶, a Igreja Evangélica Brasileira. Em 1911, o Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná e em 1929, a Federação Alemã das Igrejas Evangélicas. Percebe-se assim que a palavra *Evangélicos* possui uma raiz histórica no Brasil e não se trata de um termo “novo”.

Com o tempo, a carga simbólica ligada à Reforma, que esta palavra tinha, começou a mudar, e o termo *Evangélicos* passou a ser usado para definir todas as novas denominações que surgiam no país e que quisessem adotá-lo no seu nome. Estas novas denominações poderiam usar o termo independentemente de possuírem uma teologia reformada, ignorando, assim, o passado histórico-teológico da palavra.

Logo começava a tomar conta do termo a carga simbólica ligada ao *evangelicalismo*, pela ação de alguns movimentos que tentaram unificar as denominações através de um processo ecumênico que buscava a união de todas as Igrejas Evangélicas, como explica Matos:

Nas primeiras décadas do século 20, o protestantismo brasileiro sofreu a influência de algumas correntes teológicas norte-americanas, como o evangelho social, o movimento ecumênico e o fundamentalismo. Inspirado em parte pelos dois primeiros, surgiu um notável esforço cooperativo entre as igrejas históricas, sob a liderança do Rev. Erasmo Braga, secretário da Comissão Brasileira de Cooperação (1917). Essa entidade se uniu em 1934 à Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil e ao Conselho Nacional de Educação Religiosa para formar a Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Nos anos 50 e início da década de 60, a CEB criou a Comissão de Igreja e Sociedade (1955), depois Setor de Responsabilidade Social da Igreja. Sua quarta reunião, conhecida como Conferência do Nordeste, realizada em Recife em 1962, teve como tema “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” (MATOS, 2014, p. 1).

¹⁵ Nasceu em Königsberg, Prússia Oriental. Foi enviado ao Brasil em 1864 pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim. Faleceu em Ummendorf, Saxônia.

¹⁶ Doutor Miguel Vieira Ferreira, abolicionista, republicano, jornalista, engenheiro, militar e Doutor em Ciências Matemáticas e Físicas.

Esses movimentos *Evangélicos* no Brasil envolvem a palavra *evangelicais* (proveniente do termo em inglês *evangelicals*), corrente reavivalista ligada ao *movimento evangelicalismo*, de origem europeia. Contudo, no Brasil, manifesta-se a partir de sua ligação com os *evangelicais* dos EUA. Segundo Freston, houve forte influência na fundação de organizações paraeclesiásticas (instituições interdenominacionais):

Quando analisamos a trajetória dos *evangelicais* latino-americanos que influenciaram o Pacto de Lausanne, bem como a de muitos líderes *evangelicais* brasileiros, duas paraeclesiásticas aparecem com frequência: a Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL). E a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, cujo movimento no Brasil se chama Aliança Bíblica Universitária (ABU) (1993, p. 130).

Estas tentativas de união revelam uma característica ideológica que o termo desenvolveu com o tempo, isto é, a capacidade de abarcar diferentes denominações. Esta característica se fortificou com o passar do tempo, no Brasil, e seu emprego por diversas denominações e movimentos, permite que ele seja utilizado cada vez mais como termo generalizador¹⁷, e abrangente. Encontramos, assim, nessa terceira fase, duas formas de usar o termo: em nomes de denominações específicas e de forma abrangente.

Na primeira forma, cada denominação vai trazer sobre o termo sua carga ideológica, desenvolvendo seu significado próprio. O que é *Evangélico* para uma denominação não quer dizer que seja a mesma coisa para todas as outras, produzindo um leque de interpretações sobre a mesma palavra.

Na segunda forma, o termo já revela que também pode ser adotado numa visão universalista, em que mesmo recebendo todas as cargas ideológicas das denominações, ainda pode ser tratado como termo neutro que tenta unificar as denominações.

Figura 01: Primeiras formulações do termo *Evangélico*



¹⁷ No sentido de representar todos os evangélicos e todas as denominações.

Na quarta fase, pode-se identificar que devido ao fato de o termo ter ganhado variados usos e diferentes significados, espalhado pelo mundo cristão, esses diversos conceitos, hoje, encontram-se em conflito.

De um lado, as *novas reformulações*, do outro, a antiga visão reformada. Horton (2008) atenta para o fato de que o que se entende por *Evangélicos* hoje, quinhentos anos depois da reforma, configura uma perda do significado e prática das *Solas*.

Assim, os reformadores contemporâneos acreditam que se deve buscar um resgate teológico e prático do termo, conforme declara Augustus Nicodemus¹⁸: *O termo 'evangélico' precisa urgentemente ser redefinido* (2013, p. 1).

Encontramos um termo cuja definição é disputada por grupos denominacionais, em que cada um formula sua visão do que é o *Evangélico*. Tais formulações entram em conflito pela posse do termo, além de ser um termo que tenta ser definido por variados tipos de pesquisas, que tentam compreender o cenário evangélico hoje no Brasil, entretanto, resta-nos necessário compreender como foram feitas e quais as contribuições dessas pesquisas.

1.2. REPRESENTAÇÕES SOBRE OS EVANGÉLICOS EM DIFERENTES ESPAÇOS

Para identificar e analisar o termo *Evangélicos*, é preciso entender como ele tem sido utilizado nessas *novas reformulações* e como têm sido os conflitos dentro desse processo. Para isso, é necessária uma análise bibliográfica referente aos *Evangélicos* no Brasil. É também importante identificar quais tipos de formulações e qualificá-las quanto a sua posição e possível grau de importância nas pesquisas, sabendo que quem detém a produção de conhecimento sobre determinado assunto exerce forte poder e influência nas definições de termos, pois direciona e expõe um ponto de vista que possui mais chances de se tornar o dominante.

Assim, os espaços de representação religiosa, no qual a Academia e a Mídia desempenham papel fundamental, também se constituem como espaços de luta para definição do termo e sua compreensão. Dito de outro modo, a Academia e os meios de comunicação (novelas, revistas, minisséries, dentre outros) ocupam um papel importante na disputa do termo.

¹⁸ Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, Doutor em Teologia Exegética pelo Westminster Theological Seminary, professor e escritor. Atualmente é o vice-presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil e pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia. Tem se posicionado contra a teologia da prosperidade.

Tratando-se da produção bibliográfica e das pesquisas sobre o assunto, podemos perceber que ambas procuram criar um modelo de organização dos *Evangélicos* no Brasil, criando nomenclaturas e categorias. Quando se trata de falar desse assunto, a grande questão é que tipo de informação foi a base para explicar o conceito de *Evangélicos*, quais critérios e principais motivações para tal organização. Pois entende-se que nomear e categorizar são também formas de exercer poder dominante sobre aquilo que foi denominado.

Para compreender o caráter das pesquisas Religiosas no Brasil é preciso enumerar algumas considerações. É relevante compreender que algumas das primeiras pesquisas realizadas no Brasil sobre Religião envolvendo *Protestantes* estão relacionadas à Igreja Católica. Esta foi responsável por uma boa parte da publicação de livros com temas que tratam sobre os *Evangélicos*, através de suas editoras Paulus, Paulinas, Vozes, Loyola, EDUSC, Quadrante, Lumen Christi, Salesiana e a Editora Santuário, além dos grupos de pesquisa das suas Universidades Católicas espalhadas pelo país.

É importante ressaltar que como religião dominante, durante muito tempo (no Brasil), a Igreja Católica, ao publicar algum tipo de pesquisa sobre os *Evangélicos*, produziu assim conhecimento, e logo pode enquadrá-los em posição de *seitas*, ou seja, grupo adversário, grupo invasor. Os *Evangélicos* são colocados em uma posição bem complicada de análise e têm parte de sua história narrada pela voz do *adversário religioso* (no que diz respeito a competição pelo domínio do campo religioso no Brasil). Ao tratar da relação sobre o posicionamento da Igreja Católica em relação aos evangélicos, Freston afirma:

Na polêmica sobre as “seitas”, as explicações pelo crescimento sempre desmerecem o povo. Os adeptos são “vítimas”, ou dos métodos dos propagadores ou do dinheiro estrangeiro. O povo é incapaz de adaptar uma religião às suas próprias necessidades, precisando ser protegido pela madre igreja ou pelo Estado paternalista. Nessa visão, as “seitas” somente crescem graças a situações patológicas, ou no campo religioso (deficiências das pastorais católicas) ou no campo social (miséria anomia). Nunca são vistas como sinal de saúde no corpo social (1993, p. 14).

Não se pode ignorar que as relações religiosas no Brasil entre Católicos e *Evangélicos*, principalmente no início, quando os primeiros protestantes chegavam ao Brasil, sempre foram conturbadas, e que possivelmente parte desse conflito pode estar refletido na produção bibliográfica publicada pela Igreja Católica, o que poderia se tornar um alvo para futuras pesquisas que queiram entender o processo sobre a produção de conhecimento religioso no Brasil. Regina Reyes Novaes¹⁹ comenta:

¹⁹ Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela USP, pesquisadora na área de Estudos da Religião.

Sabemos que os primeiros interessados a buscar explicações sociológicas, para a existência de inúmeros pequenos templos que começavam a ganhar visibilidade pelo Brasil afora, foram estudiosos pertencentes a outras igrejas de tradição cristã. A Igreja Católica, já nos anos 50 e 60, em suas publicações, alertava para os perigos das “heresias modernas: o espiritismo, o pentecostalismo e a maçonaria”. Na década de 70, a Igreja Católica encomendou várias pesquisas sobre as razões da conversão de católicos ao pentecostalismo (NOVAES, 1998, p. 143).

Ao selecionar o tipo de pesquisa que quer publicar através de suas editoras, os especialistas religiosos da Igreja Católica fazem um recorte sobre o tema, como qualquer casa de publicação faria, buscando seus interesses sobre a exposição de determinados assuntos, que venham ajudar na compreensão do Campo Religioso no Brasil, conforme seu interesse. O fato é que o crescimento e avanço dos *Evangélicos* fizeram que com essas publicações fossem não só necessárias, como essenciais, num mercado editorial que clamava por respostas e pesquisas sobre esse crescimento e esclarecimentos sobre as principais características dos *Evangélicos*.

Dessa forma, surgem as publicações que geralmente se concentram nos grupos que cresceram muito nos últimos anos e alguns que estão em evidência na mídia, como os pentecostais e os neopentecostais. Contudo, é interessante destacar como estes livros publicados estão presentes nas referências bibliográficas de vários artigos e livros relacionados ao tema, pois, independente da ligação com a Igreja Católica, estes livros trazem importante contribuição para compreender os *Evangélicos* no Brasil.

Outra consideração pertinente diz respeito aos grupos de estudos sobre religião, provenientes de Universidades evangélicas ou Seminários Teológicos, principalmente aqueles ligados a igrejas tradicionais no Brasil. Novaes (1998) comenta que estudos sobre o pentecostalismo foram realizados por pastores, seminaristas e militantes leigos ligados às denominações dos protestantes tradicionais (ou históricos).

Também suas editoras propagavam livros com estudos sobre pentecostalismo, enquadrando-os em posição de seita, o que lembra Bourdieu, quando explica sobre a relação entre a religião dominante e as novas manifestações religiosas, em que a religião dominante, para conservar seu domínio, trata de interpretar os novos movimentos religiosos como ameaça a sua hegemonia, enquadrando-os em seu discurso como heresia, seita. Com essa tipologia, formata-se um discurso que sinaliza para seus adeptos o *caminho herege* (do qual devem manter distância.)

Ainda dentro dessa consideração, cabe a formulação do que os *Evangélicos* fazem sobre si mesmos, o que é *ser evangélico* para um evangélico?

Outrossim, é necessário ainda comentar a forma como os pesquisadores acadêmicos ou formadores de opinião procuram explicar os *Evangélicos*. Podemos dividi-los em três tipos:

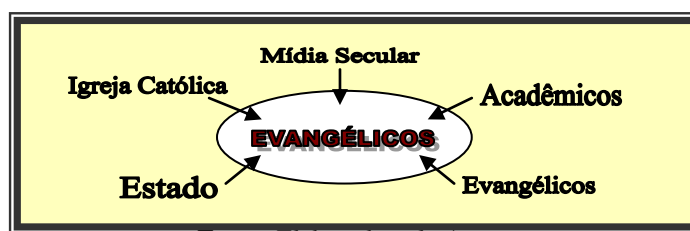
O primeiro tipo é a produção bibliográfica que provém de pesquisadores ligados diretamente ao Estado, ou seja, ao Governo Brasileiro, como as pesquisas do IBGE.

O segundo tipo são os pesquisadores acadêmicos que analisam os *Evangélicos* através de linhas de pesquisas sociológicas, antropológicas etc.

O terceiro tipo trata de formadores de opinião ligados à mídia, como, por exemplo, jornalistas (normalmente este tipo relaciona-se com o “como” os *Evangélicos* são retratados na mídia secular).

Cada formulação dessas pesquisas traz um perfil e carga simbólica próprios, revelando o que esses pesquisadores entendem por *Evangélicos*, esses perfis precisam ser identificados e analisados, para isso as três considerações estão envolvidas na formação do conceito *Evangélicos*.

Figura 02: As novas reformulações do termo *Evangélico*



Fonte: Elaborado pela Autora

Assim, compreendendo a importância dessas considerações, e suas contribuições, para identificar as formulações sobre quem são os *Evangélicos*, se analisar-se-ão as pesquisas a partir de quatro tipos. No primeiro tipo estão as pesquisas dos censos religiosos e sua produção de material direcionada pelo governo, no que diz respeito ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No segundo tipo inicia-se a produção de grupo de pesquisadores acadêmicos de Religião ligados a diversas áreas, que procuram entender o crescimento dos pentecostais no Brasil, na Primeira Fase. No terceiro tipo os estudos sobre religião aumentam, tendo como foco o neopentecostalismo e sua relação com os meios de comunicação, inaugurando a segunda fase de crescimento. No quarto tipo são os grupos de pesquisas que estudam o processo religioso brasileiro e sua relação com a mídia (Rádio, TV, Internet).

1.2.1. Pesquisas sobre os Evangélicos: A Contribuição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na formulação dos *Evangélicos*

A forma como o governo trata, coleta e organiza as informações sobre os *Evangélicos*, no Brasil, formata tipos e categorias que serão base para outras pesquisas, que utilizam os dados, como as pesquisas realizadas pelo IBGE, por exemplo. Essas categorias são geralmente aceitas com facilidade e expostas em vários trabalhos, direcionando resultados e moldando conceitos. Especificamente no caso do IBGE, nos resultados dos Censos, os critérios de avaliação acerca das divisões religiosas no Brasil variaram muito. Para compreender o cenário atual é importante entender como essas variações aconteceram e que tipos de influências sofreram.

Em 1872, o Censo Religioso foi realizado a partir de duas discriminações: *católicos* e *acatólicos*, para ampliar os códigos, e poder atender às declarações específicas em que se achavam os *acatólicos* (não católicos), o recenseamento de 1890 (**Anexo 1**) dividiu a população brasileira em cinco grupos: *Católicos* (subdivididos em Romanos e Ortodoxos), *Protestantes* (subdivididos em *Evangélicos*, Presbiterianos e outras Seitas), *Islamitas*, *Positivistas* e os que não tinham nenhum culto.

Aparece pela primeira vez o termo *Protestantes* na pesquisa, e na subdivisão de *Protestantes*, pela primeira vez a palavra *Evangélicos* surge como um tipo de categoria isolada. No Censo de 1900 (**Anexo 1**), o código *Evangélicos*, é retirado e a classificação para os grupos religiosos se distribui em quatro tipos: Cristãos (subdivididos em Católicos, Ortodoxos, Protestantes), Islamitas, Israelitas, de outras religiões, assim a classificação geral ficou *Cristã*.

Após 1900, o Censo Religioso²⁰ ficou estagnado cerca de 40 anos. Esteve ausente no censo realizado no Distrito Federal, em 1906, com a justificativa de que tal Censo Religioso entraria em contraste com o princípio da liberdade religiosa, instituído na Constituição da República.

Também esteve ausente nos questionários do recenseamento de 1920, com a justificativa de que tal levantamento religioso deveria ser realizado em outro tipo de pesquisa. Oliveira (2003) explica que o intuito desse corte era se moldar a formas de pesquisas dos EUA e da Europa:

²⁰ Os dados sobre o crescimento dos evangélicos, nesse período em que não houve o Censo Religioso podem ser encontrados nos Anuários Estatísticos do Brasil (AEB/IBGE), dividido por denominações dos anos 1907-1912, 1936 a 1939. Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=720>.

Coube, em grande medida, a esta burocracia, pelo prestígio e autonomia de que desfrutava, a introdução de três mudanças no perfil traçado pela população no censo. A primeira, afinando-se aos ideais republicanos e ratificando a separação entre Estado e Igreja, correspondeu à supressão do quesito religião. Sua justificativa apoiava-se “no caráter sintético” dos levantamentos censitários e seguia o modelo adotado pelo Bureau of the Census americano. Esta seria, aliás, uma das muitas citações presentes na documentação censitária, denotando a forte influência exercida por aquele órgão no campo das estatísticas brasileiras (p. 22).

O recenseamento de 1940 (**Anexo 1**) reiniciou o levantamento da população religiosa, apresentando as declarações em 12 grupos: Católicos Romanos, Protestantes, Ortodoxos, Israelitas, Maometanos, Budistas, Xintoístas, Espíritas, Positivistas, de outra religião, sem religião, de religião não declarada. Assim, o código Protestante foi usado em 1940, em 1950 (**Anexo 2**) e em 1960 (**Anexo 3**). Essa codificação recebeu críticas das denominações que se consideravam *Evangélicas*, e não se sentiam representadas na pesquisa como *Protestantes*.

No Censo de 1950 houve uma tentativa da Confederação Evangélica do Brasil de promover a criação do termo *Religião Evangélica* para todas as denominações cristãs não católicas, assim como o termo *Religião Católica* era aplicado às diversas Ordens Católicas, como: Franciscanos, Beneditinos etc. Contudo, esta definição não foi aceita pelo Censo. Para resolver a questão, o Censo enviou uma solicitação à confederação Evangélica do Brasil, pedindo uma descrição de quais denominações, ou tipos de cultos poderiam ser chamados de *Evangélicos*.

A resposta a este pedido foi: Igrejas Evangélicas - Batistas, Congregacionais, Cristã Reformada, Episcopais, Luteranos, Metodistas, Pentecostais, Presbiterianos, Anglicanos, Exército da Salvação²¹, Irmãos Unidos²², Igreja Valdense, excluindo dessa definição: os Adventistas, os Mórmons e as Testemunhas de Jeová²³. Esta resposta da confederação pode ser considerada um dos primeiros registros do Governo sobre o termo *Igrejas Evangélicas* sendo utilizado como categoria que englobava as denominações do termo (**Anexo 4**).

Em 1970 (**Anexo 5**), o Censo apresentou o código *Evangélicos* no lugar de *Protestantes*, e assim, pela primeira vez, o termo é usado para representar todas as

²¹ Trata-se de uma Igreja que surgiu no ano de 1865 na Inglaterra com William e Catherine Booth, em meio à Revolução Industrial. Logo no início, sua luta era para que os pobres também pudessem frequentar as igrejas e assistir aos cultos como os outros de classes sociais mais favorecidas. O Exército da Salvação chega ao Brasil em 1922, porém sua primeira instalação foi em 1928, um Lar para Marinheiros, na cidade de Santos. Fonte: <http://www.exercitodesalvacao.org.br>.

²² Segundo Genciano (2014), não muito tempo após os eventos que desencadearam o início do movimento que viria a ser chamado de *os Irmãos Unidos*, em Dublin, na Irlanda, no início de 1827, os Irmãos, ou antes, seus ideais e práticas, chegaram a terras brasileiras. Esta chegada dos Irmãos ao Brasil liga-se à história do famoso missionário Robert Reid Kalley e de seu cooperador Richard Holden e, por conseguinte, à Igreja Evangélica Fluminense. Fonte: http://www.academia.edu/9519267/Os_Irmãos_Unidos_no_Brasil.

²³ Nessa época essas denominações não queriam ser enquadradas dentro da terminologia evangélicas e sim com seus nomes denominacionais específicos. Também as denominações evangélicas que entravam nessa categoria não legitimavam a presença dessas, pois eram catalogadas como seitas.

denominações cristãs não católicas do Brasil. Em 1980 (**Anexo 6**), o quesito religião incorporava as seguintes respostas: Católica Romana; *Protestante Tradicional* (Adventista, Anglicana, Batista, Episcopal, Exército da Salvação, Metodista, Presbiteriana), *Protestante Pentecostal* (Assembleia de Deus, Brasil para Cristo, Congregação Cristã do Brasil, Cruzada Nacional de Evangelização), *Protestantes* passa a ser novamente uma classificação geral.

Em 1991 (**Anexo 7**), a divisão ficou: *Cristã tradicional* (subdividida em Católica Romana e outras) e *Cristã Reformada* (Subdividida em Evangélica Tradicional e Evangélica Pentecostal) e *Neo-Cristã*, a classificação geral ficou como *Cristã Reformada*. No censo de 2000 (**Anexo 8**), o censo volta a adotar o termo *Evangélicas*, no lugar de *Cristã Reformada*.

Em 2010 (**Anexo 9**), o censo apresenta as *Igrejas Evangélicas* em três categorias: a primeira, *Evangélicas de Missão* (Subdividida em Igreja Evangélica Luterana, Igreja Evangélica Presbiteriana, Igreja Evangélica Metodista, Igreja Evangélica Batista, Igreja Evangélica Congregacional, Igreja Evangélica Adventista, Outras Evangélicas de Missão).

A segunda: *Evangélicas de origem pentecostal* (subdividida em Igreja Assembleia de Deus, Igreja congregação Cristã do Brasil, Igreja o Brasil para Cristo, Igreja Evangelho quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Igreja renovada não determinada, Comunidade Evangélica, Outras igrejas Evangélicas de origem pentecostal). A terceira era a *Evangélica não determinada*.

Tabela 01: Nomenclatura do IBGE para os Evangélicos 1890-2010

DATA	CLASSIFICAÇÃO GERAL	SUBDIVISÃO (1)	SUBDIVISÃO (2)	SUBDIVISÃO (3)	SUBDIVISÃO (4)	TOTAL
1890	PROTESTANTES	EVANGÉLICOS 19.957	PRESBITERIANOS 1.317	OUTRAS SEITAS 122.469	-	143.743
1900	CRISTÃ	PROTESTANTES 177.727	-	-	-	177.727
1940	PROTESTANTES	1.074.857	-	-	-	1.074.857
1950	PROTESTANTES	1.741.430	-	-	-	1.741.430
1960	PROTESTANTES	2.824.775	-	-	-	2.824.775
1970	EVANGÉLICOS	4.814.728	-	-	-	4.814.728
1980	EVANGÉLICOS	7.885.846	-	-	-	7.885.846
1991	CRISTÃ REFORMADA	EVANGÉLICA TRADICIONAL 4.388.281	EVANGÉLICA PENTECOSTAL 8.179.706	-	-	13.189.284
2000	EVANGÉLICOS	EVANGÉLICA DE MISSÃO 6.939.765	EVANGÉLICA PENTECOSTAL 17.617.307	EVANGÉLICOS SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL 1.046.487	OUTROS EVANGÉLICOS 581.383	26.184.941
2010	EVANGÉLICOS	EVANGÉLICA DE MISSÃO 7.686.827	EVANGÉLICA PENTECOSTAL 25.370.484	EVANGÉLICA NÃO DETERMINADA 9.218.129	-	42.275.440

Fonte: IBGE

Nestes mais de cem anos de pesquisa do Censo Religioso, as reviravoltas e trocas de nomenclaturas proporcionaram uma confusão de terminologias e seus significados, refletindo-se em trabalhos que tomaram o Censo como referencial e utilizaram-no para definir o campo religioso no Brasil.

Desde o último Censo, em 2010, a influência do uso do termo *Evangélicos*, pelo IBGE, vem refletindo diretamente em pesquisas e trabalhos acadêmicos, pois a pesquisa do Censo sempre é citada para explicar o crescimento dos *Evangélicos* no Brasil, e suas subdivisões, demonstrando assim que os dados fornecidos pelo IBGE vão além de números. Com exceção do Censo de 1991, desde 1970 o termo *Evangélico* vem sendo aplicado como classificação geral, nomeando suas ramificações, assim baseadas nessas pesquisas, principalmente do Censo 2010. Do ponto de vista do Estado Brasileiro, todos cristãos não católicos, nem ortodoxos, são *Evangélicos*.

1.2.2 Pesquisas Acadêmicas

No Brasil, a área de Ciências Sociais teve uma grande contribuição no estudo sobre religião, principalmente vinda dos cursos de pós-graduação em Sociologia e seus grupos de pesquisas (outras áreas que contribuíram foram as de Ciências da Religião e de Comunicação Social). As pesquisas acadêmicas são muitas, sendo tarefa difícil colocá-las todas aqui, entretanto, dentre estas contribuições, algumas serão citadas para facilitar na compreensão de como os *Evangélicos* foram estudados e quais foram as definições que o termo levou.

Avaliando os temas das pesquisas, percebeu-se que poderiam ser distribuídas em três eixos temáticos, a nível de organização: 1- Pesquisas sobre os Evangélicos – Primeira Fase – Surgem os Pentecostais; 2- Pesquisas sobre os Evangélicos – Segunda Fase – O Desdobramento Neopentecostal e 3- Pesquisas sobre os Evangélicos – Terceira Fase – Os Evangélicos e a Mídia. Estes três eixos temáticos servem para exemplificar como o termo *Evangélicos* foi estudado na sua relação com a mídia.

Pesquisas sobre os Evangélicos – Primeira Fase – Surgem os Pentecostais

Em relação ao crescimento dos Evangélicos na sua primeira fase, com o surgimento dos *Pentecostais*, a primeira pesquisa aqui levantada vem do livro publicado em 1973, pela Editora Vozes, *Católicos, Protestantes e Espíritas*, do pesquisador Candido Procópio Ferreira de Camargo, um dos fundadores da Sociologia da Religião no Brasil:

Quando foi publicado em 1973, seu livro *Católicos, Protestantes e Espíritas*, dividiu as pesquisas em sociologia da religião no Brasil em duas fases. De certa maneira, parafraseando Engels, esse livro levou a pesquisa da fase “utópica” a uma nova, a “científica”. A partir de dados empíricos coletados por uma equipe de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), Camargo desenvolveu um quadro teórico sistemático dos estudos de religião no Brasil (SOUZA, 2004, p.8).

Souza segue explicando que este livro estabeleceu uma tipologia das diversas manifestações religiosas no Brasil, buscando compreender como as religiões se comportariam diante do processo de modernização, como a urbanização e a crescente industrialização, descrevendo que, como consequência da modernização, a Igreja Católica foi perdendo espaço enquanto os Protestantes e Espíritas cresciam, tratando esta relação sob um foco weberiano, o que, para Souza, foi um fator decisivo *para demarcar uma ruptura com perspectivas de análise marxistas, bem como legitimou, pelo uso de um método sociológico, os campos de estudos da religião e sociedade* (2004, p. 9). Essa delimitação de campos de estudo fez do termo *Protestante* uma categoria para classificar a junção das denominações cristãs não católicas.

Camargo compreende que o cenário religioso no Brasil constitui um conflito que é diretamente ligado à religião predominante, ou hegemônica, assim, a movimentação, ou o fluxo de mudança, do número de adeptos de uma religião para outra em ascensão, traz consigo questões que necessitam ser analisadas numa perspectiva social. Campos cita:

A investigação do fenômeno religioso no Brasil, principalmente do protestantismo, começou a se desenvolver com mais rapidez apenas no decorrer das décadas de 1960 e 1970. Mas, naquela época, a investigação do fenômeno religioso pelas ciências sociais ainda era, no Brasil e na América Latina, mais do que uma tarefa pioneira, um tema esperando pesquisadores. Esse é mais um motivo para se ressaltar o pioneirismo de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, que deve se lembrado, assim como o de pesquisadores europeus, entre eles: Émile g. Léornad, Roger Bastide ou Emílio Willem (2004, p. 110).

Assim, de forma pioneira, para analisar os Protestantes, Camargo desenvolveu uma tipologia: *protestantismo de imigração*, ligado aos estrangeiros e descendentes, e *protestantismo de conversão*, ligado a brasileiros oriundos de pequenos comércios que estavam surgindo, de trabalhadores urbanos e de uma parte da aristocracia rural que estava em decadência, entendendo que a mudança de religião, nesse caso, estava ligada a uma mudança de classe social (1973, p. 105).

Em relação ao *protestante pentecostal*, Camargo descreve que *o movimento pentecostal atingiu em especial as classes mais pobres, nelas ocasionando forma de reorientação da*

conduta de natureza sacral, e não contestatória do status quo. (1973, p. 147). Entende-se que o pentecostalismo atendeu uma demanda populacional urbana carente, exerceu uma função de organização desses setores sociais, levando-os à *integração social*, e promoveu *cuidados terapêuticos*, em resposta à lacuna deixada pelo Estado na manutenção dessas classes menos favorecidas.

Acredita-se que a partir desse livro algumas pesquisas em Sociologia da Religião começam a analisar socialmente os pentecostais e enquadrá-los em formulações padrão, em que *ser pobre e carente* seria requisito para *ser pentecostal*, enquanto que *ser de classe média* o transformaria num tipo de *protestante evangélico* diferenciado, já que não seria o estrangeiro, nem o pobre, mas se encontraria na coluna no meio.

A principal base para estas análises eram os censos populacionais do Brasil, e suas subdivisões em classes, que demonstravam que o aumento dos *protestantes pentecostais* se tornava evidente entre as classes mais pobres. Pode-se dizer daí que o termo *evangélico* começou a ganhar um *valor simbólico* de diferenciação de classe social, e não estaria mais ligado somente a suas referências iniciais na Reforma Protestante, nem especificamente ao protestantismo de imigração.

Assim, além de o cenário religioso constituir uma justaposição, ou uma configuração social que diferenciava a religião Católica, Protestante e Espírita, umas das outras, cada campo religioso teria suas subdivisões e configurações internas específicas.

Em 1990 segue a publicação da Editora Loyola, do livro de Antônio Gouveia Mendonça²⁴ e Prócoro Velasques Filho²⁵, outra pesquisa que veio marcar a tipologia protestante no Brasil. Mendonça divide os evangélicos em quatro categorias: Protestantes de Imigração, Protestantes de Missão, Pentecostalismo e Cura Divina²⁶.

Velasques propõe a subdivisão da área pentecostal, denominando-a *Religiões do Espírito*²⁷: 1-Pentecostalismo Clássico; 2-Carismático protestante ou neopentecostalismo; 3-Renovação carismática católica; 4- Agências de Cura Divina (p. 249). Sobre o termo *Evangélicos*, Mendonça explica:

²⁴ Mendonça era cristão presbiteriano e foi professor da Universidade Metodista e da Universidade Mackenzie, além da editora Loyola também publicou pela editora Paulinas o livro *O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*.

²⁵ Foi professor e teólogo metodista, coordenador do Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, falecido em 1991, um ano após publicação do próprio livro.

²⁶ Em 1991, Bittencourt publica, pela CEDI, uma tipologia que classifica como pentecostalismo Autônomo (PA) o que Mendonça e Velasques consideram agências de Cura Divina.

²⁷ As categorias de subdivisão apresentadas por Velasques trazem para a literatura brasileira termos utilizados em pesquisas nos Estados Unidos, como, por exemplo, o Pentecostalismo Clássico (1910) e o neopentecostalismo (1960). Essas subdivisões apresentam a realidade americana, contudo, serão usadas futuramente por pesquisadores para subdividir o pentecostalismo brasileiro.

Atualmente, a designação de “protestantes” aplicada aos cristãos não-católicos no Brasil, por ter sentido histórico e técnico mais acentuado, vem sendo usada preferencialmente por historiadores e sociólogos, talvez pela necessidade de um conceito de relativa neutralidade. No entanto, historiadores denominacionais comprometidos diretamente com as Igrejas continuam fiéis à auto-identificação evangélica. A antiga auto-identificação de “crente” está ficando cada vez mais relegada às áreas pentecostais. De fato, os protestantes tradicionais já apresentam, principalmente nas áreas urbana, acentuado preconceito contra a designação de “crentes”; para estes, “crentes” são os pentecostais, categoria “inferior” de evangélicos, fanáticos e ignorantes de modo esquemático, quanto a identificação atual dos cristãos não-católicos no Brasil, a situação é esta: o termo “crentes identifica” pentecostais e protestantes tradicionais em regiões rurais; a designação “evangélicos” auto-identifica protestantes tradicionais de regiões urbanas e é o preferido dos “historiadores” dessas denominações; o termo “protestante” é utilizado por historiadores, teólogos e sociólogos não necessariamente alinhados com esse grupo (2002, p. 16).

Esse comentário de Mendonça exemplifica como a definição do termo *Evangélicos* constitui um campo de força. A diferenciação entre *evangélicos* e *crentes*, baseada na localização geográfica e posição social de seus membros, vem demonstrar que o termo evangélico se direciona para uma classe considerada “superior”, quando se identifica com os grupos tradicionais urbanizados, enquanto que o termo “crente²⁸” segue para representar uma classe “inferior” de evangélicos, ligados principalmente ao pentecostalismo, já o termo *protestante* possui caráter mais histórico, mas Mendonça segue explicando que usará na sua pesquisa os termos *protestantes* e *evangélicos* como sinônimos.

Segundo Donald Price, a maior discussão deste livro está na *crítica ideológica* que Mendonça e Velasques levantam em relação ao fenômeno protestante no Brasil, no capítulo *Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo e missão no Brasil*. Mendonça descreve que os protestantes de missão (presbiterianos, batistas, congregacionais, metodistas) possuem uma pregação individualista ascética, conversionista e apocalíptica, o que teve repercussão entre os trabalhadores rurais pobres. Price define bem a crítica levantada nesse livro:

Para os autores, tanto as igrejas de origem missionária (camadas tradicionais, com exceção da luterana) quanto as pentecostais, todas denominadas “evangelicais” por eles, receberam um protestantismo influenciado pelos reavivamentos ocorridos nos Estados Unidos no último século, com ênfase na experiência de conversão, sendo que os pentecostais são os verdadeiros herdeiros dos movimentos avivamentistas. Esses “evangelicais”, que preferem ser denominados “evangélicos”, seriam “racistas confessionais”. Ou seja, fundamentalistas. Sua fé é por demais racionalista, maniqueísta, a-histórica e alienadora do social. Suas comunidades são conventículos que transformam seus fiéis em “monges seculares”. Ou seja, protestantes não têm influência sobre a sociedade brasileira, em primeiro lugar por sua infidelidade à fé cristã, se é que podem ser chamados “cristãos” (p.131), e, em segundo lugar, porque não dão a mínima atenção para a sociedade. “A mentalidade protestante é isolacionista e anticultural, antipolítica e passiva sob ponto de vista religioso. Daí sua ausência na cultura” (p 143) (PRICE, 1997, p. 2).

²⁸ O termo “crente” surge, segundo Mendonça, como uma autodefinição dos pentecostais, contudo, não se sabe quando exatamente surgiu, pois foi uma palavra que com o tempo ganhou força popular.

Mendonça, ao utilizar o termo *evangélicos*, carrega no seu discurso uma carga simbólica que pode ser identificada – partindo dessa “definição” – como o que seriam os *evangélicos*. Tal carga é inserida no termo, assim ganhando uma conotação que tende mais a tendências pejorativas, pois percebe-se que quando o termo é atribuído tanto a protestantes tradicionais quanto a pentecostais, ele carrega a carga simbólica de uma definição do inglês, *Evangelicals*²⁹, trazendo para a palavra a carga ideológica da teologia permeada de fundamentalismo dos Estados Unidos, aplicando como se os *Evangélicos* no Brasil fossem uma continuidade dos *Evangelicals fundamentalistas* dos EUA.

Mendonça também carrega o termo com um teor muito pejorativo, com palavras como *racistas confessionais* e *fé alienadora*. Segundo Mendonça *Racistas confessionais* refere-se às denominações que usam os princípios sobre racismo ligado diretamente aos ensinamentos religiosos, não os diferenciando, causando segregação de denominações tão quanto o racismo causaria segregação de raças. Isto faz com que o termo fique relacionado a conceitos pesados ligados ao racismo.

Percebe-se que é nesse momento que o termo passa de definidor para de uma classe “superior”, para um termo generalizador, que para conseguir enquadrar na sua carga simbólica, a ideologia pentecostal, ou avivalista, ganha um rebaixamento, servindo para identificar todos os protestantes.

Assim, não é de surpreender que esse discurso tenha se repetido em outras pesquisas, pois é nessa fase inicial que as tipologias são definidas e que a carga ideológica se forma, influenciando o termo *Evangélico*. Essas definições fazem com que as denominações entrem em conflito pelo termo, em três polos:

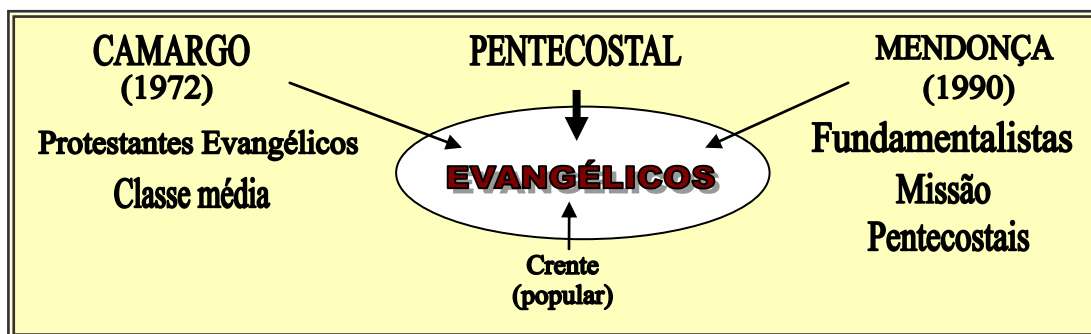
Em primeiro, os *evangélicos tradicionais*, considerados evangélicos “superiores”, não querem seu nome associado a uma classe “inferior” ou a um movimento teológico pentecostal (diferenciado do movimento reformado).

Em segundo, alguns pentecostais ascéticos chamados de “crentes” não querem seu nome associado ao termo *evangélico* por entenderem que seja uma palavra com carga ideológica secularizada que não atende aos padrões religiosos de suas denominações, pois este termo serviria para identificar uma classe de crentes liberais (liberais no sentido de envolvimento com o meio secular, sem posicionamento ascético), por exemplo, a Igreja Deus é Amor, do Pr. David Miranda, que rompeu com sua igreja de origem por achá-la mais evangélica (liberal) do que deveria.

²⁹ Termo ligado ao *evangelicalismo* nos Estados Unidos.

Em terceiro, esta a opinião de algumas Igrejas de que o termo serviria tranquilamente para identificar a massa de cristãos não católicos na sociedade brasileira, independente de sua carga simbólica.

Figura 03: Formulações de Camargo e Mendonça sobre Evangélicos



Fonte: Elaborado pela Autora

A palavra “pentecostal” influenciou diretamente o termo Evangélicos, trazendo sua carga simbólica. Concluindo essa fase, entende-se que *ser evangélico*, na década de 80-90, não teria a mesma carga simbólica de ser *evangélico* em 1910 (o que seria uma referência propriamente ligada às igrejas reformadas).

Será que haveria a mesma carga simbólica do que é ser *evangélico* em 2000 ou 2005 ou 2014? Para responder essa pergunta será necessário conhecer o rumo que as pesquisas acadêmicas tomaram.

Segunda Fase – O Desdobramento Neopentecostal

O segundo tipo de pesquisas diz respeito às tentativas de entender a segunda explosão de crescimento dos evangélicos no Brasil. Em meados da década de 70, percebeu-se que os pentecostais estavam vivendo outra fase de expansão, e logo uma análise aprofundada desse crescimento fez entender que esses *novos pentecostais* possuíam diferenciações, diferenças que acarretariam em subdivisões na tipologia pentecostal (que passaria por modificações) e redirecionamento das pesquisas, em que temas como política, marketing religioso, mercado religioso, empreendimento religioso, tornaram-se o foco. Um material muito extenso se originou dessa fase e aqui se apresentará uma parte dessas pesquisas e suas contribuições.

Em 1993, Paul Charles Freston utiliza o termo *Evangélicos* e *Protestantes* como sinônimos. Ele desenvolveu uma importante pesquisa sobre política, relacionando o

protestantismo e o pentecostalismo no Brasil. Para tal intento, ele criou uma tipologia que dividia o pentecostalismo em três *ondas*³⁰:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de *três ondas* de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, até com a chegada da Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem, a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente *carioca* (FRESTON, 1993, p. 66).

Com uma pesquisa detalhada sobre os *Evangélicos* e suas Igrejas, Freston indica a necessidade de apresentar uma descrição do campo religioso brasileiro para poder compreender o processo de seu envolvimento na política, entendendo que a *atualização inovadora da inserção social* estava ligada à relação das igrejas da *terceira onda* com a mídia. Ele também dedicou uma parte de seu trabalho àquilo que ele denominou *Mídia Evangélica*³¹. Freston mapeia as atuações dos *agentes religiosos* envolvidos na política no Brasil, delineando a *disputa* desses agentes pela *representatividade evangélica em questões políticas*, explicando a formação da *Bancada Evangélica*³² e suas formas de atuação.

Em 1997, temos a pesquisa desenvolvida por Leonildo Silveira Campos³³, no livro *Teatro, Templo e Mercado na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)*. Trata-se da relação a partir de uma análise de *Mercado Religioso*:

Quando terminei as pesquisas que resultaram no livro Teatro, templo e mercado (1996), até onde eu sei somente duas dissertações de mestrado tinham sido apresentadas sobre a IURD: a de Christina de Rezende Rubim, “A teologia da opressão” (Unicamp, 1991) e a dissertação de Ricardo Mariano, “Neopentecostais: o pentecostalismo está mudando”, (USP, 1995). A minha tese de doutorado foi a

³⁰ Segundo Ricardo Mariano (1999), usar a palavra *ondas* para explicar variações de movimentos religiosos é uma característica dos pesquisadores americanos.

³¹ As considerações de Freston sobre *Mídia Evangélica* serão comentadas à frente.

³² Grupo de Políticos eleitos que exercem mandato e procuram se organizar em torno de interesses em comum a sua religião

³³ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião. Tem experiência na área de Sociologia e Antropologia da Religião, Sociologia das Organizações, Comunicação Social (mídia e religião), com ênfase nos seguintes temas: pentecostalismo, protestantismo, mídia e religião, neopentecostalismo, religião e política, e organizações não lucrativas.

primeira a respeito da IURD. Hoje, entre dissertações e teses, temos cerca de 100 trabalhos acadêmicos, dezenas de livros e centenas de artigos. Mesmo assim, a IURD continua despertando interesse dos pesquisadores situados ou não na academia (IHU, 2010, p. 01).

A IURD tornou-se o grande foco das atenções nas pesquisas. Para entender o que acontecia no cenário religioso se estabeleceu a compreensão de que esse fenômeno se baseava num tipo de *relação mercadológica e empreendedora* com os *bens simbólicos*, cujas circunstâncias e regras eram direcionadas pelos *novos líderes religiosos*, tendo como exemplo *referencial* a atuação do Bispo Edir Macedo, conforme Campos (2010) comenta:

Tenho trabalhado com a hipótese de que Edir Macedo é um gênio empreendedor. Há especialistas nos estudos organizacionais, como Thomas Wood Jr., professor na Fundação Getúlio Vargas, que, em diálogo conosco, e que aparece em um de seus livros, chamou o Bispo Edir Macedo de “fundador de uma escola macediana de gestão”. Ele conseguiu, ao optar por um caixa único, em que os recursos estão à disposição de uma autoridade única, em um sistema episcopal e vertical de poder. Dessa maneira, Macedo criou um corpo administrativo capilar, uma rede de subordinados, que reúne bispos, pastores, obreiros e obreiras, que, a partir de templos espalhados por todo o Brasil e em dezenas de países, fazem fluir as contribuições em dinheiro diretamente para um único controle. Com isso, Macedo consegue o que nem a Rede Globo de Televisão consegue, que é investir recursos em seus empreendimentos que não custam um centavo sequer de juros, pois, não há financiamento. Os recursos do templo (arrecadados sem impostos) fluem para os demais empreendimentos, especialmente, os investimentos na área de comunicação social. Somente um dos empreendimentos, cujas ações estão em nome de Macedo e de sua mulher, a Rede Record de Televisão, é avaliada em três bilhões de reais (CAMPOS, 2010, p. 01).

O estudo desse tipo de *relação mercado x religião* e sua grande disseminação trouxe consequências, atribuindo ao termo *evangélicos* uma carga ideológica (em alguns casos chegando a modificar a tipologia), pois, no *senso comum*, *Evangélicos* passa a ser quase um sinônimo de neopentecostal. Uma denominação (IURD) que teve grande projeção midiática, em sua maioria pejorativa, acaba indiretamente representando todos os Evangélicos.

Como exemplo há o termo *pastores ladrões, manipuladores*, aplicados a Edir Macedo, que acaba afetando os *especialistas religiosos* de outras denominações, numa configuração do senso comum (alimentada por uma exposição midiática pejorativa) de que todo *pastor seria ladrão*. Isso estabelece uma reconfiguração do termo *Evangélicos*, enfim, ser *evangélico* antes da IURD era uma coisa, mas, depois da IURD, tornou-se outra.

Em 1998, pesquisadores ligados diretamente a Camargo deram continuidade a sua pesquisa e como resultado publicaram o livro *Sociologia da Religião no Brasil: Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa*, organizado por Beatriz Muniz de

Souza³⁴. Este livro buscou desenvolver formas e alguns conceitos para uma pesquisa na área religiosa no que se refere ao *pentecostalismo*. O aumento rápido e constante de igrejas pentecostais e várias outras que estavam sem uma classificação tornou-se o assunto em pauta, agora com a necessidade de desenvolver ferramentas que atuassem em três áreas.

Primeira área, a metodologia. Segunda área, as classificações e terceira área, as técnicas de pesquisa. Busca-se desenvolver uma instrumentação que possa ajudar na compreensão do fenômeno pentecostal do Brasil. Assim, a criação de termos seria novamente necessária. Em outro livro, José Bittencourt Filho (1998) fez um resumo e elaborou um quadro com a tipologia dos evangélicos, demonstrando as principais definições e subdivisões até então apresentadas por sua pesquisa, que buscou identificar e enquadrar os evangélicos conforme suas características em comum. Criou-se uma divisão em cinco partes, conforme a **Tabela 02**.

Tabela 02: Nomenclatura de Bittencourt (1998) sobre Evangélicos

Protestantismo de Missão	Protestantismo de Migração	Pentecostalismo Clássico	Pentecostalismo Autônomo	Neodenominacionalismo	Seitas
<ul style="list-style-type: none"> • Congregacionais • Presbiterianos • Metodistas • Batistas • Episcopais • Luteranos (Sínodo de Missouri) 	<ul style="list-style-type: none"> • Ig. Anglicana • Ig. Luterana • Ig. Reformada 	<ul style="list-style-type: none"> • Ass. de Deus • Ig. Pentecostal • Ig. de Deus • Congregação Cristã • Ig. do Evang. Quadrangular 	<ul style="list-style-type: none"> • Brasil para Cristo • Deus é Amor • Casa da Bênção • Nova Vida • Ig. Universal do Reino de Deus • Ig. Cristo Vive 	<ul style="list-style-type: none"> • Batista de renovação • Ig. Metodista Wesleyana • Ig. Cristã Presbiteriana • Comunidade Evangélica • Ig. Renascer • Comunidades Autônomas 	<ul style="list-style-type: none"> • Testemunhas de Jeová • Mórmons • Adventistas

Fonte: Bittencourt (1998)

Entendendo que um *novo tipo* de pentecostalismo estava surgindo, Bittencourt enquadra parte das novas igrejas na categoria PA (Pentecostalismo Autônomo). Mendonça (2002) classificou esse *novo tipo* como *Cura Divina*, devido às manifestações e campanhas de cura divina, contudo, Bittencourt analisa a constituição de seus agentes religiosos e percebe que eles têm autonomia, ou seja, a atuação dos agentes é desvinculada de um aparato

³⁴ Pós-doutorado pela PUC-SP, professora titular da PUC-SP, Consultor "ad hoc" do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Assessor Científico da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento. Atua principalmente nos seguintes temas: Sociologia da Religião, Tipologia seita-igreja.

tradicional ligado às Igrejas mais antigas. São *novas igrejas* que não são ligadas a denominações históricas.

Em 1999, no seu livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* (publicado pela Loyola), Ricardo Mariano³⁵ relaciona as *três ondas* de Freston com a tipologia: Primeira onda: Pentecostais Clássicos; Segunda Onda: Deuteropentecostais e Terceira Onda: os Neopentecostais. Mariano segue construindo as principais características teológicas do Neopentecostalismo: a ênfase na “Guerra contra o Diabo”, uma prática de fé posicionada na *Teologia da Prosperidade* e uma prática de vida *com mais liberdade* em relação aos usos e costumes, antes ascéticos, dos pentecostais.

Percebeu-se que o termo *Neopentecostal* ganhou força, e partir de então vários estudos e pesquisas procuraram explicar o fenômeno religioso dos neopentecostais, instalando um tipo de pesquisa que relacionou as estratégias de crescimento e desenvolvimento dos neopentecostais e sua relação com a mídia. O estudo do desdobramento *neopentecostal* se tornou o foco das atenções de pesquisadores.

Em 2001, Clara Mafra³⁶ lançou o livro *Evangélicos* e seguiu numa linha antropológica. Mafra utiliza este título entendendo que por sua neutralidade pode abranger, no nível de pesquisa acadêmica, de uma forma geral, a união dos diversos grupos cristãos protestantes no Brasil:

Bíblia, crente, acatólico, seita, bode, protestante, histórico, missionário, povo avivado, pentecostal, neopentecostal, missa-seca, pentecostal autônomo, renovado, escolhido de Deus, evangélico progressista... Boa parte da literatura sobre os “evangélicos” no Brasil se detém sobre a questão que a lista anterior levanta; como classificar a diversidade dos seguidores de uma religiosidade cuja origem remonta à reforma... Mas se os critérios de classificação são muitos e ensejam uma disputa nominativa interminável, podemos nos apegar à história, onde, ao menos nos últimos anos, dada a visibilidade pública que esse segmento religiosos ganhou na opinião pública, se forjou certo consenso referenciando o termo “Evangélico” como categoria abrangente (2001, p. 7).

Mafra explica que o termo acabou ganhando uma dimensão abrangente devido a sua visibilidade, devido ao seu uso na opinião pública, por isso fugindo das intermináveis

³⁵ Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia da USP. Realiza pesquisas na área de sociologia da religião, focando especialmente o movimento pentecostal no Brasil. Entre outras temáticas, pesquisou a corrente neopentecostal, o crescimento pentecostal no país, a reação dos evangélicos ao Novo Código Civil, a demonização pentecostal dos cultos afro-brasileiros, a Teologia da Prosperidade, a atuação política dos evangélicos, a participação de católicos e evangélicos nas eleições presidenciais de 2010, a concordata católica, a Lei Geral das Religiões, as teorias sociológicas da secularização e da laicidade do Estado.

³⁶ Pós-doutorado pela Universidade de Aberdeen (2003) e pela Universidade da Califórnia, San Diego (2010). Atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, e trabalha principalmente com religiões e cidades, antropologia do cristianismo e teoria antropológica.

classificações e tipologias. Ao encarar os *Evangélicos* na sua pesquisa de forma universal e ciente da complexidade e variedade das igrejas e denominações, ela traçou um breve quadro histórico, chamado de Genealogias das Igrejas Evangélicas no Brasil.

Também trata de sua principal estratégia de publicidade *Os Milagres*. Para subdividir os *Evangélicos*, Mafra tenta explicá-los em suas diferenciações através de eixos temáticos, como: administrando a herança dos grandes nomes (Igrejas Históricas, Igrejas Históricas Renovadas); Chegando junto (Igreja Batista); A cura na santidade (Igrejas Assembleias de Deus); A batalha espiritual (IURD).

Outra contribuição que Mafra traz é o estudo sobre a relação dos líderes com os movimentos sociais brasileiros, no caso, a Campanha contra a Fome em 1993, que contou com a participação de Caio Fábio. Ela explica que nessa época Caio Fábio se levantou como interlocutor dos *Evangélicos* no Brasil, contudo, representava efetivamente apenas os históricos e os históricos renovados, devido ao seu discurso de oposição à *teologia da prosperidade*, criando uma polaridade com a IURD, a partir de situações como a que se percebe na *disputa* dos agentes religiosos pela *representatividade evangélica em questões sociais* no Brasil.

Em 2004, a Editora Paulus publica o livro *Sociologia da Religião e Mudança social: católicos protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*, livro organizado por Beatriz Muniz de Souza. Este livro reúne artigos de pesquisadores que a partir do livro lançado em 1973 por Camargo, procura identificar as principais mudanças sociais que o cenário religioso sofreu nos últimos 30 anos (1973-2004), reunindo conceitos sobre as estratégias do crescimento protestante na sociedade e sobre a estrutura da dinâmica de seus novos movimentos religiosos. Este título investigativo, ressaltado por *estratégias de crescimento*, já traça um perfil de identidade dos *Evangélicos* como um empreendimento, um negócio. Neste livro, em relação ao termo *Evangélico*, Mendonça (2004) comenta:

Como o termo “evangélicos” é mais corrente, ele poderia ocupar o lugar de protestantes. As categorizações no interior do campo comporiam um gradiente que levaria em conta, por exemplo, alguns dos modelos apresentados neste trabalho que são meras propostas a título de contribuição para o estudo da religião no Brasil.

Percebe-se que passados esses 30 anos (1973-2004), o termo evangélico ganhou força integradora. Outro ponto deste livro é o enfoque sociológico que traça 30 anos de pesquisa no Brasil. Inicialmente entende-se que foi de dentro dos estudos da área de ciências sociais que o tema *religião e mídia* começou a ser explorado e as pesquisas realizadas por estes autores

podem ser uma base para outros pesquisadores, para aqueles que procuram entender o processo dos *Evangélicos* no Brasil.

Outra área que trouxe contribuições foi a de Ciências da Religião. Júlio de Santa Ana (1998) descreve que as pesquisas em ciências da religião seguem três focos: a escola francesa, de caráter interdisciplinar, ligada a áreas de ciências humanas, de onde vem o termo *Ciências na Religião*; a escola que se desenvolveu na Inglaterra e EUA que trata essas áreas como *estudos religiosos*, buscando integrar estudos antropológicos, teológicos, históricos, sociológicos, e psicológicos e a escola alemã, que, segundo Santa Ana, *demonstra uma grande diversidade e pouca integração*, pois mesmo com muita tradição, é limitada por autoridades religiosas.

No Brasil, a escola francesa se destaca nas pesquisas, constituída de três vertentes: linha sociológica (Durkheim), antropológica (Roger Bastide) e psicossocial (Daniele Hervieu-Leger), além dos trabalhos de pesquisa realizados pelas instituições religiosas. Santa Ana explica que esta influência francesa é devida ao fato de professores franceses contribuírem para o desenvolvimento desse tipo de pesquisa no Brasil, como Bastide, Levi-Strauss e Léonnard.

Alguns grupos de pesquisa de Ciências da Religião espalhados pelo país, ligados a universidades, trazem sua contribuição para o estudo dos Evangélicos no Brasil, como, por exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), que teve início em 1978, com o Mestrado, e Doutorado em 2002.

Encontramos na área de concentração *religião e sociedade* a linha de pesquisa *religião e transformações sociais*, uma parte que estuda o avanço do pentecostalismo e as relações com o campo religioso mais amplo. Durante seus trinta e seis anos de existência, este programa produziu doze trabalhos de conclusão, onze sobre pentecostalismo e um sobre neopentecostalismo (teses registradas até o ano de 2013).

Uma das grandes contribuições do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, para os estudos religiosos no Brasil, cabe à *Rever* (Revista de Estudos de Religião), através de suas publicações de artigos, que abriu espaço para pesquisadores de vários grupos exporem seus principais trabalhos. Como exemplos, a edição de setembro de 2008, com o tema *Mídia e Religião*, e a edição de 2012, onde o tema tratado foi *Marketing Religioso*.

Podemos listar aqui também as contribuições dos institutos de pesquisa, como o Centro de Política Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), que em 2005 publicou a

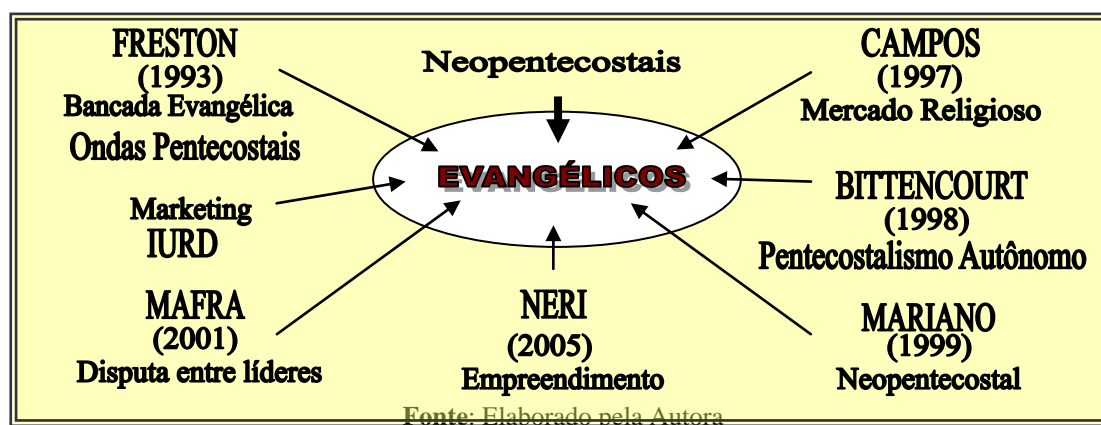
pesquisa *Retratos das Religiões no Brasil*, em 2007, *Economia das religiões no Brasil* e em 2011, *O Novo Mapa das Religiões*. Baseadas nos censos do IBGE, estas pesquisas procuram interpretar socialmente as mudanças ocorridas no espaço religioso no Brasil.

São pesquisas coordenadas por Marcelo Cortes Neri³⁷, que obtiveram repercussão na mídia. Neri busca, numa interpretação da teoria de Weber para a realidade brasileira, uma forma de compreender o espaço religioso e sua relação com a economia, associando assim a *ética protestante* com o que ele chama de *ética pentecostal*:

Uma diferença importante entre a referência européia da ligação entre reforma protestante, revolução industrial e desenvolvimento capitalista de Weber e aquelas aqui estudadas é o aumento relativo do número de evangélicos pentecostais e dos sem religião. Procuramos estudar a relação entre o crescimento destes ramos religiosos e aspectos econômicos através do que denominamos de *ética pentecostal*. O paralelo é que, enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, segundo a abordagem a ser testada, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria uma marca dos ramos religiosos emergentes hoje no Brasil - e na América Latina. O contexto de estagnação econômica das chamadas décadas perdidas de 80 e 90 do século passado teria propiciado, tanto por elementos de demanda como de oferta, a busca de novas modalidades de inserção produtiva (NERI, 2007, p. 06).

Essa leitura de Neri faz do crescimento dos evangélicos um empreendimento que deu certo, ou seja, a necessidade de *inserção produtiva* fez com que pessoas procurassem uma forma de sustento, recorrendo ao mercado religioso, logo, foi ao encontro da demanda social por bens religiosos.

Figura 04: Formulações dos neopentecostais Evangélicos



³⁷ PhD em Economia pela Universidade de Princeton, mestre e bacharel em economia pela PUC-Rio. Ministra aulas no doutorado, mestrado e graduação da EPGE da Fundação Getúlio Vargas. Fundador do Centro de Políticas Sociais (CPS/FGV) onde atuou por 12 anos. Ministro Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE) desde março de 2013. Foi Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de setembro de 2012 até maio de 2014.

Nessa fase, o termo *neopentecostal* é adicionado ao que se entende por *Evangélicos* no Brasil, e mais uma vez a palavra recebe sua carga simbólica, vindo a somar com outras definições que surgiram para entender o neopentecostalismo, como Mercado religioso, Marketing religioso.

O termo passa a ganhar uma grande carga política, ao passo que as igrejas neopentecostais adentram no meio político e ganham visibilidade através de seus agentes religiosos. Se antes os *evangélicos* não se envolviam politicamente, nessa fase, esta imagem acabou.

Terceira Fase – Os Evangélicos e a Mídia

Um terceiro foco pode ser identificado ao analisar as pesquisas sobre os Evangélicos, e diz respeito à tentativa de compreensão da relação direta dos evangélicos com a mídia no Brasil. Em 1986, preocupada com o avanço dos *evangélicos* na primeira fase de crescimento, a Igreja Católica encomendou uma pesquisa a Hugo Assmann³⁸, que traz uma contribuição importante para esta área, explicando o crescimento dos pentecostais e sua relação com a Mídia (rádio e TV) a partir do conceito de *Igreja Eletrônica*.

Em 2002, em seu artigo intitulado *O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura “gospel”*, Magali do Nascimento Cunha³⁹ analisa a pesquisa de Assmann e comenta:

A investigação sobre a intensa presença de grupos religiosos nos meios de comunicação social, em especial no contexto da ascensão dos televangelistas norte-americanos nos de 1970 e 1980, determinou a busca de conceitos e terminologias que sintetizassem o fenômeno em curso. Não foram muitos os trabalhos publicados sobre o tema no Brasil. O mais importante deles foi a pesquisa do teólogo e cientista social Hugo Assmann, solicitada nos anos de 1980 pela World Association for Christian Communication (WACC) e publicada pela Editora Vozes: *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. A pesquisa tornou-se o principal e único registro em português sobre o processo nos Estados Unidos e na América Latina, abordando o fenômeno tanto nas igrejas evangélicas quanto na Igreja Católica Romana (CUNHA, 2002, p. 2).

³⁸ Graduado em Filosofia no Seminário Central de São Leopoldo e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Também estudou Sociologia na Universidade de Frankfurt, Alemanha. Ordenado padre, doutorou-se em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma.

³⁹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004), Atualmente é professora da Universidade Metodista de São Paulo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação nas Mídias e Mediações Culturais CoMMuniCult e coordenadora da Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial ECLESIOCOM (ligada à Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento). Tem experiência nas áreas de Comunicação e Cultura, Comunicação e Imaginário e Comunicação e Religião, com ênfase nos seguintes temas: comunicação, cultura, religião, evangélicos, análise do discurso, mídia.

Em 1993, Freston já discordava do uso *Igreja Eletrônica*, acreditando que o contexto brasileiro era muito diferente dos EUA, nomeando-o de *Mídia Evangélica*, enumerando suas principais características.

Primeiro, em relação as condições que favoreceram seu desenvolvimento:

- 1- O acesso à televisão;
- 2- Uma produção brasileira (nacional e não televangelistas internacionais);
- 3- A forma de organização dos meios de comunicação no Brasil, que permitiu a transmissão por meio de “brechas” nas políticas públicas que proporcionaram uma programação aberta ao mercado;
- 4- O desenvolvimento de mercado evangélico;
- 5- A abertura cultural religiosa.

Segundo, seus objetivos:

- 1- Meio de proselitismo, através da evangelização;
- 2- Meio de projeção política (poder para a posse dos meios de comunicação).

Já diferente de Freston, Cunha (2002) explica que *Igreja Eletrônica* tornou-se um termo que procurou explicar a relação inicial dos pentecostais com a mídia, contudo, já não poderia esclarecer o que ela chamou de *nova relação evangélicos e mídia*. Para isso, estabelece três diferenciações:

- 1- Em contrapartida com a *Igreja Eletrônica*, focada em indivíduos, na *nova relação* há uma presença de Igrejas, logo, os nomes da Igreja estão em foco;
- 2- O estilo da programação muda, antes focado em cultos, na *nova relação*, os focos são os espaços de entretenimento, apresentação de *clips* e *shows* musicais, filmes bíblicos, programas de entrevistas e debates;
- 3- No lugar dos líderes carismáticos da *Igreja Eletrônica*, entram em foco os apresentadores com seus próprios programas, e os cantores, chamados “artistas”.

Dando continuidade a sua pesquisa em 2007, Cunha lança o livro *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, que traz a construção

sobre o termo *Gospel*⁴⁰, *Cultura Gospel*. Posteriormente Cunha desenvolveu estudos na área *Evangélicos Mídia e Política* no Brasil, possui um blog onde divulga seus artigos, com uma importante contribuição, pois vem tratando sobre temas polêmicos, como em seu artigo *O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano*.

Em 2002, Ailton Luiz Jungblut, no artigo: *Os evangélicos brasileiros e a colonização da Internet*, explica como os evangélicos se projetaram na Internet. Ele classifica em duas categorias de sites, os sites institucionais, ligados às igrejas e os sites pessoais, além de fazer uma pesquisa em salas de bate-papo. Jungblut traça um campo religioso na internet e compreende que, em comparação com outras religiões, os evangélicos estão bem representados na Internet. Ele também levanta a questão se essa representatividade está ligada à disputa mercadológica ou ao meio de evangelização.

Em 2010, Jungblut, através do artigo *O uso religioso da Internet no Brasil*, identifica três características:

- 1- A maior representatividade está com as religiões de tradição de cultura escrita;
- 2- É usada para o proselitismo militante;
- 3- Seu uso individual como desenvolvimento de uma autonomia e identidade.

Para explicar essa autonomia e identidade, Jungblut usa a classificação de Daniele Hervieu-Léger para os diversos “regimes de validação do crer”.

Tabela 03: Regimes de validação do crer

<i>Regime de validação</i>	<i>Instância de validação</i>	<i>Crítério de validação</i>
Institucional	A autoridade institucional qualificada	A conformidade
Comunitária	O grupo como tal	A coerência
Mútua	O outro	A autenticidade
Autovalidação	O indivíduo, ele mesmo	A certeza subjetiva

Fonte: Jungblut (2010)

Este tipo de relação acaba estabelecendo outra diferenciação no campo religioso evangélico, pois na internet o indivíduo ganha outro tipo de projeção. Que projeção seria essa? Como estudá-la? São estas e outras questões que esta pesquisa procura compreender, entendendo que essa terceira fase de pesquisa abriu um leque para variadas formulações e tentativas de compreensão do fenômeno religioso e da mídia.

⁴⁰ Termo de origem nos EUA onde significa um estilo musical, no Brasil se constitui como todo tipo de gênero musical ligado aos evangélicos, também utilizado para identificar uma cultura gospel.

Como, por exemplo, a formulação do pesquisador Antônio Fausto Neto⁴¹ que, em 2004, no artigo *A religião do contato: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”*, analisa a relação *religião e mídia*, tratando sobre *a mídia e o re-encantamento do mundo*, explicando com a mídia traz a possibilidade de uma reconfiguração social através de sua produção simbólica.

Para entender tal processo, Fausto Neto analisa o que ele chama de *As estratégias telemidiáticas* (ou as frases de efeito usadas na TV para conquistar a atenção do público), através da criação simbólica de uma atmosfera religiosa que emana da TV para a casa do público, proporciona um tipo de assistência religiosa, com comando de ações, incentivo a atitudes e gestos de fé.

Partindo dessa pesquisa de Fausto Neto, pode-se compreender o poder de influência que uma pessoa pode exercer através da mídia (quando utiliza das estratégias de persuasão religiosa).

Já algumas formulações seguem um estilo descritivo-histórico, como Campos (2004), na pesquisa sobre *Evangélicos e Mídia no Brasil*, trazendo estudos sobre: *As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiro; Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva*, onde busca identificar os principais centros de canais de TV e Rádio ligados a instituições evangélicas, cuja descrição auxilia na análise de distribuição territorial dos *Evangélicos* e sua relação com a mídia.

Como também a professora de História Contemporânea da Universidade Federal do Paraná, Karina Bellotti, que pesquisa o Protestantismo/Pentecostalismo nas áreas de mídia evangélica em geral.

Outros pesquisam a relação com a política, como o pesquisador Valdemar Figueiredo que, em 2005, tratou sobre Mídia e religião, lançando o livro *Entre o Palanque e o púlpito: Mídia, Religião e Política*.

E ainda outros procuram analisar a *imagem evangélica midiática*, como Fonteles (2007), com o livro: *Programa show da fé um retrato da construção midiática da imagem religiosa evangélica*.

Em 2012, um grupo de pesquisa ligado a IHU (Instituto Humanitas Unisinos) direcionado por Fausto Neto organizou um simpósio chamado 1ª Jornada de Mídias e Religiões: “A comunicação e a fé em sociedades em midiatização”, lançando em 2013 um livro com artigos dos que participaram do Simpósio.

⁴¹ Doutor pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales – EHESS, França. Professor titular do Programa de pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos.

Os eixos temáticos do livro estão divididos em quatro:

- 1- Ambiente Digital e Religiões;
- 2- Cultura, Sociedade e Religiões;
- 3- Imagens e Religiões;
- 4- Imprensa, Jornalismo e Religiões.

Dos vinte e oito artigos, cinco são diretamente ligados a estudos de casos sobre Evangélicos. Destacando as pesquisas feitas na Internet como:

A página da irmã Zuleide no Facebook: considerações sobre o cenário religioso brasileiro, de Vitor Lima Campanha, que traz uma leitura da *page*, analisando as publicações “polêmicas” da Irmã Zuleide e suas repercussões;

Tensões e Disputas Discursivas Evangélicas nas Redes Sociais: A performances de Edir Macedo, R.R. Soares e Silas Malafaia, de Francieli Jorão Fantoni, que analisa as atuações desses líderes religiosos e sua disputa por espaço na Internet.

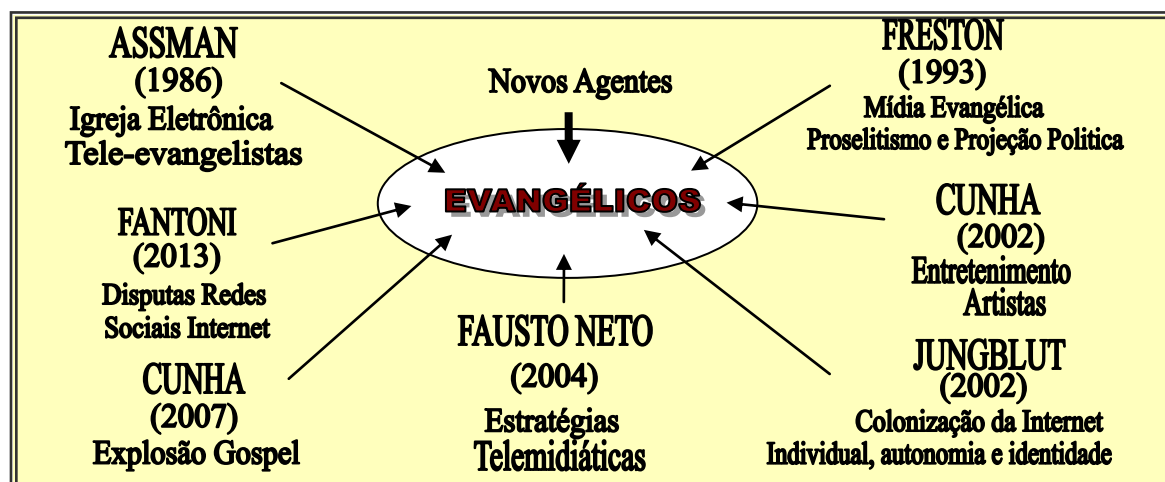
O eixo teórico ligado ao Instituto Humanitas Unisinos, foi crescendo em quantidades de pesquisas ligadas a evangélicos e internet, relacionando ao seu foco principal de pesquisa a *midiatização da sociedade*, transformando-se num referencial para pesquisas na área. Posteriormente (2016) criou um blog com pesquisas em Mídia, Religião e Sociedade.

O projeto “Mídia, Religião e Sociedade” tem por objetivo construir um espaço para compartilhamento de materiais de interesse de pesquisadores que trabalhem com o tema. O blog conta com indicações de chamadas de eventos, revistas, vídeos e textos (artigos, monografias, dissertações, teses e livros). A maior parte do acervo está disponível gratuitamente para download. (Fonte: <http://midiareligiaoetsociedade.blogspot.com.br/>)

A pesquisadora Magali Cunha também criou um Blog que trabalha questões de Mídia, Religião e Política, no qual traz sua pesquisa sobre bancada evangélica no Brasil, com vários artigos na área.

Este é um espaço de monitoramento do noticiário e de oferecimento de reflexões sobre a relação mídia-religião-política no contexto brasileiro. Uma contribuição a pesquisadores/as e interessados/as nesta instigante dinâmica sociocultural. Atividade do [Grupo de Pesquisa Mídia, Religião e Cultura \(MIRE\)](http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. (Fonte: <http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/>)

Figura 05: Reformulações baseadas na relação: Evangélicos e a mídia



Fonte: Elaborado pela Autora

Percebe-se que nessa terceira fase, as pesquisas buscam esclarecer como o processo de midiatização da sociedade tem influenciado no processo religioso, ou como o processo religioso tem influenciado na midiatização da sociedade, principalmente com o advento da Internet áreas como *campo religioso na internet* (termo de Jungblut) são uma nova forma de configuração religiosa. É dentro desse campo midiático da internet que a relação dos Evangélicos com a produção de *capital religioso* tem trazido mudanças e projeções de *novos agentes religiosos* com mais facilidade.

Catalogando algumas pesquisas acadêmicas e seus focos, principalmente seus títulos, gera-se uma forte impressão de que só tem pentecostal e neopentecostal no Brasil. A quantidade de conhecimento produzido sobre estes dois segmentos acabou redundando numa visibilidade parcial dos *Evangélicos*, em que alimentam a associação do termo *Evangélicos* a apenas uma classe, tornando o termo *pentecostais/neopentecostais* quase um sinônimo de *Evangélicos*:

Apenas a título de observação, é prudente registrar um problema que deve ser aduzido à discussão sobre os modelos classificatórios. Trata-se do alto índice de preconceito, por parte de muitos analistas, no trato da questão pentecostal. Tais preconceitos persistem não só devido a modelos pré-concebidos de “verdade religiosa”, mas também em virtude de esquemas ideológicos exclusivistas (BITTENCOURT, 1998, p. 96).

Em algumas pesquisas, o conhecimento associado aos neopentecostais tem, na sua representação, a criação de uma imagem pejorativa, com teor de denúncia social. Seus líderes são retratados como *criminosos religiosos*; já quanto à análise de seus membros, geralmente é

frisada a ligação destes a uma classe social considerada iletrada, carente, pobre e quase demente, representando seus membros como vítimas passivas de um sistema religioso que se aproveita da sua miséria:

Assim, a cada pesquisa em que qualquer estudioso pretenda apreender outras virtualidades desta opção religiosa, deve-se sempre e cada vez, de saída, “provar”, ou pelo menos, tentar convencer eu interlocutores de que esta opção religiosa não tem que ser pensada, *necessariamente*, como ameaça externa à “cultura brasileira”, ou como politicamente incorreta, ou como motivadora de uma desconfiança de base. Os resultados desta “prova de fogo”, às vezes, produzem um efeito perverso: substitui-se um veredicto (conservador, machista, alienado, explorador, etc.) por outro (modernizador, feminista, revolucionário, democrático, etc.). Por este caminho, o risco é naturalizar-se uma vez mais as questões, ao invés de renová-las à luz dos processos sociais em curso (NOVAES, 1998, p. 147).

Novaes explica que frases de efeito são usadas para desvalorizar a importância desses movimentos religiosos, no que diz respeito ao pentecostalismo, quando são comparados a *cópias mal feitas do sistema americano*, e acusados de *falta de brasilidade* (em comparação as religiões afro-brasileiras), acusados de alienação política (quando comparados às comunidades eclesiais católicas politizadas).

No que diz respeito ao neopentecostalismo, a acusação é de falta de credibilidade moral, manipulação. Outra questão levantada nessas pesquisas é a ideia de que o crescimento dos *Evangélicos* no Brasil ocorre somente devido aos seus líderes e seu investimento e projeção na mídia, desconsiderando os fatores de avanços territoriais e a presença dos membros leigos como desbravadores e conquistadores de novos campos de atuação.

Também é importante ressaltar que a produção bibliográfica proveniente de editoras *Evangélicas* não é muito conhecida, sendo pouco utilizada nos meios acadêmicos e em pesquisas (exceto por pesquisas ligadas a Universidade Mackenzie e a Metodista). Em contrapartida, há produções (de outras editoras) citadas diversas vezes nos trabalhos, talvez pelo fácil acesso ao catálogo das obras. Este fato demonstra que e o quê os evangélicos produzem sobre si não é levado em consideração por muitas pesquisas.

Como o termo *Evangélico* está numa situação conflituosa, diante da disputa por definições e representações, no meio acadêmico isto se reflete em pesquisadores evangélicos ausentes em citações e referências bibliográficas, parecendo que nunca existiram. Esse é o *campo* de conflito, citado por Bourdieu (1999), onde quem detém a produção do conhecimento detém o poder sobre o Outro, o poder de definir.

1.2.3. Outros espaços de disputa pelo termo *Evangélicos*: o Catolicismo e a Mídia

Espaço de disputa Catolicismo. São longos anos de relação *Igreja Católica e Evangélicos*, e muita coisa pode ser analisada. Entretanto, alguns pontos podem ajudar na compreensão dessa relação, como a relação de domínio da produção de conhecimento, pois, ao longo da pesquisa sobre a produção acadêmica, pode-se perceber a ação da Igreja Católica através das editoras e dos grupos de estudos ligados diretamente as suas universidades. Além dessas participações, pode-se enumerar três formas de posicionamentos ou relações que a Igreja Católica tem mantido com os *Evangélicos*.

A primeira forma é a relação de disputa pelo campo religioso no Brasil e teve sua marca nas perseguições sofridas pelos Evangélicos (logo quando chegaram ao país) e posteriormente com o surgimento dos pentecostais. Nessa relação, a opinião da Igreja Católica versava sobre os Evangélicos como *inimigos* de sua fé, que deveriam ser combatidos, e *seita herege*, inimiga da adoração a Maria.

A segunda forma está numa relação de envolvimento, quando a Igreja Católica se permite sofrer algum tipo de influência dos *Evangélicos*, como no caso da influência do movimento Pentecostal sobre a Renovação Carismática. A posição logo se reveste referencial teológico e de práticas religiosas.

A terceira forma está no movimento ecumênico, no qual o Papa Francisco aparenta estar mais interessado numa reaproximação pacífica entre católicos e evangélicos, e para isso realiza visitas a igrejas evangélicas, como fez na Itália.

FIGURA 06: PAPA FRANCISCO VISITA EVANGÉLICOS NA ITÁLIA



O Papa Francisco abraça o pastor evangélico Giovanni Traettino em visita a igreja de Caserta, na Itália, nesta segunda-feira (28) (Foto: Carlo Hermann/AFP)



O Papa Francisco cumprimenta mulher durante visita à Igreja Evangélica da Reconciliação em Caserta, na Itália, nesta segunda-feira (28) (Foto: Osservatore Romano/AFP)

Matéria: Papa pede perdão por perseguições dos católicos aos pentecostais.

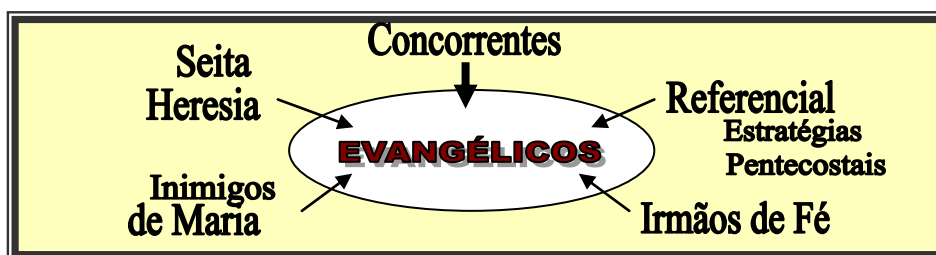
Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/papa-pede-perdao-por-persegucioes-dos-catolicos-aos-pentecostais.html>

Esta visão já trata os *Evangélicos* como *irmãos de fé*, apenas mais uma categoria do tão diversificado mundo cristão. Em 2013, Pedro Oro e Daniel Alves, no seu artigo *Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?*, descreve como a Igreja Católica se posicionou em relação ao movimento pentecostal no Brasil, através da Renovação Carismática Católica:

A Renovação Carismática Católica (RCC) tem sido apontada, não somente em relação a sua origem, tanto por parte dos seus seguidores quanto por outros analistas, como uma estratégia de fortalecimento da identidade católica frente ao avanço do pentecostalismo, ou seja, uma forma de contraofensiva católica (Mariz e Machado 1994; Oro 1996; Machado 1996; Pierucci e Prandi 1996; Prandi 1997; Carranza 2009; Gabriel 2010). Essas análises recaem sobre as diferenças e as oposições existentes entre o movimento católico e o evangélico. Argumentamos neste texto que nos últimos anos a RCC vem cumprindo também outro papel: estabelecer um espaço privilegiado de aproximação e de encontro entre católicos e evangélicos (especialmente pentecostais), visando superar as fronteiras construídas entre si. Trata-se de um movimento que possui vertentes e iniciativas em ambos os segmentos religiosos, privilegiando especialmente as confluências e as convergências já existentes (2013, p. 1).

A relação inimigo/referencial/irmão de fé consta como uma tríade em que se divide a opinião católica sobre os Evangélicos. A carga ideológica de *inimigo* não foi uma boa estratégia para impedir o avanço dos evangélicos e acabou marcando um período histórico dos Evangélicos com as perseguições; como referencial, as tentativas de *cópia* do modelo pentecostal e de suas estratégias em versão católica tem produzido seus efeitos e crescimento da Renovação Carismática; o posicionamento de reaproximação e ecumenismo procuram equilibrar as diferenças e diminuir a oposição, buscando talvez deter a imigração de fiéis.

Figura 07: Reformulações da Igreja Católica sobre os Evangélicos



Fonte: Elaborado pela Autora

Por conseguinte, independente da opinião expressa pela Igreja Católica seu principal posicionamento em relação aos Evangélicos gira em torno de sua visão dentro do mercado religioso e de sua luta por produção do capital religioso, e espaço no campo.

Dessa forma os Evangélicos são os *concorrentes*, a ameaça religiosa crescente no Brasil, que vai de encontro ao poderio Católico em várias instâncias sociais religiosas e consequentemente em outras, como, por exemplo, na política e na economia.

O outro espaço de disputa são os meios de comunicação de Massa (MCM), que através de suas notícias e reportagens formatam uma ideia daquilo que seria a imagem midiática dos Evangélicos no Brasil.

Muito material foi produzido pela imprensa, com revistas, jornais, pelo rádio, ou pela TV, outra faceta da mídia está na Internet, que se tornou um grande meio de circulação dessas notícias. Pode-se analisar uma parte desse material em três formas de como a Mídia Secular propaga notícias sobre os *Evangélicos*.

A primeira está vinculada a repercussão de pesquisas ligadas aos institutos, como o IBGE e o CPS/FGV. Quando uma nova informação sobre o crescimento dos Evangélicos é anunciada nesses institutos, a mídia relata o fato com sua interpretação sobre o tema. Por exemplo, o crescimento dos Evangélicos e a ênfase na diminuição dos católicos repercutiu em várias notícias em 2011, com o lançamento do *Novo Mapa das Religiões*:

Tabela 04: Exemplo de Notícias sobre os Evangélicos

Rádio - Matéria / Link	Meio	Data
Pesquisa FGV aponta que enquanto o número de católicos caiu, aumentaram os ateus e evangélicos http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nt1440.wma	Rádio Band News - RJ	2011-08-24
Números Católicos caem, em relação aos evangélicos segundo FGV http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nt1444.wma	Rádio Jovem Pan - SP	2011-08-24
FGV: Cai o número de católicos e evangélicos no Brasil http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nt1445.wma	Rádio Jovem Pan - SP	2011-08-24
TV - Matéria / Link	Meio / Programa	Data
Pesquisa revela crescimento da religião evangélica no país	TV Record – SP/ Jornal da Record	2011-08-23
Jornais e Revistas - Matéria / Link	Meio	Data
Evangélicos em alta http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1392.pdf	Correio Braziliense - DF	2011-08-21
Estado já tem mais de 1 milhão de evangélicos http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1446.pdf	A Gazeta - ES	2011-08-24
Evangélicos crescem 13,3% em sete anos http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1532.pdf	Gazeta de Alagoas - AL	2011-08-24
Número de evangélicos aumentam e o de católicos, cai http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1533.pdf	O Popular - GO	2011-08-25
Cresce a proporção de evangélicos no Brasil http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1551.pdf	Hoje em Dia - MG	2011-08-24
A Igreja Evangélica conseguiu acompanhar mais as mudanças culturais http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1552.pdf	O Popular - GO	2011-08-26

Internet – Matéria / Link	Meio	Data
Número de católicos cai no Brasil; crescem evangélicos e ateus http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1457.pdf	Folha On-line - SP	2011-08-23
Fé católica continua em declínio no Brasil e evangélicos crescem 13,3% em sete anos, diz FGV http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1480.pdf	Globo On-line - RJ	2011-08-23
Número de evangélicos cresce 11% em 15 cidades do DF http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1394.pdf	Correio Braziliense On-line – DF	2011-08-21
Número de católicos volta a cair no Brasil; crescem evangélicos e ateus http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1471.pdf	Portal G1 - SP	2011-08-23
Número de católicos volta a cair no Brasil; crescem evangélicos e ateus http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1476.pdf	UOL Notícias - SP	2011-08-23
Número de católicos volta a cair no Brasil; crescem evangélicos e ateus http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1477.pdf	Estadão.com - SP	2011-08-23
Espírito Santo é o estado mais evangélico do país, aponta pesquisa http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1512.pdf	Portal G1 - SP	2011-08-24
Fonte: www.cps.fgv.br/cps/religiao/impactodemidia		

A segunda forma de análise vincula-se a reportagens temáticas que procuram trazer alguma informação sobre os evangélicos ou realizar algum tipo de denúncia.

Estas notícias estão submissas a uma empresa midiática e sujeitas a jornalistas e suas interpretações de fatos, logo, cada interpretação traz um ponto de vista sobre os *Evangélicos*.

A construção e configuração final de parte dessas notícias procuram atender um mercado especulativo, onde o título, manchete ou chamada de notícias seja suficientemente impactante.

Em 2011, Eliana Motta Santos realizou uma pesquisa (*Veja e a construção da realidade dos evangélicos no Brasil: uma análise do discurso*) e analisou capas da revista *Veja* que tratassem sobre os Evangélicos, procurando compreender através de ferramentas de análise de discurso quais imagens a *Veja* construiu sobre os *Evangélicos* e seus líderes religiosos, podendo assim, influenciar seus leitores sobre uma reformulação do que seria um evangélico através das lentes da revista *Veja*.

Importante ressaltar a importância que revista *Veja* teve como meio de comunicação no Brasil ao longo dos anos, sendo aceita no senso comum como fonte de verdades, em alguns casos inquestionáveis, em variadas temáticas como economia, política, e até mesmo religião.

Outro fato importante de ressaltar é como três tipos de evangélicos são apresentados nas revistas, em sua maior parte Pentecostais ou Neopentecostais, deixando de lado as denominações históricas.

Tabela 05: EVANGÉLICOS E ELEMENTOS FIGURATIVOS			
Edição	Imagens da Capa	Igrejas Evangélicas Igrejas e líderes	Igrejas Evangélicas Fiéis
683 07/10/1981		<p>“happenings pentecostais”</p> <p>“animadores de auditórios”</p> <p>“cantores obscuros”</p>	<p>“exóticos”</p> <p>“vidas apagadas”</p> <p>“crentes”</p>
1130 16/05/1990		<p>“igrejas barulhentas”,</p> <p>“televangelização”,</p> <p>“protestante novo e agressivo”,</p> <p>“curandeirismo”,</p> <p>“culto do absurdo”,</p> <p>“pastores ladinos”,</p> <p>“ilusionismo coletivo”,</p> <p>“aroma de guerra santa”,</p> <p>“seitas evangélicas”,</p> <p>“cultos eletrizantes”,</p> <p>“glórias terrenas”,</p> <p>“seita exorcista e milagreira”,</p> <p>“falsos líderes”,</p> <p>“exorcismo”</p>	<p>“crentes que incomodam”</p> <p>“incautos”</p> <p>“imensa massa de descamisados”,</p> <p>“colocados à margem da modernidade e do progresso”</p> <p>“massa empobrecida”</p> <p>“miseráveis”</p> <p>“ovelhas negras evangélicas”</p>
1415 25/10/1995		<p>“bispo beócio”,</p> <p>“pregador ardoroso”,</p> <p>“carismático”,</p> <p>“retórica belicista”,</p> <p>“seita fundo de quintal”,</p> <p>“animadores de um show”,</p> <p>“manipuladora”,</p> <p>“apelos frenéticos”,</p> <p>“exploração da miséria”,</p> <p>“sumo sacerdote pentecostal”,</p> <p>“explorara boa fé dos humildes”,</p> <p>“mártir do cristianismo”,</p> <p>“hipocrisia dos fariseus”,</p> <p>“siderar fiéis”,</p> <p>“agência de cura”</p>	<p>“crente fanático”</p> <p>“soldados xiitas”</p> <p>“demônios dos crentes”</p> <p>“soldados xiitas”</p> <p>“ignorância dos fiéis”</p>

Edição	Imagens da Capa	Igrejas Evangélicas Igrejas e líderes	Igrejas Evangélicas Fiéis
1421 06/12/1995		<p>“animam multidões”,</p> <p>“todo-poderoso”,</p> <p>“fanático”,</p> <p>“pronto-socorro espiritual”,</p> <p>“agência de cura”,</p> <p>“seita na paisagem brasileira”</p>	<p>“população marginalizada”</p>
1502 02/07/1997		<p>“épicos bíblico-hollywoodianos”,</p> <p>“milhões de figurantes”,</p> <p>“novos apóstolos”,</p> <p>“canastrões”,</p> <p>“parábolas de sofrimentos abissais”,</p> <p>“glórias e prazeres indizíveis”,</p> <p>“conquista de almas”,</p> <p>“fanatismo”,</p> <p>“espertalhões”,</p> <p>“desqualificado por boçal”,</p> <p>“cultos estridentes”,</p> <p>“perua de Deus”</p>	<p>“gente humilde”,</p> <p>“vítima”,</p> <p>“preconceitos pitorescos”,</p> <p>“fundamentalistas”,</p> <p>“legião de miseráveis”</p>
1555 15/07/1998		<p>“cultos frenéticos”,</p> <p>“Bíblias surradas”,</p> <p>“Babel das religiões”</p>	<p>“vidas tortas”,</p> <p>“exército da fé”,</p> <p>“legião de convertidos”</p>

Edição	Imagens da Capa	Igrejas Evangélicas Igrejas e líderes	Igrejas Evangélicas Fiéis
1758 03/07/2002		“império evangélico”	“Globetrotter” “crentes pobres”, “pobres e ignorantes”, “maracutaia”
1964 12/07/2006		“performances exorcistas”, “superpregadores”	Nenhuma ocorrência
2126 19/08/2009		“organização criminosa”	“ricos e pobres”, “crédulos e descrentes”, “doentes”, “despossuídos e desesperados”
<p>Fonte dos Elementos Figurativos: SANTOS (2013) Fonte das Imagens: veja.abril.com.br/acervodigital</p>			

Cada elemento figurativo apresentado por Santos (2013) traz uma carga ideológica que pode ter sido associada ao termo *Evangélicos* pela população brasileira. Conforme cita a autora da pesquisa esses elementos figurativos ajudam a construir *uma imagem negativa*:

A pesquisa é orientada pela hipótese de que o discurso contido nas reportagens **constrói uma imagem negativa** dos evangélicos por meio do recurso a um tom irônico e dá ênfase em situações que envolvem escândalos e questões financeiras. Esta hipótese também se assenta na compreensão de que jornalistas não são profissionais técnicos desprovidos de imaginação e visões de mundo, neste caso, de um imaginário em torno da religião, que faz parte da construção noticiosa da qual participam. As Teorias do Imaginário, juntamente com as Teorias do Discurso e as Teorias do Jornalismo (Produção da Notícia) servirão de base para a compreensão do fenômeno e para a análise do objeto, que será conduzida por meio do método da Análise do Discurso. Espera-se que esta pesquisa contribua na indicação de caminhos para facilitar o diálogo entre a sociedade, entidades religiosas e profissionais envolvidos na produção de mensagem midiáticas, contribuindo para uma cultura de paz e de respeito à diversidade religiosa e à pluralidade de ideias presentes na sociedade brasileira, enfatizando, neste sentido, os valores éticos do profissional de comunicação. (SANTOS, 2013, p.12 *grifo meu*)

Santos (2013) ao declarar que o processo de fazer o jornalismo também envolve visão de mundo e imaginação dos jornalistas, deixa evidente que não há imparcialidade nas notícias e os tons em alguns casos agressivos e pejorativos repercutem para malefício da classe religiosa atingida, indo de encontro ao pensamento pacífico de tolerância religiosa.

Um fato interessante é que atualmente a revista Veja mantém no seu acervo on-line uma definição do que seriam os *Evangélicos* no Brasil, surpreendentemente enquadrados em apenas duas categorias: *pentecostais e neopentecostais*. Seu glossário classifica-os:

Evangélicos: Nos países anglo-saxões, onde a Reforma Protestante eclodiu no século XVI, o termo "evangélico" é usado para definir quase todas as doutrinas cristãs protestantes. Na Alemanha, berço do luteranismo, seu uso chega a ser mais específico: é comum se referir aos membros da Igreja Luterana como evangélicos, excluindo-se o resto dos protestantes. Já no Brasil, quando se fala de evangélicos, trata-se de uma forma genérica de se referir às correntes protestantes pentecostais e neopentecostais (veja abaixo), surgidas somente no século XX. De forma simplificada, pode-se dizer que todo evangélico é protestante, mas nem todo protestante se considera evangélico (VEJA.COM, cf. **Figura 09**).

A declaração: “*trata-se de uma forma genérica de se referir às correntes protestantes pentecostais e neopentecostais*” delimita a definição de evangélicos. Se a fonte de tal afirmação se baseou em estudos sociológicos, não é citado o nome do autor e apenas ao final da página se lê *Fontes: World Christian Database, arquivos de VEJA, manual de redação do jornal Folha de S. Paulo*.

A página também traz a imagem de membros adorando (parte superior), e também a imagem da cantora Ana Paula Valadão cantando na Igreja Alagoinha de Minas Gerais (lado esquerdo), imagens que refletem os grupos pentecostais e neopentecostais.

Figura 08: Site da Revista Veja



veja
on-line

Em profundidade
EVANGÉLICOS

CONTEXTO

Em resumo

- GLOSSÁRIO
- MAIORES GRUPOS NO PAÍS: IGREJAS PENTECOSTAIS
- MAIORES GRUPOS NO PAÍS: IGREJAS NEOPENTECOSTAIS
- EVANGÉLICOS PELO MUNDO

GLOSSÁRIO

Evangélicos

Nos países anglo-saxões, onde a Reforma Protestante eclodiu no século XVI, o termo "evangélico" é usado para definir quase todas as doutrinas cristãs protestantes. Na Alemanha, berço do luteranismo, seu uso chega a ser mais específico: é comum se referir aos membros da Igreja Luterana como evangélicos, excluindo-se o resto dos protestantes. Já no Brasil, quando se fala de evangélicos, trata-se de uma forma genérica de se referir às correntes protestantes pentecostais e neopentecostais (veja abaixo), surgidas somente no século XX. De forma simplificada, pode-se dizer que todo evangélico é protestante, mas nem todo protestante se considera evangélico.

Protestantismo Histórico

Movimento iniciado na Europa no século XVI, cujo marco célebre são as 95 teses do teólogo cristão Martinho Lutero criticando uma série de práticas e doutrinas da Igreja Católica. Ao romper com o Vaticano, Lutero desencadeia a Reforma Protestante, que culmina com a fundação de correntes cristãs dissidentes, como a própria Igreja Luterana, a Calvinista e a Metodista. A maioria das igrejas protestantes rejeita o culto a Maria e aos santos e o celibato clerical, além de admitir práticas como o divórcio e os métodos anticoncepcionais.

Protestantismo Pentecostal

Corrente que aparece nos Estados Unidos nos primeiros anos do século XX, entre fiéis metodistas insatisfeitos com a falta de fervor em suas igrejas. Devido aos cultos vibrantes, marcados por expressões de êxtase e fortes emoções, não demora a se difundir pelos EUA, e posteriormente por países mais pobres, especialmente na América Latina. Em linhas gerais, os pentecostais acreditam em aspectos milagrosos da fé, como o poder de cura do Espírito Santo, e enfatizam a pregação do Evangelho aos não convertidos. A maioria das igrejas pentecostais cobra dízimo de seus fiéis.

Protestantismo Neopentecostal

Fenômeno surgido a partir dos anos 1970, que se difere do pentecostalismo tradicional especialmente por estimular o fiel a buscar a prosperidade em lugar da graça. Seus rituais espetaculosos, que não dispensam curas milagrosas e exorcismos, não escondem o fato de que grande parte das igrejas neopentecostais não são muito rígidas no que diz respeito aos hábitos e costumes de seus fiéis. Algumas delas mantêm forte presença na mídia eletrônica, controlando a programação (quando não as finanças) de centenas de emissoras de rádio e televisão Brasil afora.

Fonte: veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em_resumo.html







Em Belo Horizonte, uma edição local da revista Veja encontrou na figura de Ana Paula Valadão uma representante dos Evangélicos do Brasil, trazendo em uma de suas publicações sua imagem na capa da revista, como o título *Pop Star da Fé*. Com este título, *Pop Star*, de forma sugestiva a Veja representa uma imagem de uma cantora “gospel famosa”, utilizando parâmetros da mídia para definir a relação do público evangélico com o cantor evangélico, na esperança de que os “fãs” consumam a revista para “conhecer” mais sobre seu ídolo, formatando assim um produto personalizado para atender uma demanda religiosa da região.



A terceira forma são produtos culturais audiovisuais produzidos por emissoras de TV que trazem em seu conteúdo uma representação artística do que seriam os evangélicos, através de personagens de novelas, séries, filmes. A criação de personagens por roteiristas das novelas e minisséries da Rede Globo são um exemplo desse tipo de propagação da mídia.

Tabela 06: DADOS DOS PERSONAGENS EVANGÉLICOS DA GLOBO

Data	Imagem	Tipo	Ficha Técnica
1995		Pastor Evangélico Mariel (Edson Celulari) pastor evangélico corrupto, ganancioso, adúltero.	Minissérie Decadência Autoria: Dias Gomes Direção: Roberto Farias e Ignácio Coqueiro Período de exibição: 05/09/1995 - 22/09/1995 Horário: 21h30 Nº de capítulos: 12
1998		Pastor Bilac (Mauro Mendonça) pastor respeitado, franco, honesto, culto e grande orador.	Novela Meu Bem Querer Autoria: Ricardo Linhares Direção geral: Marcos Paulo Período de exibição: 24/08/1998 - 19/03/1999 Horário: 19h Nº de capítulos: 179
1998		Juliano (Leonardo Brício) falso, dissimulado, rancoroso e vingativo.	Novela Meu Bem Querer Autoria: Ricardo Linhares Direção geral: Marcos Paulo Período de exibição: 24/08/1998 - 19/03/1999 Horário: 19h Nº de capítulos: 179
2005		Creusa (Juliana Paes) evangélica, casada e que gostava de usar roupas longas, mas que, na verdade, era uma adúltera e devassa.	Novela América Autoria: Gloria Perez Direção: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman Período de exibição: 14/03/2005 – 05/11/2005 Horário: 21h Nº de capítulos: 203
2007		Edivânia (Susana Ribeiro) evangélica fanática e descontrolada.	Novela Duas Caras Autoria: Aguinaldo Silva Direção-geral: Wolf Maya Período de exibição: 01/10/2007 – 31/05/2008 Horário: 20h Nº de capítulos: 210
2007		Ezequiel (Flávio Bauraqui) motorista evangélico que, com o tempo, passa a ter visões em relação ao patrão que se mostram verdadeiras.	Novela Duas Caras Autoria: Aguinaldo Silva Direção-geral: Wolf Maya Período de exibição: 01/10/2007 – 31/05/2008 Horário: 20h Nº de capítulos: 210
Data	Imagem	Tipo	Ficha Técnica

2007		<p>Pastor Inácio Lisboa (Ricardo Blat)</p> <p>fiel à sua crença e solidário a seu povo. Tem epilepsia e acha que a doença é uma manifestação do demônio.</p>	<p>Novela Duas Caras Autoria: Aguinaldo Silva Direção-geral: Wolf Maya Período de exibição: 01/10/2007 – 31/05/2008 Horário: 20h Nº de capítulos: 210</p>
2008 2009		<p>Dona Joana (Luciana Souza)</p> <p>evangélica fanática, desequilibrada e intrometida.</p>	<p>Minissérie 'Ó Pai, Ó' Redação final: Guel Arraes Direção-geral: Monique Gardenberg Período de exibição: 31/10/2008 – 05/12/2008 13/11/2009 – 04/12/2009 Exibição: 23h Nº de episódios: 6 (1ª) e 4 (2ª)</p>
2012		<p>Ivone (Kika Kalache)</p> <p>diarista evangélica aparentemente recatada, de roupas longas e cabelo comprido, mas paquera o marido da amiga.</p>	<p>Novela Cheias de Charme Uma novela de: Filipe Miguez e Izabel de Oliveira Direção-geral: Carlos Araujo Período de exibição: 16/04/2012– 28/09/2012 Horário: 19h Nº de capítulos: 143</p>
2012		<p>Soninha (Paula Burlamaqui)</p> <p>evangélica e ex-atriz pornô vive conflito entre seu passado e o presente.</p>	<p>Novela Avenida Brasil Autoria: João Emanuel Carneiro Direção-geral: Amora Mautner e José Luiz Villamarim Período de exibição: 26/03/2012– 19/10/2012 Horário: 21h Nº de capítulos: 179</p>
2013		<p>Gina (Carolina Kasting)</p> <p>Cozinheira de mão cheia, trabalha no bar do pai. Acha que é o patinho feio da família e nunca se envolveu com homem algum.</p>	<p>Novela Amor a vida Autoria: Walcyrr Carrasco Direção-geral: Mauro Mendonça Filho Núcleo: Wolf Maya Período de exibição: 20/05/2013 - 31/01/2014 Horário: 21h Nº de capítulos: 221</p>
2013		<p>Missionário Elias (Sidney Sampaio)</p> <p>meigo e recatado, passa por conflitos, sem vaidade.</p>	<p>Novela Amor a vida Autoria: Walcyrr Carrasco Direção-geral: Mauro Mendonça Filho Núcleo: Wolf Maya Período de exibição: 20/05/2013 - 31/01/2014 Horário: 21h Nº de capítulos: 221</p>
<p>Fonte: tabela elaborada pela autora com dados e imagens do site memoriaglobo.globo.com</p>			

Nessas novelas e minisséries são apresentadas caricaturas (estereótipos) de Evangélicos. As descrições da maioria das personagens são de caráter pejorativo e geralmente ligadas ao fanatismo religioso com toques de humor e expõem a Bíblia como espécie de amuleto do evangélico.

As mulheres são apresentadas com vestimentas de mau gosto e sem maquiagem. Estas personagens, produtos da imaginação de seus criadores, aparentam ser uma *versão dos evangélicos* feita por pessoas que têm uma compreensão superficial, ou até mesmo preconceituosa, sobre eles.

A depreciação não é apenas sofrida por personagens evangélicos, pois também acontece com outros tipos sociais, como beatas católicas, homossexuais, suburbanos etc. Contudo, há diferenças nas descrições quando seus personagens são praticantes do espiritismo kardecista, apresentando-os geralmente como heróis e praticantes sérios de sua religião, algo que pode ser explicado diante da preferência religiosa da Rede Globo pelo kardecismo.

Percebe-se assim que são muitas informações que a mídia traz para a carga do que é um Evangélico. Com esses exemplos, da revista Veja, Rede Globo, já se pode ter uma noção do que os MCM propagam sobre os evangélicos e como são tratados enquanto produto cultural, fonte de notícias, especulação e sensacionalismo.

Figura 10: Evangélicos e as Reformulações da Mídia



Fonte: Elaborado pela Autora

1.3 COMPREENDENDO O TERMO *EVANGÉLICOS*

As contribuições dessas quatro vertentes apresentadas: Estado, Acadêmicos, Igreja Católica e Mídia Secular, trazem um conjunto de opiniões e sinaliza a disputa pela definição do termo.

As diversas aplicações fizeram com que a palavra *Evangélicos* desenvolvesse uma capacidade aglutinadora de ideologias, sendo essa sua característica principal, o conceito do termo muda conforme o processo religioso muda no Brasil, tornando-se instável e a disputa por sua definição parece estar longe de alcançar uma trégua, pois o termo se tornou um *capital religioso* forte e fonte de estratégia para líderes que procuram projeção.

Cientes da complexidade do termo, e buscando identificar o que os evangélicos dizem sobre si, procuraremos no próximo capítulo construir o *Espaço Evangélico* no que diz respeito a todas as denominações formadas por igrejas cristãs não católicas no Brasil, sejam denominações internacionais implantadas no Brasil ou denominações originalmente brasileiras e até mesmo denominações que não aceitam ser incluídas no termo *Igrejas Evangélicas*.

Além da classe que se denomina *Evangélicos*, mas não possui instituição. Compreendendo, e sem deixar de lado o fato de que há várias reformulações do termo, identificaremos como cada denominação ou movimento religioso procura definir e utilizar o termo.

Assim definimos de antemão que para compreender o termo *evangélicos* no Brasil é necessário conhecer suas diferentes denominações, pois sem conhecer nem entender as denominações não é possível que uma pesquisa seja feita com propriedade e principalmente com honestidade, e prossiga não reproduzindo conceitos que tentam simplificar mas demonstrar a complexidade.

Segue o próximo capítulo que tentará apresentar de forma objetiva as denominações. Persistindo que os evangélicos no Brasil são essas denominações, ou seja, muitas denominações estabelecidas, outras em surgimento, desenvolvimento, crescimento, outras em constante transformação. Simplificar essas denominações em duas ou três e chamá-las de *evangelicos* seria uma grande falácia.

É um paradoxo em que todas as denominações podem atender pelo nome de *evangélicos*, mas são necessariamente distintas.

II OS *EVANGÉLICOS* NO BRASIL: CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO RELIGIOSO EVANGÉLICO

2.1 AS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL⁴²

No capítulo anterior nos preocupamos em compreender os espaços principais que disputam uma definição do termo “*evangélico*”. Nesse capítulo, estamos preocupados com a compreensão dos atores que fazem a história dos *Evangélicos* no Brasil. Assim, nos voltamos para as condições históricas de desenvolvimento de suas Igrejas, assim como a história das diversas instituições religiosas ligadas a essas Igrejas, e dos movimentos religiosos que as influenciam. Dito de outro modo, antes de descrever um pouco dessa história, e analisar esses movimentos religiosos, é importante atentar para seis fatores.

O primeiro fator diz respeito à influência estrangeira na composição das igrejas brasileiras. As primeiras *Igrejas Evangélicas* a se instalarem no Brasil eram de origem Europeia ou da América do Norte e eram conhecidas como representantes do cristianismo ocidental. Essencialmente, o cristianismo é uma religião oriental, mas sua *re-territorialização*, do Oriente para o Ocidente, fez com que nesta dimensão o cristianismo se revestisse de características ocidentais, daí surge o termo cristianismo ocidental.

Essas Igrejas estrangeiras, ao se ramificarem, atravessaram fronteiras, buscando sua expansão territorial, alojando-se no Brasil, e estão presentes até hoje na composição do cenário religioso brasileiro. Ressalve-se que algumas ramificações (igrejas) foram criadas exclusivamente em território brasileiro e estão, do Brasil, expandindo-se para o mundo.

As consequências dessas origens europeias refletem-se em formas administrativas e nos *usos e costumes* das Igrejas Evangélicas no Brasil, que são herança dessa cultura, dos usos e costumes necessariamente ocidentais, que são infiltrados, interpretados e vividos como regras religiosas, tornando-se usos e costumes de algumas Igrejas Evangélicas.

Por exemplo, a execução exclusiva de músicas com ritmos europeus ou norte americano, nos cultos, sendo proibido tocar ritmos nacionais, considerados malignos, a vestimenta baseada no estilo ocidental, paletó e gravata, a forma de ordem do culto, sua

⁴² Magali Cunha cita, em pesquisa, outra categoria, a qual chama de *Grupos independentes*, que segundo suas palavras são aqueles que têm como traço comum o fato de originarem-se nos Estados Unidos como fruto de experiências místicas de seus líderes. A rigor, não são considerados entre os protestantes pelos estudiosos do assunto, embora aceitos, no senso comum, como tais. Incluem-se aí as Igrejas dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), Adventista, Testemunhas de Jeová (2007, p.15). É importante destacar que as igrejas desses grupo não serão incluídas nesta pesquisa dentro do conceito de *Evangélicos* e de *igrejas evangélicas no Brasil*.

execução e liturgia, a construção dos templos baseada numa minimização das igrejas europeias.

O segundo fator diz respeito às definições atribuídas às Igrejas Evangélicas, na tentativa de categorizá-las quanto ao seu tipo. Diversas nomenclaturas são abordadas para identificar o cenário religioso no Brasil, devido ao crescimento acelerado das igrejas Evangélicas. Compreender e nomear suas manifestações tem sido tarefa complicada, contudo, uma definição simplista também não atende às especificidades e complexidades das Igrejas no Brasil (dividi-las apenas em duas categorias como de *Missões* e *Pentecostais* traz mais questionamentos que resoluções).

Duas categorias não são o suficiente para explicar a variedade das Igrejas Evangélicas no Brasil, e mesmo que sejam exaustivamente subdivididas, geram uma formulação baseada numa dicotomia, um lado *A* e o lado *B* da moeda, dois eixos, quando o cenário religioso apresenta vários eixos, que podem ser interpretados além da dicotomia, buscando diferentes perspectivas.

O terceiro fator é compreender que as Igrejas precisam ser analisadas dentro da relação entre os Movimentos religiosos e a teologia que esses movimentos influenciam. Nem sempre os Movimentos vão criar novas Igrejas, mas podem atuar dentro das que já existem. As teologias competem e algumas denominações podem praticar mais de um tipo de teologia em suas Igrejas, de forma consciente ou não.

O surgimento dos movimentos e a influência de sua teologia podem modificar, e criar novas Igrejas, que venham se posicionar a favor, aderindo à teologia, ou no sentido contrário, criar novas Igrejas que venham se posicionar contra determinada teologia. Um movimento geralmente gira em torno de novas práticas religiosas, mas depois que as práticas são aceitas, segue-se a procura de uma fundamentação teórica para essas práticas, tornando-as doutrinas, surgindo assim a teologia específica de cada movimento.

O quarto fator relaciona-se à crença de que as Igrejas Evangélicas, quando definidas e catalogadas em seus determinados lugares categóricos de análise, permanecerão estáticas. Setores do espaço religioso são geralmente invadidos por ondas de mudanças que ultrapassam as barreiras das denominações, fazendo refletir suas influências ideológicas, de forma diferente em cada nova Igreja que entra ou em cada nova Igreja que faz surgir.

Algumas denominações buscam a estabilidade através de mecanismo de regulação, para não perderem suas características iniciais e o que julgam ser sua identidade, outras entram na *fluidade* da modernidade e buscam cada vez mais mudar, quando possível, para atender às demandas modernas de seus membros. O fato é que as Igrejas mudam e estão em

constante movimento, são instituições voláteis, tanto sofrem influência quanto influenciam, podendo se deslocar de uma categoria para outra.

O quinto fator é a importância de compreender que além de receber influências culturais europeias e da América do norte, as Igrejas Evangélicas brasileiras sofreram influência da cultura africana e indígena, presentes no Brasil, criando sua própria identidade cultural, tipicamente brasileira, envolvendo traços dessas três culturas (europeia/africana/indígena).

Ainda que na sua origem haja fortes influências ocidentais, as Igrejas Evangélicas, cada uma em certo grau de intensidade, passaram por um sincretismo religioso, no qual práticas culturais religiosas africanas e indígenas se misturam ao seu culto, principalmente no que diz respeito aos estilos musicais e danças.

O sexto fator corresponde à forma de organização adotada nesse trabalho para distribuir as igrejas evangélicas dentro de quatro formatos principais: o Tradicionalismo, o Pentecostalismo, o Neopentecostalismo e um novo formato, elaborado para esta pesquisa, chamado de *Evangelicismo*. Estes quatro formatos não devem ser considerados como processo evolutivo da história dos *Evangélicos*, mas como modos de manifestação das igrejas e os movimentos que as perpassam, pois eles coexistem hoje, e são influenciados uns pelos outros.

Tabela 07: Os Grupos Evangélicos

ORDEM	GRUPOS	TIPOLOGIA	DATA
1º	TRADICIONALISMO	EVANGÉLICOS TRADICIONAIS	1822
2º	PENTECOSTALISMO	EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	1910
3º	NEOPENTECOSTALISMO	EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS	1970
4º	EVANGELICISMO	OUTROS EVANGÉLICOS	2000?

Fonte: Elaborado pela Autora

Quanto a sua dimensão no espaço religioso evangélico no Brasil, estes quatro grupos estão divididos conforme uma posição hierárquica relacionada a sua posição de dominadores e detentores da posse do termo *Evangélicos*. Nesta sequência tem-se a ordem: 1º Tradicionalismo; 2º Pentecostalismo; 3º Neopentecostalismo e 4º Evangelicismo. Por ordem de chegada estes grupos contribuíram para a construção do termo e hoje disputam pela definição e formulação do seu conceito.

Para entender o processo em que cada grupo foi se configurando em suas posições hierárquicas, esta pesquisa tem como base uma leitura do trabalho de Bourdieu (2005), onde o autor explica como se dá o funcionamento dentro do campo religioso, assim, para nível de organização, se dividirá essa dinâmica em quatro fases:

Tabela 08: DINÂMICA DOS GRUPOS EVANGÉLICOS

FASE 1	FASE 2	FASE 3	FASE 4
DOMINADOS LEIGOS	INSATISFEITOS LEIGOS	EMERGENTES NOVOS AGENTES	DOMINADORES ERUDITOS
CONSUMIDOR DO CAPITAL RELIGIOSO	NÃO CONSUMEM	PRODUÇÃO DE NOVO CAPITAL RELIGIOSO	DOMÍNIO DA PRODUÇÃO DO CAPITAL RELIGIOSO
OBEDIÊNCIA A REGRAS E DOGMAS ESCRITOS	SEM OBEDIÊNCIA TESTAM NOVAS PRÁTICAS (MAGIA)	HERESIA FORMATAÇÃO DE NOVAS REGRAS E DOGMAS	ORTODOXIA CONJUNTO DE DOGMAS E REGRAS ESCRITAS
MEMBRO DA INSTITUIÇÃO IGREJA	SEM INSTITUIÇÃO	SEITA EM PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO	IGREJA ALTAMENTE INSTITUCIONALIZADA
LEIGOS SEM FORMAÇÃO TEOLÓGICA	CONCEITOS BASEADOS NA NOVA DEMANDA (FEITICEIROS)	NOVA FORMATAÇÃO TEOLÓGICA	AGENTES ESPECIALIZADOS EM TEOLOGIA
LEIGOS SEM AUTORIDADE ECLESIASTICA	QUESTIONAMENTO ÀS AUTORIDADES	NOVA FORMAÇÃO DE PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DE AGENTES	AGENTES ESPECIALIZADOS LEGITIMADOS PELA INSTITUIÇÃO
ATRAVÉS DO CONSUMO PERPETUA E LEGITIMA O CAPITAL RELIGIOSO	SEM CONSUMO NÃO REAFIRMA A LEGITIMAÇÃO ANTIGA	FORMATAÇÃO DO NOVO CAPITAL RELIGIOSO PARA O NOVO CONSUMO E BUSCA POR SUA LEGITIMAÇÃO	BUSCA DE PERPETUAÇÃO E CONTINUIDADE DE PRODUÇÃO DO CAPITAL RELIGIOSO
QUANDO CERTO CAPITAL RELIGIOSO ATENDE SUA DEMANDA COMBATE OUTROS	QUANDO O ANTIGO CAPITAL RELIGIOSO NÃO ATENDE SUA DEMANDA O COMBATE	NOVA PRODUÇÃO ATENDE À DEMANDA DE NOVOS LEIGOS E COMBATE A ANTIGA PRODUÇÃO	COMBATE A PRODUÇÃO DE OUTROS CAPITAIS RELIGIOSOS
PARTICIPAM DA PERSEGUIÇÃO INCENTIVADA E MONITORADA PELOS AGENTES ESPECIALIZADOS	ALVO DA PERSEGUIÇÃO SÃO CONSIDERADOS HEREGES	EM PROCESSO DE DISPUTA COM OS DOMINADORES ERUDITOS PELO ESPAÇO RELIGIOSO	PERSEGUIÇÃO PROCESSO DE DISPUTA

Fonte: Elaborado pela Autora

Partindo da Fase 1, entende-se que já havia um grupo de religiosos que dominavam o espaço religioso, no caso do Brasil em relação aos Evangélicos, esse grupo seria a Igreja Católica, que perseguiu e denominou de heresia e seita os evangélicos.

É importante entender que cada grupo evangélico teve seu processo baseado nessas fases, até chegar à Fase 4, e se tornar altamente institucionalizado, e conquistar seu grupo de leigos. Entende-se que no espaço evangélico estes grupos disputam entre si a posição de dominadores, buscando efetivar seu espaço, como exemplifica a configuração:

Tabela 09: DISPUTA POR ESPAÇO

FASE 1	FASE 2	FASE 3	FASE 4
DOMINADOS LEIGOS	INSATISFEITOS LEIGOS	EMERGENTES NOVOS AGENTES	DOMINADORES ERUDITOS
1- CATÓLICOS			1- IGREJA CATÓLICA
1- CATÓLICOS	1- EX – CATÓLICOS	EVANGÉLICOS TRADICIONAIS	2- IGREJAS TRADICIONAIS
1- CATÓLICOS 2- EVANGÉLICOS TRADICIONAIS	1- EX-CATÓLICOS 2- EX-EVANGÉLICOS TRADICIONAIS	EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	3- IGREJAS PENTECOSTAIS
1- CATÓLICOS 2- EVANGÉLICOS TRADICIONAIS 3- EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	1- EX-CATÓLICOS 2- EX-EVANGÉLICOS TRADICIONAIS 3- EX-EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS	4- IGREJAS NEOPENTECOSTAIS
1- CATÓLICOS 2- EVANGÉLICOS TRADICIONAIS 3- EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS 4- EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS	1- EX-CATÓLICOS 2- EX-EVANGÉLICOS TRADICIONAIS 3- EX-EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS 4- EX-EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS	NOVOS AGENTES EVANGÉLICOS E OS EVANGÉLICOS DESIGREJADOS	5- NOVAS IGREJAS EVANGÉLICAS 6- NOVAS FORMAS

Fonte: Elaborado pela Autora

Observa-se que nem sempre os leigos irão formar uma instituição, podendo optar por uma religiosidade sem igrejas. Estes constituem os Evangélicos Desigrejados e fazem parte do grupo aqui chamado de Evangelicista. Este modelo de movimentação está configurado quanto a ordem de chegada dos grupos, mas o desafio atual é entender qual a hierarquia entre os dominadores eruditos, já que todos caminharam para uma forte institucionalização.

Quais critérios definiriam seu domínio sobre os outros? O critério numérico medido pela quantidade de leigos? O critério teológico medido pela *qualidade ética* das práticas religiosas? Os benefícios alcançados pela satisfação da demanda religiosa?

Segundo Bourdieu (2005), aqueles que exercem domínio religioso podem contribuir para a manutenção da ordem política. Ele comenta: *A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja, a de atribuir para a manutenção da ordem simbólica* (p. 70).

Seria o grau de *influência política* o critério que definiria hierarquicamente os evangélicos? Uma forte manutenção da *ordem simbólica* exige da Igreja o sucesso em perpetuar seu *capital religioso*, e uma das formas que este *capital religioso* tem se propagado é através de estratégias midiáticas.

A crescente midiatização da sociedade trouxe consequências para o cenário religioso. Compreender como se constitui o espaço evangélico é ver seu processo dentro daqueles grupos. Assim, cada grupo será analisado quanto a sua relação com os meios de comunicação e como seu *capital religioso* foi divulgado⁴³.

Por fim, é importante salientar que nesta pesquisa as divisões dos grupos evangélicos representam categorias distintas. Os neopentecostais não são considerados aqui uma continuidade do pentecostalismo, mas um grupo que mesmo com algumas características similares, se desenvolveram de forma diferenciada e serão estudados à parte como um único grupo.

O grupo *Evangelicismo* é uma proposta de compreensão dos novos estilos que surgiram. Logo explicaremos o motivo de sua criação e quais suas diferenças em relação aos outros grupos. Para explicar melhor o tipo de classificação aqui apresentada segue uma tabela que demonstra como alguns pesquisadores (já citados) dividiram os evangélicos, em comparação com esta proposta.

Algumas das opções anteriores dividiam em dois eixos, que giravam em torno de Evangélicos tradicionais e Evangélicos Pentecostais. Aqui serão apresentados quatro eixos: Tradicionalismo; Pentecostalismo; Neopentecostalismo e Evangelicismo.

⁴³ Nesta parte da pesquisa será inserida a literatura que os evangélicos produziram através de suas editoras, assim como imagens e seus acervos históricos.

TABELA 10: CLASSIFICAÇÃO DOS EVANGÉLICOS						
CAMARGO (1973)	MENDONÇA (1990)	VELASQUES (1990)	FRESTON (1993)	BITTENCOURT FILHO (1999)	MARIANO (1999)	CORDEIRO (2015)
1- PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO (1810)	1- PROTESTANTES DE IMIGRAÇÃO (1810) 2- PROTESTANTES DE MISSÃO (1855)		1- PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO (1810) 2- PROTESTANTISMO HISTÓRICO DE MISSÃO	1- PROTESTANTES DE IMIGRAÇÃO (1810) 2- PROTESTANTES DE MISSÃO (1855)		TRADICIONALISMO 1- (1822) IGREJAS DE MISSÃO 2- IGREJAS HISTÓRICAS 3- MOVIMENTO DE UNIDADE: ALIANÇA EVANGÉLICA 4- IGREJAS NEOREFORMADAS
IGREJAS DE MISSÃO E PENTECOSTALISMO 1- PROTESTANTISMO DE CONVERSÃO (1855-1960)	PENTECOSTALISMO 1- PENTECOSTALISMO CLÁSSICO (1910) 2- AGÊNCIAS DE CURA DIVINA (1960)	RELIGIÕES DO ESPÍRITO 1- PENTECOSTALISMO CLÁSSICO (1910) 2- CARISMÁTICO PROTESTANTE OU NEOPENTECOSTALISMO (1960) 3- RENOVACÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (1967) 4- AGÊNCIAS DE CURA DIVINA (1960)	PENTECOSTALISMO 1- PRIMEIRA ONDA PENTECOSTAIS CLÁSSICOS (1910) 2- SEGUNDA ONDA (1950-60) 3- TERCEIRA ONDA NEOPENTECOSTAIS (1970)	PENTECOSTALISMO 1- PENTECOSTALISMO CLÁSSICO (1910) 2- PENTECOSTALISMO AUTÔNOMO (1960)	PENTECOSTALISMO 1- (1910) IGREJAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS 2- IGREJAS DEUTERO- PENTECOTAIS 3- IGREJAS PENTECOSTAIS RENOVADAS 4- MOVIMENTO DE UNIDADE: NEOPENTECOSTAIS (1970)	PENTECOSTALISMO 1- (1910) IGREJAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS 2- IGREJAS DEUTERO- PENTECOTAIS 3- IGREJAS PENTECOSTAIS RENOVADAS 4- MOVIMENTO DE UNIDADE: NEOPENTECOSTAIS (1970)
				NEODENOMINACIONAL (IGREJAS HISTÓRICAS RENOVADAS)		NEOPENTECOSTALISMO (1970) 1- IGREJAS DO ESPETÁCULO DA FÉ 2- IGREJAS DA PALAVRA DA FÉ 3- IGREJAS DA RESTAURAÇÃO 4- IGREJAS GOSPEL 5- MOVIMENTO DE UNIDADE: IGREJAS APOSTÓLICAS
				SEITAS		EVANGELICISMO (2000?) 1- NOVAS IGREJAS EVANGÉLICAS 2- GRUPOS EVANGÉLICOS VIRTUAIS ANTI- INSTITUCIONAIS
	ORGANIZAÇÕES PARAECLESIASTICAS		ENTIDADES PARAECLESIASTICAS			INSTITUIÇÕES DAS IGREJAS EVANGÉLICAS
Fonte: Elaborado pela Autora						

2.1.1 Tradicionalismo⁴⁴: Os Evangélicos Tradicionais

Este grupo é composto por Igrejas e movimentos baseados na teologia reformada, inicialmente de caráter estrangeiro, depois nacionalista, e engloba as igrejas de missão e as históricas. É denominado *tradicionalismo* devido a sua posição inicial, no Brasil, de *primeiros evangélicos*, pois suas igrejas estão ligadas à tradição da Reforma Protestante, de onde surge o termo. De 1822 a aproximadamente 1910, as igrejas tradicionais dominaram o espaço evangélico, com sua teologia, doutrina, usos e costumes baseados em moldes estrangeiros.

Percebe-se que muito da cultura europeia adentrou nas igrejas, formatando o que se chama de estilo tradicional, configurando sua liturgia com base na interpretação de trabalhos de seus principais teólogos, como Lutero e Calvino.

Os evangélicos tradicionais desenvolveram forte tradição escrita e fundaram seminários teológicos no Brasil. Foram os primeiros a publicar jornais e livros evangélicos, sendo pioneiros na Imprensa evangélica no Brasil. Altamente institucionalizados, possuíam nos seus regimentos internos um conjunto de regras de comportamentos que deveriam ser seguidos por seus membros, bem como os rituais religiosos, e as regras para a ordenação pastoral. Nos níveis de produção de capital religioso, os evangélicos tradicionais estão na ponta da pirâmide, no que diz respeito ao *domínio erudito*.

2.1.1.1 Movimento Missionário e a Teologia Reformada

O primeiro Movimento *não católico* a influenciar a América foi o *Movimento Missionário*⁴⁵, baseado nos princípios da teologia Reformada, e no forte desejo de buscar novos territórios e almas, atendendo ao clamor dos *não salvos*. Igrejas Internacionais enviaram, junto com as expedições marítimas, seus obreiros, para atender às demandas dos imigrantes e para propagar a Reforma no Novo Mundo. Este Movimento ganhou força na América do Norte, onde os cristãos reformados fundaram suas Igrejas.

No Brasil, a forte resistência católica com a Contrarreforma não permitiu que este movimento se desenvolvesse forte como na América do Norte, mas posteriormente, com a abertura religiosa, missionários vindos da Europa e da América do Norte iniciaram suas atividades no Brasil, implantando diversas Igrejas.

⁴⁴ Dados históricos retirados das pesquisas de Earle E. Cairns (2000), Alderi de Souza Matos (2014), e Antônio G. Mendonça (2002).

⁴⁵ Ver *História do movimento missionário*, escrito por Justo González e Carlos Cardosa Orlandi (2009).

2.1.1.2 Igrejas Evangélicas de Missão

As *Igrejas Evangélicas de Missão* são as igrejas que são filiadas e controladas por sua sede em outro país. Elas recebem este nome porque sua origem foi através de missões enviadas pelas *Igrejas Mães* de seus países originais para o Brasil, a fim de dar assistência aos conterrâneos que estavam morando no país. Com o tempo, elas foram fincando raízes e expandindo sua atuação para novos membros convertidos, que não faziam parte de sua nacionalidade, assim, elas também eram conhecidas como *Igrejas Protestantes*.

Sua presença no Brasil se iniciou no período colonial nos séculos XVI e XVII, quando duas regiões do Brasil foram invadidas pela França e a Holanda. Os franceses invadiram a Guanabara entre 1555 e 1567, então os protestantes franceses, liderados pelos pastores, realizaram, no dia 10 de março de 1557, o primeiro culto protestante da história do Brasil.

Os holandeses invadiram o Nordeste de 1630 a 1654, quando a Companhia das Índias Ocidentais tomou Recife e Olinda, então os holandeses criaram sua própria igreja estatal, como a Igreja Reformada da Holanda, de origem calvinista, e foram fundadas 22 igrejas e congregações, mas em 1654 os holandeses foram expulsos. Foi apenas em 1808 que legalmente o Brasil foi aberto para a entrada dos primeiros protestantes anglicanos ingleses, pois, segundo o Reverendo Anglicano Carlos Eduardo B. Calvani, em 1819 a primeira capela anglicana⁴⁶ (Christ Church) foi inaugurada em solo brasileiro.

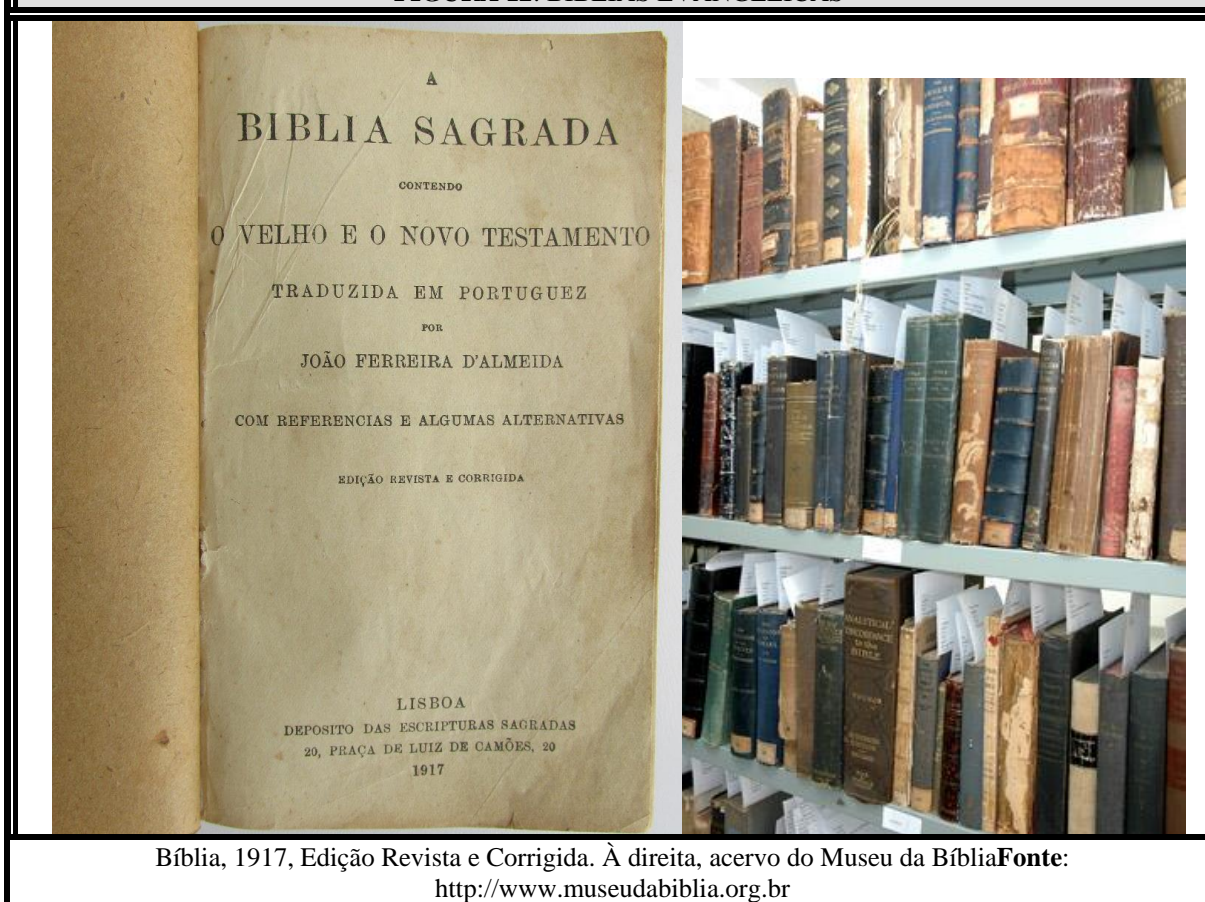
FIGURA 11: AGENTES TRADICIONAIS



⁴⁶ Descrição do processo da Igreja Anglicana no Brasil, no artigo *Anglicanos no Brasil* da Revista USP, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005, escrito pelo Reverendo Anglicano Carlos Eduardo B. Calvani, professor na Unifi l (Centro Universitário Filadélfia), de Londrina (PR).

Em 1824, a Constituição Imperial, da Independência, permitiu um pouco de liberdade de culto aos protestantes, pois o Brasil pretendia atrair imigrantes. Porém, foi em 1890, com o Decreto nº 119-A, do governo republicano, que se firmou a separação entre a Igreja e o Estado, permitindo aos protestantes total reconhecimento e legalidade, incentivando um maior número de imigrações, formando um protestantismo de imigração com americanos, suecos, dinamarqueses, escoceses, franceses, alemães e suíços. Esses imigrantes constituíram as bases para o protestantismo missionário entre 1835 e 1889 e foi nessa época que surgiram as primeiras organizações protestantes, as Sociedades Bíblicas Britânica, Estrangeira e Americana e várias igrejas foram implantadas e lideradas por estrangeiros, como a Igreja Luterana⁴⁷ (1824), Igreja Metodista⁴⁸ (1835), a Igreja Presbiteriana⁴⁹ (1863) e a Igreja Batista⁵⁰ (1871).

FIGURA 12: BÍBLIAS EVANGÉLICAS



Bíblia, 1917, Edição Revista e Corrigida. À direita, acervo do Museu da BíbliaFonte: <http://www.museudabiblia.org.br>

⁴⁷ Mais informações no artigo: *Os Luteranos no Brasil* do professor nos departamentos de História da PUCRS e da UFRGS, René E. Gertz, Revista de História Regional 6(2): 9-33, Inverno 2001.

⁴⁸ Resumo da história da Igreja Metodista no Brasil no site <http://www.metodista.org.br/historico-metodismo-no-brasil>.

⁴⁹ Sobre a Igreja, ver *Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil* texto de Alderi S. Matos. <http://www.mackenzie.br/>.

⁵⁰ Elizete da Silva descreve em seu livro a origem da Igreja Batista: *William Buck Bagby: Um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011.

Podemos destacar a contribuição das Igrejas Evangélicas Tradicionais a partir de quatro focos. O primeiro encontra-se na exportação de especialistas religiosos estrangeiros, missionários, pastores, que viriam a influenciar o campo religioso no Brasil, implantando as novas Igrejas. Sem a atuação desses agentes religiosos especializados, a construção do espaço evangélico no Brasil teria outros rumos.

O segundo foco está no primeiro material impresso de grande importância nesse período e que marcaria o processo de implantação protestante no país, as Bíblias evangélicas, de tradução de João Ferreira de Almeida, inicialmente publicadas pela *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*, posteriormente pela *Sociedade Bíblica do Brasil*⁵¹.

O livro de maior importância para a construção dos evangélicos no Brasil, pois de posse da *Palavra de Deus* os agentes religiosos tinham a autoridade necessária para ensinar, indo de encontro ao poder Católico. O *homem comum* (e não mais apenas os Padres Católicos) detinha a posse da Bíblia Evangélica, fato que se tornaria o marco referencial dos evangélicos no Brasil.

FIGURA 13: 1864 - PRIMEIRO JORNAL EVANGÉLICO DO BRASIL IGREJA PRESBITERIANA

IMPRESA EVANGELICA

PUBLICA-SE TODOS OS SABBADOS.

N. 1 Sabbado 5 de Novembro 1864

IMPRESA EVANGELICA

PROSPECTO

Temos perlostrado todas as classes da sociedade com o desigño de lhe prestarmos de um modo proporcionado ás suas mais legítimas exigencias na esphera religiosa. Em toda parte achamos disposição para conversações santas, desejo ardente de reformar o coração, esforços de uma alma afflicta por se reconciliar com Deus.—Não importa isto um protesto solemne, de que não vivemos só para este mundo, senão também para um outro mundo, que infallivelmente nos espera, logo que a morte nos transforma?

O homem, porém, parece ter no peito, á hora da devoção, um coração inteiramente differente daquelle que revela sua vida commun. — Aqui, seus actos não correspondem á religião que professa; e, se alli se mostra escrupuloso em praticar acções que lhe acarretarão a justiça de Deus, não se mostra menos naquellas que não revelão algum amor a Deus: nem sempre a santidade de suas obras confirma seus bons propósitos, raras vezes imitando a Jesus Christo aquelles que mais publicamente o confessão.

No meio do chão de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inútil fora descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, se para curá-lo lhes não applicassemos meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica, pelo orgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios.

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar senão o minimo do nosso desigño, ainda assim nos lisonjearemos jubilosos, por havermos cumprido com o nosso dever.

Tal é a unica missão da Imprensa Evangelica. Sahirá semanalmente um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterá um noticiario universal de interesse puramente evangelico.

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando á nossa folha o desenvolvimento que lhe convém, por publicações variadas, que, sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractivo da novidade nas formas.

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranha á toda e qualquer ingerencia em politica, a todos é consagrado: porém com muita particularidade o dedicamos aquelles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deus — a liberdade de consciencia perante o Evangelho.

Considerações sobre a religião.

Todas as religiões têm em commun o fim que pretendem conseguir. Todas ellas reconhecem como axioma fundamental, que a raça humana padece tantas e tão grandes necessidades, que é mister um remedio sobrenatural. Qualquer systema que não reconheça a necessidade de buscarmos fora de nós as forças indispensaveis á nossa felicidade, não passa de um systema philosophico. O sobrenatural é a linha divisoria entre a philosophia e a religião. Todas as theorias philosophicas se baseão na creença de que a rehabilitação do genero humano no seu todo, tanto como do individuo, está no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos dotes do corpo e do espirito — com que a natureza nos beneficia. Não ha religião alguma que negue este principio, sustentando a fraqueza radical do homem, e a necessidade de procurarmos em outra parte as forças que a philosophia, com vista curta, pretende achar em nós mesmos. Esta necessidade de auxilio sobrenatural é o ponto de par-

O primeiro jornal Evangélico foi criado por Ashbel Green Simonton, fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil.
Fonte: Acervo Digital – <http://hemerotecadigital.bn.br/imprensa-evangelica/376582>

⁵¹ Fundada em 10 de junho de 1948, no Rio de Janeiro, realizam-se atividades de tradução, produção e distribuição da Bíblia em todo o território brasileiro, além de ações sociais. Mais sobre sua história do site <http://www.sbb.org.br>

FIGURA 14: 1887 – 2015 JORNAL EVANGÉLICO DO BRASIL – IGREJA LUTERANA

METHODISTA CATHOLICO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA IGREJA METHODISTA EPISCOPAL NO BRASIL

Vol. I.	Anúncios Por Anno, \$3000	RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1886.	Redactor Responsavel J. J. RANSOM.
---------	------------------------------	---------------------------------------	---------------------------------------

PROGRAMMA

METHODISTA CATHOLICO.

A Redacção do *Methodista Catholico* julga ser do seu dever explicar o seu programma. Sendo esta folha organo da Igreja Methodista Episcopal no Brazil, portanto o nome *Methodista*: abraçando a religião christã em toda a sua plenitude, e fraternizando com todos que creem em Deus e amam a Nosso Senhor Jesus Christo, portanto o termo *Catholico*.

Nosso programma é simplicissimo. Todos os numeros terão as competentes *Litteras Internationaes* para as Escolas Dominicais; um ou mais artigos doctrinaes; e o melhor que podemos colher dos jornaes brasileiros sobre as grandes questões do dia, tanto religiosas como moraes e sociologicas. Pedimos de todas as Igrejas Evangelicas noticias suas para que o publico fique sciente do progresso do Evangelho.

Desejamos fazer uma folha que sirva de leitura agradável a todos, e que sirva para instruir os fideis e principiantes no caminho

propria, fonte humana, a pedra angular da familia. Para não transviar, porém, o pensamento no labirinto das multiplas reflexões a que pôde dar lugar o estudo da mulher e da sua missão nas sociedades modernas, iremos directamente ao objectivo que temos em vista.

—

No nosso país, dada a insucção que se fornece ás mulheres e attendendo-se aos preconceitos communs da nossa educação— a mulher está condemnada a ser perpetuamente um symbolo de fraqueza.

Não que a queiramos emancipada, isto é, desnaturada, invadindo os dominios da esphera propria do sexo masculino, pretendendo estabelecer com o homem a luta da concurrencia no exercicio das faculdades que lhe são proprias: mas, entre a exaltação do principio autonomo, com referencia ao sexo delicado, e essa menoridade perpetua a que a condemnamos, privando-a, social e domesticamente, de todos os elementos de independencia propria—a distancia é grande.

A mulher, nas sociedades modernas, após

exercidos, mas em obrigada aproximação do homem, o facto é que, a despeito da influencia das idéas modernas sobre a munda e sobre as faculdades da mulher, ella é considerada incompetivel para o exercicio de qualquer função que não seja limitada á penumbra do lar domestico.

Dahi a natural perversão dos instinctos sexuaes e essa curiosidade e afflicção propria da nossa raza, a qual, favorecida pelas condições telluricas do nosso clima, concorre para collocar a mulher em um bloqueio permanente, amada mas perseguida, requestada mas desconsiderada.

Modificar, pela educação, os costumes e reformar o regimen antigo por innovações prudentes e castelanas, chamando a mulher, parte fraca e desprotegida, á collaboração social em officios que estejam ao alcance da sua capacidade e das suas forças, e que lhe garantam os meios de subsistencia prescindindo da tutela do homem, tal deve ser uma das preoccupações do governo e uma das mais nobres tarefas a que possam entregar-se os homens politicos, e reformadores por officio e interessados no bem ser da sociedade.

Até aqui a benção divina tem-se manifestado de um modo notavel sobre a Semana de Oração Universal.

Anno apor anno, temos recebido (louvado seja Deus) regozados signaes de crescente interesse nesses reuniões. A zona de supplicas e acções de graças está alargando-se de tal maneira que vai abrangendo mais e mais os povos e países da terra. Oremos, continuemos a orar. Oh! quando virá Elle; quando reinará entre nós Aquella a quem pertence o direito? Quando terminará as guerras e rumores de guerras? Quando cessará o vicio e a miseria de arruinar e destruir? Quando serão dissipadas as trevas da superstição e da idolatria pela luz eterna? Deus nos conceda em sua misericórdia que, na cadeia de sua maravilhosa Providencia, as nossas orações accedea e fervorosas concorra para a convenção das nações, mais rapida manifestação do reino de seu amado Filho, e nova criação de todas as coisas em Christo.

Subscrivemo-nos com fidelidade, em amor christão, em nome da Alliança Evangelica, vossos:

Jornal Official da Igreja Metodista | Junho de 2014 | ano 128 | nº 06



Expositor Cristão

Mudança histórica no jornal metodista



Juventude metodista fará ações evangelísticas durante a Copa do Mundo.
Página 4

Encontro nacional
Quase 500 jovens de todo o Brasil se reuniram para planejar a missão e eleger liderança.
Página 5

Sexualidade saudável
Descubra o projeto de Deus para uma sexualidade equilibrada.
Página 11

Instituições educacionais
Diretor quer contar quais são as ações para superar os desafios.
Página 12



No Cêndulo recebe homenagens e presença da editora mundial nas comemorações dos 75 anos.
Página 7



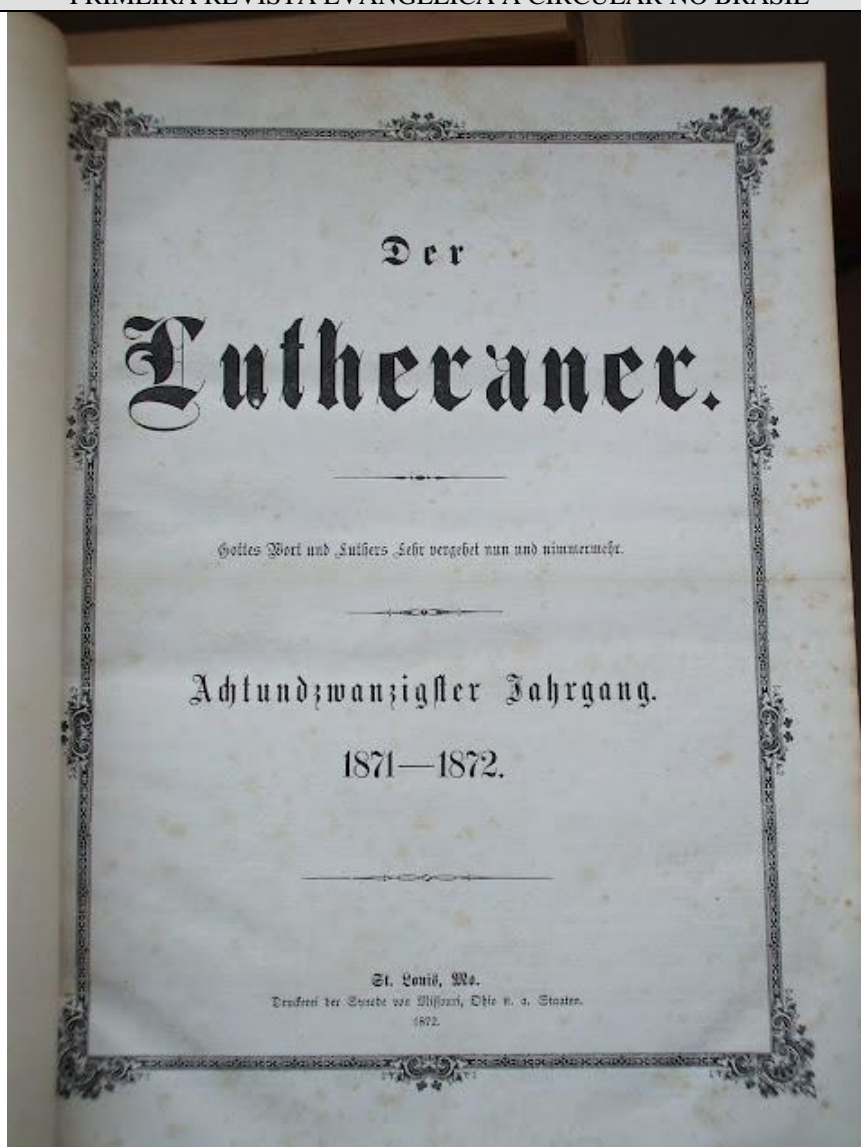
Com tiragem de 30 mil exemplares, novo projeto gráfico e melhor distribuição, o informativo da Igreja Metodista inaugura momento histórico e quer resgatar paixão dos metodistas pelo jornal oficial. • Páginas 8 a 10

Jornal Methodista Catholico que em 1887 passou a se chamar Jornal Expositor Cristão. Abaixo, edição de 2015.Com 128 anos, é o mais antigo jornal evangélico ainda em circulação e pertence à Igreja Metodista, assim como as revistas voz Missionária, Cruz de Malta, Flâmula Juvenil e Homens em Marcha.

Fonte: <http://www.metodista.org.br/>

O terceiro foco está na criação da Imprensa Evangélica no Brasil, com publicações de jornais e revistas. Destaque-se o primeiro jornal evangélico, criado pelo presbiteriano Ashbel Green Simonton, chamado *Imprensa Evangélica*. Há também o jornal *o Expositor Cristão* (1886-2015), com 128 anos, e as revistas reformadas, inicialmente a *Der Lutheraner*, uma publicação alemã que percorria o mundo e viria influenciar evangélicos no Brasil, tornando-se referencial para a publicação da revista brasileira *O Mensageiro Luterano* (1917-2015), que propagou por 97 anos a teologia reformada no Brasil.

FIGURA 15: 1871
PRIMEIRA REVISTA EVANGÉLICA A CIRCULAR NO BRASIL



A revista bimensal *Der Lutheraner* - Revista que circulava nos Estados Unidos, outros países na Europa, Ásia e América Central e Sul. Pastores já formados, mesmo nas teologias evangélicas da Igreja Unida da Alemanha, procuravam na revista as doutrinas e teologias da genuína igreja luterana.

Fonte: <http://www.ielb.org.br/a-ielb/?id=1>

FIGURA 16: 1917 - 2015
PRIMEIRA REVISTA EVANGÉLICA BRASILEIRA



Revista *O Mensageiro Luterano*. Em 2014 completou 97 anos de circulação. A primeira edição foi distribuída no dia 25/12/1917, sendo a primeira revista luterana em língua portuguesa.

Fonte: <http://www.mensageiroluterano.com.br>

A publicação de jornais e revistas foi o meio que os evangélicos encontraram para compartilhar seu *capital religioso* e fortalecer a instrução de seus membros, tornando-se uma importante ferramenta de propagação evangélica, além da fundação de Editoras para publicação de livros. Em 1901 surge o *Jornal Batista*, da Igreja Batista. Em sua pesquisa sobre este jornal, Adamovicz (2008) comenta:

A este Jornal pode-se atribuir o papel de suporte indispensável à formação do “Pensamento Batista Brasileiro”, à medida que propiciou as condições necessárias à gestação e ao amadurecimento da “consciência denominacional” entre os crentes nacionais desde os primeiros anos da implantação das missões batistas no Brasil, operando como uma “força ativa” que favoreceu o seu movimento de expansão e operou como um meio promotor da “unidade” de suas convicções e de sua coesão doutrinária. O *Jornal Batista* encontra-se entre os periódicos denominacionais que contribuíram de maneira significativa para a propagação do movimento evangélico no país e o exame dos exemplares correspondentes às duas primeiras décadas de sua circulação está atrelada ao estudo da história do “Protestantismo de Missão no Brasil” (p. 13).

Adamovicz (2008) destaca ainda a influência que este jornal causou na expansão e consolidação das Igrejas Batistas no Brasil, e a sua influência em igrejas de outras denominações. O quarto foco está na construção de Escolas, Faculdades e Universidades Evangélicas, primeiramente com o objetivo de educar seus membros, posteriormente abertas a todas as pessoas.

O investimento educacional incentivou o desenvolvimento de uma *cultura escrita* (que se tornaria característica tradicional). Assim, analisando as Igrejas Evangélicas Tradicionais, percebe-se a forte tendência à cultura escrita, que, futuramente segundo Jungblut (2002), seria fator decisivo para seu pioneirismo na expansão através da Internet.

**FIGURA 17: 1901 - 2015
O JORNAL BATISTA**



À esquerda, primeira edição, em 10 de janeiro de 1901. À direita, edição de 2015.

Fonte: acervo digital <http://www.batistas.com/>

2.1.1.3 Movimento Nacionalista

O primeiro movimento do Brasil iniciou quando as Igrejas Brasileiras buscaram autonomia nacional, desvinculando-se das suas Igrejas sedes em outros países. Esse movimento fez surgir variadas denominações no cenário religioso que buscavam uma identidade brasileira. Tais denominações queriam ter autoridade para decidir suas questões culturais e formas de administração, sem depender das intervenções das lideranças internacionais. Desse movimento se iniciou a fragmentação e divisão das Igrejas Brasileiras.

2.1.1.4 Igrejas Evangélicas Históricas

Influenciadas pelo Movimento nacionalista, e rompendo administrativamente com as Igrejas de Missão, surgem as igrejas de cunho nacional, com sede no Brasil, lideradas por brasileiros e chamadas de denominações históricas. Algumas dessas Igrejas adotam a mesma nomenclatura de sua igreja de origem, mudando em alguns casos apenas a definição de *no Brasil*, para *Do Brasil*, como a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Metodista do Brasil, ou acrescentando outros nomes, como Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1888, Igreja Presbiteriana Independente, 1903, Convenção Batista Brasileira, 1907, Igreja Metodista do Brasil. As Igrejas Históricas mantiveram os mesmos sistemas administrativos e litúrgicos de suas Igrejas de origem (algumas com poucas modificações) e também se denominam Igrejas Reformadas, que seguem princípios da Reforma Protestante, e isto se reflete nos seus jornais, revistas e sites, mas aparentemente não demonstram muita diferença das Igrejas Evangélicas de Missão.



FIGURA 19: PRONUNCIAMENTO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS HISTÓRICAS SOBRE AS ELEIÇÕES GERAIS DO BRASIL 2014

As igrejas evangélicas históricas do Brasil, em virtude da realização das eleições gerais em 5 de outubro (1º turno) e em 26 de outubro (2º turno) e considerando o papel de seus membros no exercício pleno da cidadania, bem como o comprometimento dessas igrejas com o Estado democrático de direito e o seu reconhecimento e apoio às instituições democráticas, expressas nos Poderes constituídos da República, vêm junto a seus membros e à sociedade brasileira em geral fazer o seguinte

PRONUNCIAMENTO

1. Nenhum sistema ideológico de interpretação da realidade social, inclusive em termos políticos, pode ser aceito como infalível ou final nem é capaz de interpretar os conceitos bíblicos da história e do reino de Deus, no entanto, cremos que Deus, Senhor da história, realiza a Sua vontade de várias maneiras, inclusive por meio da ação política;
 2. As eleições são parte do processo de busca permanente de equidade social, de garantia dos direitos fundamentais à pessoa humana, de vivência ética e comunitária, às quais estimulamos o protagonismo de homens e mulheres cristãos, comprometidos com os valores do Evangelho de Cristo;
 3. A democracia é um valor universal, bem como o governo representativo dela decorrente e a sociedade democrática pressupõe pluralidade de ideias e a livre expressão do pensamento político, alternância do poder, em forma republicana de participação popular;
 4. Os chamados mensalões, julgados e ainda não julgados pelo STF, expuseram, na esfera partidária, a dualidade de forças políticas de matizes ideológicas distintas, que se digladiam eleitoralmente, visando o acesso ao poder, mas revelam a fragilidade dos partidos majoritários na elaboração de suas amplas alianças partidárias que, em muitos casos, não são de natureza político-ideológica, mas se constituem em verdadeiro fisiologismo;
 5. O sistema de financiamento de campanhas admitido no Brasil é perverso, indutor e retroalimentador da corrupção e termina por eleger, majoritariamente, verdadeiros representantes do poder econômico e não dos interesses da maioria da população;
 6. O atual sistema político reflete partidos políticos que não têm identidade e realizam alianças que não fidelizam ideais, mas denunciam conveniências e interesses corporativistas. De igual modo, o modelo presidencialista de coalizão compromete a ética e a democracia, cujos pressupostos são a fiscalização e a alternância no poder;
 7. Candidatos/as frutos de estratégias de marketing e alianças comprometedoras não são dignos de voto;
 8. Ninguém deve receber voto simplesmente por expressar a fé evangélica, antes, deve-se recordar que “a fé, se não tiver obras, por si só estará morta” (Tg 2.1). Entretanto, candidatos e partidos que defendem em seus programas posições que se oponham a valores cristãos, tais como justiça e paz; integridade da vida e da criação; preservação da família; honestidade e respeito ao bem público não podem merecer nosso voto.
 9. O processo político não se esgota com as eleições e os valores da cidadania, marcados por gestões públicas transparentes e probas, têm correspondência na vida de integridade cotidiana de cada cidadão e cidadã brasileira, na participação, nas reivindicações e na projeção de ações que visem o bem comum.
 10. Repudiamos o “voto de cabresto”; o chamado “curral eleitoral”, bem como a troca do voto por favores, sejam pessoais ou coletivos, exortando seus integrantes a exercerem o direito do voto de maneira consciente e bem fundamentado cientes da delegação de poder que o sufrágio nas urnas confere aos eleitos.
- Conclamamos o povo de Deus que se reúne em nossas igrejas à participação na escolha das futuras lideranças: Presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais e, para isso, também o convocamos à oração e à reflexão, que possam nos orientar para que nossas escolhas se traduzam no bem comum de todos os brasileiros e brasileiras.



Fonte: <http://www.aliancaevangelica.org.br/>

Enquanto as Igrejas Evangélicas de Missão possuem uma postura conservadora e se posicionam de forma mais isolada uma das outras, através da *Aliança Evangélica*, as Igrejas Evangélicas Históricas têm procurado unidade para conseguir força e projeção nas questões sociais do Brasil. Lideram a *Aliança Evangélica* e permitem a adesão de outras denominações não históricas, desde que estas estejam de acordo com os princípios centrais da instituição.

Um marco importante foi o *Pronunciamento das Igrejas Evangélicas Históricas sobre as eleições gerais do Brasil*, propagada no site da *Aliança Evangélica* e reproduzida em todos os sites das igrejas filiadas. Este pronunciamento procura reafirmar princípios e posturas em relação às eleições em 2014, provavelmente em resposta aos questionamentos sobre os envolvimento de Evangélicos com a política, procurando direcionar seus membros no que seria a *conduta evangélica* correta a se tomar em relação a eleições.



A *Aliança Evangélica*, em parceria com outras instituições evangélicas, produziu uma cartilha chamada *Os Evangélicos e a Transformação Social: Cultura cidadã e democracia participativa*. Dividindo-a em três partes, na primeira, *Definindo Termos e Conferindo a*

História, explicam a definição de *cidadania* e sua relação com a democracia. Na segunda, *O Povo de Deus e a Participação Cidadã: Um Breve Panorama Bíblico*, toma (como referenciais) personagens da Bíblia para explicar a relação do evangélico com a sua cidadania. Na terceira, *Uma Pastoral à Igreja Cidadã*, através de uma exposição das bem-aventuranças, explica como (seguindo o exemplo de Jesus) os Evangélicos podem encontrar *caminhos possíveis para a inserção da igreja na sociedade, cumprindo a sua vocação missionária e cidadã* (ALMEIDA E SOUZA, 2014, p.5). Com essa cartilha, a *Aliança Evangélica* procura construir a imagem do *Evangélico cidadão*, que deve entender e participar da democracia.

FIGURA 21: AGENDA DE ORAÇÃO

AGENDA DE ORAÇÃO ESTRATÉGICA

sexta-feira

Hoje é dia
de orar pela
Mídia

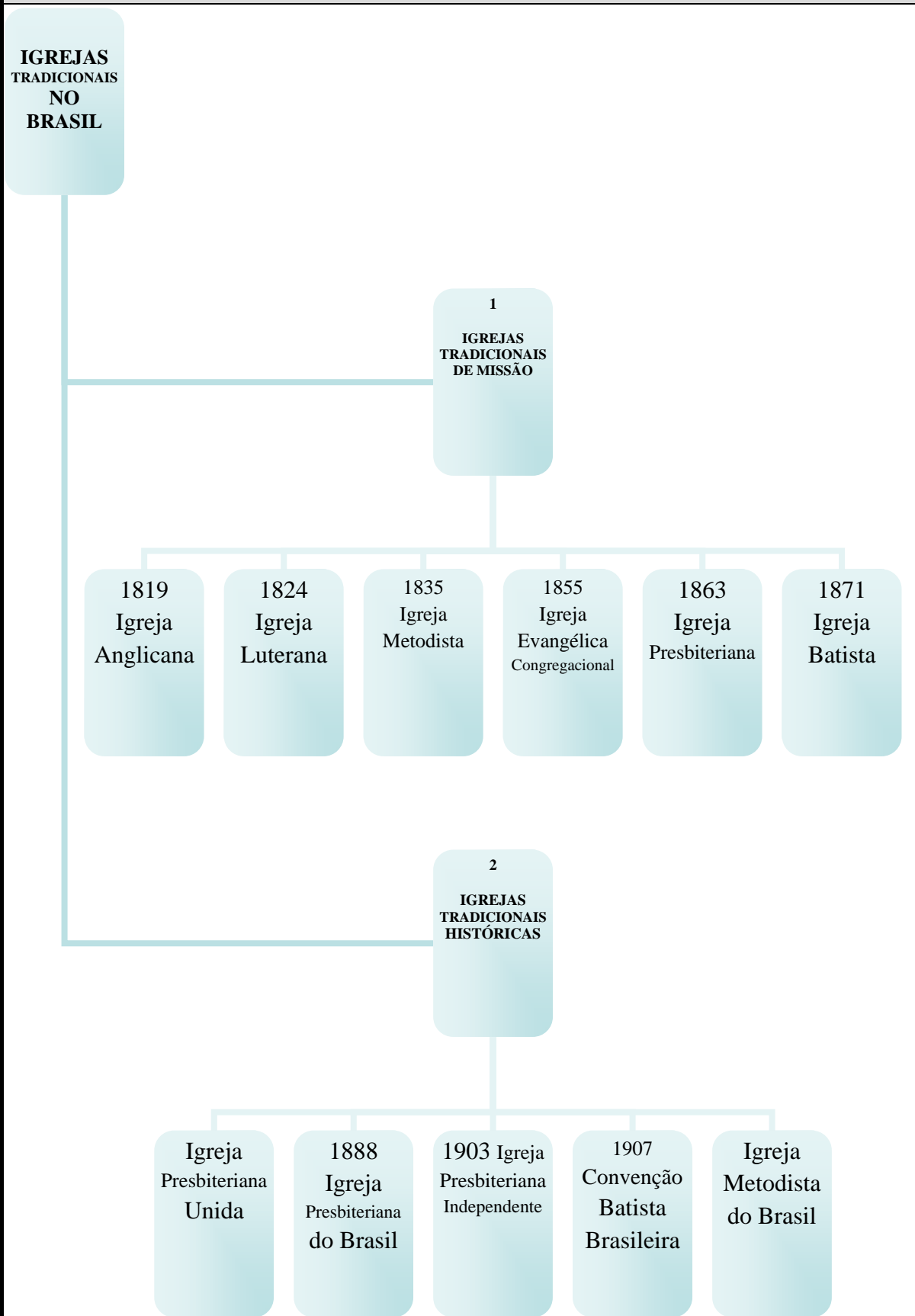
Essa é uma das áreas que está sob o foco dos vários grupos que disputam o poder. Sabemos que imprensa livre é um fator importante ao fortalecimento da democracia. Ore pedindo ao Senhor que tenhamos liberdade e independência nos meios de comunicação, livres de pressões de governo e de grandes poderes econômicos.

Campanha de oração pela mídia.

Fonte: <http://www.aliancaevangelica.org.br/>

Ainda no site encontra-se a *campanha de oração*, cujo dia em especial é *oração pela Mídia*. No seu texto, revela seu entendimento sobre a relação da mídia e o poder: *Essa é uma das áreas que está sob o foco dos vários grupos que disputam o poder*; Demonstra a importância da mídia para o cidadão evangélico: *Sabemos que imprensa livre é um fator importante ao fortalecimento da democracia*; Revela a consciência de quem são seus principais inimigos: *Ore pedindo ao Senhor que tenhamos liberdade e independência nos meios de comunicação, livres de pressões de governo e de grandes poderes econômicos*.

FIGURA 22: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS TRADICIONAIS COM REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA NO BRASIL



Fonte: Elaborado pela Autora

2.1.1.5 Movimento Liberal, Neo-ortodoxia e a Teologia Liberal

O Movimento Liberal surge como uma onda de racionalização religiosa radical, de teologia liberal influenciada pela evolução darwinista, a crítica bíblica e o idealismo germânico. Surge assim a teologia liberal, baseada na mensagem ética de Jesus, e seus ensinamentos morais, que usavam o método científico e as leis naturais para explicar os milagres, pois, não aceitando a ideia sobrenatural dos milagres, na sua forma de reinterpretação bíblica, negavam o pecado original, o sacrifício de Jesus, pregavam a paternidade universal de Deus e a fraternidade humana. Reestruturaram um ensino religioso para as crianças fundamentado nesses princípios.

No Brasil, a teologia liberal se instalou em algumas Igrejas históricas e de Missão e pode ser entendida em três fases: Primeira na década de 50 e 60, Nicodemus (2012) explica que algumas denominações começaram a *absorver as ideias liberais*, seminários adotaram o método crítico de interpretação bíblica, *fazendo com que algumas pessoas comessem a crer no liberalismo e na neo-ortodoxia*. A segunda fase foi na década de 90, quando o liberalismo, fortalecido nas instituições de ensino, é transmitido para as igrejas locais através de seus pastores, assim, algumas igrejas evangélicas históricas começaram a praticar a neo-ortodoxia. Nicodemus comenta:

O “abaixo ao fundamentalismo” começou a ganhar espaço por meio da juventude. Naquele primeiro momento, as igrejas presbiterianas e algumas outras resistiram muito a este fato. Houve muitas lutas, seminários foram fechados e membros foram expulsos. Vários pastores de influência produziram vários liberais famosíssimos, como Rubem Alves, aqui no Brasil. Segundo ele, “a igreja não deve converter o mundo à igreja, mas a igreja ao mundo”. Por fim, a literatura cristã foi afetada por este contexto. As grandes editoras católicas romanas adotaram o liberalismo como método de interpretação bíblica e começaram a divulgar material neo-ortodoxo, material consumido até pelos ditos evangélicos (2012, p. 1).

A terceira fase corresponde aos dias atuais e como este movimento vem crescendo, na Internet (em redes sociais), na literatura, publicação em livros e nas igrejas, presente nos sermões. A influência da teologia liberal se fez presente na construção de *novos estilos de igrejas*, abrindo a porta para a produção de um *capital religioso* que atendesse à demanda de algumas classes sociais, como por exemplo as Igrejas Evangélicas LGBT no Brasil. Nicodemus explica: *Este contexto abriu a porta para o movimento homossexual. O método histórico crítico relativizava os conceitos bíblicos teológicos e morais, o que permitiu interpretações homossexuais do texto sagrado*. Estes novos estilos de igrejas evangélicas serão enquadradas no Evangelicismo.

2.1.1.6 Movimento Neorreformado e Igrejas Neorreformadas

Este movimento surge dentro das Igrejas Evangélicas Históricas, que, buscando se reposicionar no cenário religioso brasileiro, expondo sua ênfase Reformada com mais veemência, ao ponto de considerar a teologia reformada como a única vertente correta que uma Igreja Evangélica deva seguir para se considerar realmente cristã. Esta ênfase radical e posicionamento extremista vêm em resposta aos diversos ensinamentos da teologia pentecostal e da teologia da prosperidade, que tomam conta das Igrejas Evangélicas no Brasil.

O movimento neorreformado pode ser dividido em dois tipos: Primeiro os *neorreformados radicais*, que acreditam que o calvinismo deve ser a principal fonte de recursos teológicos, políticos e morais para transformar a realidade religiosa no Brasil; acreditam que os pentecostais e neopentecostais, assim como todo tipo de igreja não reformada, devem ter suas teologias trocadas pela Teologia Reformada. McKnight (2009) explica que os neorreformados⁵² *vieram para equiparar o significado de “evangelho” com a “teologia reformada” de Calvino. E os que não são reformados estão de alguma forma negando o próprio evangelho.*

Acreditando assim que os verdadeiros evangélicos são aqueles que são reformados, este posicionamento radical luta para definir o termo *evangélico*, declarando que apenas as igrejas que seguem rigorosamente as regras doutrinárias calvinistas seriam merecedoras dessa definição. Até algumas igrejas tradicionais que se dizem reformadas são colocadas em xeque, consideradas *pós-reformadas*, devido ao abandono do cumprimento dessas regras. Esses *neorreformados radicais* também são chamados de neopuritanos⁵³.

Através da Internet, grupos *neorreformados radicais* têm ganhado projeção com ataques a igrejas não reformadas. O Pastor reformado Renato Vagens denomina-os de *vírus da arrogância* e comenta em seu blog:

Gostaria de dar algumas sugestões àqueles que desejam eliminar de seus corações esse pernicioso vírus: 1-) Você pode ser Calvinista, mas, isso não te dá o direito de zombar e ridicularizar Arminianos. 2-) Você pode não concordar com algumas práticas pentecostais, mas isso não te dá o direito de afrontar desrespeitosamente

⁵² Mais detalhes no artigo de Scot McKnight *Quem são os neorreformados?*

Fonte: www.patheos.com/blogs/jesuscreed/2009/02/16/who-are-the-neoreformed. Tradução: Paulo Cesar Antunes.

⁵³ O termo *neopuritanos* tem sido usado para designar os adeptos da teologia puritana no Brasil, que passaram a usar determinadas doutrinas e práticas como identificadoras dos verdadeiros reformados, como o cântico exclusivo de salmos sem instrumentos musicais no culto, o silêncio total das mulheres no culto, a defesa do cessacionismo com base em 1Coríntios 13.8 (posição contrária à de Calvino), um entendimento e uma aplicação estreitos do princípio regulador do culto e outros distintivos semelhantes. Essas posições acabaram isolando os adeptos dessa linha do movimento de outros reformados que adotavam a teologia de Westminster, mas que discordavam que os pontos acima fizessem parte da essência da fé reformada ou mesmo do puritanismo. Definição de Augusto Nicodemus (2004, p. 187).

santos homens de Deus que acreditam e defendem o pentecostalismo. 3-) Você pode discordar do pensamento, da teologia, e da fé dos seus irmãos, sem contudo, permitir com que a sua discordância redunde em ataques "ad-hominem". 4) Lembre-se que as Escrituras ensinam que "A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito precede a queda" Pv.16:18 (RENATO VARGENS, s.d., n.p.⁵⁴).

O segundo tipo são os *neorreformados moderados*, que acreditam que os princípios da Reforma Protestante devem ser reafirmados nas Igrejas Evangélicas no Brasil, sem, contudo, suas denominações perderem suas identidades em troca de uma identidade calvinista, ou necessariamente denominada reformada. Alguns procuram ser abertos, em busca de um equilíbrio teológico, para uma transição tranquila das igrejas neopentecostais ou pentecostais-reformadas.

Um grande incentivador desse movimento tem sido o Pastor Presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes, em seu livro: *O que estão fazendo com a Igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. Ele escreveu um capítulo, *Carta a um Pastor Pentecostal que Virou Reformado*, com dez direcionamentos para pastores que querem mudar do pentecostalismo para a teologia reformada. Ao final, ele comenta:

[...] existem já no Brasil várias igrejas pentecostais-reformadas, pequenas, é verdade, ainda nascentes. Mas, mesmo não sendo pentecostal, profetizo que esse movimento pode crescer muito no Brasil. Muitas igrejas históricas já são pós-reformadas e é muito triste ver o esquecimento das suas heranças e como vai ficando cada vez mais difícil um retorno verdadeiro. Quem sabe os pentecostais não estejam predestinados a avançar bastante a teologia da Reforma no Brasil? (2008, p. 175).

Como exemplo de igreja pentecostal-reformada, em 2008, a Igreja Pentecostal Nova Vida decidiu retirar o termo *pentecostal* de seu nome, por não mais descrever a realidade da denominação, substituindo por *cristã*, passando a denominar-se Igreja Cristã Nova Vida. Isto ocorreu devido às mudanças litúrgicas e adoção de doutrinas reformadas.



⁵⁴ Fonte: renatovargens.blogspot.com.br/2013/11/uma-palavra-aos-jovens-calvinistas-que.html.

2.1.2 Pentecostalismo⁵⁵

Formato que compreende o movimento pentecostal e tem como base a teologia pentecostal, como também seus híbridos, como por exemplo, a mistura da teologia pentecostal com a teologia reformada, fazendo surgir o movimento renovado, dentre outros citados nesta pesquisa.

É certo que com alguns trabalhos na área, que buscam compreender esse formato, algumas definições e subdivisões foram criadas para atender a complexidade do que se tornou o pentecostalismo. Nesta pesquisa se trará uma proposta que englobe seus principais eixos e venha definir suas diferenças básicas, contudo, excluirá a *fase neopentecostal*, e a tratará de forma separada, posteriormente.

Depois das igrejas Evangélicas Tradicionais, as Igrejas Evangélicas Pentecostais são as mais antigas no Brasil. Seus movimentos são de vertente avivalista e buscam renovação espiritual. Inicialmente tratadas como seitas, depois de passados cerca de 100 anos de seu processo no Brasil, conseguiram conquistar seu lugar, e atualmente são Igrejas altamente institucionalizadas.

No caso das Assembleias de Deus, seus especialistas religiosos precisam passar por processos de seleção, estilo plano de carreira, para poder alcançar posições mais elevadas de comando institucional, fora a preparação nos seminários.

Com grande ênfase evangelística, as Igrejas Evangélicas Pentecostais utilizaram o rádio para difundir a teologia pentecostal. Com o advento da TV, segundo Campos (2004), os pentecostais repudiavam o uso da TV em suas casas, considerando-a mundana demais, voltando-se fortemente para as transmissões de rádio.

Posteriormente o uso da TV foi reconsiderado e canais foram idealizados com o intuito de evangelizar o Brasil. Assim a relação dos evangélicos pentecostais com os meios de comunicação de massa pode ser entendida em três fases: Uso do rádio, o uso da TV, e atualmente o uso da Internet.

2.1.2.1 Movimento Pentecostal e a Teologia Pentecostal

Depois do período de fundação das igrejas históricas, começou uma nova etapa da expansão dos evangélicos no Brasil. Este período é denominado Pentecostalismo (de Pentecostes descrito no livro de Atos, capítulo 2, no Novo Testamento, sobre a chegada do

⁵⁵ Dados históricos retirados das pesquisas de Alderi de Souza Matos (2014) e Antônio G. Mendonça (2002).

Espírito Santo sobre os Cristãos em Jerusalém, no início do século I d.C.). Este Movimento também conhecido como Pentecostalismo clássico, surgiu nos Estados Unidos conforme descreve Cairns:

Provavelmente foi a abertura do Bethel Bible College em Topeka, Kansas, dirigido por Charles Parham, em outubro de 1900 que começou esse movimento. Em 1º de janeiro de 1901 os alunos estavam estudando a obra do Espírito Santo, e umas alunas, Agnes Ozman, pediu aos outros que lhe impusessem as mãos para que ela recebesse o Espírito. Ela falou em línguas e, mais tarde, outros estudantes também falaram em línguas. Parham abriu outra escola em 1905 na cidade de Houston, Texas (2000, p. 432).

Um pregador afro-americano chamado William Joseph Seymour, aluno da escola de Parham, realizou reuniões que ficaram conhecidas como *reavivamento da Rua Azusa* (ou Movimento Carismático). Essas reuniões de avivamento⁵⁶ pentecostal aconteceram em Los Angeles, Califórnia, e os encontros se iniciaram em 14 de Abril de 1906, em um prédio de uma antiga igreja localizado na Rua Azusa.

Foi marcado por experiências de êxtase espiritual e seus participantes falavam em línguas estranhas. Fundaram uma Igreja chamada Missão Apostólica da Fé, posteriormente denominada Assembleia de Deus. Este movimento se espalhou pela América do Norte, chegando a América do Sul. O conjunto de crenças do Movimento Pentecostal formulou a Teologia Pentecostal.

2.1.2.2 Igrejas Evangélicas Pentecostais

Sob a influência do Movimento Pentecostal, surgem dois tipos de Igrejas pentecostais. As primeiras são conhecidas como *Pentecostais Clássicas* e surgem da década de 1910 a 1940, com a formação da Congregação Cristã no Brasil⁵⁷ (iniciada pelo ex-presbiteriano Louis Francescon, no Sul e Sudeste), Igreja Evangélica Assembleias de Deus no Brasil⁵⁸

⁵⁶ Os avivamentos (ou reavivamentos) são acontecimentos, ditos moveres espirituais, em que há a transformação de vidas em número e são típicos do protestantismo anglo-americano, embora tenham ocorrido em todos os continentes. Trata-se de grandes períodos de efervescência espiritual cristã, quando muitos, na maioria milhares, são atraídos às igrejas, principalmente pentecostais, e sinais incomuns, como batismo no Espírito Santo e curas em massa acontecem. Os avivamentos geralmente começam com oração, seja por parte do avivalista que toma o rumo do acontecimento, seja por parte de outros. Um exemplo clássico foi o de William Seymour, iniciante do Avivamento na Rua Azusa em 1905, que orava em torno de sete horas por dia antes do avivamento começar. Fonte: <http://www.avivamentoja.com>

⁵⁷ No site oficial da Igreja segue a história de sua fundação narrada por seu fundador, Louis Francescon, bem como fotos. Fonte: www.cristanobrasil.com. Imagens em <http://elielsoaresbatista.blogspot.com.br>, O Colecionador, relíquias da Congregação Cristã no Brasil.

⁵⁸ A CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) traz um vasto material sobre o pentecostalismo, muitos publicados em homenagem a comemoração do centenário das Assembleias de Deus, e em 2011 foi fundado um Museu onde mantém o registro da história do surgimento e expansão das Igrejas Assembleias no Brasil, e em outros países.

(fundadas pelos ex-batistas Daniel Berg e Gunnar Virgren em Belém-PA), Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, Igreja de Cristo no Brasil, Igreja de Deus no Brasil, Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil, Igreja Evangélica Avivamento Bíblico.

Um traço marcante das Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil é a ênfase do falar em línguas chamado de *Batismo no Espírito Santo*. Há rompimento radical com as Igrejas Evangélicas de Missões ou Históricas, mudando a forma de administração drasticamente, mudando a liturgia, e dispensando a tradicional formação de pastores, além disso, insere usos e costumes baseados em padrões rígidos de condutas sociais, logo, mulher não pode usar calças, homens não podem jogar futebol, entre outras, fazendo surgir um tipo de *Evangélico* ascético.

Com o tempo, a relação com a mídia muda, e algumas igrejas evangélicas pentecostais clássicas constroem uma ampla rede de comunicação, como exemplo a Igreja Assembleia de Deus, que dispõe de canal de TV e construiu uma forte representação na Internet, com variados sites e TV On-line.

FIGURA 24: IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS		
ASSEMBLEIAS DE DEUS		
RÁDIO	TV	INTERNET
		
Igreja Evangélica Assembleias de Deus Programa de rádio <i>Voz das Assembleias de Deus</i> , pelo Agente Pentecostal Nels Lawrence Olson.	Igreja Evangélica Assembleias de Deus Canal de TV Boas Novas Programa <i>Voz das Assembleias de Deus</i> com o Agente Pentecostal Samuel Câmara sede em Manaus.	Igreja Evangélica Assembleias de Deus Site em comemoração ao centenário da Igreja no Brasil.
Fonte : http://www.centenarioadbrasil.org.br/	Fonte: www.boasnovas.tv	Fonte: http://www.centenarioadbrasil.org.br/

Outras Igrejas tiveram uma projeção menor devido à continuidade do posicionamento religioso ascético, como é o caso da Igreja Congregação Cristã do Brasil (CCB), que não permitia ter aparelho de TV em casa, por isso a Igreja não tem canais de TV, nem programas de TV. Em 2010 Monteiro escreveu:

O modelo de atuação da CCB é praticamente oposto àquele usualmente atribuído ao pentecostalismo. Não se fazem cultos ao ar livre, pregações em praças ou locais públicos. Não são permitidas campanhas evangelísticas nem impressão e/ou distribuição de folhetos. A mídia eletrônica também não é permitida. Em época de Igreja virtual, na qual o fiel pode participar de cultos, orações ou atividades de cunho religioso por meio de televisão, rádio e internet, a CCB mantém o mesmo procedimento de sempre, valorizando a presença física nos templos e mantendo-se contrária à expansão da fé por meio da mídia (2010, p. 127).

Em 2014, o *grande avanço tecnológico* permitido pela liderança da CCB foi a criação de um site oficial com rádio on-line, contudo, diversos sites não oficiais e comunidades em redes sociais foram criados com o nome da CCB, nos quais membros que não são líderes oficiais propagam notícias e opiniões, com muitas fotos das fachadas dos templos, e vários vídeos de músicas no Youtube.

O uso da Internet começou a ganhar espaço e hoje constitui uma ferramenta de comunicação e interação muito utilizada pelos seus membros, mas este tipo de relação com a internet gerou conflitos internos entre lideranças dentro da CCB, constituindo dois polos, um tradicional, totalmente contra os meios de comunicação e outro, moderado, que permite o uso das mídias.

FIGURA 25: IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS		
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL		
RADIO	SITE OFICIAL	FACEBOOK
 <p>Notícias sobre batismos na Congregação Cristã no Brasil. Os batismos são os grandes eventos.</p> <p>Fonte: www.cristanobrasil.com</p>	 <p>Site Oficial da Congregação Cristã no Brasil com rádio pela web.</p> <p>Fonte: www.cristanobrasil.com</p>	 <p>Page não oficial no Facebook</p> <p>Fonte: www.facebook.com/pages/CONGREGAÇÃO-CRISTÃ-NO-BRASIL</p>

O segundo tipo de Igrejas Evangélicas Pentecostais pode ser chamado de *Igrejas Deutero-pentecostais*⁵⁹. Surgem na década de 1950 a 1960 igrejas como:

A Igreja do Evangelho Quadrangular⁶⁰ sua Igreja Sede nos Estados Unidos, em 1924, fundou a primeira rádio pertencente a uma igreja e a terceira emissora em Los Angeles, a KFSG. Já no Brasil, chegou em 1951 e possui uma secretaria de comunicação responsável pela manutenção do jornal, sites, rádio e TV on-line e redes sociais.

Em 1956, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo (da qual o Missionário Manoel de Mello foi o primeiro líder evangélico a sair na capa da revista *Veja*, em 1981) inaugura o programa de rádio *A Voz do Brasil Para Cristo*, que está no ar até hoje (2015), assim como também possui varias rádios na web, na época o programa foi recebido como um grande acontecimento que projetou o Missionário Manoel Mello no meio evangélico, como a imagem de um missionário tipicamente brasileiro e pentecostal, tornando-o conhecido em outras denominações.

Há ainda Igreja Pentecostal Deus é Amor, em 1961, do Pastor David Miranda, utilizou muito programa de rádio, e venda de pregações gravadas em pequenos discos de vinil, com forte ênfase em cura divina sua principal característica eram as muletas colecionadas pela igreja, muletas que foram deixadas por pessoas curadas. Preocupava-se em diferenciar-se de outras igrejas pentecostais adotando rígido controle de roupas, e o uso de bigodes por homens. O Pastor David Miranda tornou-se a imagem ícone da igreja Deus é Amor.

Catedral da Bênção, em 1964, Igreja Unida, Igreja União Evangélica Pentecostal, Igreja Cristã Maranata, Igreja Pentecostal de Nova Vida, 1961 (que mudou seu nome para igreja Cristã Nova Vida, igreja que possui uma trajetória diferenciada de outras igrejas pentecostais), entre outras pequenas denominações.

Inicialmente essas igrejas tiveram como características principais a ênfase na cura divina, e correntes de oração, com grande propagação através de programas de rádios e grandes eventos ao ar livre.

Posteriormente se informatizaram, com sites, rádios web e TV On-line, pois buscavam desenvolver uma forte projeção nos meios de comunicação, mais acentuada que os pentecostais clássicos, que tinham um posicionamento ascético e conservador.

⁵⁹ A palavra *Deutero* é de origem grega e significa repetição, ou algo que se faz pela segunda vez. Esse termo foi adotado por Mariano (1999). Também pode ser conhecido como Pentecostalismo Autônomo ou PA, conforme estudos de José Bittencourt Filho.

⁶⁰ O nome quadrangular é baseado em quatro crenças sobre Jesus, 1- O Salvador; 2- O Batizador no Espírito Santo; 3- O Grande Médico ;

4- O Rei que voltará.

FIGURA 26: IGREJAS EVANGÉLICAS DEUTERO-PENTECOSTAIS		
IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR		
JORNAL	SITE OFICIAL	RÁDIO E TV ON-LINE
 <p>Jornal Folha Quadrangular.</p> <p>Fonte: www.portalquadrangular.com.br</p>	 <p>Site Oficial.</p> <p>Fonte: www.portaligrejaquadrangular.com.br</p>	 <p>Radio web.</p> <p>Fonte: www.portalquadrangular.com.br</p>
IGREJA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO		
JORNAL	RÁDIO	INTERNET
 <p>Jornal O Brasil para Cristo.</p> <p>Fonte: www.obpcmandaqui.com.br</p>	 <p>A Voz do Brasil para Cristo.</p> <p>Fonte: www.radioobpc.com.br</p>	 <p>Site oficial.</p> <p>Fonte : www.conselhonacional.org.br</p>
IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR		
JORNAL	RÁDIO	INTERNET
 <p>Símbolo da Igreja.</p> <p>Fonte: www.ipda.com.br</p>	 <p>Vinil de 1987 com gravação do Programa de rádio Voz da Libertação.</p> <p>Fonte: www.ipda.com.br</p>	 <p>Site Oficial. Atualmente tem várias radio web <i>Voz da libertação</i>.</p> <p>Fonte: www.ipda.com.br</p>

2.1.2.3. Movimento Renovado

O Movimento Renovado também teve sua origem nos Estados Unidos e é conhecido como *Segunda Onda do Movimento Pentecostal*⁶¹, por ser fortemente influenciado pela Teologia Pentecostal, pois reafirma a grande ênfase na manifestação do *dom de línguas*. O destaque desse movimento foi a forma como a teologia Pentecostal penetrou várias igrejas tradicionais luteranas, presbiterianas, metodistas, causando rompimentos doutrinários. O ano de 1960 é considerado marco inicial desta onda, quando o costume de *falar em línguas* surgiu numa igreja Episcopal da Califórnia e se espalhou pelos Estados Unidos.

Outro destaque é como esse Movimento extrapolou o espaço das igrejas e se espalhou pelas universidades e instituições para-eclesiásticas, como a ABU. Penetrou também outros espaços religiosos, como a Igreja Católica, ao criar o Movimento Carismático (conhecido no Brasil como Renovação Carismática, Canção Nova). É importante também destacar a composição social que este movimento alcançou, atingindo uma parcela da classe média e universitária, enquanto que o Movimento Pentecostal inicial teve grande crescimento dentro do setor social mais pobre da sociedade.

2.1.2.4 As Igrejas Evangélicas Renovadas⁶²

No Brasil, algumas Igrejas de Missão e Históricas, a partir da década de 60, se fragmentaram em novas denominações, devido a dois fatores importantes: primeiro, receberam forte influência do movimento pentecostal, segundo, não aceitavam a crescente influência da teologia liberal em seu meio. Com o crescimento da Teologia Pentecostal, as Igrejas de Missão e Históricas se posicionaram cada vez mais contra esses ensinamentos, proibindo qualquer tipo de manifestação considerada sobrenatural e buscavam proteger seus membros na *nova seita pentecostal*. Algumas igrejas adotaram a teologia liberal, como estratégia para se diferenciar da teologia pentecostal. Elas combatiam e demonizavam os pentecostais, partindo para outro extremo, e esse posicionamento radical acabou

⁶¹ Paul Freston quem criou esta nomenclatura, chamando de Ondas, em sua tese *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment* (1993, p.54). Podemos relacionar a formulação de Freston com a proposta aqui apresentada, identificando na *Primeira Onda* os Pentecostais Clássicos, na *Segunda Onda* as *Deutero-pentecostais* e os *renovados*, e na *Terceira Onda* o Neopentecostalismo.

⁶² José Bittencourt Filho (1998), no livro *Sociologia da Religião*, na p. 94, traz uma nomenclatura em que denomina essas igrejas como *neodenominacionais*, uma denominação criada a partir de outra, justificando a necessidade de adotar um termo específico para este grupo devido a grande quantidade de igrejas criadas a partir das mesmas características. Nessa pesquisa se adota o termo *renovado*, por se acreditar que o *neodenominacional* possa causar alguma confusão de terminologias já que, no cristianismo, as denominações em grande parte surgem de rompimentos denominacionais.

fragmentando as Igrejas em dois polos tradicionais e espirituais, gerando por fim o rompimento.

Algumas dessas denominações, de forma peculiar, mantiveram parte da nomenclatura de sua igreja de origem, acrescentando apenas o termo *Renovado* em seus nomes, como Igrejas Batistas Renovadas, Igrejas Presbiterianas Renovadas do Brasil, 1975, Igreja evangélica Congregacional Renovada.

O termo *Renovado* tornou-se sinônimo de reavivamento espiritual, baseado não só na experiência pentecostal, mas numa renovação de posicionamento teológico. Outras Igrejas renovadas: Igreja Metodista Wesleyana, 1967, Igreja Batista Nacional, 1967, Igreja Batista de Lagoinha, 1957. Dessas, a mais conhecida no Brasil é a Igreja Batista de Lagoinha, devido a seu ministério de louvor *Diante do Trono*, que, com o grande sucesso de vendas de CDs, projetou o nome da igreja no Brasil e no mundo.

O Pastor Marcio Valadão lidera a igreja desde 1972. Ele sempre buscou uma projeção nos meios de comunicação, com edição de jornais, rádio, web e atualmente possui um canal de TV chamado rede Super, e TV on-line. Além do *Ministério Diante do Trono*, a igreja tem grande projeção midiática, com os cantores Mariana Valadão e André Valadão. Ana Paula Valadão, líder do ministério, é reconhecida como referencial de mulher evangélica na mídia secular, geralmente convidada para participar de programa de TV. Os cantores citados possuem grande número de seguidores nas redes sociais na internet e seus eventos atraem multidões.

FIGURA 27: IGREJA PENTECOSTAL RENOVADA		
IGREJA BATISTA DE LAGOINHA		
ANA PAULA VALADÃO	MARIANA VALADÃO	ANDRÉ VALADÃO
 <p>Facebook profile of Ana Paula Valadão. The cover photo shows her with the text 'PÁGINA OFICIAL ANA PAULA VALADÃO' and 'FACEBOOK.COM/ANAPAUVALADAOOFICIAL'. The profile picture shows her with the text 'Ana Paula Artista/banda'. The number of likes is 2.567.420.</p>	 <p>Facebook profile of Mariana Valadão. The cover photo is yellow with the text 'M A I' and 'Santo'. The profile picture shows her with the text 'Mariana Valadão Artista/banda'. The number of likes is 3.095.843.</p>	 <p>Facebook profile of André Valadão. The cover photo shows him with the text 'VERSÕES ACÚSTICAS'. The profile picture shows him with the text 'Andre Valadão Artista/banda'. The number of likes is 4.880.606.</p>
Fonte: facebook.com/anapaulavaladaodtooficial	Fonte: facebook.com/marianavaladaooficial	Fonte: facebook.com/andrevaladaooficial

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL FUNDADORES



Pr. Abel Amaral
Camargo (1925-1995)



Pr. Jonathan Ferreira
dos Santos



Pr. Palmiro Franc. de
Andrade (1924-1991)



Pr. Dr. Jamil Josepetti
(1930-2001)



Pr. Advanir Alves
Ferreira

Fonte: http://www.iprb.org.br/historia/iprb/iprb_historia.htm

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL EM ARACAJU/SE EQUIPE PASTORAL



Marcos Andrade
Pastor Sênior da IPR
em Aracaju desde 1985.



Claudia Andrade
Pastora dos ministérios,
cursos e grupos de comunhão.



Pr. Jeter Josepetti
IPR Riomar



Msrª Amanda Josepetti
IPR Riomar



Msrª Aninha Velardez
IPR Riomar



Pr. Genoval Rodrigues
IPR Riomar



Pr. Ilmar Ramos
IPR Sol Nascente



Pr. Gerivaldo Rodrigues
IPR Conj. Jardim



Pr. Davi Dória
IPR Coroa do Meio



Pr. Rubens dos Santos
IPR Siqueira Campos

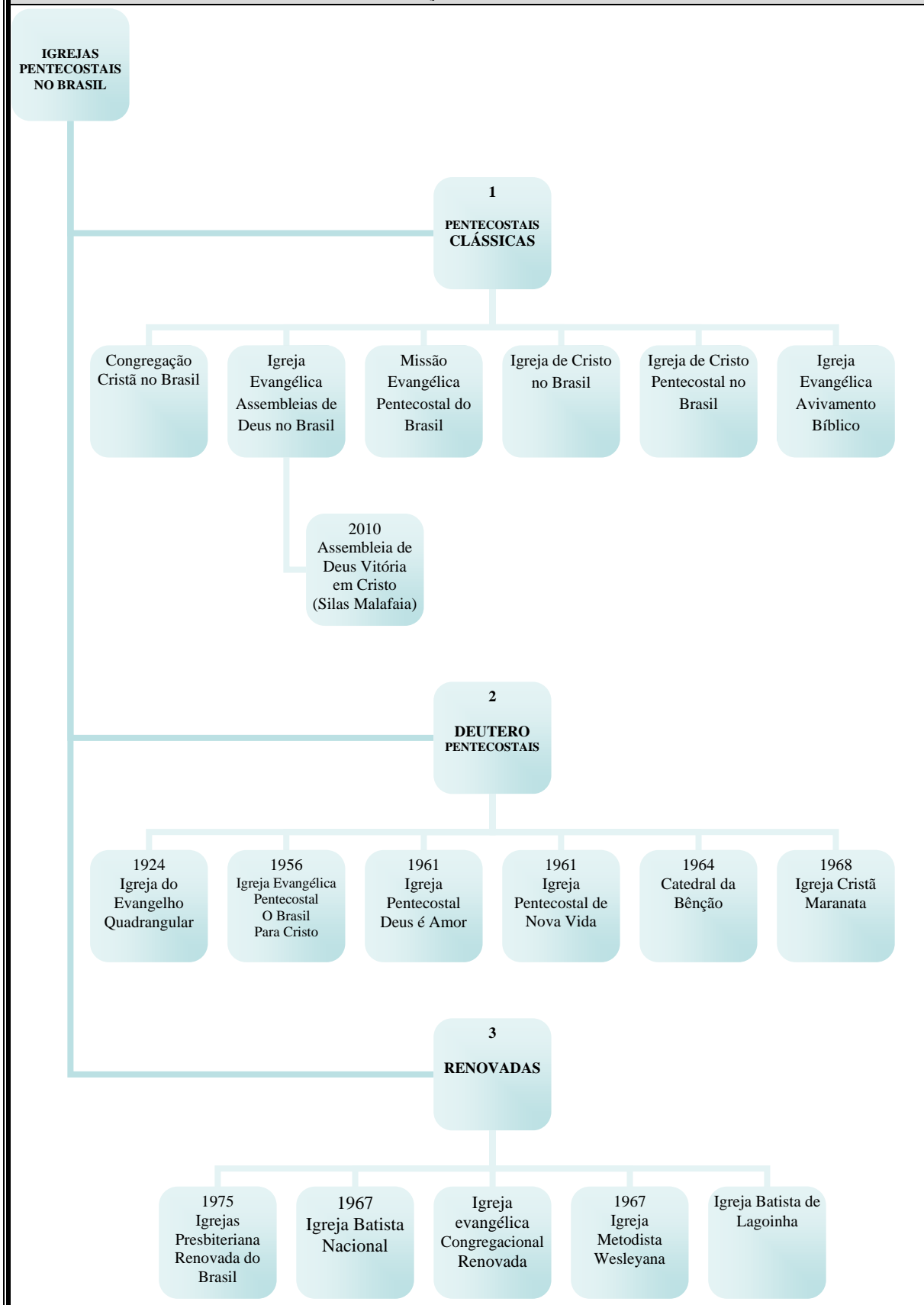
Fonte: <http://2015.vidarenovada.com.br/>

TEXTO DO SITE SOBRE FUNDAÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL

Fruto do avivamento que se instaurou no meio presbiteriano brasileiro, na década de 60 do século XX, nasceram duas igrejas com características semelhantes e iguais objetivos: a Igreja Cristã Presbiteriana, ICP, em 1968, e a Igreja Presbiteriana Independente Renovada, a IPIR, em 1972. A ICP compunha-se dos Presbitérios de Cianorte e Brasil Central e tinha como líder o Pr. Jonathan Ferreira dos Santos. A IPIR elegeu como seu presidente o Pr. Palmiro Francisco de Andrade. Esse avivamento caracterizou-se por um intenso desejo de conhecer mais a Palavra de Deus, por uma ênfase ao estudo da doutrina do Espírito Santo e por uma vontade de consagrar-se mais a Jesus, através da prática da vida de oração, da pregação ardorosa do Evangelho e da separação dos costumes mundanos. A afinidade levou essas igrejas a uma aproximação que veio a resultar na união das duas denominações, no dia 08 de janeiro de 1975, selada numa memorável assembleia constitutiva, realizada em Maringá, PR, nascendo, assim, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, a IPRB. A primeira assembleia elegeu como seu primeiro presidente o pastor Abel Amaral Camargo. A IPRB adotou o Jornal Aleluia, fundado em 1972, como seu órgão oficial. O Instituto Bíblico de Cianorte fora elevado à categoria de seminário.

Fonte: http://www.iprb.org.br/historia/iprb/iprb_historia.htm

FIGURA 28: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS COM REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA NO BRASIL



Fonte: Elaborado pela Autora

2.1.3 Neopentecostalismo⁶³

Formato baseado na teologia da prosperidade e que engloba todas as Igrejas de caráter neopentecostal, bem como os movimentos influenciados pela teologia da prosperidade. As Igrejas neopentecostais são profundamente interligadas com a mídia.

Pode-se dizer que de forma agressiva lutam por projeção, produzem *capital religioso* para atender específicas demandas provenientes de setores da sociedade que passam por algum tipo de necessidade ou crise, como doenças, problemas financeiros e psicológicos.

O capital religioso produzido pelo pentecostalismo também tem esse foco de demanda, contudo, o neopentecostalismo se diferencia em pontos essenciais, que não é necessariamente o uso agressivo da mídia, mas o conteúdo de sua teologia e as pessoas que esta alcança (enquanto o pentecostalismo tinha uma ênfase espiritualista voltada para o desenvolvimento de uma santidade interior que refletia no exterior apenas como usos e costumes – uso de roupas longas).

O neopentecostalismo tem uma ênfase numa espiritualidade que se manifesta em *materiais externos* objetos que são os canais da espiritualidade e da vitória, *objetos ungidos*, considerados especiais. Não seriam apenas as palavras de poder, as correntes de oração, as orações de libertação, mas agora os *objetos santos* seriam necessários para o andamento dessa nova espiritualidade.

A materialidade dos objetos físicos que podiam ser tocados, levados para casa responderiam aos desejos materiais dessa nova espécie de demanda, como um amuleto que abria as portas para a bênção que viria se materializar em suas vidas. É esse entendimento que a teologia da prosperidade traz nessa relação neopentecostal.

A espiritualidade neopentecostal está diretamente ligada com o *material*, e com os *benefícios materiais* que a relação com a divindade deveria trazer. A nova demanda estava assim ligada a uma nova classe que teria mais ambições materiais, com forte desejo de ascensão social, representada na classe média emergente.

⁶³ Nesta pesquisa, este termo é tratado como uma categoria diferenciada do pentecostalismo. Ele possui suas características independentes, e suas peculiaridades estão fortemente baseadas na teologia da prosperidade. Trazemos aqui algumas sugestões de subdivisões e formas de entender as igrejas neopentecostais.

2.1.3.1 Movimento Neopentecostal e a Teologia da Prosperidade

Complexo é definir o que se chama de Movimento Neopentecostal. Uma síntese de várias tendências religiosas que nasceu na América do Norte e que tem suas peculiaridades no Brasil. É importante destacar como o termo é usado para abarcar toda forma de manifestação religiosa que aparece e cada vez vai aglutinando mais requisitos. A palavra neopentecostal hoje pode carregar inúmeros significados, dependendo da forma como é usada, contudo não é suficiente para definir o que tem acontecido no cenário Evangélico no Brasil. Inicialmente o Movimento Neopentecostal (também conhecido com o termo *Terceira Onda do Movimento Pentecostal*) parecia ser apenas mais um segmento proveniente da Teologia Pentecostal, mas acabou se configurando como algo diferenciado. O conjunto de suas características foi denominado de Teologia da Prosperidade, conforme cita Matos:

Assim como outros países, o Brasil é um importador e consumidor de bens materiais e culturais norte-americanos. Isso ocorre também na área religiosa. Um movimento de origem americana que tem tido enorme receptividade no meio evangélico brasileiro desde os anos 80 é a chamada teologia da prosperidade. Também é conhecida como “confissão positiva”, “palavra da fé”, “movimento da fé” e “evangelho da saúde e da prosperidade”. A história das origens desse ensino revela aspectos questionáveis que devem servir de alerta para os que estão fascinados com ele. Ao contrário do que muitos imaginam, as ideias básicas da confissão positiva não surgiram no pentecostalismo, e sim em algumas seitas sincréticas da Nova Inglaterra, no início do século 20. Todavia, por causa de algumas afinidades com a cosmovisão pentecostal, como a crença em profecias, revelações e visões, foi em círculos pentecostais e carismáticos que a confissão positiva teve maior acolhida, tanto nos Estados Unidos como no Brasil (2008, p. 1).

Pode-se compreender o Neopentecostalismo a partir de sete fatores:

Primeiro, a teologia Pentecostal, que proporcionou o ambiente propício para se tratar de coisas espirituais, e sobrenaturais, sem os limites impostos pela teologia das igrejas tradicionais. O ambiente trabalhado por pentecostais durante quase 60 anos no país introduziu no cenário religioso um tempo de manifestações espirituais e avivamentos, abrindo a porta pra novos movimentos, inicialmente tratados como avivamentos pentecostais (posteriormente ganhando dimensões diferenciadas).

O segundo fator são as influências da teologia da Confissão Positiva⁶⁴, de E. W. Kenyon, que teve a organização dos seus princípios numa produção bibliográfica extensa, o

⁶⁴ Através da fala o indivíduo promove o milagre, decretando que o milagre existe antes de acontecer, com palavras positivas, e pensamentos positivos sobre a veracidade do milagre, como algo já ocorrido, daí surge a teologia positiva, que busca desenvolver uma base bíblica para tal prática nas Igrejas neopentecostais.

que proporcionou uma sistematização do seu ensino através da teoria e da prática, organizado pelo Movimento Palavra da Fé⁶⁵, iniciado por Kenneth Hagin e seu Instituto Rhema Bible Training (1974). Em 1993, Paulo Romeiro⁶⁶ lança o livro *Super crentes*, tratando da influência da *teologia positiva* no Brasil, citando como Valnice Milhomens, R.R. Soares, Miguel Ângelo e Edir Macedo implantaram no Brasil essa teologia.

O terceiro fator é a propagação dos princípios de Kenyon e Hagin na televisão, unida ao Movimento da Fé de Kenneth Copeland e Benny Hinn, popularizando a crença de como a palavra de fé pode evitar o mal, as doenças e a pobreza material, acrescentando um fator de ascensão social, poder especial, adquiridos através da fé para seus seguidores, atraindo muitos telespectadores. O uso da televisão acaba ganhando proporções maiores e linguagem muito enfática, projetando pastores *televangelistas neopentecostais*⁶⁷ com mais eficácia.

Esta estratégia iniciada pelos pentecostais foi aprimorada pelos neopentecostais, com pastores internacionais servindo de referencial para os novos pastores neopentecostais no Brasil. Posteriormente, o uso da Internet foi ganhando proporções maiores e atualmente também junto com a televisão se tornou um dos grandes meios de propagação utilizado por igrejas neopentecostais, com diversos sites, vários canais de TV on-line e rádio web.

O quarto fator diz respeito a uma prática de gerenciamento da Igreja que utiliza recursos administrativos usados em grandes empresas, como direcionamento de líderes, organização financeira e um forte desenvolvimento publicitário, com uma linguagem agora também aberta à classe média, diferenciada da linguagem Pentecostal mais direcionada à classe carente da sociedade.

O quinto fator é a origem de suas igrejas, que partem de rompimentos com Igrejas Tradicionais, Pentecostais, e seguem se fragmentando. A questão do rompimento já não é uma busca por um avivamento espiritual baseado na crença no *dom de línguas*, mas um despertar espiritual para adquirir *poder e autoridade* sobre questões da vida terrena e os problemas sociais, em que prosperar financeiramente e ter a saúde restaurada se torna a grande evidência da manifestação divina.

⁶⁵ *Palavra da Fé* é o movimento que cresce mais rapidamente dentro das igrejas neopentecostais. Ele tem compreendido duas facções distintas, embora intimamente relacionadas: os pensadores das possibilidades positivas, de Peale e Schüller, cujas raízes estão no *Novo Pensamento*; e os pensadores da confissão positiva, de Hagin/Copeland e grupos da *Palavra da Fé*, cujas raízes estão em E. W. Kenyon e William Branham, *Os Manifestos Filhos de Deus e Movimento Latter Rain* (Chuva Serôdia). Citação retirada de *Biblical Discernment Ministries*, Traduzido por Mary Schultze, 13/05/2007. Para o CPR, disponível em: <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/KennethCopeland-BiblicalDiscernmentMinistries.htm>

⁶⁶ Bacharel em jornalismo pela Universidade Braz Cubas (Mogi das Cruzes, SP), e mestre em teologia (M.Div.) pelo Gordon-Conwell Theological Seminary (Boston, EUA).

⁶⁷ Campos (2014) descreve no seu artigo o processo desses televangelistas. *Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva*.

O sexto fator são os *movimentos* que essas igrejas propagam no país. Cada grupo possui seus movimentos e campanhas que buscam trazer um direcionamento espiritual para suas igrejas e marcam profundamente suas práticas. Geralmente usam esses movimentos para se diferenciar de outras ou se modernizar e crescer com estratégias administrativas (como o Movimento G12) ou propagar uma cultura evangélica (caso do Movimento Gospel).

2.1.3.2 Igrejas Evangélicas Neopentecostais

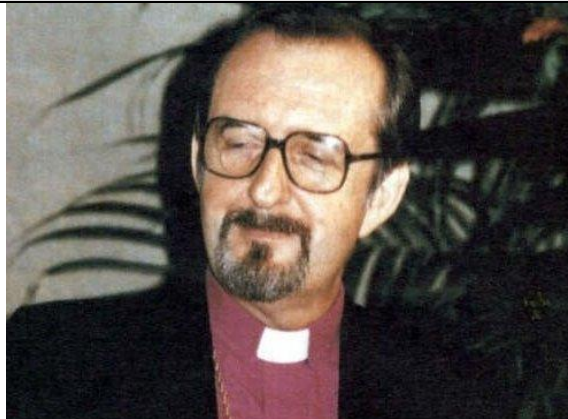
No Brasil, a partir dos anos 80, populariza-se o neopentecostalismo, um setor bastante complexo e em constante mutação. Na tentativa de compreender este cenário neopentecostal, pode-se fazer uma pequena distinção baseada nas ênfases dadas ao discurso da pregação teológica e principais tendências que cada grupo desenvolveu. Para isso se dividiremos as igrejas neopentecostais no Brasil em quatro formatos.

O primeiro tipo são as Igrejas que têm o foco nas campanhas de cura, prosperidade, e possessão demoníaca. As primeiras surgem de rompimentos com a Igreja Pentecostal de Nova Vida, fundada em 1961 por Robert McAlister⁶⁸. Depois segue-se um série de rompimentos. Um traço marcante dessas igrejas é o espetáculo da fé na televisão, por isso aqui serão denominadas de Igrejas do Espetáculo da Fé.

- Em 1977 Edir Macedo e R.R. Soares rompem com Robert McAlister e fundam a Igreja Universal do Reino de Deus, depois, devido a desentendimentos.
- Em 1980 R.R. Soares rompe com Edir Macedo e funda a Igreja Internacional da Graça.
- Em 1985, Miguel Ângelo rompe com Robert McAlister e funda a Igreja Evangélica Cristo Vive.
- Em 1998, Valdomiro Santiago, obreiro por 20 anos da Igreja Universal, é expulso, e funda a Igreja Mundial do Poder de Deus.
- Em 2006 Agenor Duque, rompendo com Valdomiro da Igreja Mundial do Poder de Deus, funda a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus.

⁶⁸ Detalhes no livro Neopentecostalismo: quem foi Robert McAlister conhecido como pai desse movimento, escrito por Walter McAlister Editora Anno Domini.

FIGURA 29: ROBERT MCALISTER



Em 1978, a Igreja de Nova Vida iniciou o programa de televisão Coisas da Vida, na TV Tupi, sendo uma das pioneiras na utilização da televisão como meio de evangelização.

Fonte: www.novavida.com.br/

O segundo tipo são Igrejas com foco na confissão positiva, quebra de maldições, atos proféticos. Elas não se formaram a partir de rompimentos com Igrejas Pentecostais, mas foram formadas a partir de uma ligação direta com o Movimento Palavra da Fé. São igrejas detentoras da disseminação de seus ensinamentos através de cursos e seminários, como a Igreja Verbo da Vida fundada em 1985 pelo casal Bud e Jan Wright (ramificação no Brasil do Rhema Bible Training de Kenneth Hagin), e a INSEJEC, Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, 1994, fundada por Valnice Milhomens. Serão aqui denominadas de Igrejas da Palavra da Fé.

FIGURA 30: VALNICE MILHOMENS



Década de 80, Valnice Milhomens no seu programa “Palavra da Fé”, tema Cura Interior.

Fonte: www.youtube.com

O terceiro tipo são Igrejas que têm como foco principal três pontos: a batalha espiritual, libertação e cura interior. São consideradas Igrejas da Restauração, como o Ministério Internacional da Restauração de René Terra Nova, fundada em 1992, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada por Robson Rodovalho, 1992. Serão chamadas de Igrejas da Restauração.



Um quarto tipo de Igreja neopentecostal são igrejas inicialmente voltadas para o público jovem. Elas têm como foco a disseminação do Movimento Gospel (movimento musical popular nos anos de 1989 a 1999), com cultos totalmente diferenciados do culto tradicional.

Elas rompem com a liturgia, incluindo um culto-show com bandas de vários estilos musicais, como rock, reggae, funk, evangelismo radical, trabalho com tribos urbanas, trabalho com grupos de risco, e, posteriormente, atendem a classe média jovem que não se adaptava às Igrejas tradicionais.

Como exemplo, a Igreja Renascer em Cristo (1986), do Pastor Estevam Hernandes, Igreja Bola de Neve⁶⁹ (1999), do Pastor Rinaldo Luis, Igreja Cristã A Casa da Rocha (2010), do Pastor Zé Bruno, serão aqui chamadas de Igrejas Gospel.

⁶⁹ O pesquisador Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão realizou um trabalho sobre: *A grande onda vai te pegar: mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church*. Florianópolis, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

FIGURA 32: ESTEVAM E SÔNIA HERNANDES



Criadores da Marcha para Jesus, incentivadores do Movimento Gospel no SOS da vida Gospel Festival, e do Renascer Praise, donos da TV Rede Gospel, além de rádio e gravadora.

Fonte: www.verdadegospel.com

2.1.3.3 Movimento G12

Popular no Brasil no início dos anos 2000, o Movimento G12 (termo que se refere a uma pessoa discipulando doze, segundo o modelo de Jesus e seus discípulos) foi fundado pelo pastor colombiano César Castellanos, em 1983, baseado numa adaptação do movimento em células do Pr. David Y. Cho. O G12 traz uma visão organizacional da Igreja que tem como alvo o crescimento através de um rígido sistema de discipulado baseado em quatro pontos: Ganhar, Consolidar, Discipular, Enviar.

Envolve batalha espiritual, retiros religiosos para iniciados, confissão regressiva, regressão, hipnose, tratamento espiritual de cura interior, libertação, atos proféticos, quebra de maldições, forte influência da cultura judaica nos usos e costumes, realizando as comemorações: Festa dos Tabernáculos, Páscoa, Pentecostes, Yom Kippur, Purim e Chanucá. Eles consideram o Natal uma festa pagã.

Várias Igrejas no Brasil romperam com suas denominações e adotaram esse sistema mudando radicalmente sua infraestrutura para atender os requisitos do G12, e se submeter ao cuidado do fundador. Enquanto que outras Igrejas já foram fundadas dentro do sistema, como exemplo a INSEJEC - Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, de Valnice Milhomens.

2.1.3.4 Movimento da Reforma Apostólica

Outro movimento que desde 2001 vem ganhando ênfase entre as Igrejas Evangélicas é o Movimento da Reforma Apostólica. Tendência de uma nova *unção*, que confere graus elevados à liderança evangélica, elevando-as a um novo patamar de autoridade, este movimento visa restaurar a função dos apóstolos bíblicos nos dias atuais, buscando novas estratégias e direcionamentos para o crescimento das suas Igrejas e expansão da Reforma Apostólica, acreditando ser este o meio para um novo reavivamento no Brasil e no Mundo, através de um combate por território espiritual numa batalha espiritual. O pesquisador Ari Pedro Oro descreve este movimento a partir de um de seus fundadores, o teólogo Peter Wagner:

Peter Wagner cunhou o termo *pós-denominacional*, que vimos muitas vezes ser utilizado pelas lideranças que entrevistamos para descrever o momento evangélico atual. Na medida em que o campo evangélico se fragmenta, acredita-se que o Espírito passaria a enfeixar pequenos e médios grupos (como os que estudamos), e por sua ação esses grupos se conheceriam nas cidades e formariam uma coletividade organizada em pequenas igrejas, em centralização administrativa, mas unida no Espírito: os pentecostais e carismáticos que estudamos chamam essa configuração idealizada de Igreja da cidade. Não se trata apenas de ligar denominações e congregações lado a lado, mas de ligá-las por cima, em torno de personalidades carismáticas de região ou do país tornadas apóstolas, dentro da concepção de Peter Wagner de “Nova Reforma Apostólica” (2012, p.27, grifo do autor).

Percebe-se que o uso do termo *pós-denominacional*, por Peter Wagner, busca a fuga do enquadramento no neopentecostalismo, apostando na Reforma Apostólica uma nova reconfiguração do campo evangélico. O perfil das Igrejas participantes da Reforma Apostólica é variado. Algumas neopentecostais buscam fugir da nomenclatura pejorativa que o termo neopentecostal carrega. Umas participam do Movimento G12, outras, são independentes, com variadas práticas.

O traço que pode agrupá-las é a crença de que suas autoridades são instituídas diretamente por Deus como autoridade apostólica na terra, tal como foram os discípulos de Jesus, sendo estas autoridades apostólicas dignas de credibilidade e legitimação a qualquer coisa, que venham ensinar, dizer, ensinar ou profetizar. O Movimento da Reforma Apostólica busca trazer uma nova reconfiguração das Igrejas, sem, contudo, mudar sua prática, acaba se configurando numa mescla de várias teologias e movimentos que se camuflam, utilizando o termo *Evangélico*.

2.1.3.5 Igrejas Evangélicas Apostólicas

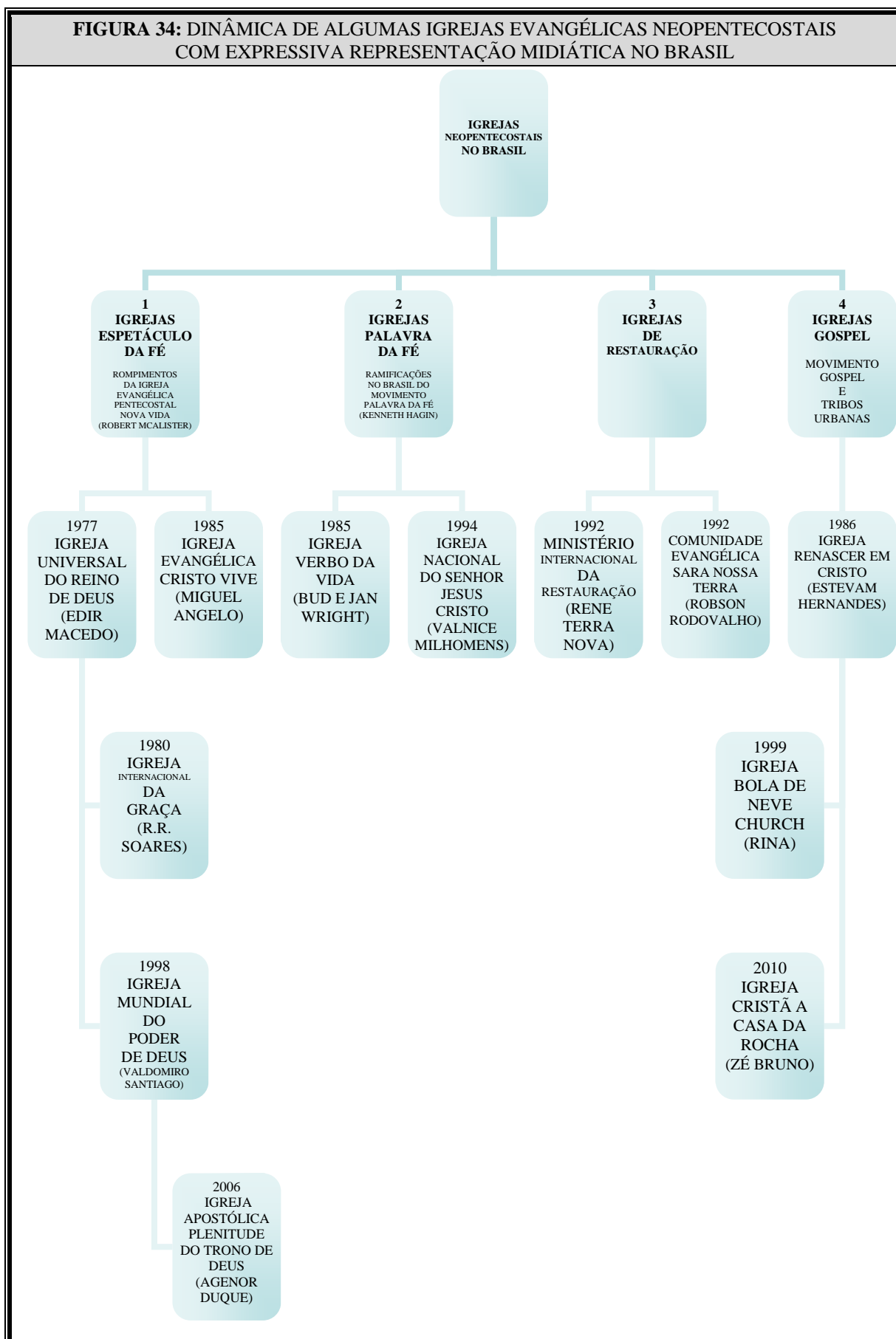
Muitas Igrejas buscam uma nova visão e posicionamento no cenário religioso no Brasil e adotam o título *Apostólica*. Buscam constituir um novo momento e reavivamento no Brasil. Essas Igrejas são direcionadas por seus líderes, agora intitulados Apóstolos. Entre os apóstolos no Brasil, encontra-se o Apóstolo Estevam Hernandes, fundador da Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986), Apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus 1998, Apóstolo Márcio Valadão, Pastor da Igreja Batista da Lagoinha, 1957, Apóstolo Rina, fundador da Igreja Bola de Neve, Apóstolo Miguel Ângelo, da Igreja Evangélica Cristo Vive, fundada em 1985. Apóstolo Ezequiel Teixeira, do Projeto Vida Nova, conhecida como a “Igreja com Cara de Leão”. Apóstola Valnice Milhomens, da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo.

Surgiram também algumas organizações que não são necessariamente igrejas e adotam o nome de *Ministérios*, como a Apóstola Neuza Itioka, do Ministério Ágape Reconciliação, representante (no Brasil) de Peter Wagner. Apóstolo Mike Shea, fundador do Ministério Casa de Davi, e a Apóstola Bernadete Dinorah de Carvalho Cidade, Baby do Brasil, Ministério do Espírito Santo de Deus em Nome de Jesus, no Rio de Janeiro, fundado em 2000, entre outros.



Como representante desse sistema também existe a Igreja conhecida como Ministério Internacional da Restauração, 1992, fundada por Rene Terra Nova, que rompeu com o G12 e fundou seu próprio estilo, chamado de M12. O Apóstolo Renê Terra Nova recebeu o título de Patriarca Pai de Apóstolos, colocando-se numa posição acima das lideranças, que são apenas Apóstolos. Estas igrejas se unificam na CIEAB (Confederação das Igrejas Evangélicas Apostólicas do Brasil).

FIGURA 34: DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS NEOPENTECOSTAIS COM EXPRESSIVA REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA NO BRASIL



Fonte: Elaborado pela Autora

2.1.4 EVANGELICISMO⁷⁰

Esta pesquisa busca uma definição específica para o termo **Evangelicismo**, que deriva de *Evangélico*. Compreende-se que no Evangelicismo existe a construção de uma forma de ecumenismo evangélico que busque a unicidade das igrejas evangélicas, ou de um grupo de pessoas que se consideram evangélicas sem estarem ligadas a alguma instituição. Esta unicidade pode se manifestar de variadas maneiras, contudo, estão interligadas quando buscam no termo *Evangélicos* sua definição e identidade, abandonando outros termos denominacionais.

O Evangelicismo também se caracteriza pela forma como um indivíduo (leigo ou agente) pode se sobressair acima da sua instituição, exercendo forte poder de influência em outras instituições, tanto quanto, ou mais, que os agentes oficiais das igrejas, penetrando várias denominações, causando mudanças, gerando movimentos. Outra característica no Evangelicismo é a tentativa de fuga de algumas igrejas e de seus líderes da definição pejorativa de *neopentecostal*, buscando no termo *Evangélicos* uma identidade considerada *mais leve*, com uma imagem *mais positiva*.

É dentro do evangelicismo que os agentes procuram se refazer, buscam uma nova proposta e postura religiosa, que venha atender às demandas dos leigos. É também onde vários leigos, que agora estão informatizados, procuram novas formas de se relacionar entre si e novas formas de entender e praticar a religião.

O movimento em busca de posse do termo evangélico acentuou a formação de outros grupos, que buscam uma relação de superação do termo evangélico, com uma nova proposta. Entretanto, com características evangélicas ainda se enquadram dentro da fase Evangelicista. Nesta pesquisa, os grupos evangelicistas serão divididos em quatro formatos: 1- Novos Evangélicos; 2- Grupos Virtuais Evangélicos anti-institucionais e 3- Ministérios Flutuantes.

Assim como essencialmente o Evangelicismo é marcado por conflitos e disputa na definição do termo *Evangélicos*, caracteriza-se pelo uso dos meios midiáticos para promover a projeção de indivíduos que querem se tornar representantes dos *Evangélicos* no Brasil, intervindo em áreas culturais, em contrapartida a outros que querem reconstruir o que se entende por evangélico hoje.

⁷⁰ Termo sugerido para definir esta nova etapa histórica dos evangélicos no Brasil. Não deve ser confundido com *evangelicalismo*, movimento ecumênico que teve origem na Europa no século 19, e hoje tem forte representação nos EUA, cuja retomada de conceitos tem se denominado neo-evangelicalismo. Evangelicismo, termo ainda não usado no Brasil, serve nesta para pesquisa diferenciar outras fases: tradicionalismo, pentecostalismo e neopentecostalismo. Nesta pesquisa, o *evangelicalismo* surge com uma manifestação dentro da fase Evangelicista. Ressaltando a importância de identificar e estudar as novas formas de relação das igrejas evangélicas com a mídia, principalmente no que diz respeito aos *Novos Agentes*.

2.1.4.1 Movimento *neo-evangélico* (Novos Evangélicos) e as *Novas Igrejas Evangélicas*

A disseminação de igrejas *peculiares* tem crescido no Brasil. Igrejas que atendem uma demanda bem específica da sociedade, com características bem definidas, como algumas tribos urbanas. São igrejas espalhadas pelo país que misturam elementos teológicos de vários segmentos e assim não têm uma designação exata, que seja baseada em teologia única que venha unificá-las. A característica que as une é sua busca em comum por novas formas de modelos de igrejas evangélicas que atendam setores específicos da sociedade, focados numa ação social, e relacionamentos pessoais, com forte rejeição à teologia da prosperidade.

Algumas dessas igrejas se destacam por desenvolverem um sistema administrativo inovador, pouco institucionalizado e descomplicado, com reuniões em lugares simples, sem pretensão de desenvolver uma grande infraestrutura. A Revista Época publicou uma matéria e enquadrou essas igrejas num movimento de *nova reforma protestante*, denominando-os *Novos Evangélicos*⁷¹.



⁷¹ Comunidades voltadas à cultura jovem “emergente”, típica dos grandes centros urbanos do século XXI. Defendem a desinstitucionalização da igreja cristã e o retorno à simplicidade das comunidades primitivas. Definição Revista Época, Fonte: revistaepoca.globo.com.

Para uma compreensão mais clara dos neo-evangélicos, pode-se dividi-los em cinco formatos: O primeiro tipo pode ser chamado de *Igrejas Relacionais*, constituídas por igrejas que adentraram num Evangelicalismo Liberal⁷², com fortes tendências teológicas ligadas ao Teísmo Aberto⁷³, Universalismo, crença na salvação universalista⁷⁴ ou com a Teologia Relacional, que busca desenvolver o relacionamento de pessoas com pessoas mais do que o relacionamento de pessoas com Deus (como exemplo desse tipo, há o Ricardo Gondim e sua Igreja Betesda (2008), que se tornou independente depois de se desvincular da Assembleia de Deus Betesda).

FIGURA 36: RICARDO GONDIM

Ideias Entrevista

O pastor herege

RICARDO GONDIM | “Deus nos livre de um Brasil evangélico”, diz o religioso crítico dos movimentos neopentecostais
A GERSON FREITAS JR.

“DEUS NOS LIVRE de um Brasil evangélico.” Quem afirma é um pastor, o cearense Ricardo Gondim. Segundo ele, o movimento neopentecostal se expande com um projeto de poder e imposição de valores, mas em seu crescimento estão as raízes da própria decadência. Os evangélicos, diz Gondim, absorvem cada vez mais elementos do perfil religioso típico dos brasileiros, embora tendam a recrudescer em questões como o aborto e os direitos homossexuais. Aos 57 anos, pastor há 34, Gondim é líder da Igreja Betesda e mestre em teologia pela Universidade Metodista. F. tornou-se um dos mais populares críticos do *mainstream* evangélico, o que o transformou em alvo. “Sou o herege da vez”, diz na entrevista a seguir.

CartaCapital: Os evangélicos tiveram papel importante nas últimas eleições. O Brasil está se tornando um país mais influenciável pelo discurso desse movimento?

Ricardo Gondim: Sim, mesmo porque, é notório o crescimento do número de evangélicos. Mas é importante fazer uma ponderação qualitativa. Quanto mais cresce, mais o movimento evangélico também se deixa influenciar. O rigor doutrinário e os valores típicos dos pequenos grupos se dissipam, e os evangélicos ficam mais práticos por isso tem de eleger alguns temas que lhe assegurem uma identidade. Nos Estados Unidos, a igreja se apega a três assuntos: aborto, homossexualidade e a influência islâmica no mundo. No Brasil, não é diferente. Existe um conservadorismo extremo nessas áreas, mas um relaxamento em outras. Há aberrações éticas enormes.

RG: Porque esse projeto impõe não só a espiritualidade, mas toda a cultura, estética e cosmovisão do mundo evangélico, o que não é de nenhum modo desejável. Seria a talebanização do Brasil. Precisamos da diversidade cultural e religiosa. O movimento evangélico se expande com a proposta de ser a maioria, para poder cada vez mais definir o rumo das eleições e, quem sabe, escolher o presidente da República. Isso fica muito claro no projeto da Igreja Universal. O objetivo de ter o pastor no Congresso, nas

CC: O senhor escreveu um artigo intitulado “Deus nos Livre de um Brasil Evangélico”. Por que um pastor evangélico afirma isso?



Entrevista de Ricardo Gondim a Revista Carta Capital em 28/04/2011.
Fonte: www.cartacapital.com.br/sociedade/o-pastor-herege

⁷² Ao mesmo tempo em que enfatiza a autoridade das escrituras e a necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo, está aberto a desenvolvimentos intelectuais modernos, particularmente no âmbito do criticismo bíblico e de outras visões da expiação que diferem da teoria da substituição penal. Definição de Erickson (2001 p. 74).

⁷³ Teologia que rejeita a visão clássica da imutabilidade e da onisciência de Deus; também afirma que Deus cresce, descobre coisas que não sabia e muda de ideia. Deus correu o risco de criar os humanos, cujas ações ele não necessariamente conheceu antecipadamente. Definição de Erickson (2001, p. 187).

⁷⁴ Um dos pastores que defende o universalismo no Brasil é o Ed Rene Kivitz, que desde 1988 é pastor da IBAB, Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo. Apesar de seu discurso evangelicalista, ele ainda mantém ligação com as igrejas históricas.

Os posicionamentos de Ricardo Gondim trouxeram grande alarde ao cenário evangélico. Considerado herege por diversas denominações, devido as suas declarações sobre os evangélicos neopentecostais e seu posicionamento a favor da homossexualidade. Na entrevista a *Revista Carta Capital*, ao descrever o evangélico brasileiro atual, Gondim pondera:

Extremamente eclético e ecumênico. Pela primeira vez, temos evangélicos que pertencem também a comunidades católicas ou espíritas. Já se fala em um “evangelicalismo popular”, nos moldes do catolicismo popular, e em evangélicos não praticantes, o que não existia até pouco tempo atrás. O movimento cresce, mas perde força. E por isso tem de eleger alguns temas que lhe assegurem uma identidade. Nos Estados Unidos, a igreja se apega a três assuntos: aborto, homossexualidade e a influência islâmica no mundo. No Brasil, não é diferente. Existe um conservadorismo extremo nessas áreas, mas um relaxamento em outras. Há aberrações éticas enormes (CARTA CAPITAL⁷⁵, 2011, n.p.).

Gondim entende que os movimentos evangélicos contra o aborto e o homossexualismo são manifestações com o fim de reafirmar uma identidade evangélica brasileira decadente, em oposição ao meio secular, embora um posicionamento evangélico a favor da homossexualidade também possa ser analisado como uma busca por uma identidade neo-evangélica moderna, que pode ser a mesma estratégia utilizada por Edir Macedo nas suas declarações a favor do aborto. As temáticas que produzem declarações escandalosas extremas causam um efeito de espetáculo e traz holofotes para o agente religioso responsável por elas.

O segundo tipo de *Novas Igrejas evangélicas* estão ligadas a movimentos direcionados a tribos urbanas. Podem ser chamadas de *Igrejas Underground*. Cardoso (2013), na sua pesquisa sobre o movimento Underground no Brasil, sistematiza em seis pontos suas principais características:

1. Um movimento contracultural cuja marca identitária é o protesto ao legalismo institucional e a rebelião espiritualizada com o uso amplo, e por vezes obsessivo, das artes-culturas seculares;
2. Uma identidade plástica, transitiva e que ressoa numa comunidade imaginada (ANDERSON, 1987); possui uma dinâmica, liderança, ritualidade e senso de pertença muito específicos conforme o lugar ou região de atuação do grupo;
3. Propõe uma ressemilogização do cristianismo ocidental via protagonismos mediados pelos grupamentos juvenis urbanos secularizados;
4. É uma fusão gregária de subestilos artísticos com o fito de chamar atenção, “chocar”, enfim, realizar a Missão por meios legitimamente culturais, sendo a arte o principal veículo de mensagem;
5. Há um gosto especial pelos subgêneros musicais alternativos, sendo o rock e o heavy metal os que inauguraram o movimento no Brasil (CARDOSO, 2011) e se destacam hoje nas mídias e nas comunidades de crença underground. É visto por muitos como os estilos que dão autenticidade ao movimento, sendo os outros (funk,

⁷⁵ Fonte: www.cartacapital.com.br/sociedade/o-pastor-herege.

pop rock, emo, metalcore) uma mera roupagem do que é proferido pela indústria cultural massiva;

6. Partilham teologias pós-modernas, donde a aceitação da pluralidade cultural e da negociação de discursos é um objetivo a ser perseguido pelos cristãos neorreformados; características fundantes, sendo que em alguns contextos (europeu, australiano e norte-americano, principalmente), tem se firmado um estilo de pensamento subversivo que confirma as predições de um cenário cristão secularizado (2013, p. 142).

Observando essas características levantadas por Cardoso, percebe-se que as igrejas evangélicas underground atendem uma demanda específica e diferenciada, que os segmentos tradicionais não assimilaram por completo. Pode-se identificar essa demanda (tribos urbanas) na divisão de Cardoso, em cinco *ondas* (atenção no detalhe em amarelo da **Tabela 11** – Ondas Underground, o público alvo). Observe-se que o autor da tabela utilizou o termo “protagonistas”, o que nesta pesquisa se refere aos “agentes”.

TABELA 11 - ONDAS UNDERGROUND					Fonte: CARDOSO (2011, p. 155)	
“Protótipo” de onda: 1970-1985	Primeira onda: 1985-1989	Segunda onda: 1990-1999	Terceira onda: 2000-2007(?)	Quarta onda: 2007-?		
<p>Protagonistas:</p> <p>missionária Bugra (SC), Comunidade S8 (RJ), Cristo Salva (SP), Atletas de Cristo (SP), Volantes de Cristo (Brasil);</p> <p>Bandas:</p> <p>Rebanhão (RJ), Êxodos (RJ);</p>	<p>Protagonistas:</p> <p>líderes</p> <p>Claudio Tibérius (SP), Luciano Manga (SP), Fábio Carvalho (PR e MG), Comunidade S8 (RJ);</p> <p>Bandas:</p> <p>Katsbarnea (SP), Rebanhão (RJ).</p>	<p>Protagonistas: I Congresso Brasileiro Headbanger Cristão (SP), Christian Metal Force; pastores Claudio Tibérius, Sandro Baggio, Fábio Carvalho, Luciano Manga, Refúgio do rock (SP), Metanóia (RJ), Caverna de Adulão (MG);</p> <p>Bandas:</p> <p>Necromanticider (RJ), Antidemon (SP), Oficina G-3 (SP), Resgate (SP), Fruto Sagrado (SP), Berth (SP), Staurus (SC), The Joke (MG), Catedral (RJ), Kadoshi (SP).</p>	<p>Protagonistas: Bola de Neve Church (SP), Tribal Generation (MG), Zadoque (SP), Ajuntamento das Tribos (RJ), Comunidade Gólgota (PR), Caverna de Adulão (MG), Projeto 242 (SP), Galpão Cultural S8 (RJ); pastores Jesus (RJ), Enok (RJ), Fábio</p> <p>Carvalho (MG), Batista (SP);</p> <p>Bandas :</p> <p>Seventh Angels (PR), Antidemon (SP), Skymetal (MG), Staurus (SC), Desertor (PR), Blasterror (RJ), Trino (ES), DJ Alpiste (SP), Apocalipse XVI (SP).</p>	<p>Protagonistas: Ajuntamento das Tribos (RJ), Avalanche (ES), Manifesto Missões Urbanas (MG), Vineyard/Sexxx Church (SP), ZOE (TO), Sabaoth (AC), Verbalizando (RJ), Underfaith(SP);</p> <p>Bandas:</p> <p>Oficina G-3 (SP), Zebulom (AC), Armon (GO), Krig (MG), Sentido Oposto (RJ), Pingo d'água (RJ), Metanóia Worship (RJ), Ruah Jah (RJ), Doxologia (RJ), Vox (ES), Trino (ES), Desertor (PR), Sangue Inocente (SP), DJ Alpiste (SP), Apocalipse XVI (SP), Mano Reco (SP), Ministério Êfeso (SP); líderes Claudio Tibérius (SP), Olgávaro Junior (MG), Diniz (ES), Evandro Sudré (SP), Marcos Ribeiro (RJ).</p>		
<p>Influências estéticas e musicais:</p> <p>contracultura juvenil, rock psicodélico, blues-rock, baião.</p>	<p>Influências estéticas e musicais: rock neoprogessivo, hard rock, soft rock, heavy metal clássico, thrash metal</p>	<p>Influências estéticas e musicais: thrash metal, heavy metal, death metal, gótico, hard rock, rock progressivo, pop rock.</p>	<p>Influências estéticas e musicais: metal progressivo, death metal, glam-rock, punk, hip-hop (rap, graffiti), clubber.</p>	<p>Influências estéticas e musicais: emo, metalcore, metal progressivo, death metal, hardcore, hip hop (rap, graffiti), poesia, break, “MPB”.</p>		
<p>Público-alvo:</p> <p>hippies, rockeiros, dependentes químicos, alcoólatras.</p>	<p>Público-alvo:</p> <p>punks, headbangers, darks, góticos, carecas.</p>	<p>Público-alvo:</p> <p>punks, headbangers, hardcores, góticos, carecas, satanistas.</p>	<p>Público-alvo:</p> <p>headbangers, punks, carecas, hippies, clubbers, hardcoreans, satanistas, vampiristas, hip hoppers, reggaeiros, grunges, surfistas.</p>	<p>Público-alvo:</p> <p>emos, headbangers, hardcoreans, skatistas, hip hoppers, reggaeiros, universitários, e “outras pessoas”.</p>		
<p>Lógica espacial:</p> <p>lugares de encontro dos grupos, principalmente praças; reuniões de comunhão e de ritualização em igrejas evangélicas de perfil “aberto”; pouca interação espacial entre os missionários vanguardistas.</p>	<p>Lógica espacial:</p> <p>evangelismo de rua individual, reuniões esporádicas e maior quantidade de jovens envolvidos na “luta”. Os militantes continuam dispersos.</p>	<p>Lógica espacial:</p> <p>aluguel de galpões ou aproveitamento dos espaços anexos das igrejas para promover os cultos; intensificação dos evangelismos de rua com microgrupos; primeiras bandas de metal cristão tocando em shows seculares.</p>	<p>Lógica espacial:</p> <p>difusão do movimento nas outras regiões do Brasil (notadamente Nordeste e Norte), com a emergência de outras expressões estéticas dentro da visão e missão do underground cristão; criação de agências missionárias de formação de líderes e de implantação de igrejas alternativas; maior diálogo com os evangélicos; eventos de integração local e regional; uso esporádico do ciberespaço e das mídias alternativas.</p>	<p>Lógica espacial:</p> <p>eventos de integração local e regional; empoderamento das agências missionárias; intercâmbio pontual com missionários undergrounds da América Latina; turnês de bandas “famosas” (Saint Spirit, Antidemon, Krig); refluxo do proselitismo de “rua” e mais agenciamentos no interior dos grupos (reuniões de confraternização, encontros rituais, Festivais anuais); uso intenso do ciberespaço e das novas tecnologias; fechamento identitário de alguns grupos, abertura “estratégica” de outros conforme o contexto e recursos financeiros.</p>		
<p>Signos territoriais:</p> <p>praça, templo evangélico.</p>	<p>Signos territoriais:</p> <p>rua.</p>	<p>Signos territoriais:</p> <p>show, rua, praça.</p>	<p>Signos territoriais:</p> <p>point, show, comunidade local.</p>	<p>Signos territoriais:</p> <p>comunidade local, show, encontros “regionais”.</p>		

Emos, headbangers, hardcoreanos, skatistas, hip hoppers, reggaeiros, universitários, entre outros. O movimento underground atende várias demandas. Inicialmente como ministérios ligados a igrejas neopentecostais, depois se tornaram independentes, com a criação de igrejas novas e totalmente voltadas para as tribos urbanas. Como exemplo, a Igreja Evangélica Vintage 180, de Porto Alegre, que rompeu com a teologia neopentecostal. Apesar de rompimentos teológicos e administrações menos institucionalizadas, as igrejas underground continuam se reunindo em grupos, com forte investimento em relacionamentos pessoais e muita divulgação nas redes sociais da internet.



O terceiro tipo são *Igrejas sem Templo*⁷⁶, um tipo de igreja que se reúne em lugares diferenciados, sem moldes de templos, como a Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera (2001), localizada em Campinas (SP) e dirigida pelo Pastor Ricardo Agreste. Apesar de não possuir templo físico, estas igrejas ainda mantêm um certo estilo hierárquico e liderança pastoral. Cada comunidade desenvolve seu sistema teológico e são muito ligadas ao território local.

⁷⁶ Não se deve confundir Igreja Sem Templo com o movimento Desigrejados. Os membros da Igreja sem Templo se reúnem periodicamente em algum local. Os desigrejados não se reúnem, nem possuem ligações hierárquicas, são contra qualquer tipo de institucionalização de suas práticas religiosas.

O quarto tipo são *Igrejas Orgânicas* (que também não possuem templos e se reúnem em casas), como os grupos do médico Irani Rosique de Rondônia e o grupo *Irmãos*, de Luiz Fontes de Goiana, que se espalhou por outros Estados.

Seus líderes não são agentes religiosos especializados e não usam título como pastores. Estas igrejas se denominam teologicamente de *Igrejas Neo-testamentárias*, pois desejam resgatar os moldes da igreja primitiva, descrita no livro bíblico de *Atos dos Apóstolos* para os tempos atuais. No seu site, descrevem seus princípios:

Uma igreja orgânica é uma comunidade não institucionalizada de discípulos de Jesus que moram em um bairro ou região; uma congregação de pessoas que nasceram de novo pela fé em Jesus – o Messias – e que se reúnem frequentemente para edificarem-se mutuamente na fé, servir uns aos outros e aos necessitados, comer, ter comunhão e para adorar a Deus coletivamente. Seu alvo é viver a igreja conforme os princípios e as práticas do Novo Testamento.

É uma comunidade que se reúne principalmente nos lares dos seus membros, mas que também se encontra e reúne em quaisquer outros lugares. Geralmente possui o tamanho de 10 a 20 participantes (incluindo crianças). Quando crescem e não comportam mais em um lar típico, elas se dividem em dois ou mais grupos. Algumas igrejas se reúnem periodicamente com outras igrejas da cidade, realizando grandes reuniões.

Os seus líderes e autoridades são pais de família - homens maduros na fé e na idade (presbíteros) que não são clérigos profissionais e que possuem o máximo possível de características dadas em 1 Tim. 3.2-5 e Tito 1.6-9 e 2.2. A liderança nas igrejas orgânicas, porém, não é exercida de forma dominadora, mas pelo exemplo, amor e respeito.

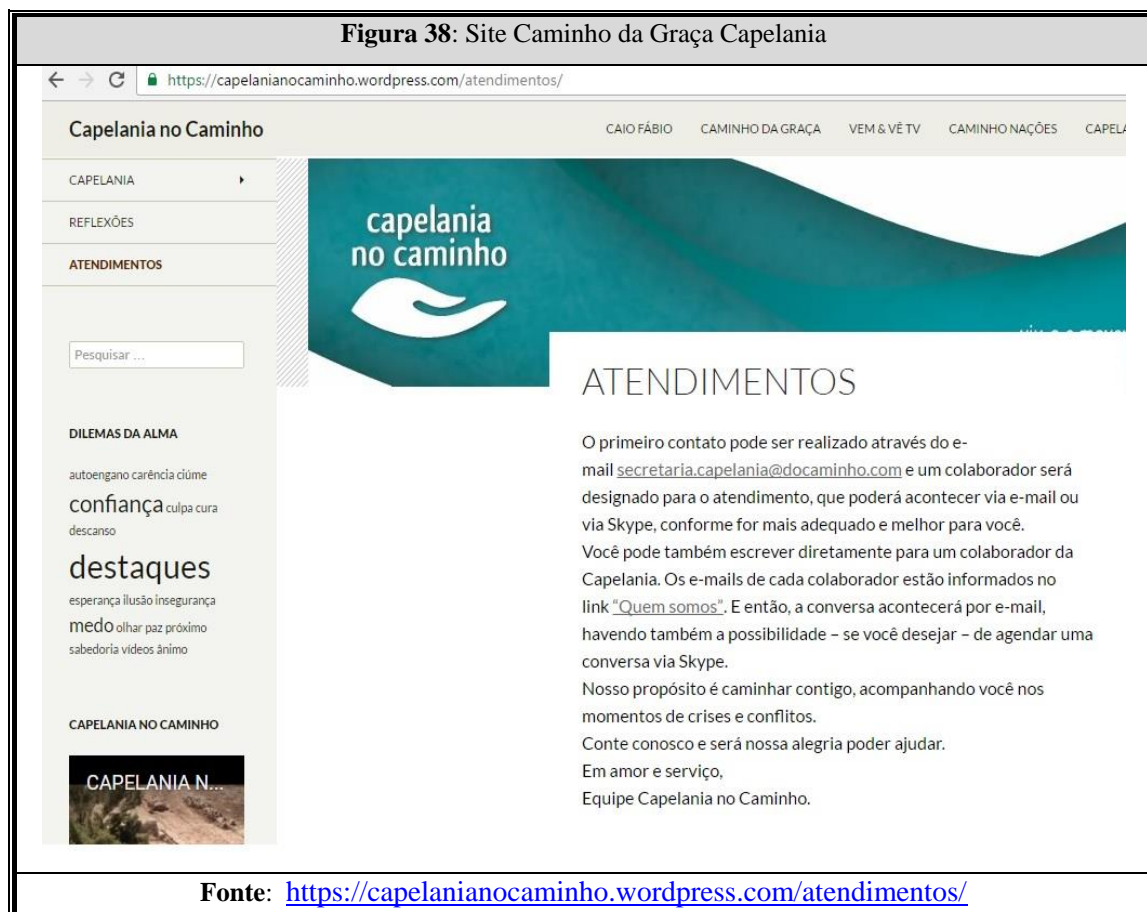
Nas reuniões eclesiais das igrejas neotestamentárias incentiva-se a participação de todos, com base principalmente em 1 Cor. 14.26. Não há liturgia fixa, mas geralmente adora-se a Deus com música, poesia ou orações, estuda-se a Bíblia, compartilha-se testemunhos e experiências e compartilha-se o pão. Não se cobram dízimos e às vezes são levantadas ofertas para os necessitados ou para eventos e projetos da própria comunidade. Sobre tudo, Jesus é o centro das reuniões e da vida das igrejas⁷⁷ (IGREJA ORGÂNICA, s.d., n.p.).

As *igrejas orgânicas* também podem ser conhecidas como *igrejas dos lares*, *igrejas simples*, *igreja de discípulos*. Através de sites e redes sociais, buscam interagir umas com as outras, sem desenvolver uma liderança central. Elas organizam encontros nacionais (assembleiaorganica.blogspot.com.br). Em seus sites indicam como uma pessoa pode começar uma igreja orgânica em sua casa, com passo-a-passo.

O quinto tipo pode ser chamado de *Grupos do Caminho*, que recebem esse nome porque alguns grupos se recusam a usar nomenclaturas como igreja, cristianismo, e até mesmo o termo evangélico, a exemplo do *Caminho da Graça* fundado por Caio Fabio, pastor que teve grande projeção no cenário evangélico na década de 90, mas, após envolvimento em escândalos, resolveu romper com as instituições evangélicas e desenvolveu seu ministério

⁷⁷ Fonte: www.igrejaorganica.net.

independente. Ele atua principalmente através da internet, com um sistema de *capelania virtual* que conta com colaboradores da capelania (não usa a terminologia pastor), realizando atendimentos on-line, conforme explica em seu site:



Mesmo com atendimento on-line, ainda realizam reuniões físicas com pequenos grupos, sem a preocupação de crescimento ou construção de templos. Um dos principais enfoques é o combate às instituições cristãs.

Entretanto, mesmo sem o uso da nomenclatura e discurso revolucionário, os moldes do *Caminho da Graça* também seguem princípios institucionais das igrejas, com a repetição de várias práticas, como pedido de ofertas e doações on-line, campanhas missionárias, sistema hierárquico de liderança (Caio Fábio é líder do grupo). Seu público alvo são pessoas que não enxergam nas igrejas evangélicas atuais uma fonte de correspondência religiosa com seus princípios éticos e posicionamentos bíblicos pessoais, pois se consideram acima da categoria evangélicos.

2.1.4.2 O Movimento dos Desigrejados e os Grupos Virtuais Evangélicos Anti-institucionais

Os desigrejados⁷⁸ (sem Igreja) dizem respeito a novas tendências que surgem no meio Evangélico, que buscam romper com a instituição Igreja, decidindo por uma prática religiosa que não envolva nenhum tipo de institucionalização, formados por indivíduos que separadamente praticam seus cultos em casa, e difundem seus posicionamentos através da internet. Alguns acreditam que o cristianismo tal como é praticado nas Igrejas Evangélicas *encontra-se desvirtuado* e deve ser abandonado por uma nova prática, que não envolva nenhum tipo de denominação.

Acreditam que a institucionalização do cristianismo, é seu grande mal. Uma vertente desse tipo é O Movimento dos “sem Igreja” (MSI). Sobre o registro dos *Evangélicos* sem instituição, Mariano (2013) comenta:

O censo 1991 aponta a existência de 621.306 *Evangélicos não determinados*, enquanto o Censo 2000 registra 1.046.487 *Evangélicos sem vínculo institucional, divididos entre 710.227 Evangélicos e 336.259 Evangélicos de origem pentecostal... Já no Censo 2010, a categoria Evangélicos não determinada, composta por 9.218.129 de brasileiros, não fornece informação alguma sobre a procedência religiosa desses religiosos, se pentecostal ou protestante, e os coloca todos num limbo institucional* (2013, p. 130, grifos do autor).

Apesar de não se considerarem Igrejas, organizando-se de forma diferenciada, esses grupos precisam ser analisados dentro da perspectiva de se enquadrarem na categoria *Evangélicos sem instituição*, pois o crescente número de desigrejados não pode ser ignorado nas pesquisas. Com alguns grupos em redes sociais na internet os desigrejados se comunicam, interagem, discutem e estabelecem outro tipo de relação religiosa.

Dentro dessa relação, novos agentes religiosos se levantam e a produção do “capital religioso” (BOURDIEU, 2005) gira em torno de uma temática de revolução e denúncia, alimentados por uma grande insatisfação com as igrejas institucionalizadas, pois grande parte são dissidentes dessas igrejas.

⁷⁸ Mais detalhes no livro: *Os sem-igreja* de Nelson Bomilcar, Editora Mundo Cristão, 2012.

Figura 39: Comunidade Facebook Os Desigrejados



O ambiente virtual é o ponto de encontro. O local dos desigrejados, a ciber-igreja ou igreja virtual. Um agente virtual é o Irmão Rubens (ex-membro da Igreja Assembleia de Deus), que, através da rede social *Youtube*, com seus canais, chamados de *Verdade Oculta* e *Canal do Rubens*, publica vídeos de denúncia com temas sobre fim de mundo, a decadência das igrejas, listas de pastores maçons, incentivando as pessoas a abandonarem as igrejas.





Figura 40: Canal do Youtube *Verdade Oculta*, Irmão Rubéns



2.1.4.3 Ministérios Flutuantes

Os ministérios flutuantes são movimentos que atuam no cenário evangélico e desenvolvem uma projeção na mídia evangélica e na mídia secular. São ministérios liderados por indivíduos e apesar de seus líderes serem de igrejas, esses ministérios não são coordenados por uma igreja específica, por isso são flutuantes e possuem liberdade de atuar em várias denominações. Pode-se dividir os ministérios flutuantes em quatro categorias:

1- *Ministérios de Impacto Jovem*, que, através de congressos, palestras e shows, atuam em áreas temáticas voltadas para jovens e adolescentes com linguagem radical e revolucionária, como o *Movimento Eu Escolhi Esperar*, liderado pelo Pastor Nelson, que trata sobre sexo, *Movimento Loucos por Jesus*, liderados pelo Pastor Lucinho, que trata sobre comportamento e vida cristã, *Movimento Livres*, liderado por Juliano Son, com ênfase em ações sociais, *Ministério Prova Viva*, da Bianca Toledo, com ênfase em cura emocional.

FIGURA 42: MINISTÉRIOS FLUTUANTES E SUA PROJEÇÃO NO FACEBOOK			
1- MINISTÉRIO DE IMPACTO JOVEM			
 <p>MOVIMENTO EU ESCOLHI ESPERAR 2.717.577 CURTIDAS</p> <p>Fonte: facebook</p>		 <p>PASTOR LUCINHO - MOVIMENTO LOUCOS POR JESUS 1.011.131 CURTIDAS</p> <p>Fonte: facebook</p>	
 <p>BIANCA TOLEDO - MINISTERIO PROVA VIVA 1.610.203 CURTIDAS</p> <p>Consulta de curtidas no Facebook em 13/03/2015</p> <p>Fonte: facebook</p>		 <p>JULIANO SON - MOVIMENTO LIVRES 658.607 CURTIDAS</p> <p>Consulta de curtidas no Facebook em 13/03/2015.</p> <p>Fonte: facebook</p>	

2- Os *Ministérios Artísticos*, que atuam na área artística, como ministério de cantores gospel, e de artistas de teatro, dança e cinema, como a *Companhia de Teatro Jeová Nissi*, que faz turnê por vários Estados no Brasil e fora do país e o *Desconfinados*, liderados pelo Jonathan Nemer, grupo que trabalha com vídeos humorísticos.



3- Os *Ministérios Apologéticos*, na internet. É crescente o número de formadores de opiniões e divulgadores de notícias. Eles atuam em várias temáticas, como combate ao ateísmo, combate ao aborto, ao homossexualismo, combate à teologia da prosperidade, combate ao movimento gospel. São grupos que se organizam em prol de uma causa, como o grupo *Genizah*, que produz textos humorísticos contra a teologia da prosperidade, e movimentos LGBT, também o ICP (Instituto Cristão de pesquisa), que combate *heresias* no meio Evangélico e lançou a Bíblia Apologética.



4- *Ministérios de Informação*. Alguns grupos evangélicos dedicam tempo para a divulgação de eventos, notícias e polêmicas na internet e tratam sobre política e evangélicos, notícias internacionais, entretenimento etc. Geram forte influência no cenário evangélico. Como exemplo, o grupo de comunicação chamado Gospel Prime, em seu site segue sua descrição:

O Portal cristão Gospel Prime nasceu em dezembro de 2008, com o objetivo de informar aos interessados tudo o que acontece no universo evangélico, independentemente da denominação. O site é administrado pela Prime Comunicação Digital Ltda. Poucos anos depois, nossa equipe cresceu, somando, hoje, mais de 80 pessoas, entre redatores, jornalistas, colunistas, consultores, programadores e designers (GOSPEL PRIME⁷⁹, s.d., n.p.).

Outro grupo de comunicação é o polêmico *O Fuxico Gospel*, responsável por circulação de fofocas sobre celebridades gospel (com informações geralmente de origem duvidosa) e também publicam notícias de impacto, como escândalos, buscando público interessado nessas questões, como exemplo, há notícias sensacionalistas sobre a relação de Xuxa e os evangélicos.

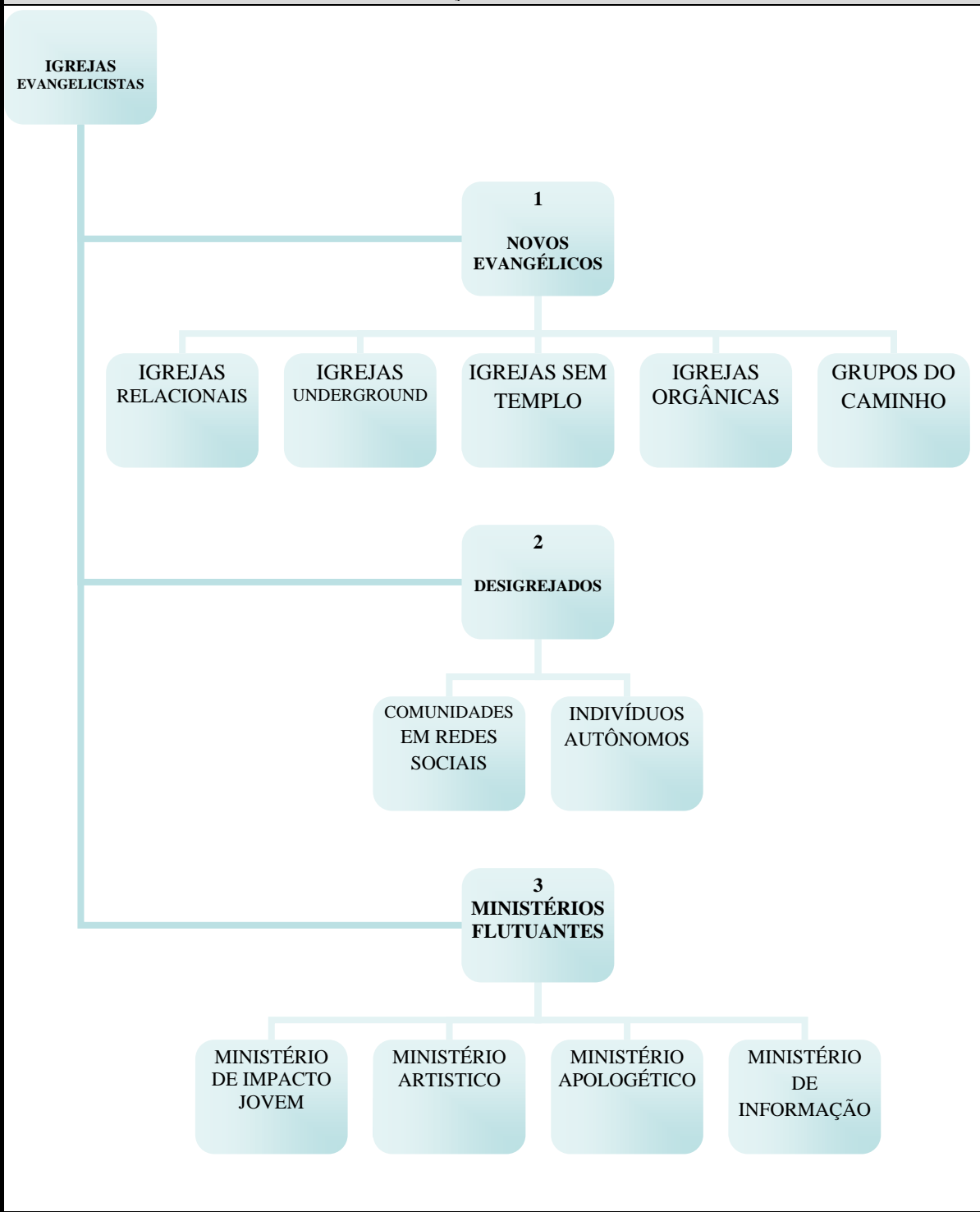


⁷⁹ Fonte: www.gospelprime.com.br/quem-somos.

SITES EVANGÉLICOS	
NOTÍCIAS DO SITE GOSPEL PRIME.	
<p>Consulta de curtidas no Facebook em 13/03/2015. Fonte: noticias.gospelprime.com.br/</p>	
NOTÍCIAS DO SITE O FUXICO GOSPEL.	
<div> <div> <p>gospel Fernanda Brum volta a ser pauta do O Fuxico...</p> <p>Andressa Urach Tenta Converter Miley Cyrus Pelo Instagram</p> <p>Andressa Urach está rente que nem pão quente!!! Ou melhor, que nem crente...</p> <p>Cantoras Gospel Ignoram Acidente De Damare</p> <p>Começamos a semana com uma triste notícia, a cantora Damare e seu esposo...</p> <p>Thalles Roberto Doa Parte De Sua Renda Para Obras Sociais</p> <p>Todo mundo sabe que pos...</p> </div> <div> <p>Fora Da TV, Xuxa Está Frequentando Igreja Evangélica</p> <p>A apresentadora Xuxa Meneghel, sempre foi acusada por vários pregadores no meio evangélico, de ter feito um pacto com o demônio. Essa le...</p> <p>Vaza Fotos Polêmicas Do Vocalista Da Banda Kainon</p> <p>Você conhece o pastor Jazinho, vocalista da Banda Kainon??? É um grupo de reteté e corinhos de fogo bem conhecido no Rio de Janeiro e em t...</p> <p>Depois De Visitar Igreja Evangélica, Xuxa É Demitida Da Globo</p> <p>A apresentadora Xuxa Meneghel, conhecida como Rainha dos Baixinhos, está oficialmente fora da Globo. Depois de 30 anos, a emissora dec...</p> </div> </div>	
<p>Consulta de curtidas no Facebook em 13/03/2015. Fonte: www.ofuxicogospel.com</p>	

Os agentes religiosos desses ministérios flutuantes têm desenvolvido grande influência entre os evangélicos, devido ao crescimento de seguidores nas redes sociais e fama. Esses agentes estão ganhando um espaço na mídia secular, com o título de *representantes dos evangélicos* em relação a várias temáticas e questões.

FIGURA 43 - DINÂMICA DE ALGUMAS IGREJAS EVANGÉLICAS EVANGELICISTAS COM REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA NO BRASIL



Fonte: Elaborado pela Autora

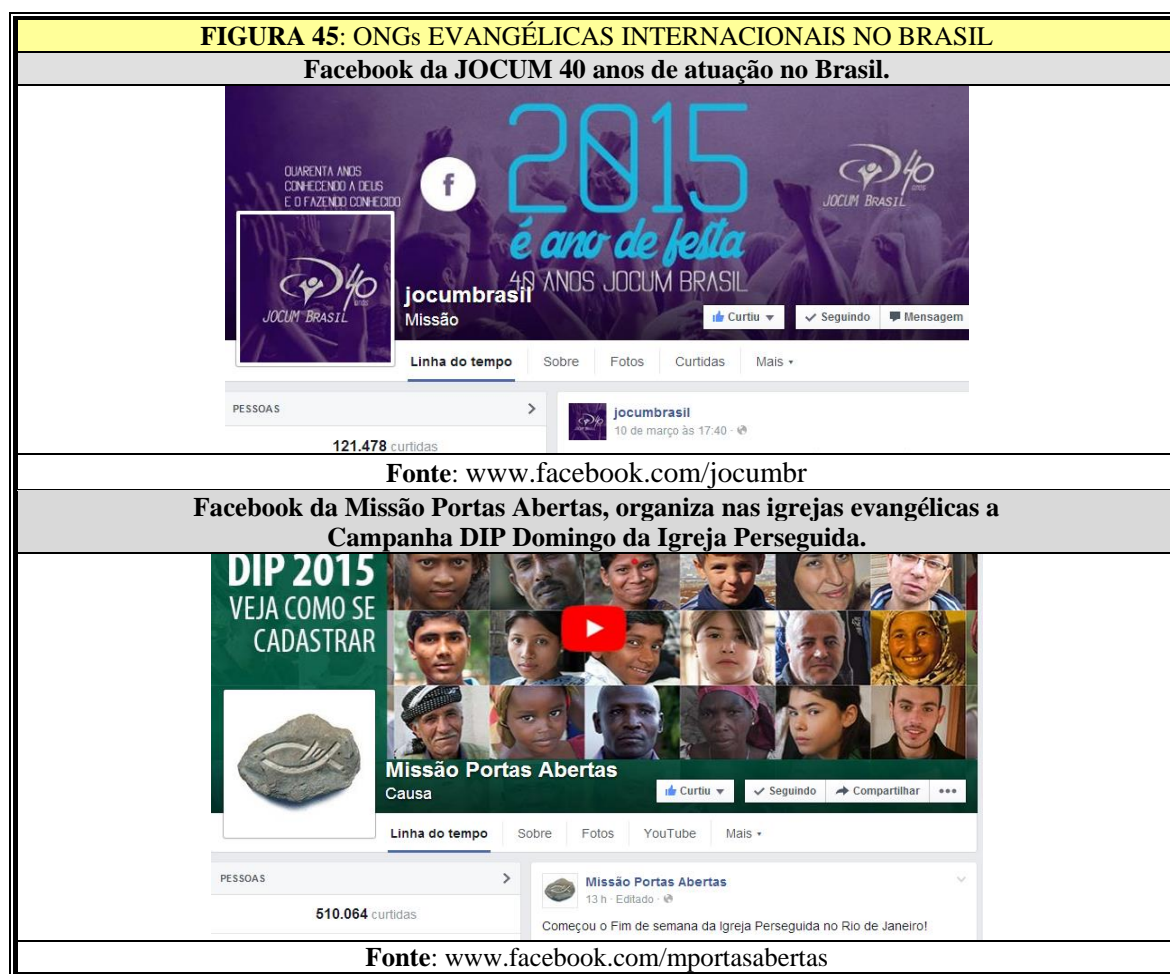
2.2 AS INSTITUIÇÕES DAS IGREJAS EVANGÉLICAS

É importante compreender como as Igrejas estão interligadas dentro de suas denominações, formando um grupo fechado com suas lideranças específicas. Essas denominações são responsáveis também pela criação das outras instituições que venham prestar serviços às suas Igrejas em diversas áreas. Essas denominações também se relacionam entre si e podem constituir alianças para fins específicos. Assim, enxerga-se as Instituições Evangélicas divididas em dois tipos: *Instituições Evangélicas Denominacionais*, que pertencem especificamente às suas denominações de origem, e prestam serviços exclusivamente a estas, e as *Instituições Evangélicas Interdenominacionais*, que podem originalmente pertencer a uma denominação específica, mas são abertas para prestar serviços a outras denominações.

Conscientes do poder midiático, estas instituições projetam sua marca através de logotipos (**Figura 5**) nas fachadas de seus prédios e em seus sites oficiais, blogs, e redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram. Seus desenhos são geralmente baseados em símbolos cristãos com formatos de cruz, peixes, Bíblia, luz.



As instituições criadas e lideradas pelos *Evangélicos* podem ser: as Associações, os Grupos, ONG's, Agências Missionárias, Seminários, Escolas, Universidades, Editoras, Gravadoras, Produtoras, Emissoras de TV, Emissoras de Rádio, Sociedades, Fundações, Partidos Políticos, Empresas, enfim, todas as formas de organizações sociais institucionais ligadas a uma determinada Igreja (denominacional) ou a grupos de igrejas (interdenominacional). Cada instituição estabelece seu tipo de relação com a mídia e produção de material midiático, bem como sua relação com os meios tecnológicos midiáticos. Tal relação pode ser estudada, quando visualizada dentro um *espaço evangélico*, a fim de identificar quais suas formas de organizações e principais características.



Existem algumas ONGs internacionais de grande projeção nas redes sociais da internet, que criam movimentos interdenominacionais no Brasil, buscando a unidade dos evangélicos para atender algum problema social através de campanhas. Por exemplo, as ONGs missionárias JOCUM (Jovens com uma missão) trabalham com evangelismo e assistência social, e a Missão Portas Abertas, que atua com ações de apoio à Igreja Perseguida no mundo.

2.3 ANALISANDO O ESPAÇO EVANGÉLICO

Pierre Bourdieu (1999) define o processo religioso a partir da relação entre leigos/agentes/profeta. Partindo dessa nomenclatura e definição, nesta pesquisa, estamos a construir uma compreensão de como os leigos e agentes evangélicos atuam no Brasil.

Tabela 12: Classificação dos Evangélicos: profeta; agentes, leigos

EVANGÉLICOS	PROFETA	AGENTES	LEIGOS
TRADICIONALISMO	Jesus Cristo	Tradicionais	Tradicionais
PENTECOSTALISMO	Jesus Cristo	Pentecostais	Pentecostais
NEOPENTECOSTALISMO	Jesus Cristo	Neopentecostais	Neopentecostais
EVANGELICISMO	Jesus Cristo	Evangelicistas	Evangelicistas

Fonte: Elaborado pela Autora

Fazendo esta conexão, inicia-se, colocando em Profeta a pessoa de Jesus Cristo, responsável pela revolução que gerou o cristianismo. Em Agentes, os líderes religiosos de cada denominação e em Leigos se encontram todos os membros das igrejas evangélicas.

2.3 Os Agentes Evangélicos

Bourdieu (1999) defende que as posições que os grupos religiosos ocupam configuram um *campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalecente de dominação*. Percebe-se que os agentes são os grandes responsáveis por essa batalha, assim, os agentes tradicionais, pentecostais, neopentecostais e evangelicistas disputam entre si a dominação religiosa do espaço evangélico.

Tabela 13: Classificação Agentes em Visão Restrita e Visão Abrangente

AGENTES EVANGÉLICOS	
Visão restrita Sacerdotes Pastores Teólogos Missionários	Visão abrangente Filósofos Artistas Cientistas Políticos Empresários
Agentes	
Fonte: Elaborado pela Autora	

Baseando-se numa *visão restrita* desse espaço, pode-se separar os agentes em Sacerdotes, Pastores, Teólogos, Missionários, tipos diretamente ligados ao sacerdócio, já numa *visão abrangente*, pode-se encontrar Filósofos, Artistas, Cientistas, Políticos, Empresários etc. Estes tipos não possuem ligação direta com o sacerdócio, mas possuem um considerável nível de influência. Os agentes religiosos são responsáveis pela criação e manutenção de suas instituições.

FIGURA 46: AGENTES EVANGÉLICOS			
TRADICIONAIS	 Russel Shedd	 Renato Vargens	 Augustus Nicodemus
PENTECOSTAIS	 Márcio Valadão	 Marco Feliciano	 Silas Malafaia
NEOPENTECOSTAIS	 Edir Macedo	 R.R. Soares	 Valdemiro Santiago
EVANGELICISTAS	 Ricardo Gondim	 Jackson Jacques	 Caio Fabio

Fonte: Imagens da Internet. Tabela elaborada pela Autora.

Analisando esses agentes, percebe-se que há uma diferenciação nas suas formas de atuação, por isso são definidos conforme seu tipo: agentes tradicionais, pentecostais, neopentecostais e evangelistas. Além disso, os agentes possuem algumas características que lhes são comuns, e podem ser divididas em cinco categorias: *Territorialidade, Fragmentação, Conflito, Diversidade e Legitimação*.

Em relação à *Fragmentação*, o campo religioso é composto por várias igrejas, cada uma com suas lideranças particulares. Essas igrejas não possuem uma ligação que as unifique sobre uma mesma organização ou liderança (como no caso da igreja católica que tem o Papa como líder), enfim, não há (nem nunca houve) um agente representante geral de todas as igrejas evangélicas do Brasil, assim como os agentes evangélicos não são liderados por uma única pessoa. Cada um segue sua instituição religiosa, por isso são fragmentados.

Em relação à *Territorialidade*, cada igreja possui sua estrutura ligada a determinado território e cada agente evangélico está diretamente ligado espacialmente a uma determinada igreja que tem uma base material. Dentre vários tipos de igrejas, este agente pertence exclusivamente a uma e é importante lembrar que o conceito de territorialidade tratado aqui não está ligado apenas à questão material do espaço físico, mas abrange os aspectos políticos, econômicos, culturais e naturais, assim, os agentes evangélicos são territoriais.

Em relação à *Diversidade*, é possível enumerar igrejas completamente diferentes umas das outras, em vários sentidos: Presbiterianas, Batistas, Congregacionais, Pentecostais, Neopentecostais, Comunidades. Diferem nas formas de organização clerical, na disposição da liturgia, nas formas de administração financeira, nos usos e costumes, no ensino, na produção artística, no posicionamento político, na arquitetura de seus templos e tantas outras diferenças. Assim, também seus agentes se diferenciam muito uns dos outros, contudo, possuem em comum sua função, atender às demandas por bem de salvação dos leigos, o que os diferencia também são essas demandas, pois cada uma delas exige dos agentes sua especificidade, por isso os agentes evangélicos são diversificados.

Em relação à *Legitimação*, esses agentes precisam ser diretamente legitimados pelas igrejas. Para influenciar e ser um agente efetivo, a forma de legitimação difere em cada igreja. Cada um tem seus parâmetros para formar e legitimar um agente, tanto quanto para destituí-lo de seu cargo e função, quando necessário. A legitimação não é um processo efetivo, logo, as igrejas tradicionais optam rigorosamente pela legitimação mediante uma formação acadêmica teológica e período de avaliação prática. Já as pentecostais permitem que seus agentes não tenham formação teológica, mas avaliam muito a prática; uma característica das igrejas neopentecostais é a formação por cursos de pequena duração, seguido de avaliação prática;

nas igrejas evangelistas, a formação teológica não é pré-requisito e em grande parte seus agentes não precisam de algum tipo de legitimidade institucional para atuar.

Em relação ao *Conflito*, essas igrejas disputam território, são concorrentes no mercado da salvação. Os agentes são responsáveis pela direção e organização para que a igreja seja bem sucedida em sua função de evangelismo e adesão de novos membros, então o conflito surge quando estes interesses de expansão se chocam. Também ocorrem conflitos quando as diversidades de opiniões se contrapõem, mas os conflitos seguem sem característica de violência física, sendo real num embate ideológico, em âmbitos econômicos, políticos e culturais.

2.4 Os Leigos Evangélicos

Os leigos compõem a grande a população religiosa dos *Evangélicos* no Brasil. Para compreendê-los, é importante analisá-los em sete fatores.

Primeiro entender que a população evangélica tem sua distribuição geográfica em todo o território brasileiro. Os grandes centros urbanos são os que possuem os maiores números, embora o crescimento na zona rural tenha aumentado nos últimos anos (segundo dados do IBGE).

Segundo, a população evangélica, no que diz respeito a sua distribuição social, as análises e dados do IBGE distribuem em classes sociais nas categorias evangélicas, revelando que grande parte destas se concentra nas Igrejas pentecostais e neopentecostais. Aumentando o poder aquisitivo dessas categorias, para adquirir maior projeção midiática, demonstram também que a classe média cada vez mais tem aumentado nesse meio.

Terceiro, a imagem criada da população evangélica dentro de algumas análises e pesquisas de alguns estudos, em que muitas vezes são tratados com o termo *massa de manipulação*, ou vítimas de determinado sistema religioso, excluindo a vontade e desejo da população. Se assim fosse, todo ajuntamento, independente de ser religioso ou não, teria o mesmo caráter.

Quarto, a imagem criada da população evangélica (quando vista em ajuntamentos interdenominacionais, como os grandes eventos *Evangélicos* que atraem multidões) como unidade evangélica, é falsa. Os grandes ajuntamentos não significam unidade e harmonia no meio, pois, na prática, essas igrejas são concorrentes, mas, em alguns casos, em termos culturais, unem-se em grandes eventos e manifestações, quando encontram pontos em comum, como eventos musicais ou temas sociais genéricos.

FIGURA 47: MARCHA PARA JESUS 2013 SÃO PAULO



Fonte: g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/veja-fotos-da-marcha-para-jesus-em-sp.html

Quinto, a população evangélica é uma multidão sem voz e sem representatividade oficial. É importante compreender que os *Evangélicos* não possuem representantes oficiais. A população evangélica não tem uma liderança organizada e instituída pelos próprios *Evangélicos* para representá-los de forma universal diante da sociedade e de questões levantadas de ordem política, econômica e até mesmo religiosa. Quando precisam de uma posição, só através dos seus agentes, as lideranças denominacionais oficiais que se pode ter uma declaração, e conforme são várias denominações, assim também são várias as opiniões e declarações emitidas.

Sexto, a população evangélica, durante muito tempo, foi tratada como um fantasma pela mídia secular, seus eventos ignorados, sua existência não percebida. A crescente projeção dos *Evangélicos* pentecostais e neopentecostais na mídia hoje vem ocupar um espaço, que estava muito tempo vago, contudo, essa projeção faz nascer um perfil da população evangélica baseado na visibilidade de apenas dois segmentos, o que não condiz com a realidade e a complexidade do campo evangélico.

Sétimo, a nova forma de configuração midiática religiosa que a Internet vem proporcionando, abriu portas para a intensa participação dos *leigos* no sistema midiático evangélico. Agora não somente os agentes têm acesso aos meios de comunicação, mas toda população evangélica pode (através da internet) projetar sua mídia evangélica, independente dos seus agentes.

2.5 Onde estão os Novos Agentes Evangélicos?

Partindo da análise dos Agentes Evangélicos percebe-se que um tipo diferenciado se destaca daquilo que tradicionalmente se entende por um Agente Evangélico, esse tipo denomina-se nesta pesquisa de *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*. Surgindo assim a questão quem são os novos agentes? Se os antigos agentes estão ligados as linhas evangélicas, onde estão estes novos agentes dentro desta conjuntura?

Tabela 14: Quem são os Novos Agentes?

ANTIGOS AGENTES EVANGÉLICOS	NOVOS AGENTES MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS
TRADICIONAIS	?
PENTECOSTAIS	?
NEOPENTECOSTAIS	?
EVANGELICISTAS	?

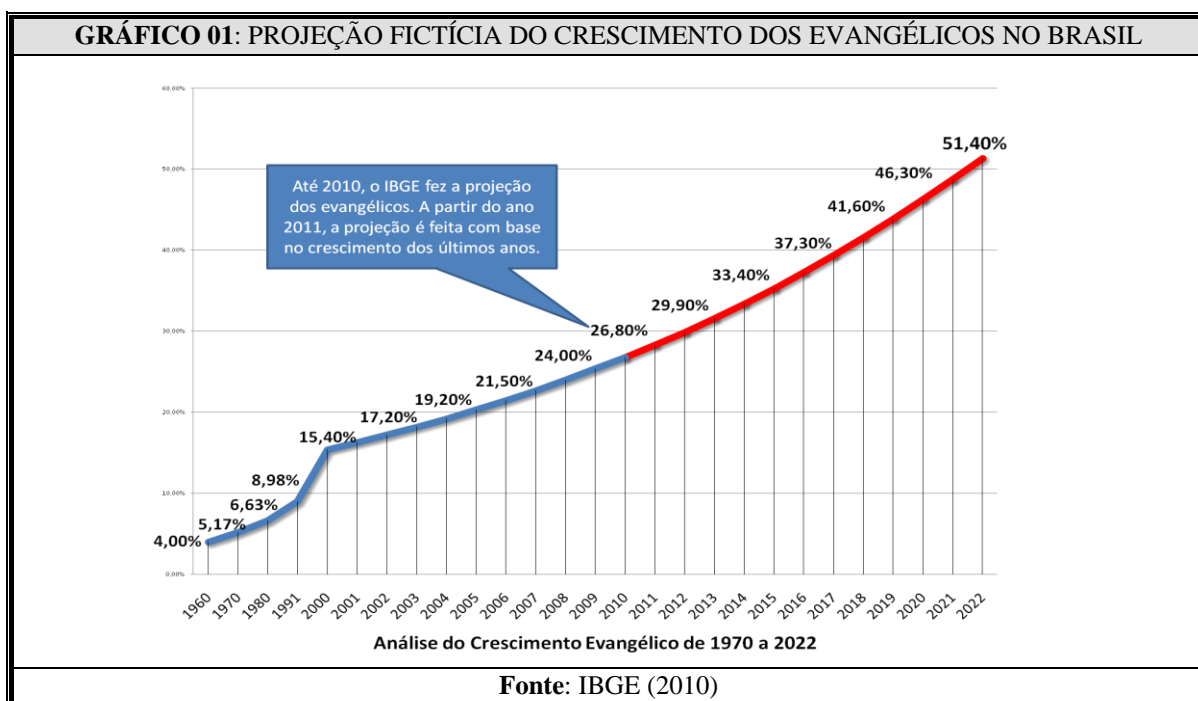
Fonte: Elaborado pela Autora

Os antigos agentes estão ligados diretamente as suas denominações, os Novos Agentes estabelecem outro tipo de relação. Este novo tipo de relação será bem compreendido quando analisado dentro da ligação midiática que o Novo Agente estabelece. Assim, para identificá-los, é necessário compreender a relação dos evangélicos com a mídia, o que será visto no próximo capítulo.

III EVANGÉLICOS E MÍDIA: O LUGAR DOS NOVOS AGENTES

3.1 CAMPO EVANGÉLICO E SUA EXPANSÃO MIDIÁTICA

Este capítulo tem como objetivo central analisar a relação dos evangélicos com a mídia e o lugar dos *Novos Agentes* nesse processo. O que estamos querendo afirmar é que os *Novos Agentes* representam um tipo específico de relação com a mídia, baseados em estratégias bastante amplas e na maior parte das vezes centrados no caráter individual e carismático do próprio agente.



Analisando o Campo Evangélico, o fato em evidência é que os *Evangélicos* estão crescendo, e este crescimento precisa ser analisado na sua relação com o meio midiático. Observa-se que a tabela do IBGE (**Gráfico 01**, que compreende desde 1960 até uma projeção fictícia em 2022) provoca alguns questionamentos diante desse crescimento.

Sobre a projeção para 2022, algumas questões são levantadas para procurar explicar e entender o avanço dos *Evangélicos* no Brasil. Questões que procuram enumerar quais são os motivos dessa expansão, algumas chegando à conclusão que a relação desse campo com os meios de comunicação facilitou a expansão de igrejas evangélicas no país. Mas quais tipos de relações pode-se identificar para tentar compreender esse crescimento?

3.2 TIPOS DE RELAÇÃO COM A MÍDIA

Para compreender qual a relação desse campo religioso com os meios de comunicação, percebeu-se necessário dividi-lo em três tipos: os *Guetos*, os *Blocos* e os *Novos Agentes*. Tais tipos, embora tenham tido seu marco inicial no espaço-tempo, hoje acontecem simultaneamente e não se trata de uma progressão evolutiva da relação dos *Evangélicos* com a mídia, mas a descrição de formas de relação que foram se estabelecendo, e abrindo lugar a outras, sendo possíveis de ocorrer ao mesmo tempo, pois a identificação e existência de um não anula o outro.

Os Guetos Evangélicos

O primeiro tipo de relação que se estabelece entre os *Evangélicos* e a mídia acontece num espaço determinado, e limitado, chamado aqui de *Guetos Evangélicos*, pois os *Evangélicos* estavam contidos em seus guetos, no interior das quatro paredes de suas igrejas, sem muita projeção externa, a não ser por evangelismos de rua.

Essa relação de *Guetto* se estabeleceu quando os primeiros protestantes chegaram ao Brasil e devido à posição hegemônica da Igreja Católica, não podiam se manifestar culturalmente com a mesma liberdade de expressão que um católico teria, o que se tornou um posicionamento ascético forçado, devido à perseguição religiosa.

Esse posicionamento e senso de perseguição continuou pelos anos, mesmo com aumento da liberdade religiosa. Mendonça chegou a comentar:

Os protestantes publicam revistas, periódicos e livros, embora de circulação doméstica e restrita. Têm faculdades de teologia e nível superior que reúnem hoje cerca de cinco mil estudantes, com mais de duzentos professores, boa parte deles com dedicação integral ao ensino. As bibliotecas especializadas alcançam mais de duzentos mil volumes. Há em funcionamento pelo menos cinco cursos de pós-graduação em teologia, ciências da religião, em nível de mestrado. Encontram-se hoje, em quase todas as universidades brasileiras, professores de confissão protestante. Mas porque a essa presença física não corresponde uma presença ideológica, cultural e política (1990, p. 134).

Pode-se entender que o isolamento foi uma ferramenta que os evangélicos usaram para sobreviver. O fechamento em *Guetos* pode corresponder a dois tipos de posicionamentos.

O primeiro envolve uma relação precária com a mídia, por falta de recursos ou posição ascética. Conforme o alcance territorial dos *Evangélicos* progredia, suas Igrejas ganhavam espaço geográfico, mas sua relação com o meio midiático era limitado e de pouca projeção,

ou em alguns casos inexistente, e seus agentes, de característica territorial, eram responsáveis por desenvolver estratégias de evangelismo na rua e conquistar espaços no corpo a corpo. Pelo baixo custo e facilidade que proporcionava, o panfleto era o grande recurso midiático. Nesse tipo de relação, destacam-se as Igrejas Pentecostais de caráter ascético, que, com o tempo, foram tornando-se mais abertas aos recursos midiáticos modernos.

A segunda forma envolve uma relação de rejeição do uso da mídia, como é o caso da Igreja Congregação Cristã no Brasil, que desde sua fundação (e até hoje) mantém esta forma de relação⁸⁰, fato que pode surpreender a muitos pesquisadores que constatavam que o crescimento dos *Evangélicos* estava diretamente ligado a aumento da sua projeção nos meios midiáticos. A Congregação Cristã no Brasil prova o contrário, pois não atua em rádios, nem TV, não publica, nem grava seus hinos em mídia alguma para comércio e não faz evangelismo de rua.



Mendonça (2004) comenta que, na Congregação Cristã no Brasil, *a ordem é garantida a todo preço, assim como uma unidade admirável para um grupo religioso que se mantém exclusivamente pela comunicação oral* (p. 74). A Igreja Congregação Cristã no Brasil cresce pela atuação via corpo a corpo com seus membros. No Censo 2010, ela está em terceiro lugar entre os *Evangélicos* (**Figura 03**), à frente da IURD, grande detentora de Bloco Midiático, enquanto o *Gueto* está restrito a uma comunicação oral, e ao território.

⁸⁰ Como citado, em 2014 seu grande avanço tecnológico foi a criação de um site simples.

Os Blocos Midiáticos Evangélicos

O segundo tipo de relação dos *Evangélicos* com a mídia se estabeleceu a partir da criação dos *Blocos Midiáticos Evangélicos*. Os agentes procuraram cada vez mais visibilidade e investiram os recursos da Igreja na construção de um bloco midiático, adquirindo liberação para criar suas rádios e canais de TV, unindo-se com outras instituições já atuantes, como Editoras, Gravadoras etc. Estes blocos midiáticos são ligados as suas denominações de origem e liderados por um agente, líder ou fundador da denominação.

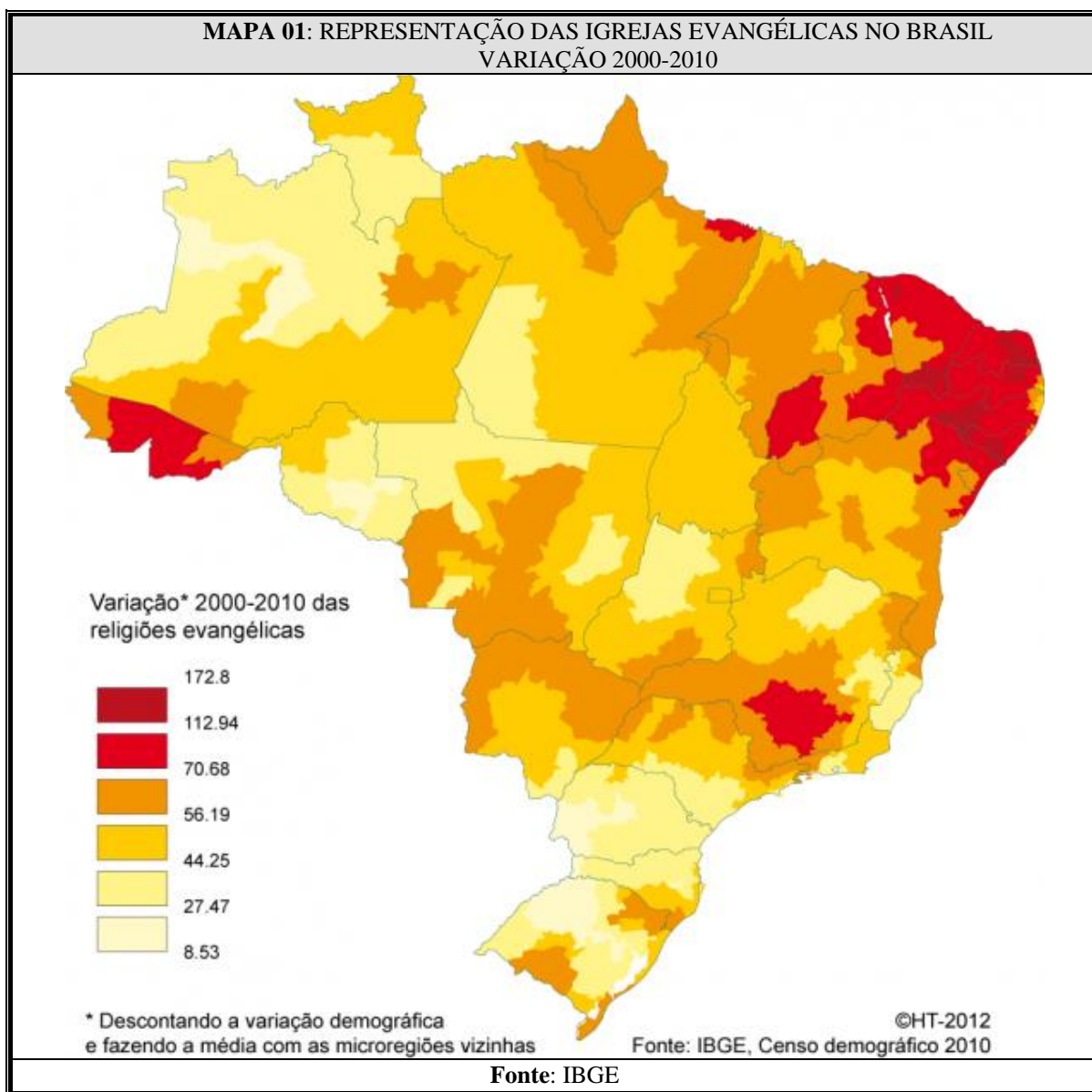
Para compreender este conceito de *Bloco midiático Evangélico*, é preciso conceituar que por *bloco midiático* se entende o conjunto de atividades, ações e instituições diretamente ligadas aos meios de comunicação e direcionadas por um agente. Estes *blocos* possuem teor religioso, mas nesse caso são de caráter evangélico.

Atuam em diversos setores da mídia, como revistas, jornais, TV, rádio, Internet, história em quadrinhos, cinema, produtoras musicais, entre outros. São criados e formatados para, intencionalmente, e da forma mais direta possível, influenciar vários setores do campo religioso. Eles também se envolvem em questões políticas e econômicas. Na área religiosa, têm seu nível de abrangência ilimitado, entram em diversos assuntos do campo evangélico, oferecem produtos culturais para consumo desse campo, e procuram aumentar seu mercado de atuação cada vez mais. Estas atividades acabam criando um ambiente de disputa entre os blocos por espaço, e conflitos.

Igrejas e pastores *Evangélicos* detêm dezenas de concessões de emissoras e rádios de TV, além de participação na mídia impressa – um exemplo é a Folha Universal, jornal semanal da IURD com tiragem declarada de 2,3 milhões de exemplares. Mas o mais proeminente negócio midiático relacionado aos *Evangélicos* é a Rede Record, controlada desde 1989 por Edir Macedo, fundador da Universal. Embora tanto a igreja como o grupo midiático sejam do mesmo dono, a Record diz que não sofre interferências da igreja, que é considerada apenas "um cliente" pela emissora. As evangélicas também adquirem cerca de 130 horas semanais nas grades de algumas das principais emissoras de TV abertas do país – RedeTV!, Record, Band e Gazeta. Relatos na imprensa dão conta de que o SBT negocia a venda de seu horário da madrugada para a Igreja Mundial; a assessoria da emissora diz que não há nada confirmado (BBC Brasil, 01/09/2011).

Para uma compreensão mais profunda desses *Blocos Midiáticos Evangélicos*, percebe-se necessário elaborar sua dinâmica e distribuição no território brasileiro, analisando suas formas de atuação com o espaço, conforme as indicações de Milton Santos⁸¹.

⁸¹ Cada categoria de Milton Santos poderá melhor ser trabalhada a partir da análise de mapas da religião no Brasil relacionando sua dinâmica com as zonas de densidade e de rarefação; reconhecendo sua fluidez e viscosidade; demarcando espaços de rapidez e de lentidão; destacando espaços luminosos, e espaços opacos; e apontando os espaços que mandam, e os espaços que obedecem.



Neste mapa (**Mapa 01**), para exemplificar a nomenclatura de Milton Santos (2001), pode-se observar que os Blocos Midiáticos se concentraram onde há maior número de *Evangélicos*, por exemplo, nas regiões de cores mais escuras.

Estas regiões configuram lugares que “mandam”, pois delas sai uma programação cultural evangélica que fará com que os espaços que “obedecem”, geralmente nesse caso localizados nas regiões de menos concentração, reproduzam seu conteúdo.

Conteúdo proveniente de lugares distintos como São Paulo (Bloco midiático da IURD, da Igreja Internacional da Graça), e Manaus (Bloco midiático das Assembleias de Deus), que repercutem no resto do país, através, por exemplo, da transmissão via TV, no caso da Record, e da Rede Boas Novas.

Assim, o conteúdo destes blocos transfigura uma ideologia que entrará nas casas dos *Evangélicos* brasileiros e terá a atenção de membros de diversas igrejas. Este tipo de poder midiático é expandido quando o Bloco midiático Evangélico, além da TV, também utiliza outras formas simultâneas de divulgação ideológica, como rádio, cercando seus ouvintes de todos os lados.



Para relacionar conceitos que identifiquem respostas contemporâneas que expliquem a expansão da *Cultura Evangélica* nos meios de comunicação e suas consequências, em nível local, regional, nacional e internacional, pode-se classificar os Blocos midiáticos em três tipos.

Aos poucos as Igrejas Evangélicas foram crescendo e ganhando poder aquisitivo para pagar sua projeção na mídia secular, pois o aparecimento dos *Evangélicos* na mídia secular era um acontecimento raro, quando trazidas, em forma de notícias genéricas, as subdivisões existentes dentro do conglomerado evangélico eram ignoradas.

Assim, quando apareciam num formato de Programa de TV (ou programas de rádio), os grupos *Evangélicos* podiam se organizar em seus moldes institucionais, projetando-se como igrejas, ou seja, de caráter denominacional, pertencentes a uma igreja específica. As igrejas financiavam seus programas para conseguir sua projeção denominacional dentro de

canais seculares. Desenvolvendo sua projeção em rádios locais, imprensa local, TV local, tudo local, pois esta primeira relação ainda não contava com a Internet, ou projeção em grandes canais de TV, desenvolveu-se assim uma relação midiática num espaço fechado e limitado, que abrangia a cidade.

Os Blocos Midiáticos de Projeção Local foram se desenvolvendo e alcançando maiores regiões, ultrapassando as cidades, alcançando Estados. Estes Blocos conseguiram, junto a poderes estaduais, concessões de transmissão em nível estadual e liberação para seus programas em rádio e TV.

Um exemplo é a Igreja Batista de Vila Mariana, que, no Estado de São Paulo, colocou no ar por cerca de 40 anos o programa *Um Pouco de Sol*, fundado pelo rev. Rubem Lopes. Como exemplo da força de atuação desses blocos é importante compreender como eles estão na disputa por espaço nas eleições conforme, Cunha descreve:

Eleições 2014: dois *Evangélicos* lideram disputa pelo governo no Rio. No cenário eleitoral do Estado do Rio de Janeiro desenhado por recente pesquisa do Ibope, dois *Evangélicos* despontam entre os cinco nomes cotados para o governo estadual. O ex-senador ministro da Pesca, Marcelo Crivella (PRB), bispo da Igreja Universal do Reino de Deus (foto), aparece em primeiro lugar na disputa pelo governo do Rio, em quatro cenários pesquisados pelo Ibope. Em três deles, ele está tecnicamente empatado com o deputado federal Anthony Garotinho (PR), também evangélico, ligado à Igreja Presbiteriana, que já foi governador do Rio, e com o senador Lindbergh Farias (PT), apoiado publicamente pelo pastor da Igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo Silas Malafaia. Em uma quarta hipótese, sem Garotinho na briga pelo Palácio Guanabara, Crivella lidera com dez pontos percentuais de diferença para o segundo colocado, Lindbergh (2013, n.p.).

Os blocos regionais da IURD, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e da Igreja Presbiteriana exerceram forte influência no desenrolar das eleições 2014, em prol de candidatos. O bloco funcionará para que sua imagem seja trabalhada na população evangélica do Estado, ganhando projeção e votos.

Quando desenvolve a projeção em nível nacional, rompendo as barreiras regionais, os *Blocos Midiáticos Evangélicos* fazem com que o produto cultural religioso comece a ter sua identidade nacional construída por aqueles que tinham o poder financeiro de bancar os programas televisivos e em rádios. Assim, poucos grupos acabavam desenhando no imaginário popular o que seria o evangélico, representando um todo. Este tipo de manifestação pode ser de três formas.

A primeira forma são aparições na mídia secular, como rádio secular, TV secular, imprensa secular. Como exemplo (no caso de canais de TV de alcance nacional), poucas igrejas, com muito custo financeiro, conseguiam espaço, pagando por horários

disponibilizados, em sua maioria na madrugada, nos quais os valores cobrados eram mais baratos, e geralmente em canais de pouca audiência. Das primeiras projeções em nível nacional, destacamos aqui a reprodução de pregações de pastores internacionais na TV Brasileira, conforme descreve Campos (2004):

A partir de 1978, a mídia brasileira começou a vender tempo para alguns televangelistas norte-americanos. Rex Humbard foi o primeiro deles e permaneceu no ar até 1984. Nessa mesma época foi apresentado durante algum tempo o Clube 700, de Pat Robertson. Mas quem mais tempo permaneceu no ar e teve mais sucesso no Brasil foi Jimmy Swaggart, graças ao apoio recebido pela Assembleia de Deus brasileira, como observa Alexandre Brasil Fonseca (21). Esses atores religiosos certamente exerceram uma forte influência tanto sobre empresários da televisão como sobre os pregadores pentecostais que aspiravam a ter um espaço mais amplo na mídia (2004, p. 159).

A segunda forma de projeção nacional surge com a entrada de programas *Evangélicos* em canais seculares. Este fato foi possível porque esses canais encontraram nas igrejas uma fonte de renda que fosse equivalente aos contratos publicitários, como os anunciantes de produtos, já que eles haviam perdido anunciantes para suas grandes concorrentes, como a TV Globo e SBT.

Compreendendo-se que estes programas surgiram não por um desejo de dar espaço a grupos religiosos protestantes marginalizados, mas por uma questão econômica, como toda empresa que busca seus lucros dentro do sistema financeiro, os Canais de TV brasileiros apresentados na tabela (**Tabela 15**), não fogem da regra, são instituições comerciais particulares que buscam prosperar e encontraram nas igrejas uma boa fonte de renda ao vender seus horários na TV.

TABELA 15: PROGRAMAS EVANGÉLICOS PIONEIROS NA TV BRASILEIRA				
PROGRAMA	ANO	TV	IGREJA	Apresentador/ Pastor
Fé para hoje	1962	--	Adventista	Alcides Campolongo
Cafê com Deus	Década de 60	TV Tupi	Igreja Nova Vida	McAlister
Início: Jesus - A esperança das gerações	1974 / depois entre 1980 – 1999	Início: Amazonas TV local – Rede manchete,	Início: Presbiteriana.	Caio Fábio
Final: Pare e Pense		Record / Final: TV VINDE	Depois: Interdenominacional	
Encontro com Deus	Década 60	Recife: TV Local	Presbiteriana	João Campos
Um pouco de Sol	Década 60	SP: TV Local	Batista	Rubens Lopes
Reencontro	1975	1. em rede nacional – TV rio /Bandeirantes	Batista	Nilson do Amaral Fanini
Início:	1982	Rede nacional	Assembleia de Deus	Silas Malafaia
Renascer –	1999	Rede TV! (atualmente)		
Depois: Vitória em Cristo	1999	Rede Manchete	Assembleia de Deus	Institucional
Movimento Pentecostal	1996 1998			

Fonte: FONTELES, 2007

Em destaque no Canal Manchete, a Igreja Renascer em Cristo, de Estevão Hernandez, possuía um programa voltado para o público jovem, com exibição de *clips* musicais nacionais e internacionais, chamado de *Clip Gospel*. Havia também o programa *De bem com a vida*, apresentado por Sônia Hernandez.

A terceira forma foi através da concessão e compra de canais e rádios, de transmissão nacional, pelos Blocos midiáticos. Pode-se citar o agente Samuel Câmara e o Bloco midiático das Assembleias de Deus, no Canal Rede Boas Novas; o agente R.R. Soares e o Bloco midiático da Igreja Internacional da Graça e o Canal RIT; o agente Edir Macedo e o Bloco midiático da IURD e sua parceria empresarial com a TV Record.

Como exemplos de *Blocos Midiáticos Evangélicos* de Projeção Internacional, pode-se citar o agente R.R. Soares e seu Bloco midiático ligado à Igreja Internacional da Graça de Deus, que oferece diversos produtos, possui várias instituições, como a TV RIT, criada em 1999, possui oito estações próprias e 170 retransmissoras.

Leonildo Silveira Campos (Campos, 2008, p. 18) descreve em sua pesquisa que a RIT transmite para o exterior usando o Satélite HotBird8, tem uma equipe encarregada de dublar para o inglês e espanhol a sua programação religiosa ou colocando legenda, coloca no ar as suas imagens no Sul da Flórida por meio de canal a cabo e em 2007 começou a operar a Nossa TV, uma operadora de canal a cabo para *Evangélicos*. Além da RIT, também existe o Bloco IURD, com grande projeção na Europa e África, cujas missões de propagação midiática e implantação de igrejas locais são bem elaboradas estratégias de caráter empresarial:

As missões são estudadas com bastante antecedência por uma comissão que visita o país ou região de destino e elabora uma espécie de dossiê avaliando as probabilidades de sucesso, a legislação local, os trâmites relacionados à existência jurídica da Igreja e, sobretudo, a cultura local. Contexto nacional, linguagem apropriada, classes e modos de vida específicos, localização ideal dos templos com vias de acesso e sem concorrências, compra ou preferencialmente o aluguel de um imóvel com as proporções adequadas, arrecadamento estimado dos dízimos... A fé evangélica é também uma empresa de porte multinacional, embora esteja longe de se reduzir a isso (DAHÁS, 2012 <Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/evangelizacao-a-brasileira>> Acesso 30 de julho de 2014).

A análise do desenvolvimento desses Blocos com projeção internacional é fundamental para compreender as novas formas que a *Cultura Evangélica Brasileira* tem se posicionado globalmente, através da exportação de seus valores e sua implantação em outros países, e todo o entendimento estrutural, cultural e comunicacional desse deslocamento, principalmente no que se refere a países da América Latina.

No livro *Transnacionalização Religiosa: fluxos e rede*, o pesquisador Ari Pedro Oro (2012) descreve o surgimento, na Argentina e no Uruguai, desses grupos *Evangélicos* provenientes do Brasil, e como eles vêm se posicionando culturalmente nesses países estrangeiros. Oro também cita o trabalho dos missionários evangélicos brasileiros espalhados pelo mundo. Segundo dados de Freston (1993), do ano de 2004, de dois mil missionários, 19% estariam na Europa, 19% na África, 12% na Ásia, 9% na América do Norte e 41% na América Latina (2012, p. 34).

Os Novos Agentes

Entende-se que a busca por autonomia da mídia religiosa procura projetar culturalmente grupos religiosos e alcançar pessoas através do rádio, cinema, TV, internet, entre outros. No entanto, o processo de construção e de interligação das instituições religiosas com os meios de comunicação, bem como todo processo resultante dessa interação, permitiu a elaboração e constituição de um novo tipo de relação religiosa para os membros da igreja entre si, para os agentes religiosos entre si, e principalmente na relação entre agentes religiosos e membros.

Os membros passaram a ter acesso direto e facilitado a outros agentes que não fazem parte especificamente da sua instituição religiosa. Assim, também os agentes passaram a ter acesso a outros membros de instituições religiosas diferentes da sua.

Considerando o poder de influência dos agentes sobre os membros, compreendemos que dessa relação midiaticizada, um novo tipo de agente surgiu, o qual será denominado aqui de *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*.



Fonte: Elaborado pela Autora

Estes *Novos Agentes* podem ser de três tipos:

Primeiro, os representantes dos Blocos midiáticos religiosos, ou pessoas que podem surgir quando são apoiados e indicados por esses blocos;

Segundo, os *Novos Agentes* também podem surgir sem estarem ligados diretamente a um grande bloco midiático, podendo ser um artista evangélico com grande influência na TV ou Rádio, um político evangélico, líderes de movimentos interdenominacionais;

Terceiro, esses *Novos Agentes* podem ser membros normais (que não são *agentes* locais, mas constituem parte dos *leigos*) que conseguiram projeção na internet através de Blogs, ou vídeos no Youtube, projeção em redes sociais. Esses *leigos*⁸² conquistam assim uma posição equivalente a um agente legitimado, podem influenciar questões, criar movimentos, opinar sobre assuntos religiosos, aumentando sua visibilidade graças à Internet.

Esses três tipos de *Novos Agentes* podem atuar em todas as áreas midiáticas possíveis.

TABELA 16: EVANGÉLICOS E MÍDIA						
CLASSIFICAÇÃO DOS EVANGÉLICOS	GUETOS (Projeção no interior das igrejas, ruas, bairros) Discurso Denominacional	BLOCOS MIDIÁTICOS				NOVOS AGENTES (Projeção na mídia como voz dos evangélicos) Discurso Inter Denominacional
		LOCAL (Projeção em cidades, em um Estado) Discurso Denominacional	REGIONAL (Projeção em regiões, vários Estados) Discurso Denominacional	NACIONAL (Projeção no país) Discurso Denominacional	INTER NACIONAL (Projeção em outros países) Discurso Denominacional	
TRADICIONAIS	Agentes Tradicionais	Agentes Tradicionais Locais	Agentes Tradicionais Regionais	Agentes Tradicionais Nacionais	Agentes Tradicionais Inter Nacionais	Novos Agentes Evangélicos
PENTECOSTAIS	Agentes Pentecostais	Agentes Pentecostais Locais	Agentes Pentecostais Regionais	Agentes Pentecostais Nacionais	Agentes Pentecostais Inter Nacionais	Novos Agentes Evangélicos
NEOPENTECOSTAIS	Agentes Neo Pentecostais	Agentes Neo Pentecostais Locais	Agentes Neo Pentecostais Regionais	Agentes Neo Pentecostais Nacionais	Agentes Neo Pentecostais Inter Nacionais	Novos Agentes Evangélicos
EVANGELICISTAS	Agentes Evangelicistas	Agentes Evangelicistas Locais	Agentes Evangelicistas Regionais	Agentes Evangelicistas Nacionais	Agentes Evangelicistas Inter Nacionais	Novos Agentes Evangélicos
LEIGOS DE DIVERSAS DENOMINAÇÕES	-	-	-	-	-	Novos Agentes Evangélicos

Fonte: Elaborado pela Autora

⁸² Conforme foi citado anteriormente na pesquisa, o pesquisador Jungblut (2010), ao estudar a relação do indivíduo religioso com a internet, usa a classificação de Daniele Hervieu-Léger para os diversos “regimes de validação do crer”, buscando explicar a autonomia e a identidade desse indivíduo, no qual a *autovalidação* é a legitimação necessária para suas ações, assim, baseado na sua certeza subjetiva, este indivíduo quebra o protocolo de legitimação do qual os antigos agentes estavam arraigados, estipulando um novo tipo de relação que encontramos na categoria *Novos Agentes*.

Esses três tipos de *Novos Agentes* atuam de forma interdenominacional, pois difundem um discurso que busca abranger todos os grupos *Evangélicos*. Assim, percebe-se que estes *Novos Agentes Evangélicos*, ao contrário dos *Antigos Agentes Evangélicos* possuem características como *Desterritorialização*, *Não Legitimação*, *Universalidade*, *Homogeneidade*, mas mantêm em comum o estado de *Conflito*.



Fonte: Elaborado pela Autora

Em relação à *Desterritorialização*, termo retirado do conceito do binômio território/desterritorialização, de Haesbaert (2011). Nesta pesquisa, este termo é emprestado de Haesbaert e aplicado na relação que os agentes têm com o território em que atuam, onde, devido à formação de uma rede de informações, nesse caso TV, rádio e Internet, ocorreu “... a destruição daquilo que tradicionalmente tem caracterizado os territórios: a concepção de fronteiras e de uma identidade interna, garantias de uma relativa estabilidade ” (HAESBAERT, 2014, p. 96).

Modifica-se a relação dos leigos com os agentes. Os *Novos Agentes Evangélicos* rompem a barreira do tempo e do espaço e conseguem ter acesso a membros de diversas igrejas atuando e influenciando esses membros. Coelho (2013) explica sobre a desterritorialização de Haesbaert:

Na esteira destes discursos é que se produziu o que Haesbaert (2006 [2002]) designou de significados da desterritorialização contemporânea, verificada em diferentes versões: (i) “desterritorialização como domínio das redes, dos fluxos, da mobilidade”; (ii) “desterritorialização como perda de referências espaciais”; (iii) “desterritorialização como perda de poder em termos do controle dos processos sociais através do espaço, especialmente o enfraquecimento do território dos Estados-nações”; (iv) “desterritorialização como ‘deslocalização’ econômica, a liberação, principalmente por parte das grandes corporações transnacionais, dos principais fatores locacionais”; (v) “desterritorialização como fruto da crescente homogeneização do planeta” (p. 58-61) (COELHO, 2013). Disponível em <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/738/483>> Acesso em 15 de Julho de 2015).

Com a perda dos referenciais territoriais, o agente local agora encontra um concorrente na TV, rádio, Internet, que, no interior das casas, relaciona-se com os membros, destituindo a barreira do templo físico das igrejas. O agente traz uma mensagem genérica que alcance tantos quantos possíveis. Os *Novos Agentes* são também em si desterritorializados, pois sua projeção nos meios de comunicação obedece outra dinâmica de realidade e existência em relação aos membros.

Em relação à *Não Legitimação*, os *Novos Agentes Evangélicos* não possuem legitimação das igrejas para ensinar e influenciar seus membros e não precisam dela para existir e sobreviver. Não são oficiais, extrapolam e entram em domínios religiosos antes fechados, comentam questões, criam moda e desfrutam de fama e popularidade, criando um poder paralelo ao poder institucionalizado da Igreja.

Na questão da *Universalidade*, alguns desses *Novos Agentes Evangélicos* procuram formar em si uma representação de unidade evangélica, colocando-se como representantes do campo religioso evangélico no Brasil, fazendo parecer que este campo não é fragmentado e que pode ser facilmente compreendido. Esta projeção traz a ilusão de um tipo de evangélico que representa todos os *Evangélicos* no Brasil, logo, a projeção deste tipo de novo agente é manipulada e direcionada tanto pelo agente em si quanto pela mídia e os diversos interesses particulares que a permeiam.

A universalidade acaba criando uma ideia de um campo religioso evangélico como uma massa *Homogênea*, que não possui diversidade. Tal projeção na mídia acaba destituindo as principais características das igrejas, colocando-as em patamares que não desejam estar, apenas para atender à necessidade de unificar e enxugar o campo complexo para defini-lo em moldes simplistas, que recebam as considerações genéricas da mídia.

Dessa relação entre os *Novos Agentes Evangélicos* e os agentes locais segue o *Conflito* e disputa por poder e representação nas igrejas, refletindo um campo de lutas midiáticas no

qual os agentes procuram se defender e atacar para garantir que seus membros não sejam influenciados pelos *Novos Agentes*.

Os *Novos Agentes Evangélicos* também disputam entre si nas mídias, buscam coisas como votos, prioridade nas vendas de produtos culturais e eventos. Num cenário externo, devido à grande proporção da projeção midiática destes *Novos Agentes*, eles acabam extrapolando as barreiras do campo evangélico e entram em conflito direto com outras religiões ou ideologias, levando consigo em seus discursos uma carga de representação genérica, envolvendo em suas lutas pessoais o nome de todos os *Evangélicos*.



Depois de oito meses nas paradas de sucesso em rádios do Rio de Janeiro a cantora Aline Barros é convidada para cantar a música *Consagração*, no Programa Xuxa Park, na década de 90. Após essa aparição na Rede Globo, Aline torna-se o referencial de *Evangélico Moderno*, na forma de vestir e no estilo musical, com arranjos modernos e uma voz marcante.

Se for possível marcar um evento para o surgimento dos *Novos Agentes* no Brasil, essa participação de Aline Barros seria o marco inicial. No vídeo, a apresentadora Xuxa, ao falar com Aline, usa o termo *crentes e Evangélicos*.

Uma coisa que li sobre vocês... é que vocês estão desmistificando aquela coisa que dizem que as pessoas, os crentes, ou os evangélicos, ou seja, eles têm que andar sempre com aquela roupa larga, o cabelão, evitando maquiagem, pelo contrário vocês sempre se vestem muito bem nos shows, e você é uma pessoa muito bonita. (YOUTUBE⁸³, s.d., n.p.).

⁸³ Fonte: www.youtube.com/watch?v=Hb431vNPNA4.

Esse comentário de Xuxa deixa no ar uma ideia de que existem outros evangélicos, que não são tão modernos, e estão preocupados em manter uma aparência ascética, e se vestem mal, ou seja, não são tão bonitos para aparecer na TV.

Esta era, até então, a imagem *popular* dos evangélicos na década de 90. Aline Barros vai mostrar uma classe média evangélica que se veste “melhor” e se comporta de forma mais tolerante para com os descrentes.



Aline Barros desenvolveu sua carreira musical com êxito. Hoje, nas redes sociais, lidera em quantidade de fãs, frequentemente aparece em programas de TV secular e atualmente tem um programa de rádio, chamado *Aline Barros em Família*.



Consagrada Pastora, sua opinião exerce grande influência no meio evangélico e nos programas seculares é chamada para expressar sua opinião em diferentes temáticas que envolvem os evangélicos.



Outro cantor gospel de grande projeção midiática é o Thalles Roberto, frequentemente convidado para se apresentar em programas seculares. Ele tem posicionamentos radicais em relação ao comportamento evangélico, e palavrado de teor pesado, que ele intitula de *fazer pressão*. Thalles divide opiniões e a cada declaração polêmica que faz, é alvo de constantes ataques na internet. Pastores de várias denominações escrevem e pregam repudiando seu comportamento, chegando a proibir suas músicas de serem tocadas nas igrejas e até incentivar membros a parar de ouvi-lo.



Em 2015, Thalles Roberto lançou a *Bíblia Ide* para jovens com comentários baseados em sua vida pessoal e relacionamento com Deus. Essa Bíblia causou grande polêmica e conflito no meio evangélico, pois é a primeira vez no Brasil que um cantor gospel lança uma Bíblia personalizada, que disputará mercado com Bíblias de outros agentes, como pastores e teólogos.

3.3 CAMPO EVANGÉLICO EM CONFLITO

Além de descrever o campo religioso evangélico no Brasil e a projeção da sua cultura nos meios de comunicação através de blocos de poder midiático evangélico, e dos *Novos Agentes* midiáticos *Evangélicos*, é importante compreender sua delimitação, e estado de conflito com outros campos, com outros grupos, com outras culturas, e com outros blocos de poder midiático, e agentes presentes e atuantes no Brasil, sendo necessário compreender esses conflitos no nível midiático.

Identificando também conflitos internos, que modifiquem sua estrutura, devidos às consequências dessa projeção cultural, por exemplo, como é citado no livro: *A Nossa TV Brasileira: por um controle social da televisão*:

A ausência de uma política pública reguladora deixa todo o espaço aos imperativos de mercado, havendo poucos fatores a enfrentá-los, continua o professor Renato Janine Ribeiro, para quem um desses fatores moderadores presentes na vida brasileira seriam as convicções pessoais e grupais – geralmente religiosas – dos proprietários das redes de TV ou rádio, ou seja, um condicionante ético pertencente a uma esfera, em princípio privada. Mesmo essas crenças, porém, perderam peso na medida em que a batalha pelos índices de audiência tornou-se áspera, e até levou algumas emissoras evangélicas a reduzir as restrições morais que anunciavam no início de suas transmissões. É o que acontece com a TV Record, por exemplo (ABDALA, 2004, p. 91).

Assim, diante de uma busca para maior projeção, o bloco de poder midiático evangélico, e os *Novos Agentes*, podem se modificar para atender suas necessidades de expansão comercial, abrindo mão de valores e crenças religiosos.

É possível também atuar na reafirmação desses valores e crenças religiosas quando encontra a necessidade de expansão política. Paul Freston (1993) comenta, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos:

As religiões, principalmente as cristãs, têm uma relação muito íntima com os meios de comunicação, por razões teológicas que decorrem de sua natureza. Atualmente, muito em função das mídias eletrônicas. Essa relação tem a ver com a política que, na democracia, possui ligação com a divulgação passiva de ideias e de apelos. Nesse sentido, há um paralelismo muito forte, que leva aos grupos e indivíduos religiosos com presença nos meios de comunicação a desempenharem um papel importante em períodos eleitorais. Facilita por terem propriedade, acesso e conhecimentos das técnicas dos meios de comunicação. O pentecostalismo ilustra, de maneira muito forte, a ligação entre os meios de comunicação religiosos e a política. Há uma porcentagem bastante grande de deputados pentecostais (Instituto Humanitas Unisinos, 21/07/2010).

Na visibilidade de tantos focos de conflitos entre os campos, será necessário analisar como os blocos e os *Novos Agentes* posicionam-se nessas questões de ordem política, econômica e cultural, dentro de suas relações estabelecidas com mídia e religião, descrevendo suas principais características e identificando suas formas de atuação.

3.4 ATUAÇÃO DOS *NOVOS AGENTES MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS*

A forma de analisar os *Evangélicos na Mídia* está fundamentada em três bases expostas nesta pesquisa. Estas bases são necessárias para compreendermos a atuação dos Novos Agentes.



Fonte: Elaborado pela Autora

Essas três bases formam um tripé que buscará se fundamentar o conceito do que seria o *Novo Agente*, diferenciando-o do *Antigo Agente*, assim, através desses diferentes ângulos, pode-se buscar uma compreensão desses *Novos Agentes*.

3.4.1 O Poder do Termo Evangélico

A primeira base diz respeito ao entendimento sobre o termo *Evangélicos* e como o conceito desta palavra vem se tornando um campo aberto, para ser preenchido conforme a vontade e necessidade de quem o usa, um termo sem dono, mas, ao mesmo tempo, campo de posse de variadas denominações.

Aliás, Quem são os Evangélicos?

É a pergunta do momento, para se compreender esse processo (pergunta esta de difícil resposta, como foi visto no Capítulo I), devido à flexibilidade do termo, e sua característica abrangente.

Enfim, o importante é ressaltar como o uso do termo tem sido usado não só por denominações e instituições evangélicas, mas como também tem sido usado por indivíduos. Nesta pesquisa, mais especificamente, como tem sido usado por indivíduos ao se projetarem na mídia.

Em outro caso, a análise também pode ser feita numa perspectiva de como o termo tem sido usado pela *mídia secular*, descrevendo a visão externa da mídia não evangélica sobre os *Evangélicos* (conforme foi igualmente descrito no Capítulo I desta pesquisa)

O poder que a palavra *Evangélicos* adquiriu, com o tempo, expandiu seus domínios e começou a categorizar e alimentar a criação e desenvolvimento de outros termos que procuram corresponder a esse campo, em diversas áreas, surgindo, assim, o questionamento, se há *evangélicos*, há também uma *Cultura Evangélica*? Então, também haverá um *Mercado Evangélico*, para o qual os produtos culturais se direcionam.

Nesta pesquisa, compreendendo e levando em consideração todas as divisões e fragmentações das Igrejas Evangélicas, não superando sua complexidade, esses termos tentam explicar através de uma visão geral, como pode se tratar os *Evangélicos* nas suas relações sociais, econômicas e culturais.

A ideia de que o cristianismo começou como movimento clandestino em meio à população pobre é noção amplamente aceita. Porém, é um mito que não explica como um pequeno movimento messiânico da periferia do Império Romano tornou-se o culto dominante da civilização ocidental (STARK, 2006, p. 13).

Desde seu surgimento, o cristianismo vem surpreendendo as expectativas por onde se instala. A citação de Stark refere-se ao crescimento ocorrido dos primeiros séculos da era cristã até sua afirmação como religião oficial do Estado.

Na pesquisa dele, enumeram-se alguns pontos que podem explicar este crescimento: o ambiente que envolve o processo de evangelização e conversão de judeus e gentios, a situação das mulheres na igreja e o papel do martírio. Ele comenta: “em última instância, todas as questões concernentes ao crescimento do cristianismo resumem-se em uma só: como isto aconteceu? ” (STARK, 2006, p. 13), reconhecendo em seu estudo que nenhuma explicação isolada dá conta do triunfo do cristianismo. Assim, da mesma forma, pode-se concluir em relação ao crescimento dos *Evangélicos* no Brasil. Nenhuma explicação isolada pode dar conta.

Compreende-se que com o crescimento dos *Evangélicos* há aumento de sua produção cultural. Assim, para entender o termo *cultura*, buscamos em Terry Eagleton e em seu livro *A ideia de cultura*, onde o autor conclui que

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande parte, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual (EAGLETON, 2005, p.184).

Entendemos por *Cultura Evangélica* não só uma lista de produtos culturais como livros, músicas, filmes, mas um conjunto de crenças e ideologias ligadas diretamente aos *Evangélicos*. Assim, diante da forma como a *Cultura Evangélica* vem se propagando no meio midiático brasileiro atualmente, segue-se a pergunta de Stark: “como isto aconteceu?”. E também a mesma constatação de que nenhuma explicação isolada consegue responder esta questão.

Surge então uma necessidade e grande importância de pesquisar e analisar a *Cultura Evangélica*, pois as tradições estabelecidas, os valores construídos, as atitudes e padrões de comportamento moldam a essência e a identidade de uma sociedade e são capazes de fazer com que aconteçam diversas mudanças no cenário nacional.

As mudanças podem ser compreendidas em vários aspectos, entre tantos, a repercussão nos meios de comunicação, que é uma das que mais chama a atenção atualmente, devido a seu desenvolvimento e suas relações profundas com outros setores da composição social.

É certo que não se pode negar o valor em pesquisar grupos que vivem à margem da sociedade, o que tem sido uma prática incentivada nos meios de pesquisa do Brasil no decorrer dos anos, abrangendo pesquisas dentro de áreas, como, por exemplo, os estudos culturais sobre diversos temas que envolvem grupos sociais.

Mesmo assim, infelizmente, pouco se escreveu sobre a *Cultura Evangélica* brasileira, enquanto sua composição ou quantidade de adeptos era considerada insignificante.

Porém, atualmente, quando o ajuntamento dos *Evangélicos* começa a ter visibilidade nos meios de comunicação e principalmente nas áreas da economia e política, a atenção de pesquisadores tem sido despertada para sua existência.

Há um novo ânimo para a realização de projetos voltados para esta área e geralmente as pesquisas começam partindo da identificação econômica de um mercado crescente, o *Mercado Evangélico*, no qual os bens culturais são comercializados:

Mercado bilionário crescente, mas ainda pouco estudado, o segmento de produtos cristãos movimenta estimados R\$ 12 bilhões por ano no Brasil, segundo cálculos de Mário René, professor de Ciências do Consumo Aplicadas na ESPM e doutor em teologia prática (IDOETA, 01/09/2011).

O desenvolvimento econômico do *Mercado Evangélico* tem alimentado uma necessidade de buscar explicações sobre questões, isto é, como os meios de comunicação refletem a existência de polos culturais diferentes, que necessitam e desejam representação, e visibilidade, bem como quais os princípios reguladores de todo este processo. Como exemplo o mercado da indústria fonográfica no Brasil, onde empresas seculares passam a investir no produto evangélico.



Não pretendemos, não obstante, perder de foco uma análise que explique como esses mesmos meios de comunicação influenciam numa nova formatação cultural desses polos diferenciados, quais são suas características e como podem exercer poder nas questões culturais fundamentais desses grupos, na sua relação econômica e política.

Os *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*, cientes da configuração que o termo *Evangélico* detém, posicionam-se como produtores de uma *Cultura Evangélica* e incentivadores de um *Mercado Evangélico*.

Quando o termo é atribuído à cultura e ao mercado, torna as subdivisões existentes entre os evangélicos invisíveis. Todos são mercado. A cultura pertence a todos, os *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* se beneficiam dessa característica que o termo traz, trazendo para si a representação cultural dos evangélicos, indicando e incentivando o que se deve consumir.

3.4.2 O Tempo do Evangelicismo

A segunda base para compreender os *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* está na análise das formas de manifestação dos evangélicos dentro de seu processo histórico: Tradicionalismo, Pentecostalismo, Neopentecostalismo e Evangelicismo.

A mais nova forma de relação entre os evangélicos e a mídia afeta diretamente no desenvolvimento do Evangelicismo, quando o termo evangélico surge como novo modo de identidade e reconfigura o sistema religioso. Esta relação é diferente das relações estabelecidas dentro do Tradicionalismo, Pentecostalismo, Neopentecostalismo, pois a maior preocupação era criar e manter barreiras denominacionais.

Dentro do Evangelicismo a intenção é contrária, ou seja, agem para diminuir cada vez mais as barreiras interdenominacionais, em prol de uma imagem unificada de todos os evangélicos. Outra característica é substituir ou compartilhar a autoridade do agente local por um *Novo Agente Midiático Evangélico* que se posicione e dispute por isso.

É bem provável que o Evangelicismo surja em resposta a uma crescente fuga dos variados termos pejorativos que perseguem os evangélicos no Brasil, principalmente o termo neopentecostal. Talvez passe a ser mais interessante e leve se identificar ou se nomear “evangélico”. Dessa forma, para compreender *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*, criou-se o termo *Evangelicismo*, que reflete sua forma de atuação e principais características. São novos agentes ligados diretamente a esse novo tempo de reconfiguração do cenário evangélico, e sua relação com a mídia.

Assim como os movimentos religiosos transpassam suas denominações e influenciam outras, o Evangelicismo também influenciou outras denominações, logo, os tradicionais, pentecostais e neopentecostais procuram desenvolver mecanismos que venham suprir os leigos ligados à internet.

Assim como procuram desenvolver seus *novos agentes* para que venham romper as barreiras denominacionais e se tornarem representantes nacionais evangélicos. Cada *novo agente* busca preencher a vaga de representante dos evangélicos em diferentes áreas.

3.4.3 A Nova Configuração da Mídia Evangélica

A terceira base para a compreensão dos *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* está na análise de como a mídia evangélica vem se desenvolvendo.

Partindo dos *Guetos Evangélicos*, entende-se que com pouco espaço na mídia secular, e um forte desejo de projeção midiática, as igrejas evangélicas começaram a se organizar através de seus *Blocos* e *Novos Agentes*, tentando desenvolver uma autonomia criativa e financeira, ao criar seus próprios meios midiáticos, administrá-los e gerenciá-los conforme seus interesses religiosos.

Dessa forma, diante do exemplo do poder exercido pela mídia secular em formar opinião e conhecimento, esta fórmula tem sido também trabalhada por instituições evangélicas que procuram se posicionar no meio midiático como fontes de informação:

O que chamamos um “acontecimento” não é jamais, afinal, senão o resultado da mobilização – que pode ser espontânea ou provocada – dos meios de comunicação em torno de alguma coisa com que elas concordam, por certo tempo, a considerar como tal. Quando são populações marginais ou desfavorecidas que atraem a atenção jornalística, os efeitos da midiáticação estão longe de ser os que esses grupos sociais poderiam esperar porque os jornalistas dispõem, nesses casos, de um poder e construção particularmente importante, a fabricação do acontecimento foge quase totalmente a essas populações (CHAMPAGNE, 1997, p. 67).

As instituições evangélicas encontram nos meios de comunicação uma forma cada vez abrangente e eficaz não somente de propagar ideias, mas de recriá-las, ou de rebatê-las, assim, conforme Champagne cita: *a fabricação do acontecimento foge quase totalmente a essas populações*, que comparando, nesse contexto religioso, os *Evangélicos* eram antes essa *população marginalizada*, que sem uma mídia própria dependiam da mídia secular para representá-los, agora, detentores de seus processos midiáticos, podem produzir seu “acontecimento”.

Outro fato importante é que as instituições evangélicas, através de seus blocos midiáticos, também têm desenvolvido diferentes tipos de programações que permeiam, em semelhança aos jornais, programas de celebridades, comentaristas jornalísticos, programas para donas de casa, programas para jovens, adolescentes e crianças, numa tentativa de se moldar às necessidades culturais de seus seguidores.

Estas programações são direcionadas de várias formas, dependendo do Bloco Midiático que as lidere, ou do *Novo Agente Midiático* que as apresentem. Algumas procuram dar representatividade a uma massa religiosa, coletando opiniões em seus programas, através

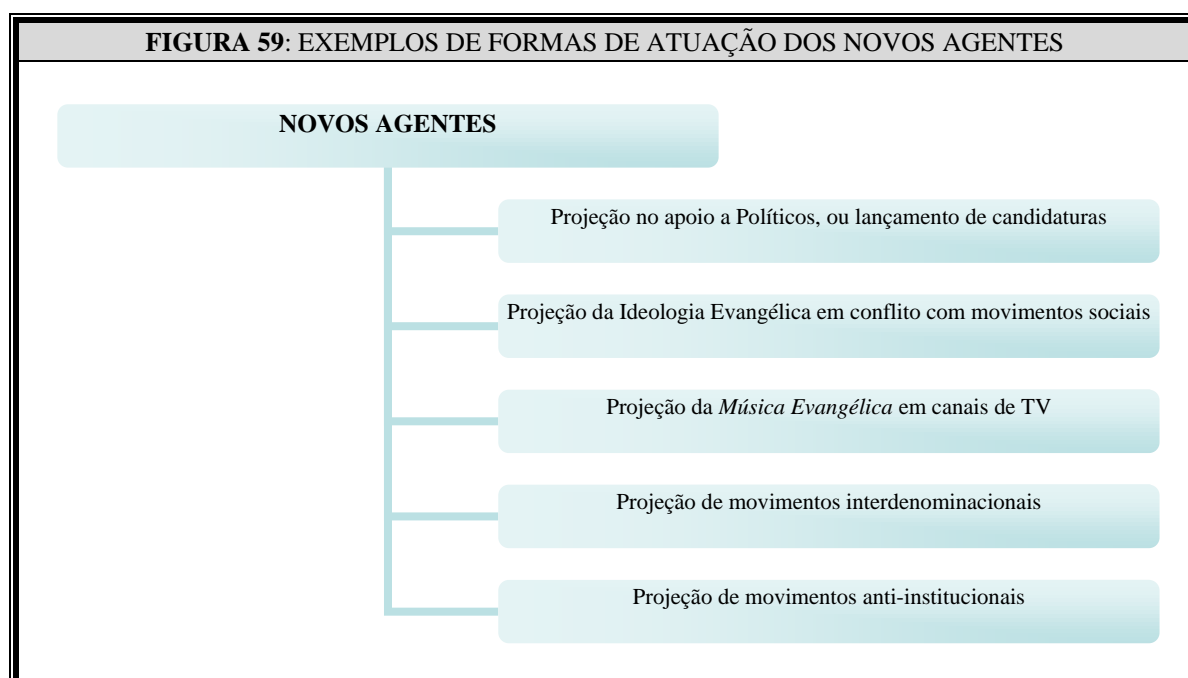
de enquetes, tentando elaborar uma “opinião evangélica”, seguindo o conceito unificador que o termo *Evangélicos* abrange e configuram ou formulam uma “opinião dos *Evangélicos*”. Alguns jornais televisivos dessas emissoras seguem o mesmo padrão de formulações de notícias elaboradas pela mídia secular.

Com todas essas características, constroem assim uma ideia do que é a *Mídia Evangélica* hoje no Brasil, compreendendo que os *Evangélicos*, termo adotado pelos *Novos Agentes* midiáticos, configuram uma fonte cada vez mais explorada de recursos para todos os tipos de interesses econômicos e políticos.

Dentro dessa divisão de modos de manifestação da mídia evangélica (Guetos, Blocos e Novos Agentes), é no terceiro modo, *Novos Agentes*, em que se encontra a união do poder do termo *Evangélico* com as características do Evangelicismo.

3.5 EVANGÉLICOS NA MÍDIA: AS FORMAS DE ATUAÇÃO DOS NOVOS AGENTES MIDIÁTICOS EVANGÉLICOS

É dentro do Evangelicismo, com a nova configuração da *Mídia Evangélica*, partindo da análise dos *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*, de seus tipos e de suas características, e da sua forte influência no desenvolvimento de um novo conceito da palavra *Evangélicos*, que se deve traçar as formas de atuação desses Novos Agentes.



Fonte: Elaborado pela Autora

Um novo conceito torna a palavra um recipiente vazio, que pode ser preenchido por qualquer pessoa, grupo ou movimento conforme queira utilizar. Cada *Novo Agente* pode apoderar-se e aproveitar da característica que a palavra tem de ser um termo que rompe barreiras interdenominacionais. Assim, ao usar o termo, *Novos Agentes* vão conforme seus interesses, colocando-se como representante dos *Evangélicos*.

Compreende-se que o termo *Evangélicos*, quando usado na mídia por estes *Novos Agentes Evangélicos*, ou pelos *agentes seculares*, pode significar:

- 1- Uma palavra que serve para romper barreiras denominacionais;
- 2 - Uma palavra que serve para representar a massa;
- 3 - Uma palavra que tem o poder de atrair pessoas do *Mercado Evangélico*;
- 4 - Uma palavra que tem o poder de tornar os *Novos Agentes* os representantes dos *Evangélicos* no cenário político, econômico e cultural do Brasil;
- 5- Uma palavra que traz audiência, cuja visibilidade garante repercussão;
- 6- Uma palavra que pode ser usada de forma polêmica, tanto para consolidar quanto para desconstruir a imagem dos *Evangélicos* no Brasil.

Ao analisar os *Evangélicos na mídia*, é necessário compreender o uso desse termo e suas aplicações práticas realizadas pelos *Novos Agentes* midiáticos *Evangélicos*.

Para isso, sugerem-se algumas formas em que essa relação pode ser analisada, focando em áreas onde esses *Novos Agentes* têm ganhado maior repercussão, como na política, em algumas questões de conflito com movimentos sociais, na projeção da *Música Evangélica*, em canais de TV, e no surgimento de movimentos interdenominacionais e anti-institucionais.

3.5.1 Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a Política

A mídia Evangélica busca por sua autonomia, contudo, em algumas áreas, de forma mais intensa, esta autonomia é tutelada pelas mãos do governo, que é o responsável pelas concessões para o surgimento dos meios de comunicação. Assim, a relação entre política e *Evangélicos* se estreita ainda mais, a fim de conseguir seus objetivos.

Ressalte-se ainda que, de uma forma cada vez mais explícita, alguns líderes *Evangélicos*, como, por exemplo, o Pastor Marco Feliciano, buscam se eleger em cargos políticos, enquanto outros buscam apoiar políticos que defendam os interesses religiosos de seus determinados grupos.

Esta forma de organização da mídia religiosa que acaba envolvendo religião, mídia e política, constitui uma nova organização do espaço religioso, causando modificações profundas nas relações entre estes três segmentos. De um lado, os políticos *Evangélicos* se utilizam do termo para alcançar votos, do outro, o jogo entre os agentes políticos seculares (candidatos e partidos) que procuram (nas suas campanhas eleitorais) aumentar seus votos, através de um discurso *evangélico*, de apoio aos eventos *Evangélicos*, e de envolvimento com *Novos Agentes* que possuam grande influência junto aos *Evangélicos*.

Cada vez mais pastores buscam visibilidade política e *poder de manipulação* dos grupos religiosos protestantes. Também a imprensa especializada em política agora nomeia claramente em suas reportagens a *Bancada Evangélica*, unindo, num mesmo grupo, políticos *Evangélicos* completamente diferentes. Freston (1993) elabora:

O material jornalístico sobre os cristãos na eleição nem sempre é confiável. Além de generalizar, tende a tomar elementos mais visíveis (como pronunciamentos das cúpulas) e os interpreta uniformemente, sem entender a realidade interna de cada grupo. Por outro lado, há análises tendenciosas que distinguem entre “abuso” da religião (pelos “maus” candidatos) e “utilização” da mesma (pelos “bons”). Dizer que alguém “abusa” da religião é maneira moderna e “progressista” de chamá-lo de herege. Na realidade, todos entram na política com o capital religioso que possuem (1993, p. 253).

Como exemplo disso, nota-se o apoio de Edir Macedo à candidata Dilma Rousseff, que, abrindo espaço para a sua visibilidade midiática na inauguração do Templo de Salomão, busca uma aproximação com o eleitorado. Com esse mecanismo, Edir Macedo revela uma forma de forte influência sobre o poder de decisão dos votos dos fiéis da IURD.



Outra forma de atuação dos *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos* na política está no uso do poder da palavra *Evangélico* para arrecadar votos. Quando um candidato que não é Pastor, mas é evangélico, pode usar o termo para se beneficiar dos votos de um eleitor religioso, que daria preferência a um candidato evangélico, mesmo que seu pastor o indicasse a votar em outro candidato não evangélico.



Como exemplo, no caso Edir Macedo, que apoia Dilma, cujos membros da sua igreja podem preferir votar em Marina Silva, que não é apoiada por Edir Macedo, mas é evangélica, em contrapartida a Dilma, que não é evangélica.

Seguindo essa lógica, Marina Silva tem sido um bom exemplo de um *Novo Agente Midiático Evangélico* que consegue ultrapassar as barreiras denominacionais, projetando-se acima de lideranças de agentes locais, abrindo mão de sua denominação, Assembleia de Deus, mas ela se intitula evangélica e sem muito esforço consegue, dentro do poder que o termo oferece, votos dos evangélicos.

O Pastor Everaldo também busca no termo sua forma de conseguir votos. A repercussão fica em torno de evangélicos na disputa, criando um tipo de bipolaridade, entre candidatos evangélicos e não evangélicos.

Nas pesquisas sobre mídia e políticos evangélicos encontra-se uma grande contribuição da pesquisadora Magali Cunha, que atualmente possui um *Blog* com artigos e informações sobre o processo político da *Bancada Evangélica* no Brasil. Com estatísticas e acompanhamento do acesso dos políticos ao poder por meio de votação, como também sua denominação de origem (Anexo 11). Sobre Bancada Evangélica Cunha traz um resumo:

Composição da Bancada Evangélica

A Bancada Evangélica no Parlamento titular eleita em 2014 é composta, em setembro de 2016, por 87 deputados/as federais e 3 senadores, num total de 90 parlamentares. Em outubro de 2016, entre os parlamentares da Câmara dos Deputados, cinco estão licenciados para exercerem cargos públicos, para tratamento de saúde ou de questões pessoais, e cinco são suplentes em exercício, formando um total de 87 deputados evangélicos em atuação. No Senado, dois estão licenciados. Nesta lista aqui apresentada estão aqueles/as deputados/as e senadores com vinculação identificada ou declarada a uma igreja evangélica. Não estão considerados parlamentares apoiados por igrejas.

Nem todos integram a Frente Parlamentar Evangélica registrada seguindo o Ato da Mesa da Câmara, n. 69, de 10/11/2005, que formalizou a existência de Frentes Parlamentares para que pudessem fazer uso de recursos da Câmara. A FPE do Congresso Nacional registrada, em 2015, para a 55ª Legislatura (2015-2018), é composta por 203 signatários, conforme informação oficial da Câmara dos Deputados – deveria ser denominada “Mista”, pois há nela muitos católicos, inclusive praticantes, ligados à Renovação Carismática, e muitos deputados eleitos com apoio de igrejas evangélicas, por conta de compromissos regionais, mas não são vinculados a elas.

Na Câmara dos Deputados, em 2016, segundo ano da atual legislatura, 32 dos deputados da lista a seguir mudaram de partido. O PRB fica consolidado como partido mais forte da bancada, com crescimento de vinculados. Chama a atenção o crescimento significativo de filiações ao DEM, ao PMDB e ao PSD. O PSC e o SD perderam deputados. Estas mudanças significam redução considerável nas filiações a partidos identificados como “esquerda”, o que reafirma a tendência conservadora da bancada.

A força da Assembleia de Deus como igreja que predomina na bancada evangélica na Câmara fica mantida, seguida da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Batista. Dos 92 parlamentares da bancada na Câmara (titulares eleitos + suplentes em exercício), mais da metade (49) pertence a estas três igrejas (26 na primeira e 11 na segunda e 12 na terceira). O presbiteriano tem nove representantes e configura uma força entre as igrejas históricas. Os demais parlamentares seguem distribuídos em 22 denominações diferentes. (CUNHA, 2016, disponível em www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/composicao-bancada-evangelica/)

Conforme cita Cunha acima, os agentes pentecostais e neopentecostais lideram em número a bancada evangélica no Brasil, percebe-se assim que os evangélicos dessas denominações disponibilizam seu voto para seu representante local, contudo isso não impede que evangélicos de outras denominações votem neles, até porque o discurso desse político evangélico é baseado na construção da sua imagem como um representante interdenominacional *legítimo e de confiança*, que merece o voto de *seus irmãos*, pois representará *valores cristãos* no seu processo político. Daí segue a formação de um novo agente que procurar agregar denominações em torno de sua imagem política.

3.5.2 Novos Agentes Midiáticos Evangélicos na projeção da Ideologia Evangélica e os conflitos com movimentos sociais

Na relação entre mídia, movimentos sociais e os *Evangélicos*, encontramos a projeção de discussões sobre diversos temas sociais, desde a questão do aborto, até o casamento de homossexuais, questões de racismo, apresentados pela mídia secular como um campo de guerra, instigando especulações e discussões de teor desrespeitoso entre grupos *Evangélicos* e outros grupos. Dentro desses conflitos e através deles, os *Novos Agentes* midiáticos buscam sua projeção, apoderam-se do termo *Evangélicos*, para assim se tornarem representantes, quando discursarem, ou opinarem sobre determinados assuntos.



Fonte: Twitter

Entre estes, em destaque, o Pastor Marcos Feliciano e Silas Malafaia, nomes amplamente conhecidos nos meios da mídia secular, devido aos seus posicionamentos ríspidos em relação a vários temas polêmicos. Conclui-se, assim, que até na administração das polêmicas religiosas atuais a mídia secular busca garantir sua audiência:

A defasagem entre a representação da realidade e a realidade como pesquisas mais minuciosas podem fornecer é ainda mais importante no tratamento televisivo de incidentes. A atenção dos jornalistas está mais voltada para os confrontos que para a situação objetiva que o provoca. Eles se tornam sintomas de uma crise mais geral da sociedade, que tende a ser tratada independentemente das situações concretas (CHAMPAGNE, 1997, p. 72).

Apesar dos confrontos entre alguns movimentos sociais e alguns grupos religiosos realmente existir, eles não representam a totalidade dos grupos *Evangélicos* no Brasil, nem mesmos dos movimentos sociais no Brasil. A mídia secular, não somente a televisiva, tende a generalizar, ao buscar abarcar no termo *Evangélicos*, todo um grupo que nunca foi e nunca será coeso, unificado e homogêneo.

3.5.3 Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção da Música Evangélica na TV Secular

Compreendendo a importância do segmento religioso e sua projeção, e cada vez maior *autonomia midiática*, a mídia secular agora busca traçar relações com os grupos *Evangélicos*, visto que configuram uma grande fonte de renda financeira e também de grande fonte de poder para manobra política, de acordo com pesquisas que apontam o crescimento dos *Evangélicos*, bem como o aumento do seu poder de compra e de decisão nas urnas com seus votos cada vez mais numerosos.

A medição automática de audiência só consegue exercer certo domínio porque a multiplicação dos canais e seu financiamento pela publicidade impõem, nesse universo de tipo cultural e político, relações de concorrência de natureza econômica que tomam o lugar da lógica política em vigor no momento (CHAMPAGNE, 1998, p. 258).

Os *Evangélicos*, antes estigmatizados e marginalizados pela mídia secular, agora encontram nos principais canais de grande audiência no país, espaço para seus produtos culturais, como no caso da Rede Globo. Antes considerada grande inimiga dos *Evangélicos*, passa a financiar o *Programa Cultural Troféu Promessas*, premiando cantores, agora *Evangélicos* e não mais neopentecostais. Também programas de celebridades recebem os *Novos Agentes* midiáticos, os artistas *Evangélicos*, assim como *O Programa do Ratinho*, no SBT, e o *Programa Raul Gil*.



3.5.4 Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção de Movimentos Interdenominacionais

Vários Movimentos liderados por *Novos Agentes* midiáticos têm se propagado pela internet causando forte influência no meio evangélico. Entre esses movimentos, pode-se destacar: *Eu Escolhi Esperar*, liderado pelo agente Nelson Junior, que já foi notícia no *Programa Profissão Repórter*, *Mais Você*, no jornal, no *Estadão*, na *Revista Época*, na *Revista Galileu*, e no programa *Encontro*.

Esse movimento tem como foco propagar a abstinência sexual para solteiros como princípio evangélico. Possui forte atuação nas redes sociais no Brasil e tem influenciado jovens e adolescentes *Evangélicos* do Brasil.



Outros tipos de Movimentos: *Voltemos ao Evangelho*, fundado em 2008 por Vinícius Musselman Pimentel, tem como objetivo o resgate de valores cristãos. O Movimento *Cante as Escrituras*, que surgiu em 2010 com Yago Martins e Paulo de Castro, protesta contra a falta de conteúdo bíblico da música evangélica brasileira, fazendo análises de letras e músicas que fazem sucesso no meio Evangélico (a partir de 2015 passou a ser dirigido por Filipe Castelo Branco).

3.5.5 Novos Agentes Midiáticos Evangélicos e a projeção de Movimentos anti-institucionais na Internet

A internet proporcionou um espaço para ampla discussão religiosa, onde alguns tipos de movimentos são lançados e disseminados pelas redes sociais, ajuntando seguidores. Dentre esses movimentos, alguns líderes têm se projetado na mídia secular como representantes da parcela dos *Evangélicos sem igreja*, levando em seu discurso quais seriam os principais motivos e explicações desse movimento no Brasil, assim, esses líderes também são designados como *Novos Agentes Midiáticos Evangélicos*.



Dentre os movimentos destacamos o MSI (Movimentos dos Sem Igreja) e o movimento o *Caminho da Graça* liderado por Caio Fábio, agente com histórico grande nas relações dos *Evangélicos* e a Mídia no Brasil, e que agora atua pela Internet.

Geralmente buscam uma nova forma de relação com o cristianismo, buscando romper com antigas tradições e consideram a institucionalização do cristianismo um perigo para sua essência.

3.6. O NOVO AGENTE EVANGÉLICO PASTOR SILAS MALAFAIA

Quando um *Novo Agente* se levanta para ser porta-voz dos evangélicos no Brasil, ele busca trazer para si os holofotes. Ao se tornar o centro das atenções em determinados assuntos e polêmicas, os *Novos Agentes*, com suas atitudes, imprimem uma identidade sobre o que é ser evangélico no Brasil.

Esta identidade se populariza à medida que é vinculada em meios de comunicação de massa, o que acontece quanto maior for a polêmica em torno de declarações e atitudes. Até então isso aconteceria com qualquer pessoa que estivesse em evidência, contudo, quando se trata de personalidades religiosas, valores religiosos estão em jogo e o processo religioso acaba sofrendo transformações, tornando-se necessárias diferentes formas de compreensão.



Fonte: Elaborado pela Autora

A fim de proporcionar uma forma de entender o processo, esta pesquisa segue estudando o agente evangélico Pastor Silas Malafaia, buscando compreender como este se integra dentro da categoria *Novos Agentes Evangélicos* através da análise de suas características principais. Partiremos de três focos:

- 1 - Primeiramente é necessário identificar quem é o Pastor Silas Malafaia no espaço evangélico correlacionando-o com o tipo de Novo Agente;
- 2 – Segundo, descrevendo como ele se manifesta nas categorias dos *Novos Agentes* (Desterritorialização, Não Legitimação, Universalidade, Homogeneidade e Conflito);
- 3 – Terceiro, como são suas principais formas de atuação, focando em uma para exemplificar nesta pesquisa.

3.6.1 QUAL O TIPO DO *NOVO AGENTE* PASTOR SILAS MALAFAIA?

A tendência de reverter para um grupo a atitude de um único indivíduo é um processo que permeia a forma como a religião vem sendo tratada na mídia. E isto vem acontecendo com frequência em relação aos evangélicos.

Os *Novos Agentes* se tornam ícones de comportamento e referenciais, e em alguns casos são exibidos com maior projeção quando se envolvem em assuntos que geram audiência.

Há, no entanto, uma movimentação em direção a essa projeção, pois os *Novos Agentes* buscam efetivamente estar envolvidos diretamente em algum assunto para alcançar projeção e visibilidade, mas como identificá-los?

Como foi descrito nesta pesquisa, há três tipos de *Novos Agentes*:

- 1- Os representantes de blocos midiáticos denominacionais, que devido a grande projeção interdenominacional se tornam *Novos Agentes*;
- 2- Os agentes religiosos envolvidos com política, arte e movimentos sociais, que desenvolveram grande projeção midiática interdenominacional a ponto de se tornarem *Novos Agentes*;
- 3- Aqueles que ascenderam dos leigos para uma posição de *Novos Agentes*.

Qual seria o tipo do Pastor Silas Malafaia?

No caso do Pastor Silas Malafaia, a busca por projeção midiática tem sido um dos grandes alvos de sua carreira, percorrendo um longo caminho, partindo inicialmente de uma igreja em molde de Gueto Midiático, até desenvolver-se em Bloco Midiático e ir aumentando o alcance do seu Bloco Local até o Bloco Internacional, até que enfim se redimensionou em um *Novo Agente*.

Como agente pentecostal, Silas Malafaia repercutia um discurso denominacional, acentuado nos usos e costumes pentecostais e doutrina pentecostal. Sua fama era crescente entre as igrejas pentecostais devido a circulação de seus DVDs de mensagens pelo país, além de livros.

TABELA 17: PROGRAMAÇÃO INTERNACIONAL DO PROGRAMA VICTORY IN CHRIST				
PAÍS	ESTADO / CIDADE	EMISSORA	DIA	HORÁRIO
EUA e CANADÁ	REDE NACIONAL	CNTI	SÁBADO	16h30 às 17h30
EUA	REDE NACIONAL	Daystar	QUARTA	18h00
		INSP (Rede Americana)	SEGUNDA	08h30
		INSP (Rede Americana)	DOMINGO	13h00
		INI (Rede Internacional)	SEGUNDA	14h30
		INI (Rede Internacional)	SEXTA	11h30
		INI (Rede Internacional)	DOMINGO	18h30
Fonte: Site da AVEC				

Destaca-se seu programa Vitória em Cristo na TV Manchete, onde o Pastor Silas Malafaia iniciou seu ministério em nível nacional, inicialmente se apresentando na madrugada, com cerca de quinze minutos de programa. Atualmente, com horários variados, e mais tempo de programação, apresenta há cerca de trinta anos.

O Bloco Internacional Malafaia realizou a expansão para os EUA e Canadá, do Bloco Midiático da AVEC (Associação Vitória em Cristo), buscando conquistar esses países. Malafaia seguiu uma progressão midiática.

A fim de compreender a progressão pela qual Malafaia passou, alguns eventos da sua trajetória foram catalogados e colocados em ordem cronológica, comparando-os com um tipo de crescimento ou “evolução midiática” à medida que o tempo passa. (Tabela)

Assim, observando o quadro progressivo, respondendo à pergunta inicial, entende-se que o Pastor Silas Malafaia é um agente pentecostal, líder de um bloco midiático de alcance internacional (AVEC) e está ligado à Igreja Assembléia de Deus Vitoria em Cristo, no Rio de Janeiro.

Este agente, devido a sua projeção e constante visibilidade, tornou-se um *Novo Agente* Evangélico, e utilizando o termo *Evangélico* desenvolveu forte poder de influência sobre os evangélicos, a partir da sua construção de “representante dos evangélicos no Brasil”.

TABELA 18: PROGRESSÃO DO PASTOR SILAS MALAFAIA						
CLASSIFICAÇÃO PENTECOSTAL	GUETOS	BLOCOS MIMIÁTICOS				NOVOS AGENTES
		LOCAL	REGIONAL	NACIONAL	INTERNACIONAL	
IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS VITÓRIA EM CRISTO (RJ)	Agente Pentecostal	Agente Pentecostal Local	Agente Pentecostal Regional	Agente Pentecostal Nacional	Agente Pentecostal Internacional	Novo Agente Evangélico
DISCURSO	DENOMI NACIONAL	DENOMI NACIONAL	DENOMI NACIONAL	DENOMI NACIONAL	DENOMI NACIONAL	INTERDENOMI NACIONAL
PERÍODO (Fonte: linha do tempo do Pastor Silas Malafaia www.vitoriae mcristo.org)	1974 Com 15 anos de idade, Silas Malafaia já sonha com seu futuro ministério. Aos 19 anos era líder da juventude da igreja e promovia evangelismo de rua sobre carroceria de caminhão e palcos improvisados	1982 Silas Malafaia é consagrado pastor aos 23 anos de idade. Neste mesmo ano, ele começa a apresentar o programa de TV, inicialmente chamado de impacto e depois de Renascer. A atração é exibida somente no Rio de Janeiro e tem 15 minutos de duração.	1997 É criado o Congresso Pentecostal Brasileiro Fogo para o Brasil. 1999 Fundada a editora Central Gospel, para ajudar financeiramente a manter o programa. 2003 Criado o primeiro informativo para os Parceiros Ministeriais. Tornou-se o Colaborador Fiel e atualmente a Revista Fiel.	2004 O programa Vitória em Cristo ganha duração de uma hora e começa a ser exibido também na Rede TV! 2005 A Central Gospel estende sua atuação ao mercado fonográfico, criando o selo Central Gospel Music. 2007 Em abril, é assinado contrato com a Band para exibir o Vitória em Cristo para todo o território nacional, aos sábados.	2004 A partir de 5 de junho, o programa legendado em inglês é transmitido para Estados Unidos, parte da Europa e Ásia pela Daystar e pela CTN. No final deste ano são estabelecidas parcerias com outras emissoras internacionais. 2005 Em janeiro, o programa passa a ser exibido via satélite para a Europa e países africanos de língua portuguesa, alcançando mais de 45 milhões de lares pela inspiration Network e pela WhT TV. 2010 Em julho, o programa ganha versão dublada em inglês e passa a ser transmitido para 127 nações pela emissora norte-americana Inspiration. Lançado portal internacional www.victoryinchrist.org 2011 A partir de janeiro, inicia-se a transmissão do programa dublado em inglês também pela Daystar, alcançando mais de 200 nações e 670 milhões de lares.	2003 Silas Malafaia é nomeado Conselheiro da Presidência da República. 2008 Silas Malafaia promove uma manifestação contra a aprovação do PL 122 em frente ao Congresso Nacional no dia 25 de junho. Dez mil pessoas comparecem. 2011 Em junho, ocorre mais uma manifestação pacífica em frente ao Congresso Nacional contra o PL 122. Considerada uma mobilização histórica por reunir mais de 50 mil pessoas, o número é comparado ao das Diretas Já. 2012 Silas Malafaia é o novo presidente do Comerj. Ele também assume o comando da Marcha para Jesus no Rio de Janeiro. 2013 Presidente da Cimeb, participação em programas seculares de TV.
ESTRATÉGIAS MIMIÁTICAS		Programa de TV Local	Programa de TV Regional Rádio Revistas Livros, Dvds	Programa de TV Nacional Música Rádio	Programa de TV Internacional Sites na Internet Rádio	Programa de TV, Rádio Sites, Twitter Facebook, Youtube Instagram
Fonte: AVEC						

Superando o discurso denominacional pentecostal, Malafaia adota um discurso interdenominacional para conseguir abranger a maior quantidade de evangélicos possível, principalmente suas lideranças, e para isso também promove Congressos interdenominacionais.

FIGURA 67: CONGRESSO INTERDENOMINACIONAL PARA MINISTROS EVANGÉLICOS REALIZADO POR SILAS MALAFAIA

22 a 24 de abril 2015
Assembleia de Deus Vitória em Cristo - Rua Montevideu, 900 - Penha - RJ

Pr. Silas Malafaia Pr. Morris Cerullo Pr. Estevam Fernandes

Filiados com anuidade em dia não pagam inscrição!
secretaria@cimeb.org.br

Inscrição R\$ 40,00

www.cimeb.org.br
Inscrições: (21) 2187-7000 e 2598-2019

Fonte: AVEC

Essa postura de Malafaia foi de encontro com a postura ascética até então muito praticada no meio pentecostal. Os pentecostais se reconheciam como grupo separadamente dos outros evangélicos e a terminologia *pentecostal* era seu referencial, quadro que foi mudando após a popularização do termo *Evangélicos* por Silas Malafaia e outros agentes, fazendo com que os pentecostais começassem a ser ver como *evangélicos pentecostais* e parte integrante da *grande nação evangélica no Brasil*.

Devido a construção midiática da imagem de *representante dos evangélicos no Brasil*, Silas Malafaia acaba que, ainda de forma não legítima, preenchendo a vaga de líder evangélico, quando necessário, com intuito de responder a algumas questões diante da sociedade. No entanto, sua postura, palavras e ações recaem diretamente sobre os evangélicos, como se suas atitudes falassem por todos.

Como exemplo, pode-se citar, em relação a rótulos pejorativos, que assim como a prisão, a postura eclesiástica baseada na teologia da prosperidade com foco em arrecadação financeira, e outras acusações contra Edir Macedo, incentivou a propagação do rótulo de *Pastor ladrão*. As declarações de Silas Malafaia imprimem novos rótulos sobre os evangélicos, dentre estes, os rótulos de *Evangélicos Intolerantes* e *Evangélicos Homofóbicos*, por exemplo.

Esses rótulos podem ser facilmente reproduzidos pela mídia em notícias sensacionalistas, afetando o sistema religioso, trazendo questões que procuram entender como um agente pentecostal pode exercer tanta influência e definir parâmetros de comportamento do evangélico brasileiro?

Para compreender isso, esta pesquisa expõe a relação do *Novo Agente* Silas Malafaia com algumas *novas posturas eclesiásticas*, chamadas aqui de categorias dos novos agentes, uma série de comportamentos ligados diretamente ao forte desempenho do agente em se tornar um representante universal dos evangélicos, utilizando os recursos midiáticos, principalmente a Internet.

3.6.2. COMO O PASTOR SILAS MALAFAIA SE MANIFESTA NAS CATEGORIAS DOS NOVOS AGENTES

Para detalhar o perfil do Pastor Silas Malafaia é necessário analisá-lo através de cada categoria, buscando relacionar como seu comportamento ministerial tem-no caracterizado como um *Novo Agente*.

É importante ressaltar que este agente, em específico, foi escolhido para essa pequena análise devido à grande projeção e visibilidade de sua imagem, bem como a repercussão de suas declarações.

Devido a grande quantidade de material sobre Silas Malafaia nas redes sociais, não foi possível nesta pesquisa catalogar e analisar tudo, por isso, foi feito um resumo de algumas de suas aparições na mídia, para exemplificar, em cada categoria, sua atuação.

3.6.2.1 Silas Malafaia: Um Novo Agente *Desterritorializado*

Na categoria *Desterritorialização*, a partir de sua exibição em seu programa de TV, e venda de livros e DVDs, o Pastor Silas Malafaia tem adentrado várias casas, tornando-se figura conhecida entre os evangélicos de variadas denominações. Suas ideias e posicionamentos transpassaram a barreira denominacional e tornaram-se referencial para evangélicos, principalmente de origem pentecostal (compreendendo que existem inúmeras denominações pentecostais).







Dessa forma, ultrapassando a limitação territorial da sua igreja, Assembleia de Deus, localizada no Rio de Janeiro, Malafaia constrói sua imagem desterritorializada através da mídia, alcançando a população evangélica no Brasil. Além da TV, seu programa também pode ser acompanhado pela internet.

TABELA 19: PROGRAMAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA VITÓRIA EM CRISTO				
PAÍS	ESTADO / CIDADE	EMISSORA	DIA	HORÁRIO
BRASIL	REDE NACIONAL	BAND	SÁBADO	12h às 13h
BRASIL	REDE NACIONAL	REDE TV	SÁBADO	09h às 10h
BRASIL	REDE NACIONAL	REDE BRASIL	SEGUNDA A DOMINGO	08h às 09h
BRASIL	SANTA CATARINA	SBT	SÁBADO	08h30 às 09h30
BRASIL	BAHIA	BAND	SÁBADO	08h às 09h
BRASIL	MARANHÃO	BAND	SÁBADO	08h às 09h
BRASIL	RIO GRANDE DO SUL	TV PORTO VISÃO	SÁBADO	08h às 09h
BRASIL	SANTA CATARINA	TV BARRIGA VERDE	SÁBADO	08h às 09h
BRASIL	GOIÁS	REDE GÔIANIA	SÁBADO	08h às 09h
BRASIL	RIO GRANDE DO NORTE	TV POTENGI	SÁBADO	08h30 às 09h30
BRASIL	ESPÍRITO SANTO	TV CAPIXABA	SÁBADO	08h45 às 09h45
BRASIL	SÃO PAULO	TV SANTOS	SÁBADO	09h às 10h
BRASIL	BRASÍLIA	BAND	SÁBADO	09h30 às 10h30
BRASIL	TOCANTINS	BAND	SÁBADO	09h30 às 10h30
BRASIL	PARAÍBA	TV O NORTE	SÁBADO	09h30 às 10h30
BRASIL	PARAÍBA	TV ESTADO/CNT	SEGUNDA A SÁBADO	16h às 17h
BRASIL	ACRE	TV UNIÃO	SÁBADO	09h às 10h
BRASIL	PIAUÍ	TV MEIO NORTE	SÁBADO	12h às 13h
BRASIL	FORTALEZA	TV MAIS	SEGUNDA A SEXTA	23h às 0h
BRASIL	FORTALEZA	TV JANGADEIRO/BAND	SÁBADO	09h às 10h

Fonte: AVEC

Muitas declarações de Malafaia trouxeram algum tipo de repercussão no meio evangélico. Malafaia conseguiu associar às exibições de seu programa temas polêmicos, procurando se posicionar e argumentar sobre variados assuntos, e cada vez mais busca expandir a projeção do seu programa de TV pelo Brasil, além de suas participações em programas de TV secular, em debates e entrevistas.

FIGURA 68: VÍDEOS NO YOUTUBE DAS PARTICIPAÇÕES DE SILAS MALAFAIA EM PROGRAMAS DE TV SECULAR

01	02
 <p>Band Programa Canal Livre Tipo: Debate Data: 08/04/2007 Duração: 20m 55s Visualizações: 28.396</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=XNyBmfP9yLs</p>	 <p>SBT Programa do Ratinho Tipo: Debate Sobre PL 122, Silas Malafaia contra Iara Bernardi Data: 24/02/2010 Duração: 8m 27s (Parte 1) Visualizações: 416.814</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=BzrBtqGPzZs</p>
03	04
 <p>SBT Programa do Ratinho Tipo: Entrevista sobre Aborto Data: 13/10/2010 Duração: 11m 53s (Parte 1) Visualizações: 99.105</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=0TGf3njzlow</p>	 <p>SBT Programa do Ratinho Tipo: Debate Sobre PL 122, Silas Malafaia contra Travesti Rosana Star. Data: 22/02/2012 Duração: 21m 3s Visualizações: 897.135</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=a0CJHlge0NM</p>
05	06
 <p>SBT Programa De Frente Com Gabi Tipo: Entrevista Data: 03/02/2013 Duração: 45m 5s Visualizações: 6.691.509</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14</p>	 <p>Band Programa Pânico Tipo: Entrevista Data: 03/03/2013 Duração: 15m 1s Visualizações: 103.507</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=hp34xSh3CuM</p>

<p style="text-align: center;">07</p>  <p>Rede TV Programa SuperPop com Luciana Gimenez Tipo: Entrevista Data: 15/04/2013 Duração: 1h 15m 15s Visualizações: 133.314</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=iOsyFggQvpY</p>	<p style="text-align: center;">08</p>  <p>SBT Programa do Ratinho Tipo: Entrevista Data: 30/05/2013 Duração: 48m 54s Visualizações: 458.591</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=E6xhF19BywA</p>
<p style="text-align: center;">09</p>  <p>Globo Programa Na Moral Tipo: Debate Data: 01/08/2013 Duração: 21m 6s Visualizações: 729.281</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=_K8211426HM</p>	<p style="text-align: center;">10</p>  <p>SBT Programa The Noite com Danilo Gentili Tipo: Entrevista Data: 31/03/2014 Duração: 48m 54s Visualizações: 2.382.539</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=TTm7tFNarF8</p>
<p style="text-align: center;">11</p>  <p>Rede Globo: Programa <i>Na Moral</i> Tipo: Debate Quais os limites da moral na TV? Data: 23/04/2015 Duração: 49m 09s Visualizações: 1.823</p> <p>Fonte:www.youtube.com/watch?v=gqbSXU18kq4</p>	

É através das participações de Malafaia na TV, inicialmente em 2007, no Programa Canal Livre na Band, que esse agente começa a trabalhar sua visibilidade, apresentando-se como debatedor evangélico de assuntos polêmicos, como, por exemplo, aborto e homossexualismo. Nessas participações, Malafaia torna-se fonte de audiência para esses programas e *consolida sua imagem nacional* como representante dos evangélicos.

3.6.2.2 Silas Malafaia: Um Novo Agente Não Legitimado

Não-Legitimação, apesar de sua popularidade, Malafaia não é um agente diretamente legitimado pela maioria das denominações evangélica e ele é legitimado como pastor pela Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e como líder representa diretamente esta igreja, contudo, sua imagem foi trabalhada para alcançar uma representação maior.

No meio evangélico, a fama e popularidade não são sinônimos de legitimação. Para representar uma denominação, o líder, em nível nacional, deve ser escolhido dentre uma liderança composta por pastores da mesma denominação. O nível de influência fica dentro das limitações da denominação e em alguns casos denominações com interesses e práticas em comum se juntam para aumentar o próprio poder.

Contudo, raramente extrapolam os parâmetros da sua linhagem teológica, ficando dentro das quatro linhas: Tradicionalismo, Pentecostalismo, Neopentecostalismo, Evangelicismo. O interessante é que Silas Malafaia tem tido progresso em unir algumas denominações pentecostais e neopentecostais em torno de sua imagem.

O processo de legitimação dentro de uma denominação institucionalizada é algo que segue parâmetros pré-estabelecidos, rígidos, e demorados. Quanto maior a institucionalização da denominação, maior a quantidade de regras para legitimação de um agente religioso.



Atualmente (2015), dentro da denominação composta pelas Igrejas Assembleia de Deus, Malafaia não é o líder nacional, e sim o Pastor José Wellington Bezerra da Costa líder pela CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil).

Qualquer tipo de posicionamento denominacional sobre qualquer assunto só pode ser respondido ou declarado pelas lideranças oficiais das igrejas.

No entanto, Silas Malafaia consegue, com sua estratégia midiática, projetar suas opiniões, indo além de uma representação denominacional, ou seja, devido ao uso sistemático da mídia para construir sua imagem de liderança, Malafaia tornou-se muito conhecido e influente dentro de sua denominação e em outras.

3.6.2.3 Silas Malafaia: Um Novo Agente *Universal*

As denominações evangélicas são fragmentadas, assim, para conseguir força e um tipo de legitimidade interdenominacional, Malafaia funda, junto com outros pastores, o CIMEB (Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil).

Procurando desenvolver uma unidade evangélica em torno de seu discurso e imagem, buscando uma visão mais universalista dos evangélicos no Brasil, que superasse a imagem de fragmentação. Este tipo de posicionamento é a busca pela *Universalidade* dos evangélicos no Brasil, fazendo com que cada vez mais lideranças se unam a Cimeb:

Cerca de oito mil pastores de quase todas as denominações evangélicas brasileiras fazem parte do Cimeb, que foi instituído em 2001. O Conselho de Ministros tem como objetivo realizar reuniões periódicas entre os pastores e líderes para promover o intercâmbio e o companheirismo no corpo de Cristo, e programar ações comuns entre as diferentes denominações, grupos e segmentos evangélicos na área de evangelização, edificação e ação social (ASSOCIAÇÃO VITÓRIA EM CRISTO⁸⁴, s.d., n.p.).

Como presidente desse tipo de conselho, Malafaia busca legitimar sua posição como representante dos evangélicos no Brasil, contudo, as igrejas filiadas a Cimeb⁸⁵ não podem lhe fornecer este título, pois não representam todos os evangélicos do Brasil.

⁸⁴ Fonte: www.vitoriaemcristo.org.br.

⁸⁵ A quantidade exata de igrejas filiadas não pode ser verificada para essa pesquisa, o site da Cimeb até a presente data de finalização da pesquisa não tem informações sobre quantidade ou quais igrejas são filiadas.

FIGURA 70: ENCONTRO DA CIMEB - 2013



Fonte: www.verdadegospel.com/

Malafaia segue construindo sua imagem, com declarações como a que fez no *Programa Na Moral*, exibido no dia 23/04/2015, quando questionado sobre a possibilidade de existir Pastor Gay. Malafaia disse que

Não! Pois, seria excluído da igreja!

Para sustentar sua autoridade evangélica em tal afirmativa, ele explica:

Existe igreja católica das prostitutas? Não! Não existe!

Quem que define? O papa!

A liderança da Igreja Católica!

Eu sou presidente do Conselho de Pastores do Brasil!

Eu não conheço Pastor Gay, ele pode ser o que ele quiser ser.

Assim, com esse tipo de afirmação, Malafaia procura se posicionar como o *Papa dos evangélicos*.

3.6.2.4 Silas Malafaia: Um Novo Agente Homogeneizador

Homogeneidade. A fim de tornar mais fácil o processo de universalização das igrejas evangélicas, torna-se necessário fundamentar uma imagem num tipo ideal de *o que é ser um evangélico*, buscando tornar homogêneo um grupo diversificado.

A diversidade de evangélicos é tão grande quanto a variedade de suas denominações, comportamentos, usos e costumes, que variam muito.

Unificar é uma tarefa complicada, contudo, o discurso *evangelicalista* busca enquadrar, num *tipo ideal*, como se deve comportar um evangélico. Muitas vezes Malafaia usou a frase: *Nós evangélicos...*

O que vem depois dos três pontinhos são suas opiniões pessoais de como deve ser um evangélico no Brasil. Essas opiniões pessoas não deveriam, mas acabam configurando o que é um evangélico brasileiro, devido a sua forte projeção midiática.

Malafaia cria uma imagem *fantasma* do que são os evangélicos, representado como uma classe homogênea *que pensa a mesma coisa*.

3.6.2.5 Silas Malafaia: Um Novo Agente que gera Conflitos

A luta por espaço midiático faz surgir os *Conflitos*. Ao buscar representar os evangélicos no Brasil, Malafaia entra em conflito com outros agentes denominacionais que precisam garantir sua legitimidade diante dos leigos.

Esses conflitos entre os agentes estão em variados setores, e também se refletem na disputa por horário de TV.

Como exemplo, o ocorrido em maio de 2014, quando após 32 anos de exibição na CNT do programa *Vitória em Cristo*, Malafaia teve seu horário comprado pela IURD.

Em resposta, lança um vídeo com as seguintes palavras: *Eu espero que a Igreja Universal use para a Glória de Deus, esse é o desejo do meu coração, porque lamentavelmente a Record, o diabo já está usando há muito tempo*⁸⁶.

⁸⁶ Fonte: www.verdadegospel.com/programa-vitoria-em-cristo-sai-da-tv-cnt-apos-32-anos-pr-silas-comenta/

FIGURA 71: YOUTUBE CANAL DE JUSSARA OLIVEIRA
303.553 VISUALIZAÇÕES



Fonte: www.youtube.com

FIGURA 72: FACEBOOK COMUNIDADE
PASTOR SILAS MALAFAIA ME REPRESENTA
1.323.665 CURTIDAS



Fonte: www.facebook.com

Outra forma de conflito está nas redes sociais, onde muitos leigos, que não se sentem representados por Malafaia, manifestam-se contra suas opiniões, como a blogueira evangélica Jussara Oliveira, que, em março de 2013, lançou um vídeo no seu canal no Youtube explicando porque Feliciano e Silas Malafaia não a representam. Com muitas visualizações, o vídeo ficou popular e o slogan *Silas Malafaia não me representa* passou a ser usado.

Então, para combater esse movimento foi criada uma comunidade não oficial no Facebook: “*Pastor Silas Malafaia Me Representa*”, com cerca 1.323.665 curtidas. Malafaia também se envolveu com outros conflitos e debates nas redes sociais (com os agentes Edir Macedo e Caio Fábio).



Além de conflitos diretos com outros agentes evangélicos, Malafaia enfrenta acusações de alguns sites evangélicos de notícias, e outros que seguem um estilo cômico, de *fofoca evangélica*. Estes sites têm trabalhado na desconstrução de sua imagem como representante dos evangélicos no Brasil. Para combater essas críticas, Malafaia criou o site *Verdade Gospel*, que propaga notícias sobre ele, além de um forte discurso contra a esquerda política.

O site procura trazer informações sobre o meio Gospel, Brasil, Mundo, Entrevistas e propaga a Web TV, além de trazer propaganda dos livros da editora do Silas Malafaia e CDs da sua gravadora.

3.7 ATUAÇÕES DO PASTOR SILAS MALAFAIA

Dentre os novos agentes, Malafaia tem se tornado um ícone em utilização da mídia para projeção de sua imagem. Suas formas de atuação estão espalhadas por variados tipos de mídia, e seu discurso abrange diversas áreas. Suas postagens, separadas em temas, podem-se dividir em dez categorias:

- 1- Notícias sobre a agenda de Silas Malafaia, seus eventos e campanhas ministeriais;
- 2- Propaganda de seus produtos, livros, CDs, DVDs;
- 3- Pedidos de doações financeiras para seu ministério;
- 4- Propagandas dos projetos sociais da AVEC (Associação Vitória em Cristo);
- 5- Temas políticos, sobre questões de eleições, projetos de leis, denúncias de corrupção, comentários pessoais sobre política e economia;
- 6- Assuntos internacionais, como a questão dos extremistas islâmicos e a perseguição religiosa;
- 7- Discurso contra homossexualismo;
- 8- Postagens com mensagens devocionais, versículos bíblicos para meditação;
- 9- Comentários sobre outros agentes evangélicos e assuntos relacionados ao meio evangélico;
- 10- Propaganda sobre seus perfis em redes sociais e sites.

Esta pesquisa, de forma específica, concentrar-se-á no tema cinco, ou seja, no envolvimento político de Malafaia, focando em suas declarações que envolvam questões políticas no Brasil, focando no eixo temático *Declarações Políticas de Silas Malafaia*.

FIGURA 74: SILAS MALAFAIA E AS REDES SOCIAIS DA INTERNET



Fonte: Google
Arte: Autora

Direcionado por esse eixo temático, pode-se encontrar nas redes sociais da Internet as formas como Silas Malafaia vem desenvolvendo sua estratégia midiática na elaboração de seu *discurso evangélico*, como no seu canal do Youtube, com a divulgação de seus vídeos, e suas postagens de textos e imagens em outras plataformas, como sua Page no Facebook, seu Instagram e seu Twitter. Especificamente, esta pesquisa se concentrará nas postagens de Malafaia no Twitter.

O envolvimento de Pastores evangélicos com a política no Brasil tem crescido⁸⁷, tanto em pastores com candidaturas, quanto em pastores exercendo a função de cabo eleitoral. Raphael Gomide, em 2012, publicou o artigo: *Pastor Silas Malafaia se consolida nas eleições como líder político nacional: Polêmico, direto e agressivo, o popular cabo eleitoral evangélico apóia Serra em São Paulo e ajudou a eleger 24 prefeitos e 16 vereadores em sete*

⁸⁷ Ver pesquisa de Paul Freston (1993).

*Estados*⁸⁸. Nesse artigo, Silas Malafaia explica como sua influência foi importante para eleger 16 dos 18 candidatos que ele apoiou nas eleições de 2012:

iG: Como o Senhor analisa o seu envolvimento com a política?

Silas Malafaia: A vida é resultado do que construímos ao longo do tempo. A gente se posiciona e corre riscos, põe a cara para bater. O povo evangélico vem amadurecendo. Estou há muito tempo na mídia, e conquistei credibilidade com os evangélicos. Uma parte acata e considera o que eu digo (GOMIDE, 2012).

Malafaia com a frase *conquistei credibilidade com os evangélicos*, define bem sua estratégia de como através de sua visibilidade midiática foi conquistando essa credibilidade. Usando seu poder de influência nas redes sociais. Dessa forma, analisaremos alguns exemplos de como esse *Novo Agente* evangélico constrói seu discurso político com suas declarações.

3.8 SILAS MALAFAIA NO TWITTER

Twitter é uma rede social, um tipo de *microblogging* gratuito, criado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. Nesta rede social, seus usuários enviam e recebem mensagens pessoais de outros usuários. O interessante é que seus textos devem ter no máximo 140 caracteres, ou seja, devem ser breves e as mensagens surgem em tempo real no perfil do usuário que postou e podem ser acompanhadas por outros usuários que seguem o perfil, como também podem ser compartilhadas através de *retwitter*.

Silas Malafaia tem sua conta no Twitter desde março de 2010. Desde então a vem usando para manifestar suas opiniões políticas e fazer campanhas. Ele possui 900 mil seguidores, e escreveu cerca de 20 mil mensagens (maio/2015). Suas declarações políticas podem ser resumidas em cinco áreas:

- 1- Declarações de apoio e campanha eleitoral para candidatos;
- 2- Declarações contra outros candidatos;
- 3- Declarações contra projetos de lei, ou pautas em votação no Senado ou na Câmara, em relação ao homossexualismo;
- 4- Declarações sobre ações do governo, opinião sobre assuntos de corrupção;
- 5- Declarações críticas à Presidente Dilma.

⁸⁸ Raphael Gomide iG Rio de Janeiro |11/10/2012 17:19:24 - Atualizada às 11/10/2012 18:35:01

Dentre estas declarações, foram selecionados dois momentos: 1-Eleição Presidencial 2010: Silas Malafaia no Twitter retira apoio a Marina Silva; 2- Eleição Presidencial 2014: Silas Malafaia no Twitter apoia Marina Silva e sua campanha contra a Esquerda.

Através do Twitter, Silas Malafaia tem geralmente uma opinião política para manifestar a *nação evangélica*, com o intuito de direcionar seu voto, sua opinião política e enfim seu posicionamento como evangélico no Brasil. Malafaia busca ser o referencial de direcionamento político para os evangélicos brasileiros, como aquele que *precisa* ser ouvido e consultado.

3.8.1 Silas Malafaia no Twitter: Eleição Presidencial 2010, retirada de apoio a Marina Silva

O primeiro momento ocorreu nas eleições de 2010, quando Marina Silva se candidatou à presidência. Malafaia, que inicialmente a apoiara, mudou seu voto, acusando-a de *dissimulação* e por *se posicionar em cima do muro* em relação a questões como o aborto.

Para justificar seu posicionamento, Malafaia lançou um vídeo em seu *Programa Vitória em Cristo*, e postou um texto no seu site, explicando por que mudou seu voto. A sua postagem no Twitter teve grande repercussão.

O candidato à presidência, José Serra, buscou o apoio do Pastor Silas Malafaia para conseguir os votos dos *Evangélicos*, lembrando a frase: “*Na política, as aparências dão sempre razão às aparências já que conseguir levar a acreditar contribui para fazer com que algo exista*” (CHAMPAGNE, 1998, 251).

Silas Malafaia utilizou o Twitter para manifestar seu voto a favor de Serra, o apresentando-o como melhor alternativa para os evangélicos do Brasil (depois, quando Serra se candidatou a Prefeito de São Paulo, Malafaia também usou o mesmo recurso).

FIGURA 75: 2010 - SILAS MALAFAIA PRIMEIRO APOIO A MARINA, DEPOIS APOIO A SERRA



A principal queixa apresentada por Malafaia contra Marina no Twitter é *sua raiz petista*, sinalizando que esse seria um defeito não tolerado pelo Pastor, por isso a retirada de seu apoio. Malafaia segue apontando para Serra, utilizando uma linguagem no mínimo tendenciosa: *Já que não tenho tantas opções*.

3.8.2 Silas Malafaia no Twitter: Eleição Presidencial 2014, apoio a Marina Silva

O segundo momento acontece nas eleições de 2014, quando a candidata Marina Silva teve o apoio de Malafaia. Para este apoio acontecer, Malafaia voltou a usar o Twitter para persuadir Marina a mudar seu plano de governo, que envolvia questões em relação ao homossexualismo. Ele teve êxito, pois ela mudou, e ele declarou seu apoio (contudo, para isso, Malafaia deixou de apoiar o Pastor Everaldo).



Essa mudança no plano de governo de Marina Silva, como que atendendo às exigências de Malafaia, acabou que criando a perspectiva da possibilidade de futuras influências dos posicionamentos de Malafaia sobre a candidata, fato que não agradou alguns eleitores, além de cultivar um sentimento de traição, pois os eleitores pró-homossexualismo de Marina se sentiram traídos, retirando seu apoio à candidata. Fato que Malafaia comenta com risos no seu Twitter, animado pela vitória na mudança de postura de Marina Silva.

**FIGURA 77: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER
SOBRE ATIVISMO GAY**



O surpreendente é a mudança de opinião de Malafaia de 2010 a 2014, utilizando a mesma ferramenta que usou contra Marina, agora para apoiá-la em 2014. Ele fez campanhas com *hashtag* em prol da candidata.

**FIGURA 78: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER
HASHTAG PARA MARINA SILVA**



No segundo turno, Malafaia e Marina apoiaram Aécio Neves, unindo forças contra a candidata Dilma Rousseff. Malafaia utilizou seu vocabulário depreciativo, associando o voto em Dilma ao posicionamento de que *o governo pode roubar... desde que faça algo pelo pobre...* buscando, com esse recurso, conseguir votos para Aécio Neves.

FIGURA 79: 2014 SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE MARINA SILVA



Com a derrota de Aécio no segundo turno, coube a Malafaia, ressentido, pois seus dois candidatos não ganharam, elaborar as críticas a Dilma, utilizando termos bíblicos para tentar explicar a derrota de Aécio. Apelou para o recurso comparativo, no qual Aécio é comparado a Jesus Cristo e Dilma é comparada a Barrabás, e o povo escolheu Barrabás, logo, o povo prefere o ladrão.

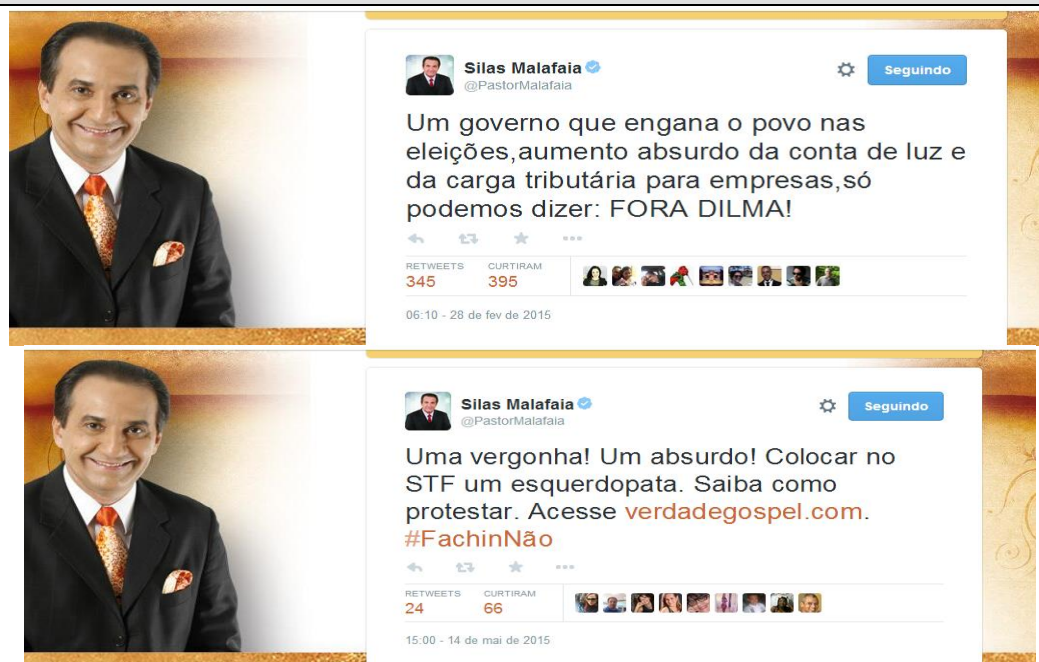
Alimenta-se o discurso bipolar da luta entre o bem e o mal, Cristo e Barrabás, Deus e o Diabo. Em outra postagem, Malafaia declara que *Deus tenha misericórdia do Brasil*, entendendo que o *mal* está no poder, e assim segue a demonização de Dilma.

FIGURA 80: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA



Posteriormente, Malafaia realiza acusações, atacando diretamente a Esquerda e o governo do PT (Partido dos Trabalhadores), posicionando-se também contra a presidência, chegando a usar termos como: “*Fora Dilma*” e “*esquerdopata*” e organizando campanhas de *tuitaços* contra o PT.

FIGURA 81: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA E FACHIN



Fonte: twitter.com/PastorMalafaia

O posicionamento de Silas Malafaia contra Dilma procura relacionar diretamente a atuação da esquerda brasileira com os *inimigos da fé* dos evangélicos. Nas eleições de 2014, Malafaia postou sérias críticas, denunciando uma suposta ligação de Dilma com o Estado Islâmico e grupos que promovem perseguição aos cristãos em outros países, elaborando um vídeo e divulgando-o.

Foi necessário que o ministro Herman Benjamin, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ordenasse a retirada do vídeo da internet por conter “*evidente degradação da imagem*” de Dilma Rousseff. Após o atentado na França em janeiro de 2015, Malafaia declarou no Twitter:

FIGURA 82: SILAS MALAFAIA SE POSICIONA NO TWITTER SOBRE DILMA E TERRORISTAS



Fonte: twitter.com/PastorMalafaia

Dessa forma, procura-se novamente associar a imagem de Dilma com terroristas, influenciando a opinião dos evangélicos, buscando relacioná-la com a carga pejorativa que o atentado proporcionou.

As declarações de Malafaia poderiam passar despercebidas se não fosse sua ação como *Novo Agente Evangélico*. A repercussão de suas declarações no Twitter se reverteu em notícias em sites, blogs, e também são assuntos em redes sociais. Elas mobilizam e geram polêmica.

3.8.3 Silas Malafaia no Twitter: Estratégias linguísticas

Partindo da análise dessas declarações do Pastor Silas Malafaia no Twitter sobre política nas eleições 2010 e 2014, pode-se encontrar, nos seus recursos linguísticos, as estratégias utilizadas para gerar a polêmica necessária a sua projeção. Compreendendo que seu discurso se estabelece em duas bases principais:

- 1- Humor Irônico
- 2- Apelo Religioso

Com uma linguagem teatral, compreende-se que a exposição midiática das figuras públicas religiosas na internet giram em torno de uma projeção, em que as pessoas buscam *chamar a atenção* do seu público alvo, ou seja, chamar a atenção dos *leigos* que procuram *novos agentes* que atendam sua *nova demanda religiosa*.

O humor tornou-se nesse campo midiático religioso uma forte arma, pois envolve o entretenimento com um posicionamento social, amenizando o impacto devastador de uma declaração direta, através da simpatia pelo engraçado, assim analisando a personagem Silas Malafaia em atuação no palco. Percebe-se que ele utiliza o recurso humorístico para provocar o riso, e ridicularizar o outro, conforme cita Bergson:

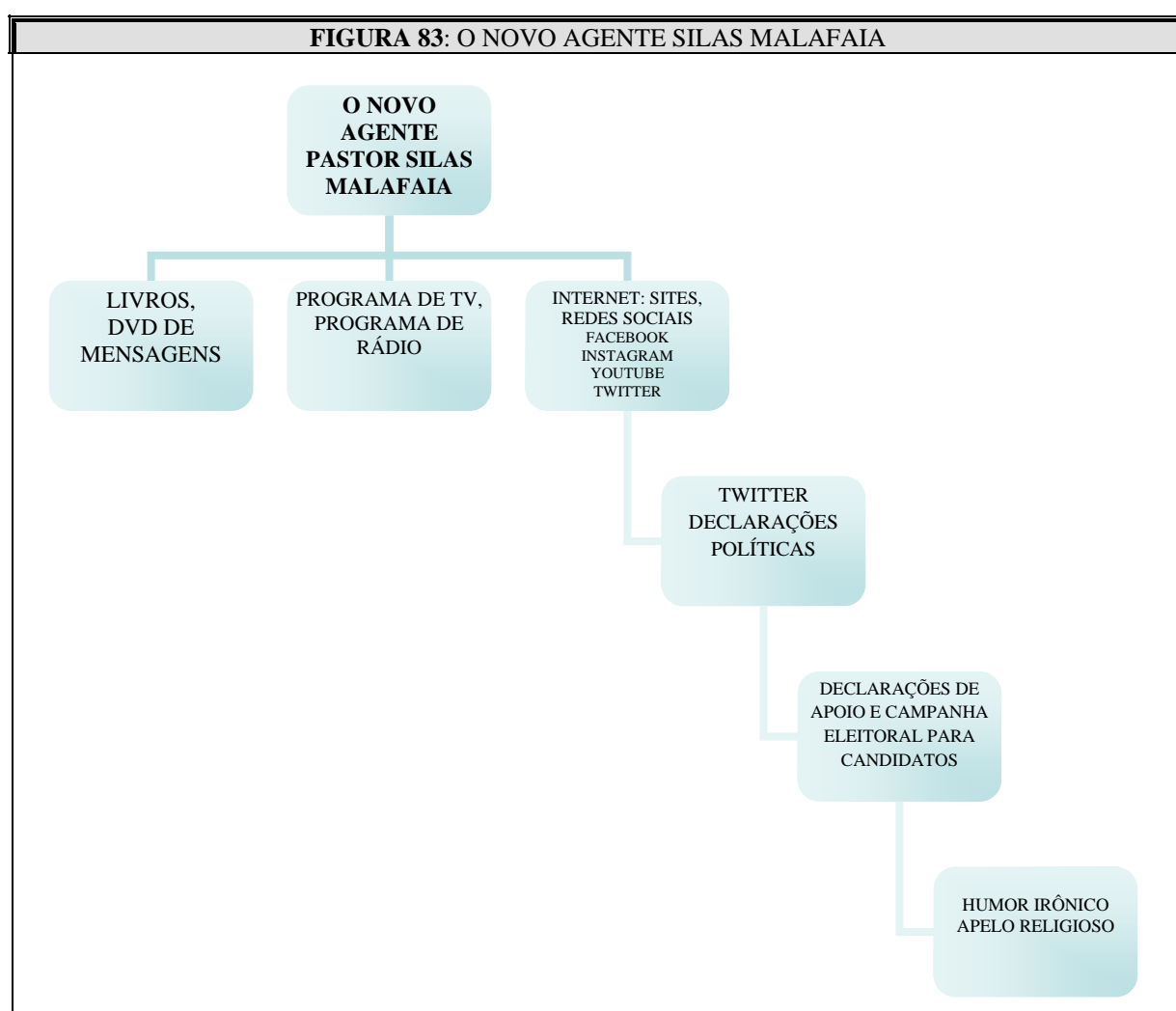
O riso é, acima de tudo, uma correção. Feita para humilhar, deve dar impressão penosa à pessoa que lhe serve de alvo. A sociedade vingasse por meio dele das liberdades tomadas com ela. Ele não atingiria seu objetivo se não trouxesse a marca da simpatia e da bondade (2007, 146).

Malafaia tanto utiliza como também é alvo desse recurso. Pesquisar sobre *novos agentes evangélicos na internet* sem passar pelo humor, de frases trocadas, tirinhas, charges, e fotos com montagem, é tarefa difícil, pois é algo que não pode ser ignorado. Esse material está presente em grande quantidade na internet, pois uma declaração de Silas Malafaia no Twitter reflete-se em vasta produção humorística.

Malafaia desenvolve no seu discurso um humor irônico, carregado de sarcasmo, com comparações e jogos de palavras.

Outro recurso é o *apelo religioso* de suas declarações com a exibição de jargões evangélicos, como a frase *Deus tenha misericórdia*, e conforme já mencionado nesta pesquisa, há necessidade de alimentar o discurso bipolar entre o bem e do mal.

O *apelo religioso* busca o enquadramento da consciência religiosa dos leigos na aceitação da opinião política de Malafaia, aumentando o tom de condenação contra seus opositores, nesse caso, a *política de esquerda* do Brasil.



Fonte: Elaborado pela Autora

Finalizando, o *humor irônico* e o *apelo religioso* dessas declarações políticas de Silas Malafaia no Twitter são apenas um pequeno exemplo da atuação do *Novo Agente Evangélico*. O poder de influência midiático se concentra na forma sistemática do uso conjunto de várias plataformas na internet, onde, propagando seu *capital religioso*, segue alcançando diferentes tipos de públicos, aumentando sua projeção e atuando em vários setores da comunicação, buscando estar presente em várias questões, opinando publicamente, tornando-se referencial para aqueles *leigos* que encontram nas suas palavras e postura um *representante*.

3.7 DISCUSSÃO

Ao descrever a atuação dos *Novos Agentes midiáticos Evangélicos*, buscou-se identificar e compreender as consequências da expansão do *campo religioso evangélico* através da projeção da *cultura evangélica* nos meios de comunicação, tanto internamente, diante de sua luta interna por poder midiático, quanto externamente, identificando possíveis *conflitos de poder* em relação a outros campos, grupos, culturas e blocos de poder midiático.

Também se procurou compreender as relações da representação dos *Novos Agentes midiáticos Evangélicos* nos meios de comunicação com as estruturas políticas existentes do Brasil, na sua disputa por poder midiático. Procurando entender como a mídia secular repercute esses conflitos, alimenta as disputas, cria opinião, dentre outras ações que envolvam política e evangélicos na mídia. Assim, partindo da análise e enquadramento do *Novo Agente* Silas Malafaia, nos conceitos elaborados na pesquisa, chegou-se a algumas conclusões.

Primeira conclusão, um agente midiático evangélico, quando trabalha sua imagem como representante dos evangélicos no Brasil, e consegue projeção, as consequências e os conflitos gerados trazem sobre este grupo religioso um grande impacto.

O primeiro impacto está ligado diretamente a declarações e atuações do *Novo Agente*, que, com seu discurso, cria uma imagem falsa como *o representante geral* do grupo religioso, quando apenas representa uma parte distinta deste grupo. Ele fala e age como se representasse o todo.

O segundo impacto acontece quando a mídia, ou outros setores da sociedade, identificam e tratam esse novo agente como um *representante geral*, e identificam no seu discurso uma postura que representa todo o grupo.

O terceiro impacto está na repercussão que o novo agente recebe devido as suas declarações. As críticas e diferenciados tipos de tratamento não recai apenas sobre o novo agente, mas sobre todo o grupo que o novo agente diz representar.

Segunda conclusão, atuações centralizadoras de novos agentes alimentam um discussão cada vez mais dualista, uma guerra entre o bem e o mal, em que o novo agente (no caso, Silas Malafaia) representa o bem e todos os outros (até mesmo evangélicos) que não concordam com sua postura estão no eixo do mal.

No Brasil, não é possível centralizar em apenas um novo agente a diversidade que o meio religioso evangélico possui, apesar de haver concordância entre os agentes em vários temas. A postura e forma de debate são diferenciadas, e em alguns casos até a abstenção é adotada, pois nem todos querem ser representantes ou buscam projeção midiática.

Dessa forma, para romper com essa visão dualista, é necessário que outros novos agentes, em conjunto, entrem no conflito por espaço midiático e defendam cada um sua denominação, ou grupo de denominação, com uma estratégia que venha combater a generalização e estigmatização de suas denominações. Para não cair no jargão *quem cala consente*, os *Evangélicos* precisam cada vez mais e de forma intensa se posicionar, para defender sua identidade.

A terceira conclusão diz respeito ao perfil de Silas Malafaia e as suas formas de atuação, e procura explicar por que este Novo Agente conseguiu tanta projeção. A primeira atuação é sua postura, é difícil de não notar a tonalidade agressiva das discussões em que Silas Malafaia toma parte. Com o uso de palavras de baixo calão, aumento da voz, em tons de ameaça e agressividade, Malafaia traça um perfil de Pastor até então pouco conhecido no Brasil *aquele Pastor que não leva desaforo para casa*, pois responde, acusa, replica, trata com ironia, sarcasmo.

Em contrapartida, seus opositores não ficam atrás, e entram no jogo de poder, buscando, através da depreciação oposta, ganhar uma guerra de opinião. A plateia, atenta, toma partido conforme seu alinhamento político, sexual ou religioso. O fato é que essa forma agressiva foi o que rendeu a Silas Malafaia a maior parte de sua projeção midiática, seu discurso pesado e polêmico lhe abriu portas e espaço na mídia,

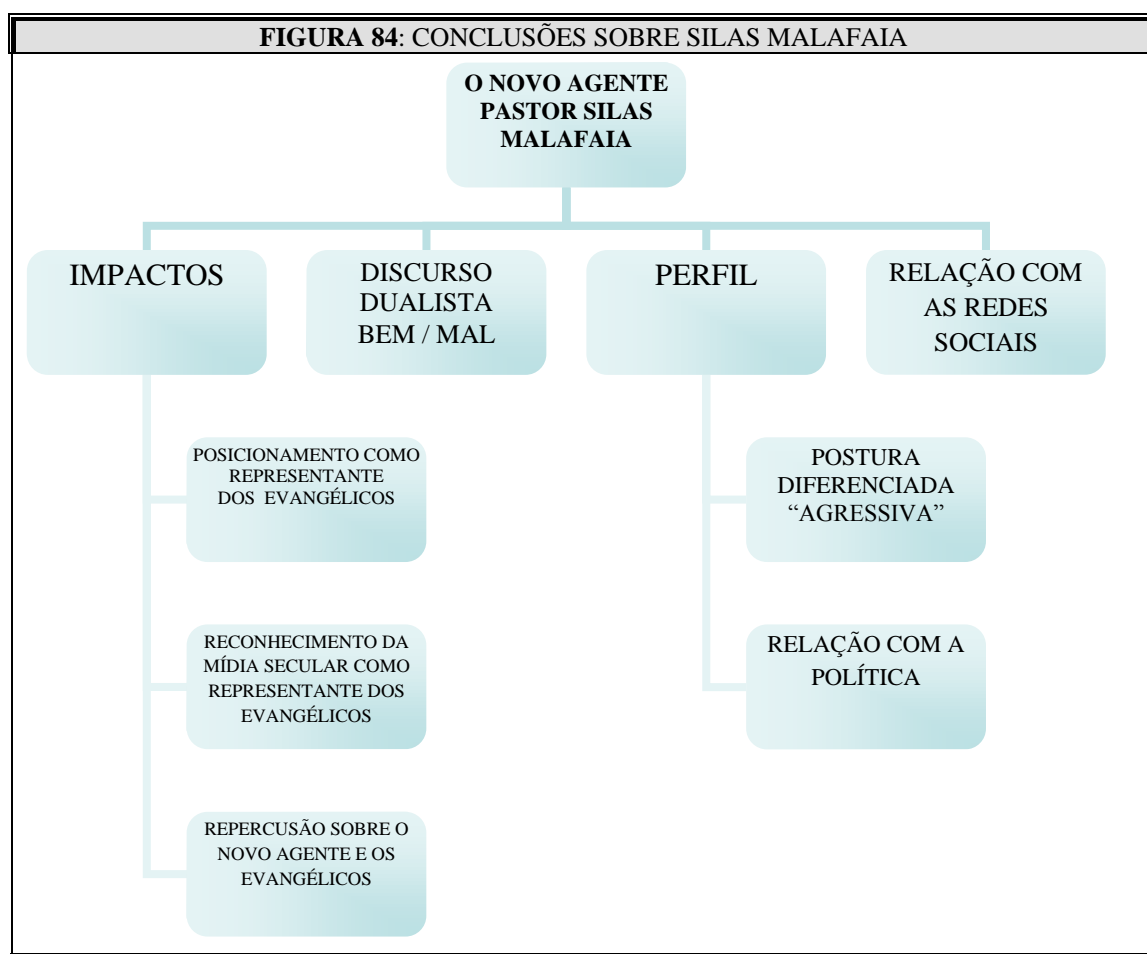
A segunda atuação está no seu engajamento político. Se Malafaia apenas tivesse sua postura polêmica guardada nas quatro paredes da igreja e não participasse diretamente de atividades ligadas à política, por exemplo, apoio a candidatos, ações contra projetos de Lei, e campanhas contra homossexualismo, talvez sua projeção não tivesse tanto poder. A

interferência política apresenta ao país outro tipo de perfil, *aquele Pastor que intervém politicamente*.

Essa intervenção causa o conflito, pois está retirando espaço de outros grupos sociais que através dos anos cresceu e se estendeu politicamente (como os homossexuais). A luta por espaço político com o discurso agressivo é a marca de Silas Malafaia.

A quarta conclusão está ligada à relação direta do Pastor Silas Malafaia com as redes sociais da Internet. A questão é: será que Malafaia teria a mesma repercussão se não fossem as redes sociais que ele utiliza, pois mesmo com todas as características anteriores, Malafaia seria capaz de conseguir tamanha projeção sem a internet? Esta é base que forma *um Novo Agente*, segundo esta pesquisa. Não há *Novos Agentes* sem projeção na Internet.

Cerca de vinte anos atrás Malafaia tinha suas opiniões e polêmicas, que eram reveladas dentro de um espaço midiático religioso restrito. Atualmente, com a internet, os limites se foram. O interessante é que este fato modificou a relação religiosa de tal forma que já não se pode entender Malafaia sem as redes sociais. Seu nome já se tornou modelo de polêmica em redes sociais.



Fonte: Elaborada pela Autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o processo religioso evangélico no Brasil constitui um trabalho bem complexo, numa ala de tiro ao alvo com diversos alvos ao alcance. Mesmo com alvos bem determinados, lançar flechas num período tão conturbado se torna tarefa árdua para qualquer pesquisador. Os ânimos estão à flor da pele, em se tratando de evangélicos, e os vários temas sociais polêmicos estão em evidência, contudo, algo pode ser identificado, analisado e questionado dentro desse turbilhão de informação, ainda que não alcancem o centro do alvo. Entretanto, no mínimo, as suas bordas podem ser arranhadas pela tentativa de elaborar uma forma de entender o que se passa.

Considerações sobre a formulação do termo Evangélicos

Longe de dar fim à discussão sobre o termo *Evangélicos*, esta pesquisa buscou entender como se construíram no Brasil tantas formulações, e como todas estão em conflito, cada vez mais buscando se posicionar no meio acadêmico. Assim, a dificuldade de entender o processo dos evangélicos no Brasil está diante dessa grande onda de conflitos e lutas pelo termo, por isso, traçar algum tipo de classificação, ou denominar, estabelece outro espaço de batalha.

Cada grupo vai encontrar em seus espaços acadêmicos e religiosos suas linhas de defesa e ataque, alinhados conforme sua área de pesquisa.

Contudo, diante desses espaços, passam ao largo as classificações oriundas de grupos de leigos. Tais formulações estão se desenvolvendo e ganhando projeção. Cada novo grupo religioso que surge, e se denomina evangélico, modifica a estrutura pré-estabelecida. Eles divulgam site, blogs, e redes sociais, espalham ideias, conceitos e pensamentos.

A produção de conhecimento não é apenas um direito para Academias e pesquisadores, ou agentes especializados. O acesso à informação (e principalmente o poder de difundi-la) permite que os leigos agora se definam, e o que o leigo diz acreditar o que é ser um evangélico, será um evangélico, simplesmente pelo fato de que ele pode postar no Facebook sua opinião e esta deve ser respeitada (pois a opinião pessoal é a soberana nas redes sociais).

Ainda assim nem todos os leigos conquistaram essa capacidade de criar, e necessitam, ou buscam um referencial, daí a porta perfeita para os *Novos Agentes*. Alimentar essa

demanda carente de definição e consolo diante de tanto conflito e luta é o porto seguro dos leigos que estão do fogo cruzado das denominações, dos pesquisadores e do mercado.

O que pensar, o que vestir e como se comportar. Nesse tempo de tantas opções, segue-se o *Novo Agente*, que, substituindo os ídolos mundanos, podem trazer algum alento, talvez. Se não, no mais, apontar um caminho, desassociados de comprometimentos denominacionais, os *Novos Agentes* têm a destreza necessária para tratar dessa nova demanda religiosa.

E enquanto trata e busca seguidores, define, com seu comportamento um perfil do que é ser evangélico, pronto a ser copiado por seus seguidores leigos e até mesmo por outros agentes.

Por mais que a Academia e pesquisadores e especialistas religiosos tentem definir o que é um evangélico, o termo já se perdeu. Em meio a essa Era, numa visão pessimista, reformulações em pesquisas serão apenas mais um ponto de vista diante de tantos outros, sem grau de importância acadêmica que títulos proporcionam.

Numa visão otimista, abre-se o leque para, a partir do outro, vermos, mas não entendermos, pois não é necessário entender nem acreditar, nem provar, apenas opinar.

Assim, ser evangélico é o que você estiver sentindo o que é ser no momento, e na situação. O que define a força da reformulação não é a quantidade de argumentos ou fatos, mas quanto seguidores você tem na sua rede social.

Considerações sobre a Classificação dos *Evangélicos* no Brasil

Para classificar, encontramos nas instituições uma forma um pouco estável de identificação e descrição do *campo religioso evangélico* atual, através de sua visibilidade histórica, assim, identificando suas instituições fundamentais, como as Igrejas, podemos relacionar a estrutura interna desse campo com conceitos de comunicação.

Para isso, dividimo-los em quatro formas. Tornou-se uma solução (para ao menos conter tanto fluxo de informação nessas categorias): Tradicionais, Pentecostais, Neopentecostais e Evangelicistas.

A movimentação que o novo modelo midiático trouxe, baseado sobretudo no uso da internet, acaba ajudando a configurar uma relação religiosa até então estranha. A questão não se torna apenas a superação dos limites neopentecostais, mas o aumento dos limites tradicionais e pentecostais, juntamente com o surgimento dos Evangelicistas. Tudo está em movimento e a internet proporcionou a exposição de um campo a ser conquistado, o campo dos indivíduos.

Indivíduos conectados, que buscam pelo produto religioso. Em contrapartida, os antigos agentes conectados, que buscam atender essa demanda de variadas formas, e os novos agentes que aglomeram, atraem, aqueles melhor adaptados ao novo sistema religioso, entre leigos e agentes religiosos, os *Novos Agentes* entenderam que produzir o máximo possível de conteúdo religioso na internet ajuda no aumento da sua visibilidade, e quando se trata de temas polêmicos, a visibilidade ganha proporções.

Considerações sobre os evangélicos e os tipos de relação com a mídia

A internet abriu um campo que expõe milhares de opiniões individuais dos leigos. A hierarquia e legitimidade religiosa são abaladas e reconfiguradas nesse novo campo. Para isso, é necessária a criação de uma nova categoria (para compreender o momento histórico em que os *Novos Agentes* se encontram), e dentro do conceito de *Evangelicismo*, nós procuramos identificar e separar os novos formatos religiosos e sua relação com a mídia, principalmente a internet, buscando entender como é esta relação.

Uma boa solução para entender a questão foi compreender a relação do *campo religioso evangélico* e os meios de comunicação midiática, analisando as formas de interação na vida social religiosa contemporânea no Brasil, na sua organização em *guetos*, *blocos de poder midiático evangélico* e os *Novos Agentes Midiáticos*. Esta última categoria passa a ser então um novo tipo de relação: compreender os *Novos Agentes* é entender um pouco o novo processo religioso.

Considerações sobre as formas de atuação dos *Novos Agentes*

Evangélicos da mídia é um assunto ainda longe de se encerrar no Brasil. A perspectiva que esta pesquisa aponta é o aumento de conflitos entres os grupos religiosos, e cada vez mais distanciamentos das quatro vertentes Tradicionais, Pentecostais, Neopentecostais e Evangelicistas, bem como uma grande migração de igrejas para o tipo evangelicista. Outro fator é que as igrejas dessas quatro vertentes se articulam para gerar seus próprios representantes e escapar das generalizações. Assim, novas formas de atuação surgirão para suprir essa demanda, e o uso das redes sociais estará em forte evidência.

Assim, com a busca por definir uma identidade os antigos agentes buscam se adaptar. Tal movimentação gera mais conflito ainda. Para quem espera uma temporada de paz, esta está muito longe de acontecer no cenário religioso evangélico.

E também, para as religiões que estão em ascensão, a busca por espaço enquadrará cada vez mais setores da política e da economia. Dessa forma, os novos agentes cada vez mais precisarão se especializar nessas áreas para garantir sua projeção e poder de influência.

Considerações sobre a disputa entre os *Novos Agentes*

Em relação à disputa, para analisar de forma completa cada *Novo Agente*, o ideal seria compará-lo a outro Novo Agente, no caso de Silas Malafaia, uma pesquisa que envolvesse sua relação com outros agentes, como Edir Macedo, ou R.R. Soares, abriria mais campo para a compreensão da disputa interna que há entre esses agentes. Silas Malafaia travou disputas com vários agentes, seu histórico é bem rico em relação a isso.

Ele se envolveu em discussões com o agente Caio Fabio, que durou anos, com direito a uma série de vídeos de respostas e réplicas no Youtube. Silas Malafaia também adquiriu, com os anos, um grande grupo de inimigos fiéis, que postam críticas sobre suas ações e declarações, em praticamente todas as áreas que se possa imaginar.

FIM

A causa que mais perde com o conflito é o próprio cristianismo. Cada vez mais vidas de pessoas tomam o centro da mensagem evangélica, e se vê menos de Cristo, e mais de homens, que querem representar Cristo. Contudo, um fato é que nunca se falou tanto sobre evangélicos, Bíblia e Igreja (sem ou com Igreja) quanto vem se falando atualmente. Isso, de alguma forma, deve ser um efeito benéfico.

Outro fato é que não dá para entender o Brasil sem entender os evangélicos e sua formação, entender, estudar e pesquisar religião, é, de fato, uma via sem volta, para uma análise do que é o Brasil hoje. Porém, parece que muitos ainda relutam contra isso, devido talvez, ao preconceito, contra evangélicos. Enfim, não dá mais para ignorar que os evangélicos existem e refletem tanto “a” como “sobre” a sociedade.

Pesquisar não pode beirar os extremos, pois, “*entre dois males, não escolha nenhum*”, já diria Charles Spurgeon. Criticar por criticar e demonizar Silas Malafaia, bem como outros novos agentes em ascensão, não vai trazer explicações e compreensão, bem como ignorar que os evangélicos precisam ser estudados não vai fazer com que todos sumam do mapa. Há muito para entender, mas, antes, ainda há muito que rever e compreender em relação ao hodierno Brasil *Evangélico*.

REFERÊNCIAS

- ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural.** O Jornal Batista (1901-1922). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2008.
- ALMEIDA E SOUZA, Daniel de. **Os Evangélicos e a Transformação Social: Cultura cidadã e democracia participativa.** Cartilha da Aliança Evangélica. CPAD, 2014.
- ASSMANN, Hugo. **Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.
- BELLOTTI, Karina. Mídia, Religião e História Cultural. In: **Revista de Estudos da Religião.** São Paulo: PUC, 2004. [*Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm acesso 30 de julho de 2014*].
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 2004.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BITTENCOURT, José. Do messianismo possível: Pentecostalismos e modernização. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; GOUVEIA, Elawine Mojaij (orgs.). **Sociologia da Religião no Brasil.** São Paulo: PUC, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** Verbete Evangelho p. 757. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CAIRNS, Earle. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, Protestantes e Espíritas.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, Templo e Mercado. In: SOUZA, Beatriz Muniz de. **Protestantismo brasileiro e mudança social.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. **Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva.** Revista USP, São Paulo, n.61, p. 146-163, março/maio 2004. [*Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/61/15-leonildo.pdf> acesso em 30 de julho de 2014*].
- _____. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In: **Revista USP**, São Paulo, n.67, setembro/novembro 2005. p.

100-115. [Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf> acesso 30 de julho de 2014].

_____. **Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos.** In: **Revista de Estudos da Religião.** Setembro, 2008, p. 1-26.

_____. Entrevista **IURD: teatro, templo e mercado.** In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos,** Ano X, n. 329, 17.05.2010. [Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3213&secao=329 acesso em 2015].

CARDOSO, Diogo da Silva. **Indignados com o mundo, transtornados com o institucionalismo:** a geografia do underground cristão brasileiro na era pós-secular e pós-cristã. Curitiba: UFPR Departamento de Geografia, Revista RA E GA, n 27, ano 2013, p. 140-175.

COELHO, Agripino Souza. Artigo Redes e Territórios. In: **Revista Mercator,** Fortaleza: 2013. [Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/738/483>].

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a Opinião:** O novo jogo político. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

_____. "A Visão Mediática". In: BOURDIEU, P. (org.). **A Miséria do Mundo.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel:** um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

_____. **O crescimento do marketing evangélico no Brasil – resultado da inserção da doutrina neoliberal do discurso das igrejas evangélica.** Comunicação e Política, v. VI, n 2, p. 63-113. [Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b57e18b2bd2e05a4e0850685493aafff.PDF>. Acesso em 30 de julho de 2014]

_____. **Artigo Eleições 2014:** dois evangélicos lideram disputa pelo governo no Rio. 1º de dezembro de 2013. [Disponível em <http://midia religiao politica.blogspot.com.br/2013/12/eleitores-2014-dois-evangelicos-lideram.html>. Acesso em 30 de julho de 2014].

_____. **O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano.** Dossiê, ano 10 vols.10 n.29 p.51-74 set./dez. 2013. [Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/607/pdf>. Acesso 30 de julho de 2014].

DAHÁS, Nashla. Evangelização à brasileira. Evangélicos, a fé que seduz o Brasil. In: **Revista de História – Biblioteca Nacional.** n. 87, dez./2012. [Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/evangelizacao-a-brasileira>. Acesso 30 de julho de 2014].

- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- ERICKSON. Millard J. **Dicionário Popular de Teologia**, São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- FIGUEREDO, Valdemar. **Entre o palanque e o púlpito: Mídia, Religião e Política**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FAUSTO NETO. Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; SBARDELOTTO. Moisés (orgs). **Mídias e religiões: a comunicação e a fé em sociedade em midiatização**. São Leopoldo/RS: Unisinos; Casa Leiria, 2013.
- FONTELES, H. A. **Programa show da fé: um retrato da construção midiática da imagem religiosa evangélica**. São Paulo: UNIP, 2007.
- _____. **A ascensão da mídia evangélica – uma (mútua) interferência política, econômica e tecnológica**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1>. Acesso 30 de julho de 2014.
- FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment**. Tese de Doutorado do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1993.
- _____. **Religião e Política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política**. São Paulo: Ultimato, 2006.
- GENCIANO, Francisco. [2014]. Os Irmãos unidos no Brasil. Disponível em http://www.academia.edu/9519267/Os_Irmãos_Unidos_no_Brasil.
- GOMIDE, Raphael. **Pastor Silas Malafaia se consolida nas eleições como líder político nacional**. iG Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-10-11/pastor-silas-malafaia-se-consolida-nas-eleicoes-como-lider-politico-nacional.html>.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: UNESP, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011,.
- HORTON, Michael. O que é um Evangélico? In: **Jornal "Os Puritanos"**, ano V, n. 3, 2008. [Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cinco_solas/evangelico_horton.htm. Acesso 24 de julho de 2014].
- IDOETA, Paula Adamo. **Notícia: Proporção de católicos volta a cair no Brasil; crescem evangélicos e ateus**. [Disponível http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110825_negocios_evangelical_pai.shtml. Acesso 20 de Julho].
- JACOB, Cesar Romero (et al). **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Os evangélicos brasileiros e a colonização da Internet. In: **Revista Ciências sociais**, n. 4, ano 4. Porto Alegre: PUC, 2002. p. 149-166.

_____. O uso religioso da Internet no Brasil. In: **PLURA, revista de estudos de Religião**, v 1, n 1, 2010. p. 202-212.

_____. Transformações na comunicação religiosa. In: **Revista Civitas**, v. 12, n. 3, 2012. p. 453-468.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATOS, Alderi de Souza. **Breve História do Protestantismo no Brasil**. Disponível em <http://www.mackenzie.br/6994.html>. Acesso em 20 de julho de 2014

_____. **Raízes Históricas da Teologia da prosperidade** [2008]. Disponível em <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/313/raizes-historicas-da-teologia-da-prosperidade>. Acesso 20 de julho de 2014.

MARIANO, Ricardo. [1999]. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, jul./dez., 2013. p. 119-137. [*Disponível em <http://sociologia.fflch.usp.br/sites/sociologia.fflch.usp.br/files/Campo%20religioso%20no%20Censo%202010.pdf>. Acesso 20 de julho de 2014*].

MARTINO, Luís Mauro de Sã (org.). **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouveia; VESLAQUES, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Protestantismo brasileiro uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro de Sã; (orgs.). **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

MILTON, Santos; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira. In: **Revista Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, jul./dez. 2010. P. 122-163.

NERI, Marcelo (org.). **Retratos das Religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV; IBRE; CPS, 2005.

_____. **Economia das religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV; IBRE; CPS, 2007.

_____. **O Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV; IBRE; CPS, 2011.

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a Igreja**: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NICODEMUS, Augustus; MEISTER, Mauro. *Palestra sobre “Apostasia na Igreja no Contexto Mundial e no Contexto Brasileiro”*, na 14ª Consciência Cristã (VINACC), 2012. [Disponível em <http://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/02/augustus-nicodemus-e-mauro-meister-apostasia-liberal-no-brasil-e-no-mundo-cc2012/>].

_____. **Entrevista Conferência Cristã**. AVECC. [2013]. Disponível em <http://www.conscienciacruz.org.br/Conteudo.asp?Id=2271>. Acesso 20 de julho de 2014.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo à brasileira: em debate. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MOJAIJ, Elaine e JARDILINO, José Rubens Lima (orgs.). **Sociologia da Religião no Brasil**: Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa. São Paulo: PUC, 1998.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel; RICKLE, João (orgs.). O pentecostalismo globalizado das pequena e médias igrejas: contribuição ao estudo de redes religiosas transnacionais. In: _____. **Transnacionalização Religiosa**: fluxo e redes. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? In: **Revista Religião e Sociedade**, v. 33, n.1, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Jane Souto de. **“Brasil mostra a tua cara”**: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003.

PRICE, Donald. Análise do livro: Introdução ao protestantismo no Brasil. Revista Fides Reformata 2/2 1997. [Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II__1997__2/Antonio_Gouvea.pdf]. Acesso 2015.

ROMEIRO, Paulo. **Super crentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SANTA ANA, Júlio H. de. Estudos e Religião: Conflito das Interpretações. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MOJAIJ, Elaine; JARDILINO, José Rubens Lima (orgs.). **Sociologia da Religião no Brasil**: Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa. São Paulo: PUC, 1998.

SANTOS, Eliana Motta. **Veja e a construção da realidade dos evangélicos no Brasil**: uma análise do discurso. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Comunicação (FAC), São Bernardo dos Campos, 2011.

_____. **A construção da realidade dos evangélicos no Brasil**. [2013]. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed750_a_construcao_da_realidade_dos_evangelicos_no_brasil. Acesso 2015.

SMALLING, Roger L. **Os Neo-Carismáticos e o Movimento da Prosperidade**. Miami: 2004.

STARKS, Rodney. **O crescimento do Cristianismo**: um sociológico reconsidera a história. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MOJAJI, Elaine; JARDILINO, José Rubens Lima (orgs.). **Sociologia da Religião no Brasil**: Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa. São Paulo: PUC, 1998.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro de Sã (orgs.). **Sociologia da Religião e Mudança Social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. São Paulo: 1992.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 12 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Sociologia da Religião**. Brasília: UnB, 1994.

PESQUISAS IBGE

IBGE: <http://www.ibge.gov.br>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Estatística, Serviço Nacional de Recenseamento. O Quesito “Religião” no Censo Demográfico de 1950. Documentos Censitários, Série C – Numero 8. Rio de Janeiro, 1952 Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84322.pdf> acesso 20 de julho de 2014.

_____. Censo Demográfico 1950 Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf acesso 20 de julho de 2014.

_____. Censo Demográfico: VIII Recenseamento Geral 1970. Série Nacional, Volume I. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_br.pdf. Acesso 20 de Julho de 2014.

_____. Censo Demográfico 1991. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/77/cd_1991_n1_populacao_instrucao_br.pdf acesso 20 de julho de 2014.

_____. Censo Demográfico 2000. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf acesso 20 de julho de 2014.

_____. Censo Demográfico 2010. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf acesso

ANEXO 1

Tabelas dos Censos Religiosos, 1890, 1900 e 1940

CENSO DEMOGRÁFICO DE 1890		CENSO DEMOGRÁFICO DE 1900				CENSO DEMOGRÁFICO DE 1940				
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO A RELIGIÃO		DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO O SEXO E A RELIGIÃO				DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO O SEXO E A RELIGIÃO				
31-XII-1890		31-XII-1900				1º-IX-1940				
ESPECIFICAÇÃO	POPULAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	ESPECIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	% SOBRE O TOTAL
<u>Católicos</u>		<u>Cristã</u>				Católicos romanos	19 552 040	19 625 840	39 177 880	95,00
Romanos	14 179 615	Católicos	7 671 932	7 700 739	15 572 671	Protestantes	539 298	535 559	1 074 857	2,61
Ortodoxos	1 673	Ortodoxos	803	473	1 276	Ortodoxos	20 461	17 492	37 953	0,10
<u>Protestantes</u>		Protestantes	92 998	84 729	177 727	Israelitas	28 851	26 815	55 666	0,13
Evangélicos	19 957	<u>Islamita</u>	86	37	123	Maometanos	2 269	784	3 053	0,01
Presbiterianos	1 317	<u>Israelita</u>	573	246	819	Budistas	66 544	56 809	123 353	0,30
Outras seitas	122 469	<u>Outras</u>	7 540	5 265	12 805	Xintoístas	1 311	1 047	2 358	0,01
<u>Islamitas</u>	300	<u>Ignorada</u>	463 141	398 429	861 570	Espíritas	234 481	228 919	463 400	1,12
<u>Positivistas</u>	1 327	<p>Fonte: "Relatório da Diretoria Geral de Estatística apresentado ao Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, pelo Dr. José Luís S. de Bulhões Carvalho, Diretor Geral de Estatística", Rio de Janeiro, 1908, pag. 38.</p>				Positivistas	799	300	1 099	0,00
<u>Sem culto</u>	7 257					De outra religião	58 573	48 819	107 392	0,26
Total	14 333 915					Sem religião	51 787	35 543	87 330	0,21
<p>Fonte: "Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890", Rio de Janeiro, 1890, pag. 297.</p>						De religião não declarada	57 674	44 300	101 974	0,25
						Total	20 614 088	20 622 227	41 236 315	100,00
						<p>Fonte: Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940) - Série Nacional, Volume II - CENSO DEMOGRÁFICO, Rio de Janeiro, 1950, pag. 6.</p>				

ANEXO 2 - CENSO 1950

CULTOS
II — CULTO PROTESTANTE — 1947
TEMPLOS, OFICIAIS E ASPECTOS DO MOVIMENTO RELIGIOSO,
SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	Número de templos	NÚMERO DE OFICIAANTES				Membros existentes no rol em 31-XII-1946	Admissões ou novas filiações	Batismo de crianças	Casamentos ou bênçãos matrimoniais	Ofícios fúnebres
		Total	Ministros	Presbiteros	Diáconos					
Norte										
Guaporé.....	4	9	4	1	4	592	136	—	—	4
Acre.....	3	8	5	—	3	486	51	—	1	3
Amazonas.....	7	17	8	2	7	281	20	14	1	2
Rio Branco.....	2	2	1	1	—	39	45	—	2	2
Pará.....	46	101	28	28	45	6 296	1 440	41	49	81
Amapá.....	3	5	3	—	2	177	59	—	2	2
Nordeste										
Maranhão.....	77	154	65	35	54	5 708	1 423	342	41	64
Piauí.....	20	42	18	6	18	2 035	394	3	18	21
Ceará.....	36	121	34	33	54	7 659	2 056	157	99	75
Rio Grande do Norte.....	33	91	32	23	36	4 102	837	33	30	28
Paraíba.....	73	221	56	61	104	7 118	1 364	118	61	58
Pernambuco.....	196	602	192	112	298	25 931	5 379	144	244	213
Alagoas.....	41	102	40	25	37	6 375	7 544	76	90	34
Leste										
Sergipe.....	33	77	25	27	25	2 337	551	108	21	16
Bahia.....	197	446	179	107	160	23 026	2 966	267	112	173
Minas Gerais.....	373	1 299	320	408	571	45 463	7 577	1 934	388	212
Espírito Santo.....	185	609	148	192	329	33 150	4 777	1 285	354	261
Rio de Janeiro.....	282	882	209	213	400	35 291	5 521	549	343	324
Distrito Federal.....	143	815	147	203	465	28 891	5 638	427	473	393
Sul										
São Paulo.....	567	2 353	476	716	1 161	70 981	13 339	2 968	996	951
Paraná.....	141	533	100	169	264	19 998	4 595	1 214	281	336
Santa Catarina.....	293	496	249	171	76	111 634	10 471	4 253	1 215	987
Rio Grande do Sul.....	474	429	304	60	65	285 686	26 440	10 586	3 021	2 330
Centro-Oeste										
Mato Grosso.....	29	52	20	14	18	1 691	217	86	6	14
Goiás.....	59	198	47	46	105	4 714	1 625	109	36	32
BRASIL.....	3 317	9 724	2 770	2 653	4 301	729 661	104 465	24 714	7 884	6 629

FONTE: Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política.
NOTA: Os dados deste quadro estão sujeitos a retificação.

ANEXO 3 – CENSO 1960

VIII RECENSEAMENTO GERAL - 1960														
36. RELIGIÃO, POR SEXO, SEGUNDO AS REGIÕES FISIOGRÁFICAS E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO														
UN. DE JUS.	REGIÕES FISIOGRÁFICAS	E	R E L I G I Õ											
			TOTAIS	CATÓLICOS	ROMANOS	PROTESTANTES	ESPÍRITAS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
			TOTAL	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES							
1	BRASIL.....	70 191 370 35 059 546 35 131 824 32 589 032 32 740 488 1 390 113 1 434 662 483 335 494 226												
2	NORTE.....	2 574 442 1 315 221 1 264 221 1 250 917 1 212 596 38 609 38 595 4 678 4 840												
3	RORONIA.....	70 232 39 030 31 194 37 237 29 762 1 337 1 188 93 42												
4	ACRE.....	158 852 84 208 74 644 61 322 72 150 1 974 1 831 139 86												
5	AMAZONAS.....	714 774 367 373 347 441 352 996 334 249 8 950 8 743 763 709												
6	PARANÁ.....	28 871 15 018 13 853 14 125 13 016 715 729 37 20												
7	PARÁ.....	1 538 193 774 626 763 567 741 949 731 542 24 282 24 685 3 555 3 914												
8	MAPÁ.....	68 520 34 998 33 522 33 288 31 877 1 371 1 419 91 69												
9	NORDESTE.....	15 486 240 7 568 238 7 913 002 7 381 933 7 721 604 133 343 152 222 16 790 17 860												
10	MAZANHO.....	2 477 371 1 256 406 1 220 965 1 224 677 1 153 764 20 594 21 602 1 106 1 148												
11	PIAUÍ.....	1 249 200 616 940 632 260 611 575 626 665 3 840 4 356 544 463												
12	CEARÁ.....	3 289 595 1 691 904 1 687 691 1 579 217 1 663 546 14 333 15 412 3 038 3 076												
13	RIO GRANDE DO NORTE.....	1 140 823 555 308 565 515 542 618 572 517 8 855 10 220 924 814												
14	PARAIBA.....	1 981 145 960 449 1 030 696 944 267 1 013 664 12 171 13 934 1 230 1 215												
15	PERNAMBUCO.....	4 080 601 1 966 907 2 113 694 1 876 329 2 015 011 65 373 76 802 9 042 10 172												
16	ALAGOAS.....	1 256 159 609 590 646 569 597 593 633 683 8 119 9 848 962 962												
17	FERNANDE DE NORONHA.....	1 346 734 612 657 554 58 48 14 10												
18	LESTE.....	24 570 761 12 130 026 12 390 735 11 411 724 11 635 905 424 127 431 234 199 612 208 721												
19	SERGIPÊ.....	751 778 361 338 390 440 352 340 381 434 4 784 5 462 901 1 158												
20	BAHIA.....	5 918 872 2 886 897 3 031 975 2 816 266 2 957 706 47 745 53 435 8 600 9 340												
21	MINAS GERAIS.....	9 698 118 4 846 203 4 851 916 4 640 313 4 656 843 102 682 105 980 65 287 64 060												
22	SERCA DOS ALTORES.....	382 794 199 289 183 505 170 599 155 860 23 745 23 993 1 293 1 118												
23	ESPÍRITO SANTO.....	1 169 553 594 423 575 130 517 346 499 271 57 641 58 739 11 171 11 018												
24	RIO DE JANEIRO.....	3 367 738 1 657 880 1 667 858 1 507 472 1 482 922 106 074 113 901 46 554 48 202												
25	GUANABARA.....	3 281 908 1 593 999 1 687 909 1 407 388 1 501 799 61 456 69 724 65 806 73 625												
26	SUL.....	24 605 438 12 459 937 12 145 501 11 119 578 10 865 867 763 019 762 487 217 894 221 099												
27	SÃO PAULO.....	12 883 806 6 477 519 6 343 287 5 951 859 5 748 924 280 858 293 875 121 686 122 336												
28	PARANÁ.....	4 283 721 2 211 922 2 051 799 2 017 503 1 871 632 115 086 110 952 19 619 18 251												
29	SANTA CATARINA.....	2 129 252 1 079 105 1 050 147 961 940 938 843 103 309 98 143 4 985 4 960												
30	RIO GRANDE DO SUL.....	5 388 659 2 691 391 2 697 268 2 288 276 2 306 468 263 766 259 517 71 604 75 552												
31	CENTRO-OESTE.....	2 949 489 1 536 124 1 413 365 1 414 880 1 304 586 91 015 50 124 44 361 41 706												
32	MATO GROSSO.....	892 233 405 382 426 851 431 125 396 061 17 195 16 455 7 739 7 686												
33	GOTAS.....	1 017 460 983 456 934 004 905 696 861 471 29 080 29 932 35 198 33 120												
34	DISTRITO FEDERAL.....	139 796 87 286 52 510 78 059 47 054 4 740 3 737 1 424 896												

ANEXO 4

A resposta da Confederação Evangélica do Brasil, feita por ofício em 13 de setembro de 1950, que contribuiu para esclarecimentos dos pontos duvidosos facilitando assim o agrupamento sistemático dos cultos para efeito de codificação:

"Temos a satisfação de dar, abaixo, em atenção ao vosso ofício de 10 de agosto, a relação de Igrejas Evangélicas que, segundo interpretação da Confederação Evangélica do Brasil e de acordo com o consenso do Evangelismo brasileiro, são tidas e conhecidas como Igrejas Evangélicas, ou Protestantes.

Para facilidade do estudo, agrupamos essas Igrejas em oito ramos principais do Evangelismo brasileiro. Demos, também, informações sobre outros grupos, que, sem integrarem as grandes famílias denominacionais evangélicas, pertencem, contudo, ao povo evangélico, em geral. E, finalmente, além de observações gerais sobre termos genéricos, fazemos algumas considerações sobre grupos que não são, comumente, tidos como evangélicos, ou protestantes.

IGREJAS EVANGÉLICAS

I) Batistas - A denominação batista é uma das maiores, no território nacional, mantendo trabalho e possuindo Igrejas locais em todas as Unidades da Federação e nos Territórios. Subdividindo-se, embora, em quatro grupos distintos, a saber: (a) Convenção Batista Brasileira; (b) Igreja Batista (Convenção Sueca); (c) Batistas Independentes, que se encontram, particularmente, nos Estados Sulinos, de origem alemã e leta, também chamados batistas livres; e, (d) Missões Batistas Independentes, de origem norte-americana, que operam, particularmente, no Nordeste do País, — a grande maioria dos membros desses quatro ramos das Igrejas Batistas terá designado a sua religião como "batista". Contudo, é admissível que ocorram definições outras como "evangélico batista", "batista brasileiro", "batista sueco", "batista alemão", "batista independente", "batista livre" e "batista de Crebro". Em qualquer hipótese, o termo "batista" define relação com Igreja tida e reconhecida como "evangélica".

II) Congregacionais - As Igrejas Congregacionais do Brasil, conhecidas mais comumente como Igrejas Evangélicas Congregacionais, ou Igrejas Cristãs-Congregacionais, mantêm trabalho no Distrito Federal, nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e no Nordeste. O nome oficial de sua organização é União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, subdividindo-se, apenas para fins de administração, em regiões, sem perder a sua unidade nacional. Os membros das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil terão respondido ao quesito do censo sobre religião informando "evangélica", "cristã evangélica", "cristã congregacional", "evangélica congregacional", ou unicamente "congregacional". É admissível, contudo, que, em determinados casos, membros da Ala Cristã da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil tenham respondido ao quesito informando apenas "cristã", o que dificultará a sua classificação, com segurança.

III) Cristã Reformada - A Igreja Cristã Reformada do Brasil, de organização recente, tem como sede e principal centro o Estado de São Paulo, com trabalhos no Distrito Federal e nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Embora pertença, a rigor, à família denominacional presbiteriana, de que trataremos abaixo, mencionamos-a aqui, atendendo ao fato que, comumente, os seus membros não farão referência à Igreja Presbiteriana, respondendo ao quesito, com a declaração: "cristã", "cristã reformada", ou "cristã reformada do Brasil".

IV) Episcopais - A Igreja Episcopal Brasileira, de origem norte-americana, tem trabalho nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Distrito Federal. Ela se subdivide em três dioceses, para fins administrativos, dentro da unidade denominacional. Além do termo "episcopal", poderá ocorrer "episcopal evangélico", "evangélico episcopal", e, mais raramente, "protestante episcopal", ou "episcopal católico".

V) Luteranos - As Igrejas Luteranas do Brasil, de origem alemã, umas, e norte-americana, outras, se agrupam hoje em dois ramos distintos: a) Federação Sinodal, recentemente organizada, que compreende o Sinodo Rio Grandense ou Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul, Igreja Luterana no Brasil, Sinodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná e Sinodo Evangélico do Brasil Central, todos de origem alemã; e, b) Sinodo Evangélico Luterano do Brasil (Sinodo do Missouri) de origem norte-americana. As Igrejas Luteranas, tanto do Sinodo Evangélico como da Federação Sinodal se encontram nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Terão respondido ao quesito sobre religião, declarando "evangélico", "evangélico luterano", "luterano", "luterano evangélico", "evangélico missouriano", ou "do Missouri", "evangélico brasileiro" e "evangélico do Brasil". Mais raramente poderá ocorrer "católico luterano".

VI) Metodistas - A Igreja Metodista do Brasil mantém trabalhos nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Os seus membros terão respondido ao quesito sobre religião dando "evangélico", "evangélico metodista", "metodista do Brasil", "metodista episcopal", "metodista wesleiano" ou "wesleiano". Há no sul do País uma Igreja Metodista Livre e há no centro algumas Igrejas denominadas Metodistas Ortodoxas e os seus membros terão declarado "metodista livre" e "metodista ortodoxa". Tanto a Igreja Metodista do Brasil, como a Metodista Livre e a Metodista Ortodoxa, pertencem à religião evangélica.

VII) Pentecostais - As Igrejas Pentecostais, bastante difundidas em todo o território nacional, são oficialmente conhecidas como Assembleias de Deus. As Igrejas Pentecostais do Estado de São Paulo, entretanto, não se filiam às Assembleias de Deus, denominando-se Congregação Cristã do Brasil. As respostas ao quesito sobre religião que declarem "evangélico pentecostal", "pentecostal", "assembleia de Deus" e "Congregação Cristã do Brasil", relacionam-se todas com as Igrejas Pentecostais, que se consideram a si mesmas evangélicas e como tal são reconhecidas, em geral, pelo povo evangélico.

VIII) Presbiterianos - Há três ramos presbiterianos no Brasil: (a) a Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil, que mantém trabalho em todas as Unidades da Federação e nos Territórios, exceção feita do Estado do Rio Grande do Sul; (b) a Igreja Presbiteriana Independente, que mantém trabalho nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Estado de Minas, Bahia e no Nordeste; (c) Igreja Presbiteriana Conservadora, que mantém trabalho nos Estados de São Paulo e Paraná. Os membros dessas Igrejas Presbiterianas terão respondido ao quesito sobre religião, declarando: "evangélico presbiteriano", "presbiteriano" ou "cristão presbiteriano", "evangélico independente", "presbiteriano independente", ou apenas "independente", e ainda "conservador", "presbiteriano conservador" ou "protestante conservador".

São igualmente cristãos evangélicos os membros das seguintes comunidades:

1) Anglicanos - Os membros das Igrejas Anglicanas são, segundo pensamos, na sua quase totalidade cidadãos ingleses ou descendentes destes, e terão respondido ao quesito sobre religião, declarando: "Igreja Anglicana", "anglicanos", ou "Igreja Inglesa" e são protestantes ou evangélicos.

2) Exército de Salvação - Todos os filiados ao Exército de Salvação são, igualmente, cristãos evangélicos.

3) Irmãos Unidos - Os irmãos unidos, constituindo embora um grupo pequeno, como fruto de missões inglesas, encontram-se, particularmente, nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e no Distrito Federal, e são cristãos evangélicos.

4) Igreja Valdense - Os valdenses procedentes, em sua maioria, da Itália, são cristãos evangélicos, e terão declarado Igreja Valdense.

Admitimos a possibilidade de haver expressões genéricas, como "protestante", "evangélico", e "cristão evangélico", para indicar a religião protestante ou evangélica. É também admissível que apareçam declarações como "evangelista", em lugar de "evangélico", e "bíblia", significando religião evangélica. Valemo-nos da oportunidade para declarar que, segundo o ponto de vista da Confederação Evangélica do Brasil, os Adventistas do Sétimo Dia também conhecidos como Sabatistas, não se agrupam entre os cristãos evangélicos. Também não são cristãos evangélicos os Mormons, ou a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não são, igualmente, cristãos evangélicos os Russos Litais, comumente conhecidos como Testemunhas de Jeová."

Fonte: IBGE - Conselho Nacional de Estatística - Serviço Nacional de Recenseamento. O Quesito "Religião" no Censo Demográfico de 1950. Documentos Censitários, Série C - Número 8. Rio de Janeiro, 1952. p 19, 20, 21.

ANEXO 5 – CENSO 1970

VIII RECENSEAMENTO GERAL – 1970

4 RELIGIAO POR SEXO

SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E GRUPOS DE IDADE

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E GRUPOS DE IDADE	RELIGIAO									
	CÁTOLICOS ROMANOS					EVANGÉLICOS				
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
TOTAL	93 134 846	46 327 250	46 807 596	42 519 009	42 993 013	2 317 987	2 496 741			
0 A 4 ANOS	13 916 234	7 022 222	6 894 012	6 524 197	6 407 955	347 814	339 965			
5 A 9 ANOS	13 356 493	6 748 539	6 607 954	6 233 811	6 102 302	359 445	356 167			
10 A 14 ANOS	11 849 095	5 922 976	5 926 119	5 460 237	5 458 791	316 407	327 075			
15 A 19 ANOS	10 319 667	5 013 764	5 305 903	4 635 236	4 903 254	234 466	265 104			
20 A 24 ANOS	8 398 034	4 089 101	4 308 933	3 784 407	3 985 671	168 819	201 399			
25 A 29 ANOS	6 402 341	3 138 621	3 263 720	2 895 447	3 006 935	131 043	158 265			
30 A 34 ANOS	5 677 002	2 814 900	2 862 102	2 576 430	2 615 672	130 400	153 387			
35 A 39 ANOS	5 052 748	2 481 474	2 571 274	2 258 344	2 336 693	122 450	144 139			
40 A 44 ANOS	4 475 939	2 265 837	2 210 102	2 049 723	1 997 260	117 718	126 946			
45 A 49 ANOS	3 524 541	1 787 155	1 737 386	1 608 534	1 560 613	96 597	103 824			
50 A 54 ANOS	2 934 977	1 483 694	1 451 283	1 331 037	1 301 475	82 427	89 010			
55 A 59 ANOS	2 312 687	1 169 517	1 143 170	1 041 202	1 019 491	68 577	72 576			
60 A 64 ANOS	1 816 849	913 836	903 013	811 310	806 040	53 319	57 386			
65 A 69 ANOS	1 244 288	618 249	626 039	546 060	556 282	38 620	41 163			
70 ANOS E MAIS	1 702 433	780 614	921 819	691 713	825 934	47 654	57 438			
IDADE IGNORADA	151 518	76 751	74 767	71 321	68 645	2 026	2 897			
POPULAÇÃO URBANA	52 097 271	25 237 849	26 859 422	22 621 743	24 128 383	1 435 164	1 630 670			
0 A 4 ANOS	6 832 212	3 447 094	3 385 118	3 131 331	3 076 784	207 272	262 902			
5 A 9 ANOS	6 941 803	3 495 123	3 446 680	3 156 391	3 111 570	223 579	223 127			
10 A 14 ANOS	6 383 286	3 133 340	3 249 946	2 827 427	2 934 285	195 411	207 700			
15 A 19 ANOS	5 779 566	2 694 229	3 085 337	2 440 528	2 803 416	141 649	171 946			
20 A 24 ANOS	4 895 783	2 304 729	2 591 063	2 091 225	2 355 983	103 406	134 178			
25 A 29 ANOS	3 771 876	1 788 785	1 983 091	1 616 715	1 794 855	81 609	106 119			
30 A 34 ANOS	3 412 204	1 644 167	1 768 037	1 473 212	1 585 981	82 915	103 785			
35 A 39 ANOS	3 062 123	1 468 349	1 591 774	1 306 480	1 419 462	79 038	98 142			
40 A 44 ANOS	2 739 267	1 342 817	1 396 450	1 185 142	1 235 402	75 618	87 322			
45 A 49 ANOS	2 138 388	1 046 987	1 091 401	918 085	958 068	60 747	70 765			
50 A 54 ANOS	1 744 471	843 547	900 924	734 623	787 484	51 239	61 353			
55 A 59 ANOS	1 393 672	664 905	728 767	572 595	634 432	43 136	50 656			
60 A 64 ANOS	1 086 415	513 115	573 300	438 773	498 385	33 714	40 576			
65 A 69 ANOS	768 489	355 514	412 975	303 240	358 491	24 524	29 292			
70 ANOS E MAIS	1 048 719	445 317	603 402	380 120	529 403	31 016	40 757			
IDADE IGNORADA	98 997	49 840	49 157	45 856	44 404	1 291	7 050			
POPULAÇÃO RURAL	41 037 575	21 089 401	19 948 174	15 897 266	18 824 630	882 823	866 071			
0 A 4 ANOS	7 084 022	3 575 128	3 508 894	3 392 866	3 331 171	140 547	137 063			
5 A 9 ANOS	6 414 690	3 253 416	3 161 274	3 077 420	2 990 732	136 866	133 040			
10 A 14 ANOS	5 465 809	2 789 636	2 676 173	2 632 810	2 524 506	121 196	119 375			
15 A 19 ANOS	4 540 101	2 319 535	2 230 566	2 194 711	2 099 838	92 817	93 158			
20 A 24 ANOS	3 502 291	1 784 381	1 717 870	1 693 179	1 629 688	65 413	65 121			
25 A 29 ANOS	2 620 465	1 349 836	1 280 629	1 278 732	1 212 080	48 434	52 146			
30 A 34 ANOS	2 284 798	1 170 731	1 094 085	1 031 218	1 029 691	47 485	49 602			
35 A 39 ANOS	1 990 625	1 013 125	977 500	951 864	917 231	43 412	45 997			
40 A 44 ANOS	1 736 672	923 020	813 652	864 581	761 858	42 100	39 624			
45 A 49 ANOS	1 386 153	740 168	645 985	690 449	602 545	35 850	33 059			
50 A 54 ANOS	1 190 506	640 147	550 359	596 414	513 991	31 188	27 657			
55 A 59 ANOS	919 015	504 612	414 403	468 607	385 059	25 441	21 920			
60 A 64 ANOS	730 434	400 721	329 713	372 537	307 677	19 605	16 810			
65 A 69 ANOS**	475 799	262 735	213 064	242 820	197 791	14 096	11 871			
70 ANOS E MAIS	653 714	335 297	318 417	311 593	296 531	16 681	16 681			
IDADE IGNORADA	52 521	26 911	25 610	25 465	24 241	735	847			

ANEXO 7 - CENSO 1991

CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL - 1991 - BRASIL

1 - Características gerais da população

Tabela 1.7 - População residente, por religião,

segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação

(continua)

Grandes Regiões e Unidades da Federação	População residente							
	Total	Religião						Neo-cristã
		Cristã tradicional			Cristã reformada			
		Total	Católica apostólica romana	Outra	Total (1)	Evangélica tradicional	Evangélica pentecosta	
BRASIL.....	146 815 818	122 366 720	121 812 771	553 949	13 189 285	4 388 281	8 179 706	875 219
Região Norte.....	10 027 368	8 438 847	8 367 040	71 607	1 151 412	298 616	836 152	35 449
Roraima.....	1 133 268	805 462	803 068	2 394	235 941	67 237	155 840	4 199
Acre.....	417 100	357 875	354 135	3 740	39 503	11 568	26 787	2 015
Amazonas.....	2 102 771	1 810 349	1 796 677	13 672	209 032	88 705	114 623	9 669
Roraima.....	217 584	176 604	175 677	927	22 586	7 292	14 294	397
Pará.....	4 949 217	4 224 902	4 177 754	47 148	536 726	102 200	429 422	15 245
Amapá.....	289 041	244 748	243 756	992	31 524	6 254	24 897	1 642
Tocantins.....	918 387	818 707	815 973	2 734	76 100	15 360	60 289	2 282
Região Nordeste.....	42 494 094	38 063 714	37 909 254	154 460	2 179 123	701 053	1 435 215	179 228
Maranhão.....	4 929 687	4 490 172	4 471 275	18 897	307 261	76 238	228 544	8 750
Piauí.....	2 582 077	2 450 146	2 445 987	4 159	74 781	20 191	53 082	5 035
Ceará.....	6 366 117	5 924 166	5 908 278	15 888	252 133	53 775	190 510	24 989
Rio Grande do Norte.....	2 415 092	2 212 674	2 211 314	1 360	101 076	25 282	74 103	5 228
Paraíba.....	3 201 319	2 972 004	2 966 714	5 290	116 457	43 579	66 970	8 582
Pernambuco.....	7 127 942	6 098 955	6 079 665	19 290	498 227	158 294	327 902	26 205
Alagoas.....	2 512 661	2 288 540	2 284 181	4 349	89 342	22 299	65 194	6 855
Sergipe.....	1 491 871	1 346 917	1 343 821	3 096	57 725	26 713	29 538	8 251
Bahia.....	11 867 328	10 280 140	10 198 009	82 131	682 121	274 682	399 372	85 333
Região Sudeste.....	62 740 206	49 793 069	49 552 235	240 834	6 232 246	1 882 841	4 035 995	488 529
Minas Gerais.....	15 743 561	13 703 844	13 673 019	30 825	1 223 199	376 374	789 608	74 499
Espírito Santo.....	2 600 624	1 943 922	1 936 292	7 630	452 304	220 730	227 326	13 573
Rio de Janeiro.....	12 807 220	8 616 850	8 538 220	78 630	1 625 303	592 978	954 462	95 657
São Paulo.....	31 588 801	25 528 453	25 404 704	123 749	2 931 440	692 759	2 064 599	304 800
Região Sul.....	22 129 097	18 487 347	18 432 545	54 802	2 575 928	1 227 738	1 139 171	118 199
Paraná.....	8 448 600	7 121 084	7 099 969	21 125	969 378	258 466	631 119	43 482
Santa Catarina.....	4 542 044	3 908 807	3 900 742	8 065	530 503	296 607	184 024	21 298
Rio Grande do Sul.....	9 138 453	7 457 446	7 431 834	25 612	1 076 047	662 665	324 028	53 419
Região Centro-Oeste.....	9 425 053	7 583 943	7 551 697	32 246	1 050 576	278 033	733 173	53 814
Mato Grosso do Sul.....	1 780 370	1 448 184	1 441 430	6 754	191 765	59 509	125 918	11 219
Mato Grosso.....	2 026 078	1 688 415	1 679 727	8 688	224 636	58 269	158 334	9 311
Goiás.....	4 017 510	3 196 583	3 187 143	9 440	471 785	104 410	348 086	18 388

Tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião - Brasil

(continua)

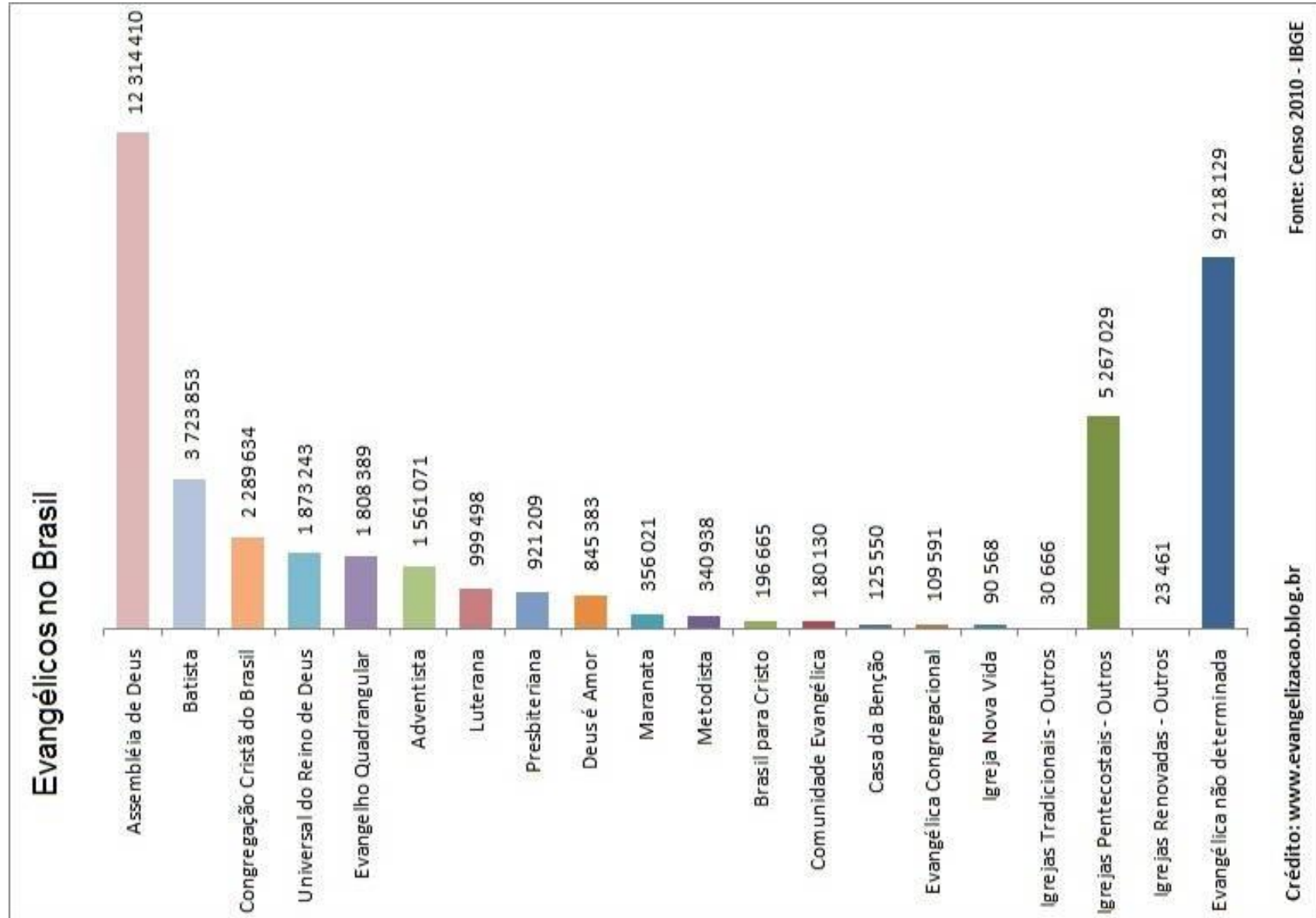
Religião	População residente, por sexo								
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio					
				Total	Urbana	Rural			
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	169 872 856	83 602 317	86 270 539	137 925 238	66 864 196	71 061 042	31 947 618	16 738 120	15 209 498
Católica apostólica romana	124 980 132	61 901 888	63 078 244	98 475 959	47 971 222	50 504 736	26 504 174	13 930 666	12 573 508
Católica apostólica brasileira	500 582	250 201	250 380	430 245	213 184	217 061	70 337	37 017	33 319
Católica ortodoxa	38 060	19 495	18 565	33 668	17 147	16 520	4 392	2 348	2 045
Evangélicas	26 184 941	11 444 063	14 740 878	22 736 910	9 815 123	12 921 787	3 448 031	1 628 940	1 819 091
Evangélicas de missão	6 939 765	3 062 194	3 877 571	6 008 100	2 605 913	3 402 187	931 665	456 281	475 384
Igreja evangélica luterana	1 062 145	523 994	538 152	681 345	327 456	353 889	380 800	196 538	184 262
Igreja evangélica presbiteriana	981 064	427 458	553 606	904 552	391 082	513 470	76 512	36 376	40 135
Igreja evangélica metodista	340 963	146 236	194 727	325 342	138 630	186 712	15 620	7 605	8 015
Igreja evangélica batista	3 162 691	1 344 946	1 817 745	2 912 163	1 229 440	1 682 723	250 528	115 506	135 022
Igreja evangélica congregacional	148 836	64 937	83 899	125 117	53 404	71 713	23 719	11 533	12 186
Igreja evangélica adventista	1 209 842	538 981	670 860	1 029 949	452 492	577 457	179 893	86 490	93 403
Outras igrejas evangélicas de missão	34 224	15 642	18 582	29 630	13 408	16 222	4 593	2 234	2 360
Evangélicas de origem pentecostal	17 617 307	7 677 125	9 940 182	15 256 085	6 578 931	8 677 154	2 361 222	1 098 194	1 263 028
Igreja assembleia de Deus	8 418 140	3 804 658	4 613 482	6 857 429	3 070 906	3 786 523	1 560 711	733 752	826 959
Igreja congregacional cristã do Brasil	2 489 113	1 130 329	1 358 785	2 148 941	970 593	1 178 349	340 172	159 736	180 436
Igreja Brasil para Cristo	175 618	76 132	99 485	159 713	68 756	90 957	15 904	7 376	8 528
Igreja evangélico quadrangular	1 318 805	545 016	773 789	1 253 276	515 274	738 001	65 529	29 741	35 788
Igreja universal do reino de Deus	2 101 887	800 227	1 301 660	1 993 488	755 230	1 238 258	108 399	44 997	63 402
Igreja casa da bênção	128 676	51 557	77 119	120 891	48 163	72 728	7 785	3 394	4 391
Igreja Deus é amor	774 830	331 707	443 123	649 252	274 959	374 293	125 577	56 747	68 830
Igreja maranata	277 342	117 789	159 553	266 539	113 186	153 353	10 803	4 603	6 201
Igreja nova vida	92 315	35 352	56 964	91 008	34 812	56 196	1 307	540	767
Outras igrejas de origem pentecostal	1 840 581	784 359	1 056 222	1 715 548	727 052	988 496	125 033	57 307	67 726
Sem vínculo institucional	1 046 487	454 087	592 400	945 874	405 724	540 151	100 612	48 363	52 249
Evangélicos	710 227	309 380	400 847	640 140	275 400	364 740	70 087	33 980	36 107
Evangélicos de origem pentecostal	336 259	144 707	191 552	305 734	130 324	175 410	30 525	14 383	16 142
Outros evangélicos	581 383	250 657	330 725	526 850	224 555	302 296	54 532	26 102	28 430
Outras cristãs	235 532	103 483	132 049	201 090	86 947	114 143	34 442	16 537	17 906
Cristãs	230 325	101 090	129 235	196 171	84 683	111 488	34 154	16 407	17 747
Outras religiosidades cristãs	5 208	2 394	2 814	4 919	2 264	2 655	289	130	159
Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias	199 645	92 197	107 448	195 198	90 070	105 128	4 446	2 127	2 319
Testemunhas de Jeová	1 104 886	450 583	654 303	1 045 600	423 859	621 742	59 286	26 725	32 561

**Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo,
segundo os grupos de religião - Brasil - 2010**

Grupos de religião	(continua)									
	População residente									
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio						
				Urbana			Rural			
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	
Total (1)	190 755 799	93 406 990	97 348 809	160 934 649	77 715 676	83 218 972	29 821 150	15 691 314	14 129 837	
Católica Apostólica Romana	123 280 172	61 180 316	62 099 856	100 055 896	48 872 817	51 183 078	23 224 277	12 307 499	10 916 778	
Católica Apostólica Brasileira	560 781	282 011	278 770	442 244	218 107	224 137	118 537	63 904	54 633	
Católica Ortodoxa	131 571	65 727	65 844	113 301	55 942	57 359	18 270	9 785	8 485	
Evangélicas	42 275 440	18 782 831	23 492 609	37 824 089	16 663 271	21 160 818	4 451 350	2 119 560	2 331 791	
Evangélicas de Missão	7 686 827	3 409 082	4 277 745	6 795 167	2 978 485	3 816 682	891 659	430 597	461 063	
Igreja Evangélica Luterana	999 498	482 382	517 116	686 349	321 395	364 954	313 149	160 987	152 162	
Igreja Evangélica Presbiteriana	921 209	405 424	515 785	853 864	373 752	480 112	67 345	31 673	35 672	
Igreja Evangélica Metodista	340 938	149 047	191 891	325 652	142 148	183 504	15 286	6 899	8 387	
Igreja Evangélica Batista	3 723 853	1 605 823	2 118 029	3 466 862	1 488 390	1 978 472	256 991	117 434	139 557	
Igreja Evangélica Congrega- cional	109 591	48 243	61 348	94 270	40 878	53 392	15 321	7 365	7 957	
Igreja Evangélica Adventista	1 561 071	704 376	856 695	1 341 018	599 837	741 182	220 053	104 539	115 513	
Outras Evangélicas de Missão	30 666	13 786	16 880	27 151	12 085	15 066	3 514	1 701	1 814	
Evangélicas de origem pentecostal	25 370 484	11 273 195	14 097 289	22 371 352	9 855 098	12 516 253	2 999 132	1 418 097	1 581 035	
Igreja Assembleia de Deus	12 314 410	5 586 520	6 727 891	10 366 497	4 662 726	5 703 772	1 947 913	923 794	1 024 119	
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2 289 634	1 060 218	1 229 416	2 006 550	924 354	1 082 196	283 083	135 863	147 220	
Igreja o Brasil para Cristo	196 665	85 768	110 897	177 634	77 173	100 461	19 031	8 595	10 436	
Igreja Evangelho Quadrangular	1 808 389	774 696	1 033 693	1 706 628	727 634	978 994	101 761	47 062	54 699	
Igreja Universal do Reino de Deus	1 873 243	756 203	1 117 040	1 766 246	708 533	1 057 713	106 998	47 670	59 328	
Igreja Casa da Benção	125 550	52 274	73 276	118 659	49 177	69 483	6 890	3 097	3 793	
Igreja Deus é Amor	845 383	385 250	460 133	723 155	308 092	415 063	122 228	57 159	65 069	
Igreja Maranata	356 021	156 185	199 835	339 526	148 657	190 869	16 495	7 529	8 966	
Igreja Nova Vida	90 568	37 026	53 542	88 898	36 342	52 556	1 670	684	986	
Evangélica renovada não deter- minada	23 461	10 412	13 049	21 605	9 549	12 056	1 856	863	993	
Comunidade Evangélica	180 130	77 990	102 141	174 584	75 456	99 128	5 546	2 533	3 013	
Outras Igrejas Evangélicas de origem pentecostal	5 267 029	2 310 653	2 956 377	4 881 368	2 127 405	2 753 963	385 661	183 247	202 414	
Evangélica não determinada	9 218 129	4 100 554	5 117 575	8 657 570	3 829 688	4 827 883	560 559	270 866	289 693	

ANEXO 10

Censo 2010 – Evangélicos distribuídos por Igrejas



ANEXO 11

Deputados Federais (com indicação de pertença ou não à Frente Parlamentar Evangélica/FPE). Tabelas elaboradas por Magali Cunha (2016)

Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação
<u>Aguinaldo Ribeiro</u>	PP	PB	SIM	Batista	Empresário
<u>Alan Rick</u>	PRB	AC	SIM	Batista	Jornalista e apresentador de TV
<u>Alexandre Serfiotis</u>	PMDB (ex-PSD)	RJ	SIM	Fazei Discípulos	Médico Cardiologista
<u>Altineu Cortes</u>	PMDB (ex-PR)	RJ	SIM	Assembleia de Deus – Ministério Madureira	Produtor agropecuário
<u>Anderson Ferreira</u>	PR	PE	SIM	Assembleia de Deus	Empresário
<u>André Abdon</u>	PP (Ex-PRB)	AP	SIM	Assembleia de Deus	Político
<u>Antônio Bulhões</u>	PRB	SP	SIM	Universal do Reino de Deus	Bispo, teólogo, administrador, empresário, apresentador de TV
<u>Antônio Jácome</u>	PTN (Ex-PMN)	RN	SIM	Assembleia de Deus	Pastor e médico
<u>Arolde de Oliveira</u> (Licenciado)	PSC (Ex-PSD)	RJ	SIM	Batista	Engenheiro, economista, professor e empresário
<u>Aureo</u>	SD	RJ	SIM	Metodista	Empresário
<u>Benedita da Silva</u>	PT	RJ	SIM	Presbiteriana	Assistente Social
<u>Bruna Furlan</u>	PSDB	SP	SIM	Congregação Cristã do Brasil	Bacharel em Direito
<u>Brunny (Bruniele Ferreira Gomes)</u>	PR (Ex-PTC)	MG	NÃO	Batista do Calvário	Estudante de Odontologia
<u>Cabo Daciolo</u>	PTdoB (Ex-PSOL)	RJ	SIM	Evangélico Não-Determinado (categoria do Censo 2010)	Bombeiro Militar
<u>Cabo Sabino</u>	PR	CE	SIM	Assembleia de Deus	Corretor de Imóveis

Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação
<u>Carlos Andrade</u>	PHS	RR	SIM	Assembleia de Deus	Servidor Público
<u>Carlos Gomes</u>	PRB	RS	SIM	Universal do Reino de Deus	Pastor e servidor público
<u>Carlos [Humberto] Mannato</u>	SD	ES	SIM	Cristã Maranata	Médico e empresário
<u>Chico Alencar</u>	PSOL	RJ	NÃO	Anglicana	Professor
<u>Christiane Yared</u>	PR(Ex-PTN)	PR	SIM	Evangelho Eterno	Pastora e empresária
<u>Clarissa Garotinho</u>	PR	RJ	SIM	Presbiteriana	Jornalista
<u>Dr. João (João Ferreira Neto)</u>	PR	RJ	SIM	Batista	Médico e Advogado
<u>Edinho Araújo</u> (Deverá renunciar em 2017 para assumir mandato de Prefeito de São José do Rio Preto/SP. Eleito em 2016)	PMDB	SP	SIM	Presbiteriana	Advogado e professor
<u>Edmar Arruda</u>	PSD (Ex-PSC)	PR	SIM	Presbiteriana Independente	Empresário e economista
<u>Elizeu Dionízio</u> (Suplente em exercício)	PSDB(Ex-SD)	MS	SIM	Assembleia de Deus Missões	Estudante
<u>Eliziane Gama</u>	PPS (Retornou ao PPS depois de se filiar breve-mente à REDE)	MA	SIM	Assembleia de Deus	Jornalista
<u>Erivelton Santana</u>	PEN (Ex-PSC)	BA	SIM	Assembleia de Deus	Auxiliar de administração e assessor político
<u>Ezequiel Teixeira</u>	PRN (Ex-SD)	RJ	SIM	Projeto Vida Nova	Advogado
Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação

					o
<u>Fabiano Horta</u>	PT	RJ	NÃO	Presbiteriana	Médico Veterinário
<u>Fábio Garcia</u>	PSB	MT	SIM	Sara a Nossa Terra	Engenheiro e Administrador
<u>Fábio Sousa</u>	PSDB	GO	SIM	Fonte de Vida	Bacharel em Gestão Pública e Teologia; formação interrompida em Publicidade e Propaganda
<u>(Delegado) Fernando Francischini</u>	SD	PR	SIM	Assembleia de Deus	Empresário e Delegado da Polícia Federal
<u>Fernando Torres (Suplente)</u>	PSD	BA	SIM	Ministério Apostólico Getsêmani	Empresário da Construção Civil
<u>Francisco Floriano</u>	DEM (Ex-PR)	RJ	SIM	Mundial do Poder de Deus	Publicitário, apresentador de TV, locutor, representante Comercial
<u>Franklin Lima</u>	PP (Ex-PTdoB)	MG	SIM	Mundial do Poder de Deus	Pastor
<u>George Hilton</u>	PROS (Ex-PRB)	MG	SIM	Universal do Reino de Deus	Pastor e radialista
<u>Geovania de Sá</u>	PSDB	SC	SIM	Assembleia de Deus	Administradora
<u>Gilberto Nascimento</u>	PSC	SP	SIM	Assembleia de Deus	Pastor, formado em Teologia, advogado, Delegado de Polícia
<u>Hissa Abrahão</u>	PDT (Ex-PPS)	AM	SIM	Aliança Evangélica	Economista
<u>Irmão Lazaro (Licenciado)</u>	PSC	BA	SIM	Batista	Músico
<u>Jefferson Campos</u>	PSD	SP	SIM	Evangelho Quadrangular	Pastor, bacharel em Teologia, advogado, radialista
<u>Jhonatan de Jesus</u>	PRB	RR	SIM	Universal do Reino de Deus	Empresário
<u>João Derly</u>	REDE (Ex-CdoB)	RS	SIM	Presbiteriana	Atleta Profissional (Judô)

Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação
<u>JHC (João Henrique Caldas)</u>	PSB (Ex-SD)	AL	SIM	Internacional da Graça	Empresário (Comunicações)
<u>João Campos</u>	PRB (Ex-PSDB)	GO	SIM Pres.	Assembleia de Deus	Delegado de Polícia
<u>Jony Marcos</u>	PRB	SE	SIM	Universal do Reino de Deus	Pastor
<u>Jorge Tadeu Mudalen</u>	DEM	SP	SIM	Internacional da Graça	Engenheiro Civil
<u>Josué Bengtson</u>	PTB	PA	SIM	Evangelho Quadrangular	Pastor
<u>Julia Marinho</u>	PSC	PA	SIM	Assembleia de Deus	Pedagoga
<u>Laércio Oliveira</u>	SD	SE	SIM	Presbiteriana	Administrador de Empresas e empresário
<u>Leonardo Quintão</u>	PMDB	MG	SIM	Presbiteriana	Empresário
<u>Lincoln Portela</u>	PRB (Ex-PR)	MG	SIM	Batista Nacional	Radialista
<u>Lindomar (Garçon) Barbosa Alves</u>	PRB (Ex-PMDB)	RO	SIM	Evangelho Quadrangular	Comerciante
<u>Lúcio Mosquini</u>	PMDB	RO	SIM	Batista Nacional	Engenheiro
<u>Luiz Carlos Heinze</u>	PP	RS	SIM	Evangélica Luterana	Engenheiro Agrônomo
<u>Luiz Cláudio</u>	PR	RO	SIM	Metodista Wesleyana	Técnico em Agropecuária
<u>Luiz Lauro Filho</u>	PSB	SP	SIM	Nazareno	Publicitário
<u>Marcelo Aguiar</u> (Suplente em exercício)	DEM	SP	SIM	Renascer em Cristo	Cantor e compositor
<u>Marcelo Álvaro Antônio</u>	PR	MG	SIM	Cristã Maranata	Empresário
Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação

					o
<u>Márcio Marinho</u>	PRB	BA	SIM	Universal do Reino de Deus	Radialista
<u>Marcos Rogério</u>	DEM (Ex-PDT)	RO	SIM	Assembleia de Deus	Jornalista e Bacharel em Direito
<u>Marcos Soares</u>	DEM (Ex-PR)	RJ	SIM	Internacional da Graça	Advogado, especialista em Teologia Prática
<u>Marquinho Mendes</u>	PMDB	RJ	SIM	Metodista	Médico
<u>Max [Freitas Mauro] Filho</u>	PSDB	ES	SIM	Presbiteriana	Servidor público
<u>Missionário José Olímpio</u>	DEM (Ex-PP)	SP	SIM	Mundial do Poder de Deus	Empresário, comerciante
<u>Moses Rodrigues</u>	PMDB (Ex-PPS)	CE	SIM	Adventista	Administrador
<u>Nilton Balbino Capixaba</u>	PTB	RO	SIM	Assembleia de Deus	Empresário
<u>Onyx Lorenzoni</u>	DEM	RS	SIM	Luterana	Médico veterinário e empresário
<u>Pastor Eurico</u>	PHS (Ex-PSB)	PE	SIM	Assembleia de Deus	Pastor, comerciante e radialista
<u>Pastor Luciano Braga</u> (Suplente em exercício)	DEM	BA	NÃO	Internacional da Graça de Deus	Pastor
<u>Paulo Freire</u>	PR	SP	SIM	Assembleia de Deus	Pastor
<u>Pr. Marco Feliciano</u>	PSC	SP	SIM	Assembleia de Deus Catedral do Avivamento	Pastor e empresário
<u>Professor Victório Galli</u> (Licenciado)	PSC	MT	SIM	Assembleia de Deus	Professor de Ensino Superior
<u>Roberto Alves</u>	PRB	SP	SIM	Universal do Reino de Deus	Metalúrgico

<u>Rejane Dias</u> (Licenciada)	PT	PI	NÃO	Batista	Administradora
Parlamentar	Partido	UF	FPE	Denominação	Profissão/Formação/Atuação
<u>Roberto de Lucena</u>	PV	SP	SIM	O Brasil para Cristo	Pastor
<u>Roberto Sales</u>	PRB	RJ	SIM	Universal do Reino de Deus	Administrador
<u>Rômulo Gouveia</u>	PSB (Ex-PSD)	PB	SIM	Batista	Administrador
<u>Ronaldo Fonseca</u>	PROS	DF	SIM	Assembleia de Deus	Advogado
<u>Ronaldo Martins</u>	PRB	CE	SIM	Assembleia de Deus	Radialista, estudante de Direito, músico, compositor e cantor
<u>Ronaldo Nogueira</u> (Licenciado – Ministro do Trabalho)	PTB	RS	SIM	Assembleia de Deus	Administrador de Empresas
<u>Rosângela Gomes</u>	PRB	RJ	SIM	Universal do Reino de Deus	Bacharel em Direito
<u>Sérgio Brito</u>	PSD	BA	SIM	Batista	Administrador de empresas, empresário, servidor público.
<u>Sérgio Vidigal</u>	PDT	ES	SIM	Batista	Médico
<u>Sheridan</u>	PSDB	RR	SIM	Evangelho Quadrangular	Psicóloga
<u>Silas Câmara</u>	PRB (Ex-PSD)	AM	SIM	Assembleia de Deus	Empresário
<u>Sóstenes Cavalcante</u>	DEM (Ex-PSD)	RJ	SIM	Assembleia de Deus Vitória em Cristo	Pastor
<u>Stefano Aguiar</u>	PSD (Ex-PSB)	MG	SIM	Evangelho Quadrangular	Administrador de Empresas
<u>Takayama</u>	PSC	PR	SIM	Assembleia de Deus	Pastor, empresário e professor
<u>Tia Eron</u>	PRB	BA	SIM	Universal do Reino de Deus	Técnica em Administração; estudante de Direito
<u>Toninho Wandscheer</u>	PROS (Ex-PT)	PR	SIM	Menonita	Empresário (Imobiliário)
<u>Vinicius Carvalho</u>	PRB	SP	SIM	Universal do Reino de Deus	Advogado
<u>Walney Rocha</u> (Suplente em exercício)	PEN (Ex-PTB)	RJ	SIM	Sarando a Terra Ferida	Servidor Público
<u>Washington Reis</u>	PMDB	RJ	SIM	Nova Vida	Empresário e economista

Fonte: www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/composicao-bancada-evangelica

